

Da autora best-seller de
A HORA DA HISTÓRIA

THRITY UMRIGAR

A DISTÂNCIA ENTRE NÓS

ROMANCE



Thrity Umrigar

A distância entre nós

Tradução: Alexandre D'Elia

GLOBOLIVROS

Copyright © 2005 by Thrity Umrigar
Copyright da tradução © 2014 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *The Space Between Us*

Editor responsável: Eugenia Ribas-Vieira

Editor assistente: Sarah Czapski Simoni

Preparação: Jane Pessoa

Revisão: Laila Guilherme e Rebeca Michelotti

Paginação: Marco Souza

Capa: Marianne Lépine

1ª edição, 2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

U43d

1. ed.

Umrigar, Thrity N.

A distância entre nós / Thrity Umrigar; tradução Alexandre D'Elia. - 1. ed. São Paulo: Globo Livros, 2015.

Tradução de: *The Space Between Us*

ISBN 978-85-250-6083-9

1. Patrão e empregado - Ficção. 2. Mulheres de classe alta - Ficção. 3. Romance indiano (Inglês). I. D'Elia, Alexandre. II. Título.

14-17431 CDD: 828.99353

CDU: 821.111(540)-3

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1485 — 05346-902 — São Paulo — SP

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Livro um](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[Livro dois](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

Para a verdadeira Bhima e os milhões como ela

Prólogo

A mulher magra no sári verde estava em pé nas rochas escorregadias e olhava as águas escuras ao redor. O vento cálido soltava do coque os escassos fios de seus cabelos. Atrás dela, os sons da cidade estavam abafados, silenciados pelo constante bater das águas nos pés descalços. Fora os caranguejos que ouvia e sentia percorrendo as rochas, ela estava totalmente sozinha ali — sozinha com o mar murmurante e a lua, alongada e fina como um sorriso no céu noturno. Suas mãos estavam vazias agora, livres após soltar os balões de gás hélio, observando até o último deles ser engolido pela escuridão da noite de Bombaim. Suas mãos estavam vazias agora, tão vazias quanto seu coração, ele próprio um coco sem polpa.

Equilibrando-se cuidadosamente nas rochas, sentindo a água lambe-lhe os pés, a mulher ergueu o rosto para o céu retinto em busca de uma resposta. Atrás dela estavam a cidade perdida e uma vida que, naquele exato momento, dava-lhe a sensação de ser fictícia e irreal. À sua frente estava a borda praticamente invisível onde o mar se encontra com o céu. Ela poderia percorrer essas rochas, escalar o paredão de cimento e entrar novamente no mundo; participar de novo da pulsação ensandecida, latejante e errática da cidade. Ou poderia caminhar em direção ao mar, deixar que ele a seduzisse, que a sobrepujasse com seus íntimos sussurros.

Olhou novamente para o céu, em busca de uma resposta, mas a única coisa que conseguia ouvir agora eram as batidas habituais de seu obediente coração...

Livro um

Embora esteja amanhecendo, o interior do coração de Bhima está na penumbra.

Rolando para o lado esquerdo sobre o fino colchonete de espuma estendido no chão, ela senta-se abruptamente como faz a cada manhã. Ergue sobre a cabeça uma das mãos ossudas, bocejando e espreguiçando-se, e um forte cheiro bolorento exala de sua axila, assaltando-lhe as narinas. Num momento de preguiça, senta-se na beirada do colchão apoiando os pés calosos no chão de terra, com os joelhos dobrados e a cabeça repousada nos braços cruzados. Nesse instante ela quase relaxa, sua mente felizmente está vazia e livre das aflições que a esperam naquele dia, e no dia seguinte, e no próximo... Para prolongar esse estado de graça no qual os pensamentos estão ausentes, ela apanha distraidamente a lata de fumo de mascar que guarda ao lado da cama. Leva um pedaço à boca, de modo que uma parte dele projeta-se de seu rosto descarnado como se fosse uma bola de críquete.

O idílio de Bhima tem vida curta. À tênue e delicada luz de um novo dia, ela distingue a silhueta de Maya agitando-se no colchão na parte esquerda do barraco. A menina está resmungando em seu sono, emitindo suaves sons de lamúria, e, contra a vontade, Bhima sente o coração amolecer e se dissolver, do mesmo jeito que acontecia quando amamentava a mãe de Maya, Pooja, tantos anos antes. Impulsionada por aqueles sons, semelhantes aos de um filhote de cachorro, Bhima levanta-se do colchão com um resmungo e dirige-se ao local onde sua neta está dormindo. Mas, no segundo que leva para atravessar o pequeno barraco, alguma coisa muda no coração de Bhima, e o sentimento carinhoso e maternal de há poucos instantes é substituído pelo sentimento duro e implacável de raiva que tem vivido há várias semanas. Ela olha do alto para a menina adormecida, que agora ronca baixinho, incapaz de perceber a raiva aguda nos olhos da avó ao mirar a ligeira proeminência de sua barriga.

Um chute rápido, diz Bhima para si, um chute rápido na barriga, seguido de outro e mais outro, e tudo estará acabado. Olhe só para ela ali adormecida, como uma puta sem-vergonha, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Como se não tivesse virado a minha vida de cabeça para baixo. O pé direito de Bhima coça de expectativa; os músculos de sua canela tensionam à medida que

ela ergue o pé a alguns centímetros do chão. Seria fácil. E, comparado ao que alguma outra avó pudesse talvez fazer com Maya — um rápido empurrão em um poço aberto, uma lata de querosene e um fósforo, uma negociação para um bordel —, isso seria bastante humano. Dessa maneira, Maya sobreviveria, continuaria indo para a faculdade e escolheria uma vida diferente da que Bhima sempre conhecera. Era assim que deveria ser, assim que havia sido, até que essa vaca imbecil, essa menina com o coração grande, e agora com uma barriga grande, engravidou.

Maya deixa escapar um ronco alto e repentino, e o pé de Bhima, suspenso no ar, desce ao chão. Ela se agacha perto da menina adormecida para sacudi-la pelos ombros e acordá-la. Quando Maya ainda frequentava a faculdade, Bhima permitia que ela dormisse o quanto quisesse, lhe preparava *gaajar halwa* todos os domingos e lhe dava as maiores porções do jantar todas as noites. Sempre que Serabai trazia algum agrado para Bhima — uma barra de chocolate Cadbury, digamos, ou aquela bala branca com pistaches que vinha do Irã —, ela o guardava para levar para casa e dar a Maya, embora, verdade seja dita, Serabai geralmente reservasse uma porção para a menina de qualquer maneira. Mas, desde que ficou sabendo da vergonha da neta, Bhima a tem acordado cedo. Nos últimos domingos não há *gaajar halwa*, e Maya não tem pedido sua sobremesa favorita. No início dessa semana, Bhima até mandou a menina ficar na fila para encher as duas panelas na torneira comunitária. Maya protestara, sua mão inconscientemente esfregando a barriga, mas Bhima desviara o olhar dizendo que as pessoas no *basti* logo descobririam a desonra de um jeito ou de outro, então por que escondê-la?

Maya se mexe em seu sono, e seu rosto fica a centímetros de distância de onde Bhima está agachada. Sua mão jovem e gorda encontra a mão magra e enrugada da avó, e ela se aninha nela, segurando-a entre o queixo e o peito. Um único fio de baba cai na mão cativa de Bhima. A mulher mais velha sente que está amolecendo. Maya é assim desde que era um bebê — carente, afetuosa, confiante. A despeito de todo o pesar que experimentou em sua jovem vida, Maya não perdeu a suavidade e a inocência. Com a outra mão livre, Bhima acaricia os cabelos fartos e sedosos da menina, tão diferentes de seus próprios cabelos, escassos.

O som de um rádio de pilha invade ligeiramente o recinto, e Bhima

pragueja baixinho. Normalmente, quando Jaiprakash liga seu rádio, ela já está na fila da torneira. Isso significa que nessa manhã está atrasada. Serabai ficará furiosa. Essa menina estúpida e preguiçosa fez com que se atrasasse. Bhima puxa bruscamente sua mão da de Maya, não se importando se o movimento vai acordá-la. Mas a menina continua dormindo. Bhima põe-se de pé num pulo, e, ao fazê-lo, seu quadril esquerdo emite um estalo. Ela fica imóvel por um momento, esperando a onda de dor que se segue ao estalo, mas hoje é um dia bom. Não há dor.

Bhima pega as duas painéis de cobre e abre a porta da frente. Ela se curva para conseguir sair pela porta baixa e então a fecha atrás de si. Não quer que os jovens lascivos que moram na favela, ao passarem, olhem com malícia para sua neta adormecida. Um deles provavelmente é o pai do bebê... Ela balança a cabeça para se livrar dos pensamentos sombrios e traiçoeiros que a invadem.

O intestino de Bhima se contorce, e ela estala a língua. Agora terá de dirigir-se ao banheiro comunitário antes de ir para a fila da torneira, e a fila ficará ainda maior. Normalmente tenta controlar o intestino até chegar à casa de Serabai, onde há toaletes de verdade. De qualquer modo, é muito cedo para que as condições do local estejam tão ruins. Algumas horas mais tarde dificilmente haverá espaço para caminhar entre as enormes pilhas de merda que os moradores da favela deixarão no chão de terra do banheiro comunitário. Depois de todos esses anos, as moscas e o fedor ainda reviram o estômago de Bhima. Os moradores da favela passaram a pagar a mulher *harijan* que mora na outra extremidade da favela para recolher as pilhas todas as noites. Bhima às vezes a vê, agachada no chão, varrendo os montes de merda para dentro de uma cesta de vime forrada com jornal. Ocasionalmente seus olhos se encontram, e Bhima faz questão de sorrir para ela. Ao contrário da maioria dos moradores da favela, Bhima não se considera superior à pobre mulher.

Bhima termina seu trabalho e dirige-se à torneira. Suspira ao ver a longa fila serpenteando para além dos barracos negros de aparência desordenada, com seus telhados de zinco remendados. A luz matinal torna a miséria da favela ainda mais visível. Os esgotos a céu aberto com seu cheiro desagradável e pungente, as escuras fileiras de barracos oblíquos, os homens desolados e boquiabertos que se reúnem no local num estupor embriagado — tudo isso parece pior à luz clara de um novo dia. Contra a vontade, a mente de Bhima retorna aos velhos tempos em

que vivia com o marido, Gopal, e os dois filhos num *chawl*, onde havia água corrente na torneira de sua cozinha e eles compartilhavam o banheiro com apenas duas outras famílias.

Está prestes a chegar ao fim da fila da torneira quando Bibi a avista:

— *Ae, mausi* Bhima — diz ela. — Vem cá, *na*. Eu guardei pra você um lugar aqui.

Bhima sorri com gratidão. Bibi é uma mulher gorda e asmática que se mudou para a favela há dois anos e imediatamente a adotou como sua tia mais velha. Enquanto Bhima é silenciosa e reservada, Bibi fala alto e é chamativa. Ninguém consegue ficar com raiva de Bibi por muito tempo — sua disposição a ser prestativa, as troças de boa-fé que faz de velhos e jovens fizeram dela uma das moradoras mais populares da favela.

Agora Bhima dirige-se até Bibi.

— Aqui — diz Bibi, tirando uma das panelas da mão de Bhima, apesar de ela própria estar carregando duas. — Entre aqui.

O homem atrás delas sente-se compelido a protestar.

— Ah, Bibi, isto aqui não é o Expresso Deccan, onde existem reservas pra um fantasma de primeira classe — reclama ele. — Ninguém tem direito de furar a fila desse jeito.

Bhima sente o rosto corar, mas Bibi estende a mão a fim de contê-la e gira o corpo para encarar seu detrator.

— Buá, buá — diz ela em voz alta. — O sr. Expresso Deccan está preocupado com pessoas furando a fila. Mas daqui a uma ou duas horas no máximo, enquanto *mausi* Bhima estiver dando duro no trabalho, ele vai seguir direto pra espelunca do contrabandista de bebida. E se hoje a bebida estiver em falta, valha-me Deus, vamos ver se ele vai furar a fila ou não.

A multidão ao redor deles ri baixinho.

O homem mexe os pés.

— Tudo bem, Bibi, vamos lá, não há necessidade de ataques pessoais — resmunga ele.

A voz de Bibi torna-se ainda mais alta.

— *Arre, bhaisahib*, quem é que está lhe fazendo ataques pessoais? A única coisa que estou dizendo é que, obviamente, você é um homem dos prazeres, um homem de grande fortuna pessoal. Se deseja passar o dia na loja do

contrabandista, é problema seu. Mas a coitada da Bhima aqui não tem um marido bom como você pra ampará-la. Todos nós sabemos como você ampara bem a sua mulher. Então, *mausi* Bhima precisa ir para o trabalho na hora certa. E eu nunca imaginei que um cavalheiro como você pudesse se importar com o fato de ela encher as panelas na sua frente.

A multidão está agora dando vivas de pura alegria.

— Ae, Bibi, você é demais, *yaar*. O máximo, simplesmente o máximo! — diz um jovem desocupado.

— Quem é que precisa de armas nucleares? — diz outra pessoa. — Eu vou lhe dizer, *yaar*, eles deviam simplesmente soltar a Bibi na Caxemira. As neves vão derreter só com o fogo da língua dela.

— Espere aí, espere aí — diz Mohan, um rapaz de dezessete anos que mora no barraco diagonalmente em frente ao de Bibi. — Uma canção perfeita pra ocasião. Aí vai:

*A Índia diz: bomba atômica, não, não
Nossa nova arma vai arrasar o Paquistão.
Como fez com o sr. Expresso Deccan,
Bibi vai deixar todo mundo lá tantã.*

Outro homem, que Bhima não conhece, dá um tapinha nas costas de Mohan.

— *Arre, ustad*, você é demais. O poeta de nossa favela. Com essa sua aparência de estrela de cinema, você devia estar escrevendo e compondo suas próprias canções. Imagine! O tipo físico de um Sanjay Dutt e a voz de um Mohammad Rafi. Na premiação da Filmfare não vai haver nenhum outro vencedor, eu garanto a você.

Sem conseguir se conter, Bhima sorri.

— Tudo bem, seus falastrões — diz Bibi com um risinho. — Agora deixem a gente em paz.

Quando Bhima chega a seu barraco, Maya já está de pé, preparando o chá no fogão Primus. Enquanto a menina adiciona folhas de menta à água fervente, o estômago de Bhima começa a roncar. As duas postam-se do lado de fora do barraco e rapidamente escovam os dentes. Maya usa uma escova de dentes, mas

Bhima apenas coloca o dentifrício em pó no dedo indicador e esfrega vigorosamente os dentes que lhe restam. Elas cospem no esgoto a céu aberto que passa defronte à casa. Com rapidez e eficiência, Bhima mergulha um copo de plástico em uma das painéis de cobre e se lava sem tirar a roupa. Seu rosto queima quando percebe que o homem no barraco em frente a está encarando enquanto ela enfia a mão sob a blusa para lavar as axilas. *Badmaash* sem-vergonha, murmura para si. Age como se ele não tivesse uma mãe ou uma irmã.

Quando Bhima adentra novamente o barraco, Maya serve chá em dois copos. Elas se sentam de cócoras, uma de frente para a outra, e sopram o chá quente, mergulhando um pedaço de pão na mistura.

— Bom chá — diz Bhima. É a primeira vez que ela fala com Maya nessa manhã. Em seguida, como se o olhar de gratidão da menina fosse excessivo demais para ela suportar, acrescenta: — Parece que pelo menos uma coisa que eu lhe ensinei você assimilou.

Maya estremece, e o olhar resguardado, cauteloso, retorna a seu rosto. Percebendo esse olhar, Bhima sente-se arrependida mas estranhamente satisfeita. Ela é tomada pela necessidade de cutucar a ferida, fazendo-a verter mais sangue.

— E aí, o que é que você vai fazer hoje?

Maya dá de ombros.

O dar de ombros enfurece Bhima.

— Ah, tudo bem, a *memsahib* não vai mais pra faculdade, eu tinha me esquecido — diz ela, dirigindo-se às paredes. — Não, agora ela vai ficar simplesmente sentadinha aqui o dia todo como se fosse uma rainha, alimentando a si própria e ao seu... seu bebê bastardo, enquanto a pobre da avó trabalha como uma escrava na casa de outra pessoa. Tudo isso pra que ela possa alimentar o demônio que está crescendo na barriga da neta.

Se é sangue o que ela quer, ela o terá. Maya geme ao se levantar do chão e move-se para o canto mais afastado do pequeno cômodo. Ela se curva levemente na parede de zinco, com as mãos ao redor da barriga, e soluça para si.

Bhima quer pegar a menina chorosa no colo, segurá-la e acariciá-la do jeito que costumava fazer quando Maya era uma criança, perdoá-la e lhe pedir perdão. Mas não consegue. Se o seu sentimento fosse apenas raiva, poderia escalar essa parede e alcançar a neta. Mas a raiva é apenas o começo. Atrás da raiva existe o medo, um medo tão interminável e vasto e cinzento quanto o mar da Arábia,

medo dessa estúpida e inocente menina grávida que está ali parada soluçando diante dela e desse bebê ainda não nascido que virá a esse mundo para os braços de uma mãe que é ela própria uma criança e os de uma avó que está velha e cansada até os ossos, uma avó que está cansada de perdas, de amar e de perder, que não consegue suportar a ideia de mais uma perda e de mais uma pessoa para amar.

Portanto, ela, entorpecida, olha para a menina que choraminga, desejando que seu coração não absorva as flechas daqueles soluços.

— Até as lágrimas são um luxo — diz ela, mas não tem certeza se disse isso em voz alta ou para si. — Eu invejo as suas lágrimas.

Quando volta a falar, o faz bem conscientemente:

— Se estiver se sentindo bem o bastante, dê um pulo mais tarde na casa de Serabai. Ela pergunta por você o tempo todo.

Mesmo em meio às lágrimas, Maya balança a cabeça negativamente.

— Eu lhe disse, *Ma-ma* — diz ela. — Eu nunca saio desta casa enquanto a senhora está fora.

Bhima desiste.

— Então tudo bem, fique sentada em casa enquanto a sua avó trabalha o dia inteiro — diz ela, levantando-se. — Engorde o seu bebê com o meu sangue.

— *Ma-ma*, por favor. — Maya soluça, tapando os ouvidos, como costumava fazer quando era pequena.

Bhima fecha a porta atrás de si. Ela quer batê-la, mas controla-se. Não há necessidade de que alguém no *basti* tome conhecimento dos problemas de sua família. Eles saberão a respeito da desgraça que Maya proporcionou a si logo, logo, e então a atacam como abutres. Não há motivo para apressar a chegada desse dia.

Enquanto começa a caminhar na direção da casa de Serabai, uma brisa fresca matinal vai ao encontro de Bhima e a faz estremecer. Ela sabe, pelo ângulo do sol, que está atrasada. Serabai deve estar ansiosa para saber o que aconteceu ontem. Aperta o passo.

Sera Dubash olha de relance para a cesta de cebolas pendurada perto da janela e em seguida para o grande relógio da cozinha. Mais uma vez atrasada. Bhima está mais uma vez atrasada. Ela realmente precisa conversar com Bhima sobre esses atrasos diários. Afinal de contas, ela, Sera, é responsável por embrulhar o almoço de Dinaz e Viraf em tempo hábil, todas as manhãs, e necessita que Bhima esteja lá para ajudá-la. Ontem, ambas as crianças saíram para o trabalho dez minutos mais tarde do que deveriam porque seu almoço não estava pronto. Sera teve de implorar para que Viraf não corresse, para que dirigisse com cuidado, para que lembrasse que sua mulher estava esperando o seu primeiro filho.

— *Yah, yah*, mamãe — dissera Viraf com um sorriso, dando um beijinho rápido na bochecha de Sera. — Todos nós sabemos que a barriga de Dinaz tem uma tatuagem em que está escrito: “Manuseie com cuidado”.

A lembrança da gravidez de sua filha faz com que Sera pense em Maya, e ela sente uma onda de remorso diante de sua resolução anterior de castigar Bhima. Pobre Bhima, pensa. Como se a vida não tivesse sido dura o bastante, agora até mesmo a neta precisa somar-se a seus infortúnios. Quem teria adivinhado que uma boa menina como Maya pudesse realizar tamanha travessura? Ela fica imaginando o que teria acontecido na faculdade de Maya ontem, e sua impaciência em descobrir as últimas notícias de Bhima faz com que olhe novamente para o relógio.

Sera suspira. Se existe algo que ela odeia, é picar cebolas, mas se a omelete das crianças precisa ser preparada em tempo hábil, é melhor que ela comece sua tarefa de imediato. Não há como saber quando Bhima poderá aparecer hoje. Ela pega uma cebola de tamanho médio, e, quando termina de descascar a translúcida pele, seus olhos já estão lacrimejando. Apanha a faca maior da gaveta. Melhor terminar a tarefa o mais rápido possível. Anos antes, Feroz surgira a suas costas, enquanto ela trabalhava na cozinha, e dissera:

— Meu Deus, Sera. Você corta cebolas como se estivesse cortando cabeças. Quanta veemência!

— Eu preferiria muito mais cortar cabeças a cebolas — respondera ela. —

Provavelmente choraria menos.

E Feroz rira. Isso fora nos velhos tempos, antes que ela perdesse a habilidade de fazer Feroz rir.

Sera ouve Viraf assobiando desafinadamente em seu quarto, e o som a faz sorrir. Ela consegue imaginar seu jovem e bonito genro de pé em frente ao espelho grande, ajustando a gravata, passando uma descuidada mão pelos fartos cabelos. Há algo maravilhoso em relação ao som de um homem preparando-se para encarar o dia, pensa Sera. Ao contrário de Feroz, Viraf é ruidoso e faz com que sua presença seja sentida. Ele solta a escova de cabelo e murmura suavemente: “Droga”; canta antigas canções dos Beatles no chuveiro; gargareja vigorosamente ao escovar os dentes; berra para que Dinaz leve para ele um xampu novo; entra ruidosamente na cozinha com creme de barbear no rosto e uma toalha na cintura. Feroz vivera como um ladrão em sua própria casa, vestindo-se completamente no banheiro antes de sair e depois deixando o quarto sem olhar sequer uma segunda vez no espelho.

Sera quebra dois ovos, bate-os numa tigela e acrescenta cebolas, alho, coentro e uma pitada de chili em pó à mistura, que crepita ao tocar o óleo quente na frigideira. Uma pronta, mais uma falta ser preparada. Ela imagina se não deveria fazer mais duas omeletes, para ela e para Bhima, mas a ideia de picar mais cebolas a detém. Talvez faça omeletes de alho para as duas. Ela pega a caixa de pão e então se lembra: sem amido. Essa dieta só de proteínas que não só ela como também Viraf e Dinaz estão fazendo torna o planejamento do almoço difícil. Ela olha na geladeira para ver o que mais pode agregar ao almoço das crianças.

— Meu Deus, mamãe, muito obrigada. Mas você poderia ter me avisado; eu poderia ter picado as cebolas pra você — diz Dinaz, entrando na cozinha.

— Pra depois ir para o trabalho com cheiro de restaurante parse? — diz Sera, sorrindo. — Não, se você quer mesmo me ajudar, diz pra mim o que mais quer para o almoço, *deekra*. Um ovo só não é suficiente...

— É mais do que suficiente. Verdade.

— *Arre*, Dinaz, um ovo pode ser suficiente pra você, mas não pro seu marido, *beta* — diz Sera. — Enfim, ele é um homem-feito, que trabalha duro num emprego que exige muito.

Dinaz faz uma careta.

— Ah, *yah*, só o seu adorado genro trabalha duro, pobrezinho. Já a sua filha inútil fica matando moscas o dia inteiro no trabalho.

— Olha, Dinaz, a única coisa que eu disse foi...

Sera ouve os passos de Viraf e sente o cheiro do Old Spice antes de vê-lo.

— Cor-re-ta — diz Viraf ao entrar na cozinha. — Mamãe está cem por cento correta. *Chalo*, pelo menos existe uma única pessoa aqui em casa que dá valor a mim e ao trabalho duro que realizo pra sustentar a minha família e o meu filho que está chegando.

Dinaz o acerta com força no braço.

— Cale essa boca, *yaar*. Moleque mimado, foi nisso que a mamãe o transformou, nisso e nada mais. Na hora da promoção a gente vai ver quem é que vai receber o aumento maior.

O sorriso dela retira o ferrão de suas palavras.

Viraf dá de ombros e revira os olhos.

— Isso porque ela tem uma vantagem injusta, mamãe. O coitado daquele senhor Dalal fica tão enfeitado com a aparência e a postura maravilhosas da minha mulher que simplesmente não consegue negar nada a ela! Desfaz-se todo sempre que precisa se dirigir a ela. E, perto desses artifícios femininos, que chance vai ter um pobre homem, decente e simples como eu, com um rosto que mais parece uma anona? Que chance eu posso ter?

As duas mulheres riem.

— Olhe só pra ele, mamãe. Caçando mais elogios — diz Dinaz.

Sera sorri enquanto o casal volta ao quarto para terminar de se vestir. Ela está muito contente com o fato de que o problema que se acendera entre eles como um fósforo há alguns meses parece agora estar morto. Desde o dia em que Viraf e Dinaz vieram morar com ela após a morte de Feroz, Sera jurara jamais interferir no casamento dos dois. Afinal de contas, quem poderia saber melhor do que ela o quanto a interferência de uma sogra pode ser algo venenoso para um casamento? Mas, ainda assim, era difícil manter a boca fechada quando ela notava as tênues rugas que se formavam no rosto estreito e branco de Dinaz. Tinha de morder a língua quando Viraf destratava a esposa grávida à mesa do jantar ou dizia algo tão sarcástico que Dinaz levava um instante para tirar os olhos do prato, necessitando de uma pausa para recompor-se, para fazer de seu rosto uma máscara inexpressiva. Sera conhecia bem isso. Quantas vezes não

desejou que seus olhos não se enchessem de lágrimas diante de uma das afrontas de Feroz para não permitir a sua sogra, Banu, a satisfação de saber que seu filho a tinha ferido. Pelo menos Viraf não bate nela; ela se sentiria consolada e em seguida odiaria a si mesma pela fraqueza desse pensamento, por haver baixado tanto seu padrão a ponto de achar que a falta de agressões físicas havia se tornado sua definição de um bom casamento. Queria bem mais do que isso para sua filha única.

Agora, olhando para a forma como Dinaz escapou, Sera sorri com silenciosa satisfação. Seja lá que problema possa haver surgido entre as crianças, como um vento sombrio foi resolvido. Viraf e Dinaz mais uma vez tinham o relacionamento brincalhão e cheio de implicâncias que sempre tiveram, a relação que dizia a Sera que, em primeiro lugar, eles eram amigos e, em segundo, marido e mulher. Mesmo nos primeiros dias com Feroz, quando ele a olhava como se ela fosse uma estrela caída do céu, Sera jamais conhecera a espontaneidade casual e igualitária que sua filha compartilhava com o marido. Nos primeiros dias, Feroz fora galante, cortês, até amável — mas sempre formal. Por exemplo, se ela entrasse no quarto enquanto o marido estivesse escovando os dentes ou cortando as unhas do pé, ele a expulsaria.

— Isso aqui é um assunto particular — diria ele. — Você não precisa olhar pra mim quando estou com a pior aparência do mundo.

Quando Dinaz berra por ela do outro cômodo, Sera leva um minuto para situar a voz da filha.

— Os *poras* estão embrulhados e prontos, mamãe? — pergunta Dinaz.

— Quase — responde ela, indo em busca do papel-alumínio que Viraf trouxera de sua última viagem à América.

A campainha soa, e Sera solta um suspiro de alívio. Bhima.

Sera abre a porta para Bhima, e um olhar para seu rosto pálido e abatido lhe diz que a missão do dia anterior foi um fracasso. Ela levanta uma sobrancelha questionadora, e, em resposta, Bhima balança a cabeça lentamente de um lado a outro. Isso é o que mais agrada a Sera em Bhima — essa linguagem tácita, essa intimidade que se desenvolveu entre as duas ao longo dos anos. Essa mesma conexão agora a faz perceber que Bhima quer esperar até que as crianças tenham saído para o trabalho a fim de lhe contar o que aconteceu ontem. E Sera fica contente porque, verdade seja dita, ela não quer que sua filha grávida se envolva

nas tribulações de Maya, não quer que a sombra das desafortunadas circunstâncias de Maya despenque sobre a felicidade da gravidez de Dinaz.

— Eu sinto muito, Serabai — diz Bhima. — Hoje a fila da torneira estava maior do que o habitual.

Apesar de seus esforços, Sera não consegue impedir que sua irritação anterior se manifeste.

— Não houve grandes problemas — diz, numa voz que soa dura até mesmo para ela. — Só tive de preparar eu mesma a omelete das crianças. Não posso deixar que cheguem atrasadas ao trabalho.

Antes que Bhima possa dar uma resposta, elas ouvem Viraf no outro cômodo.

— Dinaz! — berra ele. — Você viu a minha gravata vermelha, aquela que você me deu de aniversário no ano passado?

— Meu Deus, você é um bebezinho mesmo — responde Dinaz, mas apesar da distância as duas mulheres mais velhas conseguem escutar o sorriso contido na voz dela. — É difícil até imaginar que tenha aprendido a mastigar a comida antes de ter me conhecido. Eu fico imaginando como foi que conseguiu essa façanha.

— Com muita dificuldade — responde Viraf imediatamente. — Eu usava meias desparelhadas para ir pro trabalho. E quanto a me alimentar, por acaso você não reparou que eu estava usando um babador quando você me conheceu?

Bhima balança a cabeça.

— Esse *baba* Viraf — diz ela. — Sempre tem algo a dizer. Faz a casa parecer festiva só com a sua presença, como se todo dia fosse Holi ou Diwali ou qualquer coisa assim.

Sera balança a cabeça em concordância. E sabe de imediato o que Bhima deixou de dizer. Diferente dos velhos tempos, quando Feroz estava vivo e ela e Bhima tinham de andar pela casa na pontinha dos pés, com medo dos silêncios perigosos e do temperamento explosivo de seu marido. Quando a casa parecia um tumulto, encerrada em silêncio, um silêncio que a impedia de se aproximar dos outros, de compartilhar seu segredo mais obscuro até mesmo com os amigos mais próximos. Quando Bhima era a única que sabia, a única que sentia a umidade no travesseiro após as longas noites vertendo lágrimas quentes, a única que ouvia os sons abafados vindo do quarto dela e de Feroz...

Sera, impaciente, balança a cabeça para limpar as teias de aranha do passado. Aqui estou eu chapinhando em histórias antigas enquanto a coitada da Bhima está ocupada com sua atual situação, pensa ela. Que mulher mais autocentrada e tola eu me tornei.

— Venha — diz ela a Bhima. — Seu chá está pronto. Beba isso e depois comece com os pratos.

Bhima está na cozinha, lavando a louça do jantar da noite anterior. Sera acompanha suas mãos, magras e escuras como os galhos de uma árvore, voando sobre as panelas e frigideiras, esfregando-as até deixá-las cintilando como o sol do meio-dia. Por mais que tentasse, ela jamais conseguiria deixar as panelas brilhando da maneira que Bhima faz.

Viraf adentra a cozinha, ajustando a gravata.

— É isso — diz ele para ninguém em particular. — No mês que vem vou comprar uma lava-louças. Não faz o menor sentido a coitada da Bhima ficar dando esse duro todo.

Bhima levanta os olhos, grata, mas, antes que consiga dizer uma palavra, Sera fala:

— Até parece — diz ela. — É bem capaz da minha Bhima fazer essa sua lava-louças afrescalhada passar vergonha. Nem uma máquina importada consegue deixar os pratos tão limpos quanto Bhima. Poupe o seu dinheiro, *deekra*.

E dê ele pra mim em vez disso, Bhima pensa consigo, e então, temerosa de que um deles possa ler sua mente, ela se concentra em um resto de comida. Além disso, precisa de alguns segundos para não se enfurecer. Às vezes não consegue entender Serabai. Por um lado, Bhima fica enrubescida de orgulho quando Serabai a chama de “minha Bhima” e fala a respeito dela com ares de proprietária. Por outro, a patroa sempre parece estar fazendo coisas contrárias aos interesses de Bhima. Como recusar a oferta de *baba* Viraf de comprar uma lava-louças, como seria bom não ter de manter suas mãos artríticas na água o dia inteiro. Curvar-se sobre a pia para esfregar a louça também começou a machucar-lhe a coluna, de modo que, no fim do dia, é necessário às vezes metade da caminhada até sua casa para que consiga endireitar-se. Mas como dizer tudo isso a Serabai? E ainda mais nessa manhã, fazendo-a se sentir culpada por ter sido obrigada a preparar omeletes para a própria filha e o genro. E daí que ela odeia cortar cebolas? Será que ela, Bhima, gosta de se agachar para defecar num banheiro comunitário? No entanto, ela o faz porque não há outra escolha. Comparada a essa humilhação, cortar cebolas parece tão fácil quanto

cortar fatias de um bolo.

A raiva passada, seu senso de justiça e a sólida afeição que sente pela família Dubash tomam conta de Bhima. Oh, mulher ingrata, repreende-se ela. E quem foi que cuidou de você quando teve malária? Foi o seu marido fantasma, por acaso? Quem foi que lhe deu dinheiro ontem mesmo para que você pudesse pegar um táxi até a faculdade de Maya? Foi aquela arreganhada da sua neta, por acaso? Não, foi essa mesma mulher cuja comida você come, a quem você dedica todos esses pensamentos sórdidos. Tenha vergonha na cara.

Lembrar-se da ida à faculdade de Maya faz com que Bhima olhe involuntariamente para o relógio da cozinha. Em mais alguns minutos, *baba* Viraf e a bebê Dinaz terão ido embora. Então ela e Serabai poderão bebericar um chá e conversar. Ela sabe que Sera está impaciente para ouvir os detalhes acerca do que ocorreu ontem, e essa percepção faz com que Bhima sinta um nó na garganta de emoção e gratidão. Pelo menos mais alguém se importa com aquela sua pirralha de neta grávida tanto quanto ela. Foi a generosidade de Serabai que tornou possíveis os estudos de Maya, e se ela agora se sente traída por Maya, se sente que seu investimento no futuro da menina secou, Bhima tem de lhe dar crédito pelo fato de que jamais mencionou essa decepção. Desde que Bhima confessara a calamitosa e terrível notícia, Sera ficara preocupada, ansiosa e pronta para ajudar.

— É claro que ela terá de fazer um aborto — dissera Sera de imediato. — Não há escapatória. Maya é brilhante demais, inteligente demais para arruinar a vida tornando-se mãe aos dezessete anos. Vou cuidar dos detalhes, Bhima, você não precisa se preocupar com nada. Suas mãos já estão cheias de outros problemas pra resolver, sei muito bem.

Mas, por motivos que ela ainda não compreende, Bhima hesitara. Talvez tivesse inadvertidamente seguido o exemplo de Maya, que ficara paralisada quando a avó mencionara o aborto pela primeira vez. E também havia isto: a esperança não verbalizada, talvez não reconhecida, de que o pai da criança apareceria para assumir sua responsabilidade e agir de modo correto. Que a cortina de anonimato, de sigilo, se abriria para revelar um jovem ansioso mas honrado, assustado, disposto a encarar seu novo desafio: casar e construir uma vida com a mulher que daria à luz seu primeiro filho. Sim, dezessete anos era pouquíssima idade para Maya ter uma criança, e casar certamente destruiria seus

sonhos de conseguir um certificado em contabilidade e tornar-se uma contadora numa boa firma. O caminho do sucesso que se estendera diante dos olhos de Maya quando ela se tornou a primeira pessoa na família de Bhima a ir para a faculdade — o bom emprego que inevitavelmente estaria à sua espera, graças à influência de Dinaz e de Viraf e a contatos no meio empresarial, livrando-se dos trabalhos subalternos e fisicamente extenuantes que estragaram a vida de sua mãe e, antes dela, da mãe de sua mãe —, esse caminho encolheria, disso tinha certeza. Contudo — e aqui Bhima permitia a si uma pontinha de esperança —, talvez outro caminho se abrisse. Se ao menos Maya revelasse a identidade do pai do bebê... Em sua mente, Bhima via sua querida neta parruda e contente, ocupada na cozinha com panelas e frigideiras de aço inox brilhantes, fritando *puris* para um indisciplinado filho de cabelos pretos e para um pai que chegava em casa de noite, depois do trabalho em alguma empresa.

Ela ficara muito entusiasmada quando, depois de semanas de adulação, de súplicas e de ameaças, Maya finalmente revelara a identidade do pai no início da semana. Ashok Malhotra.

— Meu colega de faculdade — dissera ela em meio a soluços. — Ele é da minha turma. Está satisfeita, *Ma*, agora que conseguiu arrancar o nome dele da minha boca? Agora, por favor, me deixe em paz.

Bhima ficara satisfeita. Finalmente tinha um nome para a sombria figura que assolava seus sonhos e pesadelos. Ashok Malhotra. Um estudante que frequentava a mesma faculdade que Maya. Ela quisera esquadrinhar mais, descobrir quando eles haviam tido a oportunidade de fazer sexo. Entretanto, Maya congelava, ignorando teimosamente as outras perguntas de Bhima, mirando ao longe com uma nova expressão, parecida com a de uma vaca, que ela desenvolvera durante a gravidez. E, de súbito, Bhima decidira que não queria saber muitos dos detalhes sórdidos. Que diferença fazia agora o como e o onde? Pelo menos ela conseguira que a menina compartilhasse o maior segredo, revelasse o nome do jovem que trouxera tanta preocupação à vida delas. E ela, Bhima, sabia onde encontrá-lo. Ela própria podia fazer o resto. Maya não passava de uma menina tola e imatura que não tinha a menor ideia de como a boca escancarada do destino a engoliria se seguisse em frente e tivesse aquele filho sem um pai para sustentar os dois. Ela própria podia agir como advogada da neta, fazer o que Maya era incapaz de fazer — obrigar esse Ashok Malhotra a

assumir a responsabilidade pelo que engendrara, apelar a seu senso de honra. Fazê-lo compreender que sua neta Maya seria uma guirlanda no pescoço dele, e não um grilhão.

— Eu pago o táxi até a faculdade — dissera Sera ao descobrir a identidade do pai da criança. — Vá lá se encontrar com ele, Bhima. Veja quais são as intenções dele. Veja se esse tal de Ashok é ao menos digno de ficar com a nossa Maya ou se não passa de um palerma aproveitador. Eu rezo por você e pra que ele seja um sujeito moralmente correto.

Era a primeira vez que Bhima ia sozinha à faculdade de Maya. A única outra vez em que visitara o prédio, estava na companhia de Sera e de Maya. As três haviam se postado na longa fila para completar o processo de admissão, e fora Sera quem falara com o rude funcionário quando ele gritou uma ordem a Maya; quem se empertigara e olhara para ele de cima a baixo com seu comprido, reto e impérvio nariz parse e dissera ao homem, em seu mais bem colocado sotaque de colégio de freiras, que tivesse a delicadeza de ver com quem estava falando, que aquela criança que ele estava tratando tão mal era provavelmente a mais brilhante aluna que eles jamais teriam sorte o bastante de ter naquela instituição. Sob seu altivo olhar de classe alta, o funcionário definhara e oferecera uma enxurrada de desculpas.

— Desculpe, madame. Não tive intenção nenhuma de ofender. Temos tanto trabalho, madame, que estamos sobrecarregados. Por favor, me desculpe.

Agora Bhima procurava o escritório do funcionário. Como esperado, o homem estava sentado em sua escrivaninha, franzindo o cenho para alguns formulários à sua frente. Ela dirigiu-se a ele com cautela.

— Com licença, por favor.

O homem não levantou os olhos.

— O que é? — disse ele bruscamente.

— Estou procurando um aluno, por favor. O senhor pode me ajudar a encontrá-lo?

Houve um segundo de silêncio enquanto o homem terminava de escrever em um pedaço de papel à sua frente.

— E qual é o seu grau de parentesco com o aluno?

Bhima ficou aturdida.

— Ah. Eu sou a... Quer dizer, não tenho nenhum parentesco. Eu quero

apenas vê-lo.

O funcionário deve ter captado o desconforto de Bhima, porque agora olhava para ela com seus pequenos e cintilantes olhos porcinos.

— Nenhum parentesco, é? — disse ele em voz alta, para que seus colegas de escritório não tivessem dificuldade em escutar. — Talvez você esteja esperando começar alguma relação com um jovem aluno de nossa faculdade, hein?

Seus colegas riram baixinho enquanto Bhima mirava o chão, sem saber ao certo o que fazer em seguida. Lembrando-se de como Serabai já havia colocado aquele homem insolente em seu devido lugar com algumas palavras bem escolhidas, Bhima desejou, não pela primeira vez, ter ela própria estudado. Uma fúria incandescente queimava dentro dela. Durante toda a noite Bhima se preparara para seu encontro com Ashok Malhotra. Ficara acordada, rígida de tensão e expectativa. Ensaíara suas palavras, lutara consigo para decidir se ameaçava ou adulava, se atacava ou apelava. Durante o caminho, dentro do táxi, ela se sentira como uma panela no novo fogão Bajaj de Serabai, suas emoções prestes a transbordar. E agora aquele marginal grosseirão a impedia de encontrar Ashok, a agredia tranquila e automaticamente, apenas para se divertir. Ele estava brincando com ela da mesma maneira indiferente e entediada com que os gatos de rua da favela faziam com os camundongos que capturavam. Bhima sentiu sua resolução e sua determinação lhe escaparem lentamente.

Outro funcionário, uma mulher que parecia estar na casa dos vinte anos, veio em sua defesa.

— Ignore esses homens, *mausi* — disse ela, saindo de sua mesa e andando na direção de Bhima. — Eles não têm nada melhor pra fazer, obviamente. Digame, quem é que você está procurando?

Bhima sorriu para ela, com gratidão. Como sempre, cobriu automaticamente a boca enquanto sorria, a fim de esconder os dois dentes que lhe faltavam.

— Obrigada, filha, estou procurando um tal Ashok Malhotra.

À menção do nome, uma coisa estranha aconteceu, reparou Bhima. Todos os quatro funcionários do escritório sorriram.

— *Arre, mausi*, por que você não disse logo que estava procurando o nosso príncipe Ashok? — perguntou o funcionário. — Espere um pouco, vou mandar

alguém levá-la pessoalmente até ele. Talvez esteja em seu palácio, entretendo sua corte.

Bhima olhava confusa ora para o homem, ora para a mulher. Observando o rosto dela, o homem sorriu.

— Na cantina — explicou ele alegremente. — É lá que o príncipe Ashok mantém sua *darbar*, sua corte. É lá que você poderá lhe prestar homenagens.

Ele tocou um sino sobre a escrivaninha, e, segundos depois, um mensageiro com aparência carrancuda apareceu.

— Ae, Suresh — disse o funcionário. — Esta elegante senhora aqui deseja encontrar-se com nosso Ashok. Acompanhe-a até a cantina, por favor.

A cantina cheirava a cigarros e a comida frita. Era um local barulhento e cavernoso, cheio de fumaça e do alarido de estudantes conversando e discutindo uns com os outros. Jovens de tez escura, vestindo calças cáqui, corriam pelo local recebendo pedidos e servindo fumegantes copos de chá. Os estudantes de classe média mal levantavam os olhos para reconhecer a presença dos rapazes que traziam os pratos de *samosas* e *masala dosas* a suas mesas, exceto, ocasionalmente, para reclamar que o chá esfriara enquanto esperavam pela comida. Os estudantes mais velhos, sobretudo se havia uma mulher com eles, com frequência faziam suas reclamações serem acompanhadas de um amigável, embora forte, tapa na cabeça dos jovens serviçais. Num ritual antigo e atemporal, os rapazes davam risinhos após serem atingidos, esfregando a cabeça e protestando debilmente, dizendo que traziam a comida tão logo era preparada pelo cozinheiro.

— O que a gente pode fazer, *sahib*? Hoje está muito movimentado aqui.

A recompensa para um servilismo tão cativante era uma gorjeta um pouco maior.

— Lá está ele — disse Suresh, apontando para um homem magro usando uma *kurta* azul-escura e calça jeans desbotada. — Aquele ali, sentado à direita. Ele é Ashok.

Embora houvesse três outros rapazes à mesa, mesmo a distância Bhima podia assegurar que Ashok era o líder do grupo. Ela virou-se para dizer algo a Suresh, mas ele já se fora, obrigando-a a caminhar sozinha até o rapaz.

Os quatro ocupantes da mesa olharam com curiosidade quando ela se aproximou e ficou em silêncio fitando o pai de seu bisneto.

— Pois não? — disse por fim um dos rapazes. — Posso ajudá-la?

Os outros riram.

Bhima decidiu que gostava do jovem que estava sentado à sua frente. Cheia de coragem em função dessa descoberta, ela disse:

— Você é Ashok? Ashok Malhotra?

O rapaz levantou-se parcialmente da cadeira.

— *Namaste* — disse ele. — E você, quem é?

— Estou precisando falar com você. — Olhando de relance para os outros, completou: — Em particular.

Ashok pareceu surpreso.

— Hum, bom, com certeza, com certeza. — Olhou fixamente para seus companheiros, e eles se levantaram com relutância para ceder seus assentos àquela mulher ossuda de olhar severo que estava em pé diante deles.

— Ashok, rapaz, o seu harém não para de crescer — disse um deles num sussurro, mas Bhima o ouviu e estremeceu.

Pela primeira vez ocorreu-lhe que aquele rapaz bem-apessoado e popular poderia muito bem ter outras namoradas além de Maya. Ela balançou a cabeça com firmeza para se livrar desse pensamento traiçoeiro. Vendo o gesto, Ashok sorriu.

— Tem muita mosca nessa cantina — disse ele em tom de desculpas.

A delicadeza de seu sorriso encheu Bhima de coragem, deu-lhe voz.

— Eu sou a avó de Maya Phedke — começou ela.

Elas estão sentadas na sala de jantar bebericando chá, Sera com a caneca azul-acinzentada que Dinaz trouxera para ela da Cottage Industries, Bhima com o copo de aço inoxidável que é mantido em separado para ela na casa dos Dubash. Como de costume, Sera está numa cadeira junto à mesa, enquanto Bhima está agachada no chão, ao seu lado. Quando era mais jovem, Dinaz costumava criticar a mãe em relação à injustiça de Bhima não ter permissão de sentar no sofá ou numa cadeira, além de ter de usar seus próprios utensílios em vez de compartilhar os que a família utilizava.

— Você fala pra todas as suas amigas que Bhima é como um membro da família, que você não conseguiria viver sem ela — ralhava a adolescente Dinaz. — No entanto, ela não é boa o bastante pra sentar à mesa com a gente. E você e papai estão sempre falando desses hindus de casta alta que queimam *harijans* e de como isso é errado. Mas, em sua própria casa, vocês têm essas diferenças de casta. Que hipocrisia, mamãe.

— Por favor, Dinaz — dizia Sera suavemente. — Eu acho que há uma ligeira diferença entre queimar um *harijan* e não permitir que Bhima use nossos copos. Além do mais, você já notou o cheiro horrível do fumo que ela masca o dia inteiro? Você quer que os lábios dela toquem os nossos copos?

— Mas não é só isso, mamãe, e você sabe muito bem. E se for por causa do fumo, por que você não deixa ela sentar no sofá ou em alguma cadeira? Ou será que Bhima também tem fumo no traseiro?

— Dinaz. — Sera estava genuinamente chocada. — Cuidado com as palavras, por favor. Você sabe que seu pai teria um ataque se chegasse aqui um dia e encontrasse Bhima reclinada no sofá.

Sem conseguirem se conter, as duas mulheres deram risada imaginando a cena, o olhar horrorizado no rosto de Feroz. Mas Dinaz ainda não estava satisfeita.

— De um jeito ou de outro, esse provavelmente é um ponto discutível. Como se a coitada da Bhima tivesse um minuto sequer para sentar e descansar aqui nesta casa.

Sera ergueu a sobrancelha direita.

— Por falar nisso, eu ouvi outro dia você incitando Bhima a pedir um aumento. Escute aqui, Dinaz, independentemente do que você pensa, você pertence a essa família, não à família de Bhima. Eu acho que, considerando tudo, a família Dubash trata seus serviçais melhor do que quase todas as outras famílias que conheço. Dinheiro não dá em árvore, querida. Seu pai dá um duro danado todo dia pra podermos ter tudo o que temos. Não é certo de sua parte jogar Bhima contra ele. Lembre-se, caridade começa em casa.

Agora, observando Bhima bebericar seu chá, Sera mexe-se desconfortavelmente na cadeira. Desde a morte de Feroz, ela chegou a cogitar a ideia de pedir a Bhima que se juntasse a ela à mesa. Certamente, num primeiro momento, algumas de suas amigas ficariam escandalizadas, e quando um serviçal no prédio pedisse um aumento à patroa, a mulher automaticamente culparia Sera Dubash por haver dado o mau exemplo. “Sera fez aquela Bhima sentar em cima de sua cabeça, não apenas no sofá” diria a vizinha. “Daqui a pouco, esses serviçais vão formar um sindicato.”

Certamente, tudo passaria. E, na realidade, que diferença faria o que as vizinhas dissessem? Não são elas que a sustentam, e, agora que Feroz está morto, ela se sente livre do temor que a assaltou por tantos anos — o de que as vizinhas fizessem alguma fofoca sobre seu casamento. Ou pior: que aquelas de olhos mais aguçados reparassem nos hematomas ocasionais que roupas e maquiagem não conseguiam esconder e sentissem pena dela e cochichassem às suas costas. Agora que Feroz está morto, ela não precisa mais temer a compaixão dessas pessoas.

No entanto... A simples ideia de Bhima sentada em algum item de seu mobiliário faz com que sinta repulsa. Só esse pensamento a deixa tensa, da mesma maneira que se sentira no dia em que pegou a filha, à época com quinze anos, dando um afetuoso abraço em Bhima. Ao ver aquele abraço, Sera fora marcada a ferro e fogo por emoções conflituosas — orgulho e espanto diante da espontaneidade com que Dinaz rompera um indizível tabu, mas também uma sensação de revolta, a ponto de ser obrigada a reprimir uma ânsia de mandar a filha lavar as mãos. O que é surpreendente, Sera agora pensa, lembrando o incidente. Ela mesma, em inúmeras ocasiões, declarara que Bhima era uma das pessoas mais limpas que conhecia.

— Bhima não teria como diferenciar um palito de um desodorante, mas vou

te dizer: nunca senti nenhum mau cheiro nessa mulher — dissera uma vez Sera a sua amiga Mani. — Eu não sei como é que ela consegue fazer isso, com toda aquela falta de privacidade e de água corrente em sua favela. Mas ela consegue.

E, desde que Sera a conhece, Bhima faz uma pausa de quinze minutos às quatro da tarde para lavar o rosto com o sabão que ela guarda em sua própria saboneteira na cozinha, para passar talco debaixo dos braços e para arrumar os cabelos, que foram ficando cada vez mais escassos ao longo dos anos. Esses cuidados diários de Bhima compeliram Sera, que passara então a ficar mais ciente do cheiro acre de seu próprio corpo, a interromper o que quer que estivesse fazendo para se refrescar.

Mas, apesar de tudo isso, existe essa relutância, essa resistência em permitir que Bhima use seu mobiliário. Enquanto as duas estão lá sentadas num silêncio amistoso bebericando o chá, Sera tenta justificar seu preconceito. Parte dele vem do maldito fumo que ela masca o dia inteiro, pensa consigo. O hábito me deixa enjoada e suja tudo ao seu redor. E também, tendo visto onde ela mora, posso imaginar as condições na favela — que tipo de água usa para tomar banho e quanto ela efetivamente consegue limpar suas regiões íntimas.

Perdida em seus pensamentos aflitivos e cheios de culpa, Sera percebe que perdeu parte do que Bhima dissera.

— Ei, Bhima, repita esta última parte. Me desculpe, não ouvi direito.

Bhima suspira impacientemente. E recomeça sua história.

— Eu sou a avó de Maya Phedke — declarou Bhima.

Ashok Malhotra olhava para ela com expectativa, piscando rapidamente. Como ela não tinha mais nada a dizer, ele curvou-se para a frente.

— Sim? — disse ele.

Os dois olhavam-se em silêncio, como se cada um deles estivesse esperando que o outro continuasse a falar. Finalmente, Ashok reagiu:

— Eu sinto muito... Tem uma pessoa me esperando... Enfim, eu conheço essa menina, essa Maya?

A voz de Bhima vacilou.

— Maya — disse ela, como se estivesse descrevendo a neta a um estranho.
— Ela é uma aluna do segundo ano. Cabelos compridos. Alta, com pele clara.

Ela parou, paralisada pela incongruência de ter de lembrar àquele grosseirão insensível como era a aparência da mulher que ele engravidara.

Ashok veio em seu socorro.

— Ah, Maya — disse ele alegremente. — É claro que conheço a Maya. Mas acho que nunca soube como era o sobrenome dela. Desculpe.

Bhima mirou o rosto bem-apeado à sua frente. Nem um pontinho de culpa ou de preocupação nele, percebeu ela, impressionada. O que ocorria com essas crianças de hoje em dia? Tinham relações umas com as outras sem nem saber seu sobrenome? No tempo dela, saber o nome de família de uma pessoa importava mais do que saber seu primeiro nome. Afinal de contas, era o nome de família que dizia a você tudo o que era necessário saber — a qual casta a pessoa pertencia, de onde vinha, quem eram seus ancestrais, qual era a sua profissão e seu *khandaan*, qual era o seu histórico familiar. E ali estava aquele rapaz alegremente confessando que nem se importara em descobrir qual era o sobrenome de Maya.

— De qualquer maneira, como é que está a Maya? — prosseguiu Ashok. — Por falar nisso, não a vejo há muitos e muitos dias. — Seu rosto anuviou-se de repente. — Está tudo bem com ela, não está, titia?

Bhima balançou a cabeça.

— Não está, não. Ela não está bem.

— Ah, não! — gritou Ashok. — O que é? Malária ou qualquer coisa assim? Dois amigos meus estão com isso agora. Mas ouça, diga pra Maya não se preocupar. Vou passar pra ela todas as minhas anotações de aula. Na verdade, isso vai acabar sendo um incentivo pra eu parar de matar aula e passar um tempo nas palestras em vez de ficar nesta droga de cantina. — Ele exibiu seu sorriso deslumbrante.

Pela primeira vez ocorreu a Bhima que, por trás do bonito e bem barbeado rosto de Ashok, escondia-se o cérebro de um imbecil. Será que esse rapaz era realmente desmiolado? Ou será que estava agindo de um modo deliberadamente tolo, tentando parecer inocente e se esquivar de sua responsabilidade? Ah, então era isso. Quanto mais Bhima olhava o rosto generoso de olhos arregalados de Ashok Malhotra, mais ela entendia o jogo dele.

Bem, Bhima não permitiria que ele escapasse. Esse era o motivo pelo qual estava ali, naquele ambiente estranho e pouco familiar, para atacar as negativas desse jovem e fazer com que assumisse sua responsabilidade. Ela curvou-se para a frente em sua cadeira.

— Não é malária, *beta* — disse ela, desejando que sua voz permanecesse firme. — Você sabe exatamente o que há de errado com Maya.

Ashok piscou.

— Eu... Eu sei? — disse ele.

Houve mais um silêncio enquanto ambos se olhavam. Então Bhima balançou a cabeça impacientemente. Esse rapaz não estava tornando aquilo nem um pouco fácil. Ele poderia se dar ao luxo de ficar ali sentado naquela cantina o dia inteiro jogando seus joguinhos, mas ela, não. Estava velha e cansada e tinha pela frente a longa volta para casa e o jantar para preparar quando lá chegasse. Além do mais, haveria uma discussão quando Maya ficasse ciente de sua visita à faculdade. Haveria lágrimas, recriminações, e a neta olharia para ela com seus grandes olhos e diria: “Como é que você pôde fazer uma coisa dessas, *Ma*? Eu confiei em você pra guardar o meu segredo”. Como se uma pilha de livros lhe tivesse atingido a cabeça, Bhima sentiu subitamente o peso de seus sessenta e cinco anos. Cada osso em seu corpo cantou suas desgraças, cada fio de cabelo grisalho tangeu sua miséria, cada músculo estremeceu e latejou de dor. Ela olhou o rapaz de pele clara e cabelos escuros com uma inveja amarga. Observou suas unhas limpas, sua *kurta* engomada, os cabelos bem aparados. Reparou no brilho de juventude e na saúde em seu rosto, nos dentes brancos e intactos, nas mãos sem manchas ou rugas. Esse rapaz tinha todo o tempo do mundo. Príncipe Ashok, eles o chamavam, e era verdade. Esse rapaz poderia gastar — não, poderia esbanjar — o tempo como se fosse uma moeda sem valor, sem lastro. Enquanto ela, Bhima, tinha de poupar o tempo, tinha de fazer com que cada segundo de seu dia valesse a pena, esse rapaz poderia acumular o tempo em suas mãos sem objetivo algum, depois gastá-lo como se fossem moedas de dez *paisa*.

Um pouco da fúria disfarçada que ela sentia devia ter ficado visível em seu rosto, porque Ashok Malhotra olhava para ela alarmado.

— Titia, está tudo bem? — disse ele. — Quer tomar uma coca-cola ou alguma outra coisa?

— Escute, Ashok, eu não tenho tempo pra isso. Sou uma mulher velha, não me restam muitos anos. Se nenhum outro motivo o comove, tenha pena de minha idade e não faça joguinhos comigo. Isso aqui também não é nem um pouco fácil pra mim, *beta*.

A expressão no rosto do rapaz mudou. Retirando os cotovelos da mesa de

fórmica, ele recostou-se em sua cadeira, estabelecendo o máximo de distância possível entre ele e Bhima.

— Meu nome é Ashok Malhotra — disse ele cuidadosamente. — Tem certeza de que sou o Ashok que está procurando?

Bhima deixou escapar um suspiro que soou mais como um sibilo.

— Escute aqui, *baba*. Eu sei de tudo. Não há nenhuma necessidade de fingir pra mim. Maya me contou tudo. Não estou aqui pra culpar ninguém. Eu quero apenas que...

— O quê? O que foi que a Maya lhe contou?

Finalmente, eles estavam chegando a algum lugar.

— Ashok, Maya está grávida. Ela não está com malária. Está grávida.

Ashok arquejou.

— Grávida? Isso é impossível. Enfim, titia, eu estou chocado.

A voz de Bhima soava gentil agora.

— Eu sei, *beta*. Todos nós estamos. Essa não é a vida que eu tinha em mente pra minha neta. Mesmo assim, quem pode conhecer os misteriosos caminhos pelos quais Deus trabalha? Quem sabe...

— Não, enfim, Maya, justamente a Maya! Eu não a conhecia bem, mas realmente a respeitava. Sempre a considerei uma menina sensata, bem diferente de algumas outras que eu conheço.

Bhima o encarou, boquiaberto. Esse rapaz era mais que um desavergonhado. Sentado na sua frente, falando de outras garotas que conhecia. Será que isso significava que ele também deixara outras garotas grávidas? Que havia — Deus me perdoe — outros bebezinhos Ashok Malhotra correndo por aí? Uma onda de desespero e pesar tomou conta dela. Mesmo assim, tinha de tentar. Pelo bem de Maya, tinha de fazer esse rapaz esquecer todas as outras namoradas.

— O que passou, passou — disse ela. — A questão é a seguinte: o que acontecerá daqui pra frente?

Ashok deu de ombros. Ao ver isso, Bhima agarrou a borda da mesa rosa para impedir que sua mão voasse em direção à cara dele. Sua Maya estava em sérios apuros, e tudo o que esse namorador descarado filho de uma puta conseguia fazer era dar de ombros diante dos problemas.

— Escute aqui — disse ela, nem mesmo esperando que a raiva desaparecesse de sua voz agora. — Eu sei de tudo. Maya me contou tudinho.

Sobre vocês dois. E se você vai se tornar um pai, então o mínimo que pode...

— O quê? O quê? — Ashok levantara-se, e havia um novo tom em sua voz.
— O que foi que você disse?

Então ele não ficara sabendo. Ao notar os olhares zombeteiros que os outros alunos lançavam em sua direção, Bhima amaldiçoou a si mesma por não haver escolhido um local mais privado para lhe dar a notícia.

— Ei, Ashok, está tudo bem, *yaar*? — perguntou um dos rapazes que Bhima havia afastado da mesa deles.

O rosto de Ashok estava pálido, e seu peito arfava. Inexplicavelmente, Bhima sentiu uma súbita vontade de rir. O rapaz escandalizado à sua frente agia de maneira tão melodramática e indignada quanto uma dessas atrizes de filmes híndi cuja virtude fora questionada. Mas então ela reparou no olhar de ódio que ele estava lhe lançando, e o riso abortou dentro dela.

— *Beta*, sente-se — implorou ela. — Isso aqui é difícil, eu sei, mas...

— Ela disse isso? — sussurrou ele. — Ela disse que sou o pai do filho dela?

Incapaz de olhá-lo nos olhos, Bhima balançou a cabeça em concordância.

— Mentirosa do cacete. Mentirosa sem-vergonha. Nojenta! Como é que ela ousa dizer uma coisa dessas? Piranha da porra. Puta do cacete. Isso serve de exemplo, não dá pra confiar mesmo em mulher nenhuma. Nunca.

Bhima levou um segundo para perceber que ele estava falando de Maya. E naquele instante ela soube... que não iria querer Ashok Malhotra para genro, mesmo que ele fosse a última pessoa viva no mundo. Numa fração de segundo ela viu o futuro e as consequências desse vislumbre, viu os fragmentos de um sonho arruinado. Não haveria nenhuma cozinha com panelas e frigideiras brilhantes para Maya, nenhum marido amoroso que lhe proveria todas as coisas boas que ela, Bhima, jamais pôde oferecer. Em vez disso, haveria um aborto e uma vida inteira de vergonha e segredos furtivos. Mas até isso era preferível a forçar esse boca-suja a se casar com Maya. Serabai estava sempre lendo em voz alta matérias de jornais sobre noivas que eram queimadas e mortas por conta de dotes. Bhima estremeceu. Algumas coisas que esses homens faziam a suas esposas, você não desejaria nem ao pior de seus inimigos. Diga o que quiser sobre Gopal, mesmo quando o álcool transformara seu marido num homem oco, ele jamais a insultara com o tipo de linguagem que esse jovem demônio acabara

de usar para se referir a Maya.

A compreensão de que ela não queria que Ashok Malhotra fizesse parte de sua família libertou Bhima.

— Cale a boca. Nunca mais fale de minha neta dessa maneira. Lembre-se: mesmo que eu esteja morta, vou voltar do meu túmulo pra cortar a sua língua. A minha Maya é uma boa menina, vale dez vezes mais do que você. Só mesmo um animal imundo como você pra corrompê-la. E quanto a pedir que se case com ela e a faça uma mulher honesta, devo dizer que...

— Casar com ela? Fazer dela uma mulher honesta? — Havia um tom histérico na voz de Ashok. — *Arre*, Bhagwan, será que estou enlouquecendo ou o quê? Escute aqui, velha, eu mal conheço a sua neta. Em todos esses anos, falei com ela apenas umas cinco ou seis vezes, e isso também com vários amigos por perto, Deus é testemunha.

Bhima estava prestes a protestar, mas o olhar ensandecido de Ashok a silenciou.

— Isso aqui é um complô dos meus inimigos, dá pra perceber muito bem — disse ele, olhando em volta do recinto. — Foram aqueles putos da União dos Estudantes Progressistas que contaram isso pra você. Eu sei. Esquerdistas sacanas, degenerados. Sempre tentando nos desacreditar, os partidários do rjs. Todas aquelas piranhas liberais do psu com suas conversas de secularismo e merdas assim. E seus “camaradas” socialistas aviadados que correm atrás delas como se fossem cadelas no cio. Mesmo assim, nunca imaginei que eles pudessem chegar a um nível tão baixo.

— *Beta*, eu vim aqui falar sobre Maya e nada mais...

— Eu nunca teria adivinhado que Maya era uma delas — disse Ashok, numa voz tão baixa que Bhima mal conseguiu ouvi-lo. — Mas pouco importa. Ela não vai conseguir manchar a minha reputação. Todos aqui na faculdade sabem que sou um cara do rjs e que nós acreditamos na pureza e na castidade antes do casamento. Até alguns estudantes cristãos já me disseram em segredo que, embora não concordem com a meta que o rjs tem para a nação hindu, eles respeitam muitos dos ensinamentos da agremiação. É claro que eles nunca vão admitir isso em público. Eles têm muito medo dos muçulmanos fanáticos, acho eu. De um jeito ou de outro, no rjs nós aprendemos a respeitar nossas mulheres hindus, mesmo as que deram um passo errado, como Maya. Mas nós também

acreditamos em retaliação. Temos de retaliar quando alguém agride a nossa reputação.

Ele olhou com ódio para Bhima.

Um dos companheiros de Ashok veio até a mesa.

— O que está acontecendo aqui, chefe? — disse ele, olhando de relance para Bhima. — A velhinha aqui o está incomodando? A gente pode cuidar desse probleminha em dois tempos.

Mas Ashok o dispensou.

— Não, não, não. Eu posso cuidar disso aqui sozinho.

— *Chamcha* — bufou Bhima para si mesma, olhando para as costas do outro rapaz que se afastava.

Mas a verdade é que ela não tinha mais nada a fazer ali. A veemente defesa que Ashok fizera de seu caráter, o brilho ensandecido e paranoico em seu olhar, seu óbvio desprezo por Maya e suas ameaças não tão veladas haviam derrotado Bhima por completo, de modo que ela se viu sem alternativas. Não havia nada mais a dizer, nenhum motivo real para ainda estar ali. Ela fracassara espetacularmente em sua missão, fracassara de tal maneira que passou a questionar até mesmo seu próprio objetivo.

— Desculpe o aborrecimento que causei — disse ela baixinho. — Espero que você possa me perdoar, *beta*. Não passo de uma mulher estúpida e tola. Ao menos sinta pena desses cabelos brancos e esqueça essa conversa. A minha família — e aqui a voz dela ficou engasgada — nunca mais vai voltar a perturbá-lo. Por favor, tenha coração e me perdoe.

A cantina pareceu ter ficado duas vezes maior no período em que esteve lá. Ela saiu cambaleante, mantendo os olhos no chão e desejando que seus ouvidos não captassem os sussurros e os risinhos que a seguiam. Seus pés doíam nos pontos friccionados por suas sandálias de borracha.

O taxista era um sujeito jovem e sociável que claramente queria falar, mas Bhima não estava com disposição para conversa. Ela olhava pela janela enquanto o táxi passava voando pelos edifícios dilapidados e pelos conjuntos residenciais em construção. Nem mesmo a brisa do mar da Arábia, quando o veículo passou por ele, foi capaz de reanimá-la, tampouco a visão de sua água marrom-acinzentada, que normalmente fazia seu coração inflar de alegria.

Ela repassou mentalmente a conversa com Ashok, tentando assinalar o

preciso momento em que sua argumentação saiu correndo como uma manada de elefantes, o exato instante em que seu coração se partiu e o futuro se desfez bem diante de seus olhos incrédulos.

Também o exato momento em que ela começou a acreditar na inocência de Ashok Malhotra. Porque não havia dúvida em sua mente de que o rapaz dissera a verdade. E que fora Maya — Maya, a neta que ela resgatara da porta da morte; Maya, que lhe viera na condição de órfã e crescera até tornar-se uma jovem inteligente e ambiciosa; Maya, o único membro da família que ela ainda tinha a seu lado; Maya, que fora o único foco brilhante na soturna vida de Bhima; Maya, que compensaria todas as esperanças e todos os sonhos abortados de Bhima, que era o ponto focal dourado de todas as fantasias e idílios de Bhima —, fora Maya que mentira para ela. Fora Maya que a traíra. (Mas ela já não deveria estar acostumada com as traições a essa altura?) Maya a constrangera e a humilhara. (Mas ela já não deveria estar calejada em relação a humilhações a essa altura?) Maya que, ao que parecia, tinha a intenção de enfiar mais miséria, como duros travesseiros de algodão, debaixo da cabeça de Bhima. (E por que, afinal de contas, deveria Maya ser diferente do resto de sua família?)

Bhima desceu do táxi a cinco minutos de caminhada do *basti*. Não queria que os vizinhos especulassem acerca dos motivos pelos quais tomara um táxi até sua casa. E hoje também não estava com disposição para sentir o ferrão da inveja deles. Muitos deles, ela sabia, tinham inveja de sua sorte em trabalhar para alguém como Serabai.

— *Ae*, Bhima *mausi* — sempre lhe dizia Bibi. — Só estou esperando a sua Maya arrumar um empregão e você se aposentar. Aí vou trabalhar pra sua Serabai. Eu também quero chegar em casa com chocolate Cadbury pros meus moleques. Aquela *gujarati* pra quem eu trabalho é uma tremenda *kanjoos*; se ela me dá um grão a mais de sal em um mês, juro que tenta tirar alguma coisa do meu pagamento no mês seguinte.

Bhima caminhava rapidamente, ansiosa para chegar em casa. As correias de suas *chappals* de borracha enterravam-se em seus pés, mas ela estava perdida demais em seus pensamentos para reparar na dor. Se não era Ashok Malhotra, então quem seria o pai do bebê de Maya? E, verdade seja dita, por acaso isso tinha alguma importância? Porque o fato era que provavelmente havia sido um dos palermas da favela que engravidara Maya. Pode até ter sido aquele insolente

que morava em frente e não tinha a decência de desviar o olhar quando elas faziam a toalete diária. O rosto de Bhima ficou vermelho diante da ideia. Não, um aborto era a única maneira. O confronto com Ashok Malhotra lhe tirara a combatividade. Ela não conseguia imaginar ser obrigada a passar novamente por isso com outro suspeito. E tampouco havia garantias de que aquela desavergonhada lhe desse a informação correta dessa vez. As bochechas de Bhima queimavam de raiva pela mentira de Maya. Sua mão direita tremia na expectativa dos tapas que estava disposta a dar no rosto de Maya. Ela apertou o passo.

À medida que se aproximava do *basti*, uma estranha relutância em adentrar seu sombrio barraco assaltou-a. Ela reparou novamente no quanto as estruturas de zinco e papelão lhe davam a impressão de estarem malcuidadas e desconjuntadas, parecendo-lhe mais o ninho de um pássaro gigante feito por um bando de corvos embriagados do que um lugar onde residiam seres humanos. Levantou o sári com a mão direita para impedir que a bainha encostasse na água escura e pútrida no chão. Com a mão esquerda, afugentou as moscas que se aglomeravam em torno dela. Como sempre, sentiu o desespero impotente que a assaltava quando entrava na favela. Mas naquele dia esse desespero tinha marcas de dentes. Ela sentiu um ódio nu e cru por Maya. A menina louca e estúpida desatinadamente jogara no lixo seu futuro como se fosse um jornal velho. Agora a neta também viveria nessa imunda favela, condenada a passar seus dias da mesma maneira que ela, Bhima, passara. E a sombra de seu filho abortado a seguiria para sempre. Ela chegou muito perto, muito perto, de deixar esse lugar e de fazer algo de sua vida. Mas a maldição familiar estava obviamente sobre ela, pairando sobre sua cabeça como uma garra aberta. A maldição que deixara Maya órfã aos sete anos a deixaria sem filho aos dezessete.

É claro que se ela, Bhima, não tivesse feito aquela cena toda hoje na faculdade de Maya, poderia haver alguma maneira de a menina retornar a seus estudos. Ela poderia realizar o aborto, permanecer em casa para descansar durante uns poucos dias e então retomar as aulas sem grande alarde. Se algum colega a questionasse, poderia dizer que tivera — o que foi mesmo que Ashok Malhotra dissera que seus amigos tinham? — malária. Ninguém teria de saber de coisa alguma. Mas, no momento em que a neta mencionara o nome de Ashok Malhotra, um estranho e irracional otimismo tomara conta de Bhima. A visão da

cozinha com painéis brilhantes capturara sua imaginação. Foi como se o demônio tivesse brincado com ela, infectando-a com uma perigosa esperança, seduzindo-a a percorrer todo o caminho até a faculdade de Maya, dançando à frente dela, apontando a direção da mesa de Ashok Malhotra, onde o pesar e o escárnio estavam à espera dela como uma fumegante travessa de *battatawadas*. Uma sensação de culpa percorreu os exaustos membros de Bhima como um corante radioativo. Ela destruíra inadvertidamente o futuro da neta. Seja lá que erro Maya tivesse cometido, poderia ser corrigido. Mas o que Bhima tinha feito — compartilhado a vergonha de sua família com um estranho, conspurcado a honra de Maya diante de um hipócrita e devoto idiota, revelando seu segredo a sabe Deus quantos olhares indiscretos, quantos ouvidos curiosos — não poderia ser desfeito. Ela despira por completo a neta naquela grande, iluminada e lotada cantina, a expusera às flechas das fofocas e das conversas imprudentes.

Talvez tenha sido a culpa que a fizera atacar Maya assim que a menina abriu a porta. Segurando a sandália, que produzira um sulco profundo e sangrento em seu pé direito, Bhima esperou até que Maya trancasse a frágil porta. Então, antes que ela pudesse se esquivar, Bhima avançou sobre a neta grávida, cujo rosto agora a deixava cheia de pesar.

— Venha cá, sua desavergonhada, sua mentirosa! — disse ela, arfando. — Tome isso, e isso, e isso. Venha cá, eu quero acabar com você, nunca mais quero ver novamente essa sua cara mentirosa.

Tentando desviar-se dos golpes, as mãos de Maya instintivamente protegiam seu abdome. Ela girou o corpo, de modo que grande parte dos golpes de Bhima atingisse apenas suas costas.

— Não, *Ma-ma* — choramingou ela uma vez e então ficou quieta, estremecendo silenciosamente cada vez que um golpe lhe atingia.

Seu silêncio enfureceu Bhima. Ela queria tirar sangue, sim, mas mais do que isso, queria produzir lágrimas em Maya, como se as lágrimas as batizassem, as purificassem, lavassem delas o mal que penetrara em sua vida.

— Diga alguma coisa! — exigiu ela. Então, ao ritmo dos golpes: — Diga... Alguma... Coisa... Implore... Perdão... Seu demônio em forma de criança... Seu... Erro que saiu do útero de sua mãe!

No entanto, era Bhima quem estava próxima das lágrimas, os eventos do dia a atingi-la — a humilhação e a exaustão, o sentimento de impotência por ter

sido enganada pela própria neta e, agora, o horror que sentia diante de seu comportamento descontrolado.

A dor em seus antebraços a fez parar. Maya estava agachada no chão, fitando-a com seus imensos olhos temerosos. A aparência dela partiu o coração de Bhima, a fez querer tomar aquele jovem corpo trêmulo em seus braços e cobri-lo de beijos com a mesma urgência que o cobrira de socos um minuto antes, porém ela endureceu o coração. Fora essa mesma leniência que permitira que Maya saísse do rumo certo.

— Ashok Malhotra — cuspiu ela. — Pai de seu filho bastardo, hein? *Arre*, uma mulher solta como você precisaria de nove nascimentos pra conquistar um rapaz decente, religioso e temente a Deus como ele.

Maya olhou fixamente para ela.

— Como você sabe que Ashok é religioso? — perguntou ela.

— Eu me encontrei com ele. Fui até a sua faculdade hoje para lhe fazer uma proposta de casamento.

Bhima riu com amargura, balançando a cabeça por sua ingenuidade.

— Você fez o quê? — A histeria fez a voz de Maya ficar mais alta. — Você fez o quê, *Ma*?

Bhima forçou-se a manter o olhar fixo no rosto da neta.

— É culpa sua. Ou será que você conta tantas mentiras que se esqueceu do que me falou sobre ele? De um jeito ou de outro, a culpa é de fato minha. Imagine, acreditar na palavra de uma devassa.

Maya estremeceu.

— Pare de ser tão cruel, *Ma-ma*. Eu te imploro. Você pode me bater com as suas *chappals* ou com uma vara, jogar gasolina em cima de mim e me queimar viva, não me importo. Mas não bata em mim com as suas palavras.

— Eu? Bater em você? *Beta*, espere só pra ver como esse mundo cruel vai espancá-la quando a notícia da sua gravidez chegar aos ouvidos de todos. Você sabe como Yasmeen, a muçulmana do *basti* ao lado, usa o *purdah*? Bom, você não vai precisar de um. A sua vergonha vai funcionar como o seu véu.

— E agora você espalhou minha vergonha como se fosse esterco por toda a faculdade — disse Maya com amargura. — Eu conheço esse Ashok. Nunca me encantei com aquela parada de Hare Rama dele. Já vi como ele gosta de fazer fofoca, principalmente sobre garotas de quem não gosta. E tem a boca deste

tamanho, é como se tivesse nascido com um megafone na garganta. Provavelmente a faculdade inteira já sabe.

Bhima engoliu a culpa, que tinha gosto de leite azedo.

— Você devia ter pensado nisso antes de implicá-lo falsamente. Antes de olhar bem nos meus olhos e me contar essa mentira.

— Você me forçou a isso — ela disse, e por um segundo houve um lampejo da antiga e espirituosa Maya. — Você não saía do meu pé, não saía do meu pé hora nenhuma, aí eu disse o primeiro nome, o nome mais improvável que me veio à mente. Que importa quem é o pai, *Ma-ma*? A questão é que o bebê está crescendo na *minha* barriga, não na dele. Isso faz com que a maldição e a bênção sejam minhas, de mais ninguém...

— Bênção? Você se refere a essa... A essa coisa crescendo na sua barriga como uma bênção? Menina, você enlouqueceu? Ou está tramando matar a sua avó pra poder herdar esse palácio aqui no qual a gente vive?

Maya, hesitante, pôs a mão no braço magro de Bhima.

— Não fale de morte, *Ma-ma*. Você é tudo o que tenho neste mundo.

Então é assim que um coração se parte, pensou Bhima. É assim a sensação, tão fria, tão delicada, tão esplêndida, semelhante à nota agudíssima do violino nos discos de música clássica que Serabai colocava para tocar. Bhima queria abraçar Maya e matá-la, resgatá-la e destruí-la, tudo no mesmo explosivo momento.

— Tudo bem — disse ela com rispidez. — Não aja como se fosse a Meena Kumari em algum filme híndi. Vá lá acender o fogão. O ronco no meu estômago logo, logo vai espantar até os ratos.

Maya fez menção de se virar, mas Bhima puxou-a de volta.

— Escute aqui, menina — disse ela. — Amanhã vou conversar com Serabai pra ver como a gente faz pra levar você a um médico que faça abortos. Muito tempo já se passou.

Enquanto espera o elevador, Sera imagina se é seguro deixar Bhima sozinha em casa. Ela nunca a vira com uma aparência tão velha, tão cansada, tão — qual é mesmo a palavra? — *derrotada* como estava hoje. Nem mesmo quando Gopal partira e levara consigo a coisa mais preciosa de sua vida. Ah, Bhima ficara assustada nessa ocasião, não há dúvida quanto a isso, mas ela sabia que ainda era responsável por Pooja, e essa responsabilidade em relação à filha a enchera de coragem e a impedira de se desintegrar. Não, Gopal pode ter lhe quebrado as costas, mas Maya quebrara seu espírito. Ashok Malhotra, puxa vida! Sera tenta sentir um pouco de raiva de Maya, mas descobre que não consegue. Tenta visualizar Maya como ela é hoje — cautelosa, corrompida, defensiva, manipuladora —, mas tudo o que consegue recordar é da tímida e assustada criança de sete anos em seu vestido vermelho franzido e sandálias douradas, de pé diante dela e de Feroz, segurando o tempo todo a mão da avó. Bhima acabara de retornar de Délhi com a neta, tendo viajado de trem a noite toda, e Sera podia ver os círculos escuros ao redor dos olhos da pequenina. Uma órfã, dolorosamente magra, que Sera conquistou lhe dando três pedaços de chocolate ao leite Cadbury dia após dia. Que, dois meses depois de Bhima ter começado a levá-la consigo à residência dos Dubash, para que lá ficasse enquanto ela trabalhava, um dia surpreendeu e deliciou Sera dizendo em inglês: “Cadê meu chocolate?”. Foi nesse dia, ou logo depois, que Sera decidiu que aquela era uma criança inteligente e digna de viver uma vida diferente da que a avó poderia lhe dar. E que ela, Sera, assumiria a responsabilidade pelos estudos de Maya.

Sera pisa no elevador e se depara com a senhora Madan, a vizinha do quinto andar.

— *Kem che*, Sera? — diz a mulher. — Há quanto tempo, querida!

— Ah, tudo bem comigo — diz Sera. — E você? — Ela lamenta a pergunta assim que lhe escapa dos lábios.

A sra. Madan suspira.

— *Chalta hai, chalta hai* — diz ela. — A vida segue. A artrite está piorando. Está vendo este polegar? Está vendo como está inchado e vermelho como um tomate gordo? *Baap re*, você nem imagina a dor. Mas, também, o que

não tem remédio, remediado está, como dizia o meu querido e falecido Praful. Mas vou lhe dizer uma coisa, Sera, ele dizia isso porque nunca teve uma enxaqueca na vida. Às vezes as minhas são tão fortes que eu nem consigo abrir os olhos. Graças a Deus a minha serviçal sabe exatamente o que fazer quando isso acontece. Ela está comigo há muito tempo, você sabe. Não há tanto tempo quanto Bhima, é claro. Isso é absolutamente excepcional, é preciso que se diga. Não é de estranhar que você a trate como se fosse um membro da família. O meu Praful sempre dizia que você fez essa mulher sentar na sua cabeça, se você me perdoa o comentário. Mas esses homens, eles têm o coração duro, não têm? Não têm o coração mole como nós mulheres. Eu sempre digo: “Sera será recompensada no céu pela maneira como trata Bhima”.

— O céu não tem nada a ver com isso — começa Sera. — Bhima é uma pessoa decente e uma boa trabalhadora...

— Ah, eu sei, eu sei. É exatamente isso que digo a todo mundo. Não, você tem o coração mole como eu, Sera. Veja só como você vai todo dia ver como está a sua velha sogra. Não pense que não reparo, mesmo eu sendo quase cega por causa da catarata. Você pode não ir ao *agryari* com tanta frequência quanto algumas de nós, mas você é religiosa a seu próprio modo, eu sei disso. *Chalo*, já está na hora de eu ir buscar a minha receita. O médico diz que eu deveria fazer caminhada todos os dias, mas vou te dizer, as calçadas são tão ruins em Bombaim que tenho medo até de pôr os pés fora de casa. Há bueiros abertos e buracos de construção por todo canto.

Essa Mehru Madan é uma idiota, pensa Sera enquanto as duas mulheres se separam. Teologia confusa, detalhes médicos confusos, cérebro confuso. Ela se lembra de que Feroz costumava se referir a Mehru como o Velho Cérebro Destrambelhado, e o pensamento a faz sorrir.

Ainda está sorrindo ao entrar no elevador do edifício de Banu Dubash. O ascensorista percebe e sorri de volta.

— *Salaam, memsahib* — diz ele. Ela faz uma mesura com a cabeça, perturbada com o fato de ele a haver pego desprevenida.

— Segundo andar — diz ela, embora esteja ciente de que o homem sabe perfeitamente qual é o andar do apartamento de Banu Dubash.

A Mostra está deitada na cama, seus longos porém escassos cabelos esparramados pelo travesseiro como se fossem uma juba. Está dormindo quando

Sera gira a chave na porta da frente e adentra o apartamento. O cheiro familiar da água-de-colônia de Tata e de álcool de limpeza invade suas narinas assim que ela atravessa a porta. Como sempre, as pesadas cortinas estão fechadas, porque a Monstra gosta que seu covil esteja escuro o tempo todo. O velho apartamento tem cheiro de mofo, e Sera sente uma momentânea claustrofobia, de modo que luta contra a ânsia de abrir as cortinas e escancarar as janelas para deixar entrar ar e luz do sol, tão necessários. Como sempre, seu olho crítico é atraído para as paredes desbotadas, sujas, com a tinta descascando, e pensa quanto amaria chamar uma equipe de trabalhadores para pintar aquelas paredes com uma cor forte. Até onde podia se lembrar, aquela casa jamais vira uma nova camada de tinta desde que ela fora para lá na condição de jovem — bem, não tão jovem assim — noiva, tantos anos antes. Estremece involuntariamente diante da lembrança daqueles tristes anos em que vivia na casa da Monstra. Graças a Deus ela teve a sensatez de ir embora e a Providência lhe forneceu seu próprio lar. Não que morar sozinha com Feroz fosse o paraíso. Mas mesmo assim. Ela teria pulado da sacada dessa casa anos atrás se tivesse continuado a viver com os sogros.

A enfermeira do dia, Edna, está cochilando numa grande poltrona no canto direito do quarto onde a Monstra está dormindo, seus roncos ritmados preenchem o espaço com uma música soporífera. Sera primeiro vê Edna através de seu reflexo no espelho de corpo inteiro, que compõe um dos painéis do guarda-roupa de mogno próximo à cama da Monstra. O segundo painel exhibe uma pintura vertical com uma cena de floresta — há girafas, elefantes e faunos. O imenso guarda-roupa fascinara Sera quando ela o vira pela primeira vez. O lar dos Dubash era repleto de móveis antigos naquela época — uma mesa de jantar de mogno entalhado que comportava doze pessoas, duas mesas de centro com tampo de mármore, uma cama com dossel feita de teca maciça.

Sera pigarreia deliberadamente, e o som sobressalta Edna, despertando-a.

— Ah, oi, madame — gagueja ela enquanto dá um salto para pôr-se de pé.
— Eu não ouvi, a titia Banu estava dormindo depois do banho matinal, aí eu...

— Tudo bem — diz Sera sumariamente. — E aí, como está? A noite foi tranquila?

— Quase tudo tranquilo, madame. Ela teve uma diarreia esta noite, mais ou menos às duas da manhã. — Edna capta a expressão no rosto de Sera e

imediatamente se arrepende. — Eu... Eu sinto muito, madame. É que pensei que a senhora quisesse saber. Algumas famílias querem saber todos os detalhes sobre seus pacientes, a senhora sabe como é.

Sera observa o rosto escuro e ossudo, as bordas puídas da touca branca da enfermeira, o tênue contorno de uma mancha marrom no uniforme gasto, e de súbito sente uma onda de pena e remorso.

— Não, não, está tudo bem. Nós queremos mesmo saber o que está acontecendo com ela. Agora, Edna, que tal se você preparasse um chazinho pra nós? Vou me esticar um pouquinho ali enquanto você faz um Brooke Bond quentinho.

Sua recompensa é um inesperado sorriso jubiloso, tão límpido quanto o céu lá fora.

— Tudo bem, madame — diz Edna. — Vou fazer um chá... como é que vocês parses dizem? *Fattaa-faat*. Pode ser que a titia Banu também goste da ideia de tomar um chazinho.

Como se soubesse que elas estavam falando dela, a velha se mexe na cama. Pela enésima vez, Sera fica impressionada com a presciência da sogra. Durante os anos em que Sera morou naquela casa, ela acreditara de fato que Banu tinha olhos extras na nuca. Por mais discretas que fossem as discussões entre ela e Feroz acerca de qualquer assunto, por mais baixa que Sera tentasse manter sua voz durante algumas de suas brigas, Banu sempre parecia saber exatamente o que transcorreria no quarto deles.

Numa ocasião, ela tentara dizer a Feroz o seguinte:

— Você vê como sua mãe olha pra mim sempre que a gente briga? O que é que ela faz? Fica espionando a gente ou qualquer coisa assim? Eu faço um esforço danado pra esconder nossos problemas dela, mas parece que ela sempre sabe quando está havendo algum problema entre nós.

— Você está menstruada?

— O quê?

— Você está no seu período? — repetiu Feroz. — Porque é sempre nessa época que você fica histérica e paranoica desse jeito, imaginando que as pessoas a espionam. Daqui a pouco você vai ficar igual a essas americanas estúpidas que acreditam em óvnis ou coisa que o valha.

Ela fitou o marido em silêncio, mais ofendida do que se sentia no direito de

ficar pelo desprezo que ele demonstrara por suas preocupações.

— Tudo bem, Feroz — disse ela por fim. — Continue me ridicularizando dessa forma.

— Bom, se você fosse sensata, eu não teria por que fazer isso, minha querida. Você age como se minha mãe não tivesse nada melhor pra fazer do que desperdiçar o tempo dela vigiando você.

Quando Edna sai do quarto, Sera resiste à ânsia de segui-la até a cozinha. Mesmo depois de todos esses anos e apesar do atual desamparo e da paralisia de Banu, ela ainda se sente inquieta quando está a sós com a sogra. As más lembranças do passado chilreiam em seus ouvidos, como os macacos nas árvores de Khandala. Há um excesso de fantasmas aqui, e, apesar dos restos fantasmagóricos e semimortos da paralisada velha deitada na cama à sua frente, a morta que ela mais lembra e pranteia é a jovem que está enterrada nessa casa. Com que esperanças aquela jovem recém-casada fora morar na casa dos sogros! Com que fervor fora perseguida e seduzida pelo homem que se tornou seu marido, que a trouxera para o interior dessa casa como se ela fosse um carregamento precioso, uma frágil peça de porcelana chinesa! Que brilho, que radiância existiam naqueles dias, como se alguém houvesse colocado um sol a mais no céu de Bombaim. Ela e Feroz eram dourados naquela época, não exatamente jovens, mas isso tornara o brilho deles ainda mais deslumbrante, porque era duramente conquistado e inesperado. Eles haviam se conhecido num momento em que nenhum dos dois esperava que isso viesse a acontecer.

Ela ouve a enfermeira dispondo as xícaras de chá sobre o aparador da cozinha.

— O chá está quase pronto, madame — diz Edna da cozinha. — Uma xícara *garma-garam* de *chai* saindo.

Sera não responde, temerosa de acordar a velha. Melhor não acordar os cães que dormem, pensa ela, e então sente uma pontinha de culpa ao comparar a sogra a um cão. Mesmo assim, ela está desfrutando seu momento de privacidade e fuga dos olhos vigilantes de Banu. Apesar de o derrame ter deixado Banu desamparada e presa a uma cama, apesar do fato de ela mal conseguir falar, os olhinhos pretos da velha normalmente seguem a nora pelo quarto, observando-a a cada movimento, exatamente como costumava fazer no início do casamento de Sera.

Agora, aproveitando o fato de que Banu ainda está dormindo e que seus

olhos dardejantes estão cerrados, Sera vai na pontinha dos pés até a velha. Banu dorme com a boca aberta, respirando forte, e a cada três respirações escapa-lhe da boca um ronco alto e gutural. Um espesso fio de baba escorre-lhe pela boca em direção ao travesseiro. A visão deixa Sera nauseada. Apesar de passar todos os dias para ver como está a sogra, Sera nunca consegue controlar a sensação nauseante e claustrofóbica que a atinge quando está nessa casa. Sera olha fixamente para Banu, observa a mulher encolhida e quieta deitada na cama, que parece haver crescido ao redor dela, e busca no fundo de si um fio de pena, mas volta de mãos vazias. Ou melhor, puxa uma interminável corda, como a usada para descer os baldes nos poços dos templos de fogo parses. Na corda estão tecidas amargura e ressentimento. A corda, em suas mãos, dá-lhe a sensação de estar preta e chamuscada, queimada por sua abrasadora fúria. Após todos esses anos, ela, Sera Dubash, amiga leal, mãe amável, patroa benevolente, vizinha prestativa, generosa patrocinadora das artes, não consegue perdoar aquela casca de mulher deitada diante dela. Sente-se ao mesmo tempo envergonhada e estranhamente animada com esse pensamento.

Os olhos de Sera pousam sobre uma grande pintura a óleo de seu sogro, Freddy Dubash, que está pendurada acima da cama de Banu. Freddy parece sério no quadro, de um jeito que não lhe é muito comum, mas a visão de seu adorado papagaio, Polly, empoleirado em seu ombro direito, deixa Sera feliz. Se os primeiros anos de seu casamento haviam sido uma escura mina de carvão, Freddy era o único feixe de luz que brilhava do capacete do mineiro. Ele era a razão pela qual ela jamais saíra do rumo por completo.

Sera sorri involuntariamente, como sempre faz quando pensa no sogro. Olhando para a cabeça calva e o rosto familiar de Freddy, ela se lembra da primeira vez em que se encontrou com ele e, é claro, do sempre presente Polly. Três meses após o começo do namoro, Feroz convidara Sera para ir à casa de seus pais numa tarde de domingo. Freddy Dubash, um dos mais bem-sucedidos advogados de Bombaim, entrara na sala de estar vestindo um roupão bordado com um papagaio empoleirado no ombro.

— Eu sou Farokh Dubash — disse ele. — O pai do Menino Prodígio. Mas todos me chamam de Freddy.

— Prazer em conhecê-lo — murmurou Sera.

— Feroz me disse que você gosta de música clássica — disse Freddy. — É

isso mesmo?

— Eu e meu pai vamos a concertos em Homi Bhabba desde os meus sete anos — disse Sera simplesmente. — Ele é um grande fã de música.

Freddy virou-se para seu papagaio.

— Polly, temos uma nova amiga. Aperte as mãos de uma companheira que ama música. Vamos lá. Aperte as mãos dela.

E o pássaro realmente ergueu uma garra magricela e a estendeu. Sera virou-se na direção de Feroz, sem muita convicção, sem saber o que fazer. Ele parecia estar bestificado.

— É isso aí, vá em frente, aperte a mão do bicho — disse ele, enfasiado. — Depois disso a sua iniciação nessa família maluca estará completada.

Banu estava exasperada, aparentemente constrangida.

— Convenhamos, Freddy — começou ela, mas Sera moveu-se na direção de Polly com a mão estendida.

— Como vai? — disse Polly, quando Sera levou sua mão até a garra do bicho.

Notando o olhar de surpresa em seu rosto, os outros começaram a rir.

— Esse é o pequeno truque do meu marido — disse Banu, sua voz tingida de constrangimento e orgulho. — Ele levou semanas pra ensinar Polly a fazer isso.

— Semanas uma ova — disse Freddy. — Ele aprendeu isso em questão de dias. Isso porque papagaios são pássaros com uma inteligência incomum — disse ele a Sera. — Muito mais espertos do que cachorros, se você quiser saber.

— Sim, sim, papai, você ensinou a Polly esse truque em questão de horas — disse Feroz, indulgente. — Em questão de minutos até. Afinal de contas, esse maldito pássaro é mais inteligente do que seu próprio filho. Polly é de fato o filho que o meu pai nunca teve — acrescentou, voltando-se para Sera.

Ela pensou ter ouvido um traço de amargura na voz de Feroz, mas seu rosto estava sorridente.

No entanto, Freddy ignorou o filho.

— Polly gosta de você — disse ele a Sera. — Assim como eu, ele consegue avistar uma pessoa que ama música clássica a quilômetros de distância.

Por que papai Freddy tinha de morrer antes da Monstra?, indaga Sera, não pela primeira vez. Depois de todos esses anos, ela ainda pensa no excêntrico e

bondoso Freddy como seu salvador, o homem que a resgatara dessa casa infernal.

Banu grunhe em seu sono, como se estivesse atormentada com seus próprios pensamentos e sonhos. Por uma fração de segundo seus olhos se abrem, mas não estão fixos em ponto algum, e, no momento seguinte, ela está novamente roncando. Mesmo assim, Sera sabe que a velha despertará a qualquer momento. Ela ouve Edna equilibrando duas xícaras de chá, preparando-se para entrar no quarto. Olha ao redor rapidamente, sentindo-se culpada. Edna está quase dentro do quarto quando Sera curva-se na direção da adormecida, como se para lhe acariciar a testa. Lança um último e furtivo olhar ao redor antes que sua mão mude de trajetória. A palma de sua mão aberta fecha-se, e o polegar e o indicador juntam-se como uma pinça.

No exato momento em que Edna entra no quarto, Sera toma a bochecha molenga, caída e sem vida de Banu entre os dedos e a belisca. Com força. O coração acelera em seu peito. Ela espera que a velha acorde com um grito, apesar de saber que o rosto paralisado de Banu não sentiu sua áspera reprimenda. Banu continua dormindo, perdida em seu próprio e fétido mundo de sonhos. Remorso e vergonha diante de seu comportamento juvenil passam aos poucos pelas veias de Sera como fumaça cinzenta. Ainda assim, ela sabe que voltará a encenar o mesmo ritual amanhã. É sua única maneira de conquistar uma pequena vitória para a menina idealista e esperançosa que está enterrada no interior desse túmulo em forma de casa.

Sua culpa faz com que Sera remexa a bolsa e retire uma nota de cem rupias.

— Isso aqui é para as suas crianças — diz ela a Edna. — Compre uns chocolates pra elas quando estiver voltando pra casa.

Shyam, o vizinho com o rosto bexiguento que mora do outro lado do esgoto aberto, detém Bhima quando ela está prestes a entrar em seu barraco.

— *Namaste, mausi* — diz ele. — Dia longo hoje?

Bhima balança a cabeça em concordância.

— Todos os dias são longos quando se está trabalhando — responde ela.

Então, lembrando que Shyam perdera o emprego dois meses antes, ela sorri pesarosamente para se certificar de que ele não leu nenhum indício de castigo em sua resposta. Mas seu vizinho não parece ofendido.

— *Hahji* — diz ele. — Você tem razão. Então, *mausi* Bhima, você vai participar da nossa reunião com o funcionário municipal amanhã à tarde?

— Que reunião? — questiona Bhima, mas, mesmo antes de concluir a pergunta, ela se lembra. Bibi lhe contara alguns dias atrás que os moradores da favela haviam conseguido marcar uma reunião com um dos chefões do município, que faria uma visita à favela. Entre as muitas exigências, pediam à prefeitura que instalasse mais algumas torneiras. — Ah, sim, agora estou me lembrando — diz ela a Shyam antes que o homem possa responder. — Alguém tinha mencionado algo a respeito. Mas o que fazer, Shyam? Eu tenho que estar no trabalho na casa da minha patroa. Se eu não trabalhar, não como.

Shyam estremece, e Bhima amaldiçoa-se por sua falta de sensibilidade.

— Sim, *mausi*. Eu sei do que está falando — diz ele, a voz cheia de ironia. — Pelo bem desse estômago vadio, faz-se tudo e mais alguma coisa. Mas o bem-estar desta favela também é uma causa de valor, não acha? Certamente a sua patroa vai poder lhe dar algumas horas de folga.

Bhima sente-se encurralada. Sua solidariedade anterior para com Shyam corrói-se em ressentimento. Está cansada, esgotada e ansiosa para entrar em seu pequeno barraco e trancar a porta para o mundo. A garganta coça na expectativa de uma xícara de chá com leite, doce e quente, que ela espera que Maya tenha lembrado de preparar. Ela não quer desperdiçar mais tempo com esse desempregado idiota.

— A minha patroa precisa de mim — diz ela de pronto. — Quanto à favela, é pra isso que temos vocês, homens: pra cuidar de nossas necessidades e pra

falar e debater com os chefões. Eu não passo de uma mulher pobre e analfabeta, boa apenas pra cortar cebolas e usar uma vassoura. E por falar em cebola, preciso preparar o jantar pra mim e pra minha neta. Portanto, com a sua permissão, estou indo.

Ela está com uma das mãos na porta quando o som do nome de Maya na boca de Shyam a detém.

— Ah, a propósito — diz ele, e mesmo à parca luminosidade do fim do dia ela consegue ver que a boca dele está contorcida numa crueldade efervescente. — Por falar em Maya... A minha Rehka deu uma passada na sua casa mais cedo. A gente estava sem açúcar, e a patroa pediu pra Rehka dar um pulinho lá e pegar um pouco emprestado. A gente tem reparado que a Maya não está indo pra faculdade ultimamente, então a patroa tinha certeza de que haveria alguém em casa.

Bhima sente os músculos do estômago se contraindo. Algo está a caminho, e ela tem certeza de que não é nada bom.

— O que isso tem a ver com Maya? — diz ela, sem amenizar a agudeza da voz.

— Calma, calma, *mausi*. — A voz de Shyam desliza como uma serpente através da escuridão crescente. — O que estou tentando dizer, *na*, é que a minha Rehka entrou na sua casa e encontrou a sua Maya vomitando num canto e segurando a barriga. E quando a minha Rehka tentou ajudá-la, a sua Maya voltou-se contra ela como se fosse uma víbora e a expulsou de lá. Agora, isso por acaso é maneira de tratar alguém que mora ao lado da sua casa num *basti*?

— Vou falar com a Maya — diz Bhima. — Ela teve uma gripe que durou vários dias, coitadinha.

— Gripe, é? — A voz está agora ainda mais macia. — Tipo esquisito de gripe esse para durar tanto tempo. Tem um povo no *basti* dizendo que ela já está vomitando assim há um ou dois meses. Mas, também, com todas essas moscas e ratos e essa água imunda nesta favela, qualquer coisa é possível, eu acho.

Bhima resiste à ânsia de dar umas unhas naquele rosto bexiguento. Em vez disso, diz numa voz calma e comedida:

— Mande a Rehka dar um pulinho aqui, Shyam. Vou dar um pouco de açúcar pra ela.

O semblante de Shyam ilumina-se de imediato. Sua transformação faz

Bhima se lembrar da cobra no templo Mahalati, que baixa a cabeça assim que o alto sacerdote coloca um vaso de prata com leite diante dela.

— *Mausi* Bhima, eu sabia que podia contar com você. — Ele dá um risinho. — Assim que eu conseguir um emprego, vou pagar todas as minhas dívidas. A menina vai estar lá daqui a alguns minutos.

Bhima espera Rehka sair com a meia xícara de açúcar para se dirigir a Maya. Seus olhos varrem o pequeno cômodo. Ela repara que a neta não preparou a sua tão esperada xícara de chá.

— O que você fez hoje? — pergunta ela, e a firmeza em sua voz é um aviso.

— Nada — responde a menina, com cautela.

— Nada — repete Bhima para o ar. — A princesa barriguda fica deitada de pernas pro ar o dia inteiro sem fazer nada.

O rosto de Maya está tão impassível quanto uma parede branca, mas seus olhos estão cheios de lágrimas. Bhima, contudo, não está satisfeita.

— Você ouviu o que aquele *badmaash* do Shyam estava dizendo pra mim a seu respeito? — ela sussurra.

— Me deixe em paz, *Ma* — diz ela. — Eu não estou me sentindo muito bem. — Sua voz está tão quebradiça quanto um vaso de cerâmica.

Bhima abre a boca para responder e em seguida a fecha. A menina parece realmente estar doente.

— Venha cá — diz ela, irritadiça. — Fique aqui deitada por alguns minutos enquanto faço o jantar.

Como se houvesse detectado uma mudança no tom de voz da avó, uma luz aparece nos olhos de Maya.

— Posso ajudá-la, *Ma-ma* — diz ela. — Você deve estar cansada.

Essa menina é como um cachorro ávido por agradar ao dono, pensa Bhima, maravilhada. Cautelosa quando leva um chute, mas assim que você para de chutar, seu rabo volta a balançar.

— Tudo bem, corte umas duas cebolas — diz ela. — E ponha o arroz no fogo. Vou preparar uns legumes pro jantar.

Agachando perto do fogão ao lado da neta, Bhima ouve o estômago de Maya roncar.

— Você comeu alguma coisa hoje? — pergunta ela rispidamente.

— Comi. Quer dizer, não. Enfim, eu tentei comer. — Maya está com um aspecto deplorável. — No almoço eu estava morrendo de vontade de comer ovo cozido. Mas não tinha ovo em casa, e eu... Eu não estava a fim de ir até a loja. Aí tentei comer um *chappati*. Mas fiquei enjoada depois.

Lembrando-se da omelete que Serabai fizera para ela mais cedo, Bhima sente o coração se contorcer de vergonha.

— Bobinha — ralha ela. — Você está ficando preguiçosa. Quer dizer então que não consegue andar até a esquina pra comprar um ovo?

Subitamente, sem explicação, Maya explode em lágrimas.

— Andar até a esquina? Às vezes eu gostaria muito de poder simplesmente sair desta sala e continuar andando até que os meus pés se transformassem em asas. Ir pra algum lugar onde ninguém me conhece, onde eu não vou ter cem olhos em cima de mim o tempo todo. Você não sabe o que é ficar aqui sentada o dia inteiro com a porta trancada, ouvindo os sons do mundo lá fora, portas batendo, crianças brincando, as mulheres no *basti* conversando, e imaginando se elas estão ou não fofocando a meu respeito. Eu me sinto como se fosse uma prisioneira, mas aí me pergunto: quem é o meu carcereiro? Sou a minha própria carcereira. Não sei o que é mais escuro, *Ma-ma*: esta sala sem eletricidade ou o véu de vergonha que pende sobre a minha cabeça.

Os soluços da neta atingem o peito de Bhima como punhos, mas, ainda assim, ela está contente. Que a menina chore. Que se arrependa do que fez. Ela põe um prato de comida diante da menina que chora, resolutamente desviando o olhar das lágrimas que caem no arroz de Maya.

— Coma — rosna ela. — Uma menina na sua condição precisa comer.

Depois do jantar, Bhima pega a lata de fumo e enfia um pedaço na boca. Mascando lentamente, olha para a neta.

— Escute — diz ela. — As pessoas estão falando. E você não vai poder esconder a sua vergonha nesta casa pra sempre. Logo, logo, nem o seu *salwar kameez* vai poder esconder mais a sua barriga. Muito tempo já se passou. É preciso que você vá o quanto antes a um médico.

Para sua grande surpresa, Maya não a confronta.

— Eu vou — diz ela. — Só tenho uma exigência: quero que Serabai vá ao hospital comigo em vez de você.

Bhima se surpreende ao perceber quanto essa rejeição lhe é dolorosa. Para

esconder seus sentimentos, ela diz, mal-humorada:

— Serabai tem um *hajaar* de coisas mais importantes a fazer do que levar uma desavergonhada a uma clínica de aborto. Eu ficaria constrangida demais de pedir isso a ela. De qualquer maneira, isso é um assunto da nossa família. Por que você quer envolver a coitada da Serabai? Por acaso ela já não lhe fez favores demais?

Maya parece cansada.

— Basta perguntar a ela. Sei que ela não vai dizer “não”. Eu lhe imploro, *Ma-ma*. — Então, vendo o olhar teimoso no rosto da avó, acrescenta: — Você sabe que eles vão cuidar melhor de mim se alguém como ela estiver comigo. Eu quero que tudo corra da melhor maneira possível.

Bhima fica ruborizada. Ela se lembra do dia em que Gopal ficara gravemente doente e abandonado no hospital público. Sera e Feroz Dubash entraram no local como se fossem estrelas de cinema e garantiram que ele tivesse o melhor tratamento possível. Maya está certa. Rica, confiante e de boa reputação, Serabai consegue abrir portas como se fosse um mágico. Bhima decide falar com ela na manhã seguinte.

Deitada em seu fino colchão naquela noite, Bhima recorda a conversa com Shyam. Ela conseguiu esquivar-se da serpente por enquanto, comprando seu silêncio com uma xícara de açúcar. Mas por quanto tempo? Shyam não é o mais arguto dos homens. Se ele notou o enjoo matinal de Maya, certamente isso chamou a atenção das mulheres com olhos de águia, dentes manchados de *paan* e línguas fofoqueiras que povoam a favela. Será que elas estão se mantendo em silêncio em respeito a ela, Bhima? Se for isso, quanto tempo durará o silêncio? Ou será que ela simplesmente é a última a saber? Será que boatos sobrevoam a favela como pipas pretas e ela é estúpida e ignorante demais para ficar ciente deles? Afinal de contas, ela não tem nenhum amigo de verdade nesse *basti*. Desde que se mudou do apartamento de dois cômodos no *chawl* onde ela e Gopal viveram e desceu a esse inferno, Bhima tem se portado de uma maneira que sugere que ela não pertence ao local. Esse é um dos motivos pelos quais não tem interesse em participar das reuniões estúpidas deles com este ou aquele funcionário do município. Mesmo com mais cinco torneiras, a favela continuará sendo uma favela. E ela acostumara-se com algo melhor do que isso. Sabe que seu jeito distante a torna um alvo para as recriminações dos vizinhos, mas não se

importa. Se não por seu próprio bem, então, pelo bem de Maya, ela precisa acreditar que a vida delas ali é temporária. Às vezes, ao saltar sobre um esgoto aberto ou afugentar as moscas enquanto se agacha para defecar, é difícil acreditar nisso. Mas Bhima apegou-se a essa crença, pelo menos até o dia em que chegou em casa e encontrou Maya rastejando no chão, com uma poça de vômito próxima a ela. Como o vômito não cessou, três dias mais tarde ela arrastou a neta à clínica do dr. Premchand, pensando tratar-se de um caso agudo de infecção estomacal ou de intoxicação alimentar. Em vez disso, descobrira que Maya estava grávida.

Pensar na favela faz com que Bhima lembre de seu apartamento no *chawl*, de seu reino perdido, e ela sente o velho e familiar anseio pelo que deixou para trás.

Gopal. É engraçado, mas ela tem pensado mais no marido desde a gravidez de Maya do que em todos os anos anteriores. Imaginara haver se acostumado com a solidão de sua vida, imaginara ter aceitado o ponto dormente em seu coração, como se um médico lhe tivesse aplicado éter. Talvez a dor da traição de Maya tenha posto sal na ferida de uma traição anterior. Talvez, neste exato momento, ela necessite de um homem para ajudá-la a navegar nessas águas turvas para as quais sua neta insensata as conduziu. Ou talvez o tempo não cure as feridas e ponto-final, talvez essa seja a maior mentira de todas e, ao contrário, o que acontece é que cada ferida penetra o corpo mais profundamente, e mais profundamente até que um dia você descobre que a simples geografia de seus ossos — o ângulo de sua cabeça, as saliências de seu quadril, a agudeza de seus ombros, bem como o brilho de seus olhos, a textura de sua pele, a abertura de sua boca — desabou sob o peso de suas tristezas.

Gopal. Se fechar os olhos por um momento, ela ainda consegue escutar o blem-blem do sininho de sua bicicleta no dia em que ele dera início à estranha e diligente corte que lhe fizera, quando ela tinha vinte anos e toda a vida estendia-se à sua frente como um jardim verdejante.

Bhima se encontrara com ele pela primeira vez no dia anterior, no casamento de Sujata, sua melhor amiga. Agora, estava esperando o ônibus número 5 para ir à casa de Dinu Shroff, a mulher para quem trabalhava. Encostou-se na grade do ponto de ônibus e cerrou os olhos cansados. Eles haviam chegado em casa tão tarde do casamento de Sujata que ela dormira não mais que cinco horas.

Cochilara por um minuto quando ouvira o clangor do sino da bicicleta.

— Acorde, acorde — disse uma voz que não lhe era familiar. — Senão os monstros do sono vão sentir vontade de sequestrá-la.

Bhima abriu os olhos e então imediatamente os fechou quando viu o rosto de Gopal diante dela. Era o primo de Sujata, aquele idiota atrevido que piscara para ela e a chamara para dançar ontem, como se ela fosse uma moça de família ruim. Oh, Bhagwan, que ele esteja longe daqui quando eu abrir meus olhos novamente, rezou ela.

Suas preces não foram atendidas. Quando abriu os olhos, ele ainda estava rindo, sentado em cima de sua bicicleta.

— *Namaste* — disse ele. — Eu tive de acordá-la. Um pouco mais desse sono, e a sua beleza cegaria até o sol.

Bhima rosnou:

— Por favor, não me venha com as suas piadas, *khata*. Não estou com humor para isso.

— Não está com humor pra piadas? Isso sim é uma situação triste, minha Bhima. Nesse caso, acho que é meu dever trazer seu humor de volta.

Como ele sabia o seu nome? Antes que ela pudesse perguntar, o homem na fila à sua frente virou-se e dirigiu-se a ela.

— Esse rufião a está incomodando?

Imediatamente, Gopal levantou a voz.

— *Ae*, cuide da sua vida, *yaar*. Que história é essa de ficar se metendo na conversa de um homem e sua noiva sem nenhum motivo? Isso aqui é um *mammala* particular de família, compreende?

O homem murchou sob o olhar severo de Gopal.

— Tudo bem, me desculpe. Eu só estava tentando...

— Tentando coisa nenhuma. — Gopal aproveitou sua posição vantajosa.

— Esse é o problema com a nossa Bombaim, gente demais interferindo nos assuntos particulares das pessoas.

E, quando o homem se virou para o outro lado, ele piscou para Bhima.

Ela desviou o olhar e viu um ônibus best vermelho de um andar aproximando-se. Era o número 5. Ela ficaria livre daquela peste em menos de um minuto.

Era tão cedo que o ônibus tinha a lotação pela metade. Bhima sabia que no

decorrer de uma hora o ônibus ficaria tão cheio que as pessoas transbordariam pelas portas abertas e seria difícil até encontrar um local onde pisar ao entrar no veículo. Mas dessa vez ela podia escolher seu lugar e dirigiu-se ao assento da janela, na frente. Desatou o nó da ponta de seu sári para retirar as moedas com as quais pagaria a passagem.

No segundo seguinte, quase deu um pulo de pavor quando uma mão segurou a barra de metal na sua janela. Por um momento pensou se tratar de alguém do lado de fora tentando roubar-lhe o dinheiro da passagem. Mas era Gopal, em sua bicicleta, pedalando furiosamente para acompanhar a velocidade do ônibus, uma das mãos na barra de metal, a outra agarrando o guidom.

— Seu idiota — sussurrou ela. — Quer se matar?

Em resposta, ele cantou para ela:

— *Mere saponno ke rani kab aaeyegi tu?* Rainha dos meus sonhos, quando você chegará?

Ele tinha uma voz forte e profunda, e quanto mais pedalava junto do ônibus, mais alta ela ficava.

Num esforço para dissuadi-lo de sua louca pedalada, Bhima afastou-se da janela e foi para o corredor. Mas, no ponto seguinte, mais pessoas entraram, e ela foi forçada a retornar ao assento da janela. Com o canto do olho notou como Gopal surfava com destreza pelo ensandecido trânsito de Bombaim, em momento algum soltando a barra de metal. Se ele estava preocupado com a possibilidade de o ônibus parar bruscamente e o lançar de sua bicicleta, não o demonstrava, sobretudo pela maneira como segurava a barra de metal com toda a confiança e tranquilidade.

Gopal ainda estava cantando a mesma canção, e por fim um homem sentado atrás de Bhima disse:

— *Arre, yaar*, você não conhece outras canções? Se vai fazer uma serenata para a moça, é melhor ter mais de uma música em seu repertório.

Gopal agradeceu e engatou outra canção, cheia de duplos sentidos e indiretas. Agora diversos passageiros participavam da diversão, lançando-lhe pedidos. Bhima cerrou os dentes. Esse Gopal estava passando dos limites. Seus dedos coçavam pela vassoura que ela usava na casa de Dinubai. Ela arrancaria com um golpe aquele risinho estúpido da cara dele se tivesse consigo aquela *jharoo*.

A irritação e o constrangimento que sentia quase a fizeram perder o ponto onde saltaria.

— Espere, espere! — berrou ela. — Eu desço aqui.

Assim que desceu, Bhima esperou que o ônibus saísse para poder confrontá-lo e lhe dizer que aquelas tolices tinham de parar. Mas, para seu dissabor, ela o viu pedalar para longe, junto do ônibus. Como se soubesse que ela estava observando, Gopal ergueu a mão direita num aceno. Covarde, pensou ela. Sabia que eu ia lhe dar algum *vim-zim*, então foi embora.

No dia seguinte, ele estava de volta. Mas dessa vez esperou montado na bicicleta do outro lado da rua, distante demais para que ela lhe desse um pouco que fosse de sua atenção. Bhima se esforçou ao máximo para impedir que seus olhos o procurassem, mas, sempre que seus olhares se cruzavam, ele apertava dramaticamente o coração. Idiota, pensou ela. Gostaria muito que da próxima vez que apertasse o peito desse jeito ele tivesse um ataque cardíaco e caísse da bicicleta. No minuto seguinte, enrijeceu de remorso diante da maldade de seus pensamentos.

Bhima agradeceu quando o ônibus chegou. Escolheu seu assento costureiro, e cinco segundos depois havia uma mão familiar agarrando a barra de metal. Dessa vez ela não saltou do assento em estado de choque, mas sentiu um tênue tremor de surpresa e irritação diante da audácia dele. Ela acreditara realmente que ele a deixaria em paz naquele dia. Rainha dos meus sonhos, quando você chegará? A canção familiar recomeçou. E, mais uma vez, as manobras habilidosas em meio ao tráfego. Os outros passageiros, muitos dos quais pegavam o mesmo ônibus diariamente, gracejavam:

— *Arre, bhenji* — falou seu quase salvador do dia anterior do outro lado do corredor. — Por que você não diz “sim” pro seu homem e o tira logo dessa situação lastimável? Ele está arriscando a vida dele, e por sua causa.

Bhima lançou um olhar funesto para o homem, que voltou a ler seu jornal, murmurando consigo qualquer coisa a respeito dos modos ardilosos do sexo frágil.

No decorrer das três semanas seguintes, Gopal seguiu a mesma rotina. Alguns dias ele a esperava do outro lado da rua e cruzava as quatro faixas de tráfego pedalando furiosamente para pegar o ônibus dela assim que chegasse. Outras vezes, ele a cumprimentava com o blem-blem da bicicleta e pedalava em

círculos ao redor do ponto de ônibus até que ela se sentisse tonta. A única diferença entre o primeiro dia dessa estranha corte e os dias que se seguiram era o fato de que ele não mais falava com ela. No entanto, o risinho insolente, os truques endiabrados na bicicleta enquanto eles esperavam o ônibus chegar e as jubilosas serenatas permaneceram imutáveis. Bem como o fato de que ele seguia com o ônibus depois que este deixava Bhima algumas ruas de distância da casa de sua patroa. A jovem ansiava por conversar com ele, ansiava por pedir alguma explicação acerca de seu comportamento bizarro, mas a presença dos outros passageiros a silenciava.

Um dia, durante aquelas três semanas, Bhima chegou ao ponto de ônibus e percebeu imediatamente que Gopal não estava lá. Sua mente lhe dizia para suspirar aliviada, muito embora seu corpo experimentasse uma ponta de decepção e uma sensação de abatimento. Aparentemente, seus companheiros de viagem haviam sentido a mesma coisa.

— O rapazinho não apareceu hoje — disse um cavalheiro idoso usando uma *kurta* e um *dhoti*. — Será que está tudo bem com ele?

Uma sensação de letargia tomou conta de Bhima ao entrar no ônibus. As sete paradas até a casa de Dinubai vão demorar uma eternidade sem a distração fornecida por Gopal, pensou ela, surpreendendo a si mesma. Ela olhou para a vazia e solitária barra de metal, sentindo algo que beirava a melancolia, sentindo falta da mão morena de pelos ásperos e escuros que normalmente segurava a barra. Assim que o ônibus avançou, olhou de relance para trás e viu Gopal pedalando furiosamente para alcançar o veículo. No minuto seguinte a mão estava pousada triunfantemente na barra.

— Oi, minha rainha — disse a voz familiar. — Quase a perdi hoje por ter dormido demais.

— Olhem, é o nosso jovem herói! — gritou o cavalheiro idoso, e houve uma salva de palmas da parte dos passageiros habituais. — De um jeito ou de outro, ele conseguiu.

Os aplausos irritaram Bhima. Idiotas, pensou ela. Incentivando-o a agir como um tolo. Mas ela não conseguia livrar-se da leve sensação de prazer que se instalou em seus ossos diante da visão de Gopal pedalando ao lado dela.

Então, no fim das três semanas, Gopal desapareceu. A cada manhã Bhima o procurava assim que chegava ao ponto de ônibus, ao mesmo tempo deplorando e

ansiando pelo tilintar da sino da bicicleta dele, o olhar atrevido em seu rosto enquanto olhava para ela e cantava um inesgotável repertório de canções. A cada dia ela entrava no ônibus e — por mais que odiasse a si por fazê-lo — olhava para trás a fim de ver se conseguia avistar a bicicleta familiar. Às vezes, quando via um rapaz na rua que se parecia com Gopal, o coração de Bhima dava saltos de alegria, e, na inevitável batida, quando voltava ao ritmo normal, ela se repreendia por sua estupidez. Alguns dias, quando tinha certeza de que ninguém estava olhando, segurava ligeiramente a barra de metal com seus dedos compridos, fingindo ainda poder sentir o calor da mão de Gopal.

Mas Gopal sumira. Ela o afugentara com sua postura pétrea, transformara o interesse dele em indiferença. Bhima o imaginava numa parte diferente da cidade, paquerando uma garota diferente com uma canção diferente. O pensamento fez com que cortasse as cebolas com tanto vigor que Dinubai olhou para ela com curiosidade e lhe perguntou se estava se sentindo bem. Bhima ergueu a cabeça para encarar a patroa com os olhos cheios de lágrimas.

— Está tudo bem, *bai* — disse ela. — Essas cebolas são *garma-garam*, é só isso. Enchem os meus olhos de água.

Mas Bhima não precisava ter se preocupado. Sujata e seu novo marido, Sushil, apareceram com uma proposta de casamento. Embora Gopal fosse primo de Sujata, foi Sushil quem mais falou.

— Gopal não tem nenhuma família imediata em Bombaim que possa falar por ele — explicou Sushil a Prithviraj, o pai de Bhima. — A mãe dele mora no campo, e o pai, que Deus o tenha, está morto. Portanto, trago essa proposta em nome do irmão mais velho de Gopal. Mas nós podemos testemunhar a favor de seu caráter, bem como de sua capacidade para trabalhar com afinco. Ele tem um emprego bom e estável numa fábrica, ganha um bom dinheiro. Nada faltará à sua Bhima, *ji*. Ah, e outra coisa: Gopal me disse para mencionar especificamente que não espera nem deseja nenhum dote.

Prithviraj tentou não deixar transparecer seu deleite.

— Vou consultar a minha família e darei a resposta em alguns dias — disse ele. — Mas vou dizer o seguinte: o simples fato de receber uma proposta de uma família tão boa quanto essa já me deixa satisfeito. Afinal de contas, Sujata cresceu diante de meus olhos. Rezo pra que a minha Bhima encontre um marido tão digno quanto você, Sushil.

Eles se casaram um mês depois, numa cerimônia simples que contrastava gritantemente com o brilho que cercara o casamento de Sujata alguns meses antes. Durante a cerimônia de casamento, Gopal parecia estar tão subjugado e aterrorizado quanto Bhima. Não havia nenhum traço do jovem convencido que a perseguira com tamanha intensidade. Mas, assim que ficou sozinho pela primeira vez com o marido, assim que ele tirou o *pallov* do sári do rosto de Bhima ao se sentarem em seu leito de núpcias, o velho e irreprimível Gopal voltou à cena. Olhando-a bem nos olhos, com um sorriso torto na face, ele começou a assobiar desafinadamente a canção com a qual empreendera a primeira serenata para ela. Rainha dos meus sonhos, quando chegará? Incentivado pelo riso dela, o assobio ficou mais alto, até dar lugar a um leve cantarolar. Bhima riu ainda mais quando ele encostou o nariz em seu queixo e fez cócegas em sua barriga.

— Pare com isso — sussurrou ela, impotente. — Seu louco.

Com um pulo, Gopal avançou e ficou de pé em cima da cama. Pôs as duas mãos na cabeça como se fosse um triunfante lutador de boxe.

— Sim, sou um louco, o chefe louco desta casa — declarou ele, modulando a voz de modo que os parentes que estavam inevitavelmente escutando atrás da porta do quarto não conseguissem ouvi-lo. — E você é uma louca por ter se casado com esse louco. Mas oh, minha Bhima, vamos nos divertir muito pelo resto de nossa vida. Espere só pra ver, mulher. Vou te tratar como a rainha que você é.

Ao pensar em sua noite de núpcias, na promessa não cumprida de Gopal, Bhima agita-se, inquieta. Ela sabe que precisa tentar dormir, mas sua mente está febril, percorrendo os lotados corredores do passado. Ao lado dela, Maya ronca suavemente e, de vez em quando, murmura qualquer coisa em seu sono. Instintivamente, Bhima responde com essa nova emoção com a qual se familiarizou desde que descobriu a gravidez de Maya — uma combinação de insuportável proteção com forte irritabilidade. Ouvir a neta roncar e murmurar faz Bhima querer sufocá-la com um travesseiro, assim como tomá-la em seus braços e embalá-la a noite inteira. Ela quer preservar a inocência que permite a Maya dormir seu sono de criança; quer destruir essa inocência da mesma forma que o bebê que está crescendo no útero de Maya destruiu sua paz de espírito. Às vezes se assusta ao perceber como ambos os sentimentos parecem residir sem esforço algum dentro de seu coração, como ela passou a amar e a odiar Maya,

como um único fio de amor está agora entrelaçado a outro fio de medo. Como passou a ver sua própria carne e seu próprio sangue como uma traidora.

Você já deveria estar acostumada a traições, sua velha, diz a si mesma. Você, mais do que qualquer outra pessoa. Por que esse fiapo de menina lhe deve mais que seu marido? Olhe o que ele lhe fez. Roubou sua vida, não roubou? E você o perdoou, não o perdoou? Não, perdão não houve, mas você se resignou, não é verdade? Então por que não fazer o mesmo com essa pobre menina idiota?

Estreitando os olhos para ver a silhueta de Maya no escuro, Bhima responde à sua própria pergunta. A situação com Gopal pertence ao passado, e, como um sári de núpcias usado, ela pode dobrá-la e guardá-la num canto escuro. Mas Maya é o presente (também ela uma vez fora o futuro, porém não há motivos para pensar nisso agora). Um pontinho vermelho e quente, pulsante, está crescendo no útero dela, latejando de vida e energia. Não santificada por um sacerdote, concebida sob o véu da vergonha, indesejada pelo mundo, aquela coisa crescendo no corpo de Maya tem poder para as destruir. Contudo, antes que ela possa fazê-lo, antes que possa choramingar seus ressentimentos para o mundo, antes que possa agitar seu pequeno punho para elas, as duas precisam destruí-la.

Um corvo solitário grasna, e Bhima grunhe. São três da manhã, imagina ela. Daqui a pouco será hora de levantar, e ela nem sequer conseguiu dormir uma hora inteira. Logo amanhecerá.

É sábado de manhã, e Bhima está novamente atrasada. Apesar de sua gravidez, Dinaz acordou cedo para ajudar Sera a preparar o café da manhã. Sabendo quanto a mãe odeia picar cebolas e coentro e como esses ingredientes são necessários para o preparo do *akuri*, o prato predileto do desjejum de Viraz — ovos mexidos com chili em pó, cebolas, alho e outros condimentos —, ela assumiu a desagradável tarefa. Sera olha de relance para a filha e, como sempre, admira-se de ver como Dinaz se tornou uma pessoa maravilhosa. Mesmo que nenhum outro motivo existisse, Sera não se lamenta de ter casado com Feroz, pelo que esse casamento produziu. É engraçado, pensa ela, Feroz e eu tínhamos muitos defeitos. No entanto, olhe só para o que fizemos juntos — uma das pessoas mais simpáticas que conheço, e eu teria essa impressão mesmo que ela não fosse a minha única filha. Isso faz com que você pense na evolução ou em Deus ou em milagres ou em qualquer coisa assim. Na obstinação do espírito humano, talvez.

Sera olha para o relógio. Ela teme que esses constantes atrasos de Bhima estejam se tornando um hábito. Eu não posso permitir isso, diz a si mesma. Sei que está sobrecarregada com Maya, mas, afinal de contas, ela também tem obrigações aqui. Sem ser convidada, a voz de Feroz ressoa em sua cabeça: “Tratar aquela mulher como se fosse um membro da família? Serviçais têm de ser mantidos em seu lugar, eu lhe digo. Um dia desses vou chegar em casa e encontrar você servindo a Bhima”.

Como se houvesse lido os pensamentos da mãe, Dinaz levanta a mão para bloquear a visão que Sera tem do relógio.

— Meu Deus, mamãe, pare de olhar pra esse relógio! Hoje é sábado; mesmo que Bhima se atrase um dia, e daí? Ela é um ser humano também, você sabe disso.

Sera sempre se diverte quando Dinaz, no que diz respeito a Bhima, desempenha por instinto o papel que ela própria, Sera, desempenhava com Feroz. E como agora ela assume paradoxalmente o papel dele.

— Um dia, tudo bem — diz ela agora. — Mas já está ficando demais. Afinal de contas, não faz sentido ter uma serviçal se eu acabo sendo obrigada a

realizar todo o trabalho.

Se Sera espera solidariedade, as palavras de Dinaz enterram rapidamente essa ilusão. Ela dá um tapinha nas costas da mãe.

— Um pouco de trabalho doméstico nunca matou ninguém — diz ela. — É bom pra sua artrite, mantém as juntas flexíveis. De qualquer modo, Bhima é mais velha e precisa de descanso mais do que você.

Contra a vontade, Sera sorri. Às vezes ela esquece que, antes de a filha mudar para o curso de administração por insistência do pai, estava estudando para ser assistente social. Independentemente de quão bem-sucedida Dinaz seja em sua nova profissão, o velho sentido de retidão, a sede por justiça estão ainda presentes. Quanto a Bhima, ela é o ponto fraco de Dinaz. Desde o tempo em que era uma menininha, Dinaz jamais conseguira tolerar uma palavra indelicada que fosse para com Bhima. “Essa mulher está fazendo uma lavagem cerebral em nossa filha debaixo dos seus próprios olhos”, repreendera Feroz uma vez, dirigindo-se a Sera. “E você, você é complacente e estúpida demais pra ao menos notar. Dinaz fala com Bhima com maior simpatia do que com o próprio pai.” E Sera mordida a língua e não afirmava o óbvio: que a filha via mais Bhima do que Feroz e era tratada com maior delicadeza pela serviçal do que pelo próprio pai.

Viraf entra na cozinha, ainda de pijama. Sem que ninguém lhe tenha pedido, retira três pratos e os coloca sobre a mesa.

— Bhima, Bhima, Bhima, essa é a única palavra que escuto ultimamente — resmunga ele. — Juro, o nome de nenhuma outra pessoa aparece tanto nesta casa como o dela.

— E o que há de errado nisso? — pergunta Dinaz imediatamente. — Afinal de contas, a coitada está cheia de problemas.

— Ai, eu não sabia que iria comer a minha própria cabeça no café da manhã hoje — diz Viraf. — Não, não há nada de errado em falar das desgraças de Bhima, minha querida. O que me perturba é que, depois de todas essas intermináveis discussões, nada foi feito.

— E o que você nos propõe fazer, sr. Administrador? — pergunta Dinaz, o sorriso em seu rosto suavizando suas palavras.

Viraf não retribui o sorriso.

— O que precisa ser feito é óbvio — diz ele. — Maya precisa fazer um

aborto, e quanto antes isso for feito melhor pra ela. Para falar a verdade, o que me deixa surpreso é nós termos esperado esse tempo todo.

Embora saiba que o genro tem boas intenções, que realmente está preocupado com os problemas de Bhima, algo dentro de Sera se encrespa com o uso patronal que ele faz do *nós* e com a maneira banal com que menciona o aborto. Típico de homem, pensa ela. Como se se livrar de uma criança fosse tão fácil quanto defecar. Ela fica ruborizada com a crueza de seus próprios pensamentos.

Viraf fala no vácuo que suas palavras criaram.

— Bem, dá pra perceber pelo silêncio que eu assumi uma posição de fato popular — diz ele sarcasticamente. — Mas tenho a impressão de que o tempo pra delicadezas e embromações está encerrado, senhoras. Escutem, temos de ser práticos em relação a isso. Maya foi lá e engravidou. E se a gente ficar aqui sentado sem fazer nada, estaremos apenas prolongando a agonia dela. A mim me parece que o aborto é a única coisa prática a fazer.

— Você está certo — diz Dinaz enquanto retira o *akuri* da frigideira e o coloca nos pratos. — Sei que você está certo, querido. — Ela se interrompe. — Mamãe, deixo um pouco pra Bhima?

— Ela faz jejum aos sábados — lembra Sera. Ao perceber o olhar interrogativo de Viraf, acrescenta: — Dia de um ou outro santo.

— Por falar em Bhima — diz Viraf —, é melhor ela aparecer logo se quiser uma carona até o mercado. Não vou me atrasar pro meu jogo de críquete por causa dela.

Dinaz e Sera sorriem. Viraf é louco por críquete, elas sabem. Todo sábado ele veste seu uniforme branco e dirige até um *maidan* para disputar uma partida com os velhos amigos. Ele joga com esse time desde o primeiro ano da faculdade.

— É melhor você avisar logo seus parceiros de time — diz agora Dinaz. — Depois que o bebê nascer, suas partidas de críquete acabarão.

Viraf parece estar tão consternado que as duas mulheres caem na gargalhada.

— Meu Deus, olhe só a cara dele — diz Dinaz. — Alguém diria que eu acabei de dizer que ele nunca mais vai comer ou beber nada.

— O críquete é o alimento da vida — diz Viraf dramaticamente. — Não é

um jogo, é um estilo de vida. O esporte mais gracioso e elegante que existe. E, de um jeito ou de outro, quem sabe? Se for um menino, vou poder levá-lo comigo assim que ele estiver andando.

— Ótimo, assim a gente vai ter que conviver com mais uma geração de desportistas fanáticos. Não, *baba*, muito obrigada. Meu filho vai ser um leitor e um pensador.

— É melhor tomar cuidado com as coisas que diz, mulher. Não vou deixar você transformar o meu menino num maricas — diz Viraf de brincadeira. — Vou lhe dizer uma coisa: se a tecnologia permitisse, eu mandaria os médicos implantarem um *chip* na sua barriga pra que o meu filho nascesse com uma bola de críquete na mão.

Dinaz vira-se para a mãe.

— Está vendo como o seu genro querido é maravilhoso? Fala em implantar *chips* na minha barriga como se eu fosse uma droga de vaca ou qualquer coisa assim.

Sera levanta-se da mesa com um sorriso.

— Crianças, crianças! — diz ela. — Quanta bobagem vocês falam.

— Espere, não se levante ainda — diz Dinaz. — Precisamos decidir esse *mammala* da Bhima hoje. — Ela se dirige para Viraf. — Querido, você pode ligar pro Rusi quando voltar do seu jogo de críquete? Sei que ele não é um ginecologista, mas pode ter alguém pra recomendar, certo?

— Bhima pode levá-la pro hospital público — diz Sera automaticamente.

— Qual é, mamãe? Você sabe como esses médicos de hospital gratuito são açougueiros. E, quando virem uma menina solteira e grávida... — Dinaz estremece.

Viraf faz uma careta.

— Tudo bem, tudo bem, vou telefonar pro Rusi e arranjar uma recomendação. Agora, podemos parar de falar desse assunto sórdido, por favor? Essa conversa está me tirando o apetite.

As duas trocaram olhares rápidos.

— Viraf tem razão — diz Sera. — A mesa do café da manhã não é o local pra uma conversa dessa natureza. — Ela sorri para o genro, apaziguadoramente.

Viraf retribui o sorriso.

— Além do mais, é deprimente demais ficar falando de aborto e dessas

coisas com Dinaz... Quando a gente está... Esperando um filho. Querem saber? É como se toda vez que eu quisesse me sentir feliz pela nossa boa sorte, fosse forçado a pensar nos infortúnios de Maya.

Dinaz imediatamente deposita seu garfo e curva-se para beijar o marido na bochecha.

— Me desculpa, *janu* — diz ela. — Eu também sinto a mesma coisa. Me desculpa por ser tão insensível.

Viraf vira-se para Dinaz, que está sentada ao lado dele, e encosta o dedo indicador direito no dedo indicador esquerdo dela. Eles ficam de mãos dadas pelo restante do café da manhã, e, ao vê-los, Sera sente uma felicidade tão pungente e estrita que é como uma dor em seu peito. É uma dor que vale a pena, pensa ela. Toda a tristeza com Feroz valeu a pena porque me trouxe esse momento. Minha filha tem o casamento que eu nunca tive. E eu a trouxe até esse ponto. Eu fiz isso. Eu. Essa velha estúpida, ferrada e cheia de defeitos.

Durante toda a sua vida, Sera ouviu um milhão de histórias acerca de como uma nora atormentada transformava-se numa sogra rabugenta quando chegava a sua vez. Como se fosse alguma espécie de rito de passagem, pensa ela. Mas, mesmo agora, as cicatrizes de seu tempo na casa de Banu Dubash ainda estão muito frescas para que ela possa desempenhar esse papel na vida de suas crianças. Desde que Viraf e Dinaz se mudaram para sua casa depois da morte de Feroz, Sera tem se esforçado ao máximo para lhes dar toda a privacidade de que necessitam. Como é mesmo aquela estranha palavra que os americanos usam? Espaço. Ela deu a eles espaço. E tem ficado de boca fechada. Às vezes não é fácil, principalmente quando Viraf e Dinaz estão em uma de suas brigas. Então a ânsia de interferir, de dizer uma palavra reconciliatória, costuma ser grande. De alguma maneira, ela acha fácil perdoar Viraf, fazer vista grossa para as excentricidades dele. Mas o desejo de chamar Dinaz num canto, de lhe sussurrar no ouvido que está errada, de lhe lembrar que uma esposa obediente domina o marido, de instá-la a retornar ao quarto e fazer as pazes com Viraf é tão forte em determinadas ocasiões que ela praticamente precisa se sentar sobre as mãos e grampear a boca, forçando-se a se manter fora dos assuntos deles. Essa fora sua promessa a Dinaz quando as crianças se ofereceram para morar com ela.

— Eu garanto que vocês não serão perturbados por uma sogra intrometida.

— Ah, mamãe, nós não estamos preocupados com isso — respondera

Dinaz.

Ela sacudira a cabeça impacientemente.

— Sei do que eu estou falando, *deekra* — dissera ela. — Vocês dois não estão casados há tanto tempo assim. Seu casamento ainda está se desenvolvendo. Sei que tudo parece fácil e possível agora, mas morar com outra pessoa, principalmente de outra geração, é difícil. Acreditem em mim. Sei do que estou falando.

A primeira briga com Banu ocorrera menos de duas semanas após Sera e Feroz terem voltado da lua de mel.

— Feroz, *deekra*, dá pra você vir aqui um minutinho? — chamara Banu de seu quarto quando Feroz entrou em casa naquela noite vindo do trabalho.

Ele fez uma careta para Sera, que fora até a porta da frente para recebê-lo, apertou-lhe o braço e foi ver a mãe.

Quando entrou no quarto do casal meia hora mais tarde, ele parecia estar constrangido.

— É, hã, mamãe queria que eu falasse com você sobre uma coisa importante — disse ele.

— É a minha comida? — disse ela imediatamente. — Faltou sal na galinha? Meu pai sempre reclama que eu...

— Não, não, não é nada disso. Veja bem, mamãe reparou que você está no seu período.

— Período? — disse ela, confusa.

Ele suspirou.

— Sua menstruação. Seu ciclo. Que você está no seu ciclo menstrual. E, hã, na nossa casa, as mulheres que estão menstruadas se sentam separadamente. Elas não tocam na comida na cozinha, usam utensílios separados e tudo o mais.

Ela olhou fixamente para ele, incrédula.

— Feroz, isso é uma piada, certo?

Ele deu a impressão de estar perturbado.

— Sei que isso parece antiquado pra você, uma moça moderna. — O tom de voz era estranho, e Sera não pôde deixar de perceber que ele estava repetindo as palavras da mãe. — Mas as regras são essas aqui nesta casa. As regras da minha mãe. E, como estamos morando aqui com ela, devemos seguir as regras dela. — Ele olhou para a esposa como quem implora. — Então, pra garantir a

paz de espírito de todos, Sera, faça como ela está pedindo. Afinal de contas, é pro seu próprio bem. Quando uma mulher está sangrando, fica fraca. Então essa tradição nada mais é que uma maneira de fazer com que você mantenha sua energia.

Esse é o meu marido moderno, recém-chegado do exterior, impressionou-se ela pensando consigo. Grande executivo na Tata. Subitamente ela lembrou-se do que uma colega costumava dizer: “Um parse vira um camundongo na frente da mãe”.

— Feroz, por favor, isso é ridículo — disse ela. — Enfim, eu pensava que apenas essas mulheres pobres e antiquadas em Udwada se sentavam separadamente durante seu período. Isso aqui é Bombaim, *janu*. E, afinal de contas, as pessoas precisam, sim, mudar com o tempo.

Ele suspirou de novo, mais pesarosamente dessa vez.

— Escute, Sera, estou muito cansado hoje. Tive um dia longo e puxado no trabalho. Querida, faça o que a mamãe está pedindo em relação a isso, certo? Ela é uma senhora idosa, presa aos hábitos dela, você sabe disso. E realmente não faz o menor sentido irritá-la por isso. Quero muito que todos possamos conviver como se fôssemos uma família grande e feliz. Por favor, diga “sim”.

Foi a visão de uma grande e feliz família que fez com que ela engolisse sua relutância e dissesse “sim”.

— E isso envolve exatamente o quê? — acrescentou ela em tom de desconfiança.

— Oh, Deus, não sei — disse ele, dando-lhe um rápido abraço. — Mas, pra ser sincero, provavelmente não deve ser nada além de você fazer as suas refeições no quarto e algumas outras coisas. Obrigado, Sera, por não me humilhar na frente da minha família.

Era uma sensação estranha receber o jantar em seu quarto, mas Sera forçou-se a engolir a ofensa, que cresceu dentro dela quando as vozes dos outros três vieram da sala de jantar. Ela ligou o rádio para abafar aquelas vozes, jantando sem entusiasmo. Feroz logo entrou no quarto e sussurrou quanto estava sentido e quanto sentira a sua falta à mesa. Naquela noite, ele ficou abraçado a ela até amanhecer. Sera ficou maravilhada com a fácil familiaridade que seus corpos já demonstravam ter um com o outro. E ter a possibilidade de conhecer o corpo de Feroz lhe permitira conhecer melhor o próprio corpo — seus desejos e

necessidades, seus músculos se contraindo e seus nervos elétricos, seus lugares ocos e seus pontos doces.

— Não vá trabalhar hoje — sussurrou ela para o marido de manhã. — Vamos passar o dia juntos, sozinhos.

Ele riu e afastou-se com relutância de seu abraço.

— Meu Deus, eu gostaria muito de poder fazer isso. Mas você sabe que já tirei uma folga durante a lua de mel. E, além do mais, tenho uma apresentação importante esta tarde.

Sera postou-se na sacada para se despedir dele, ciente do fato de que Banu estava o máximo possível distante dela, acenando também para Feroz. Com seus sentimentos ainda feridos por causa da conversa da noite anterior, permaneceu um tempo na sacada, mesmo depois de Feroz haver partido em seu carro e Banu ter entrado novamente em casa. Ela ouviu o grito agudo do vendedor de banana puxando seu carrinho de madeira; reparou nos dois adolescentes no terraço do edifício do outro lado da rua soltando pipas. Enquanto estava lá parada, debatia consigo a possibilidade de conversar com Banu sobre o diálogo que tivera com Feroz, perguntando-se se faria algum bem tentar fazer a sogra mudar de ideia. Muitas senhoras idosas parses tinham essa superstição, Sera sabia bem disso, mas até o presente momento nenhuma dessas mulheres interferira em sua vida. Ela era filha de um cientista e sentia-se humilhada em ser obrigada a ceder a ideias tão primitivas. Não foi assim que fui criada, mamãe Banu, era o que queria dizer. E, se isso fosse uma condição, você deveria ter mencionado antes de eu vir para esta casa.

O sol batia em seu rosto, fazendo-a suar. Da sacada, ela podia ouvir a música de Freddy Dubash no toca-discos, podia ouvir Polly grasnando para as notas mais agudas. Um grunhido alto de seu estômago lembrou-lhe que estava com fome. Será que deveria pedir o café da manhã, ou deveria retornar ao quarto e esperar a comida chegar, como ocorre com os criminosos em uma prisão?, pensou ela, e a humilhação que sentiu a fez suar ainda mais. Decidiu retornar ao quarto.

Banu estava no sofá da sala de estar, com um *mathubanu* branco cobrindo-lhe a cabeça e um livro de orações na mão.

— *Kem na mazda* — rezava ela quando Sera passou, atravessando a sala de estar.

No segundo seguinte ouviu-se um grito ensurdecedor.

— Fora, fora! — berrou Banu. — *Acchut*. Menina impura, maculou a sala inteira enquanto eu estava rezando. Todas as minhas preces foram arruinadas pela sua presença impura. Por acaso os seus pais não lhe ensinaram coisa alguma, sua menina suja?

Sera olhou fixamente para Banu, estupefata, e levou um minuto para se dar conta de que a sogra estava falando com ela daquela maneira histérica. A mulher agitada à sua frente era totalmente diferente da mulher tímida e solícita que a incentivara a se casar com seu filho, que lhe dera as boas-vindas naquela casa poucas semanas antes.

— Eu... Eu... — gaguejou ela.

Freddy Dubash veio correndo da sala de jantar.

— O que aconteceu? Alguém caiu?

— Ah, Freddy, graças a Deus você apareceu — disse Banu em tom dramático. — Me ajude, querido, me ajude.

Freddy parecia estar atormentado.

— Banu, o que é? Diga, por favor. É o seu coração?

— Não, não, não é nada disso. Só que toda a casa vai ter de ser purificada agora. Sera passou pela sala enquanto eu estava rezando, e ela está em seu ciclo mensal, entende? E mesmo assim, sem a menor consideração, ela interferiu nas minhas preces.

Sera enrubesceu. Antes que pudesse falar, Freddy ergueu a voz.

— Você e esses seus *vhems* e *dhakharas* supersticiosos. Você é uma louca, isso sim. Perseguir essa criança desse jeito, assustá-la sem o menor motivo. — Ele ficou ainda mais zangado. — E o pior de tudo é que você ainda arruinou a música que eu estava ouvindo. Um novo disco de Mozart que acabei de comprar, e agora esse seu *faras* histérico fez com que eu perdesse a melhor parte. — Lançou um olhar solidário na direção de Sera e então saiu às pressas da sala.

Banu estreitou os olhos e lançou na direção de Sera um olhar que quase fez seu coração parar.

— Está vendo o que você fez? Deixou Freddy todo irritado — disse ela, tomando cuidado para baixar a voz a fim de não ser ouvida no outro cômodo. — Foi para isso que você entrou na minha casa, para criar atrito entre mim e o meu marido?

Sera sentiu-se tonta, como se tivesse bebido quatro cervejas uma após a outra. Deu um passo na direção de Banu e fez menção de lhe tocar a mão.

— Mamãe Banu, não sei o que aconteceu...

— Ela me tocou! — gritou Banu. — De propósito, de propósito, ela me tocou com essas mãos impuras. Oh, meu Deus, que espécie de *daakan* é esse que entrou na minha casa para me causar tanto dissabor na minha velhice?

Dessa vez, Gulab, a serviçal dos Dubash, entrou na sala de estar. Ela deu uma olhada na situação e empurrou Sera na direção do quarto.

— Querida, fique no seu quarto um pouquinho — disse ela com autoridade. — Vai, eu vou acalmar a mamãe.

Em seu quarto, Sera desabou na cama. Se Banu a tivesse atacado fisicamente, não poderia tê-la ferido mais. Alguma parte dela não parava de pensar que aquela cena toda havia sido uma brincadeira, uma cerimônia de iniciação à família cruel, porém inofensiva, bolada por Feroz. Que a qualquer minuto Freddy e Banu entrariam em seu quarto com largos sorrisos envergonhados no rosto e confessariam sua participação na tola pegadinha de Feroz. Mas, mesmo enquanto esperava, ela lembrou-se de algo que sua mãe dissera durante seu noivado.

— Eu dei uma passada na srta. Amy Smith hoje — dissera sua mãe com um leve franzir de cenho. — Você se lembra dela, sua professora do sexto ano, não se lembra? Parece que ela morou no prédio de Feroz até alguns anos atrás. Eu lhe contei a boa-nova a seu respeito, e ela ficou bastante feliz por você finalmente estar se casando. Mas uma coisa que ela disse me deixou perturbada, *beta*. Disse que Banu Dubash era um pouco estranha. Fiquei com a sensação de que a srta. Smith não gostava muito dela.

Na época, Sera dispensara as palavras da mãe com a mesma displicência de quem tira um cílio do rosto.

— Todos os parses são estranhos e excêntricos, mamãe. — Ela riu. — Não há nenhuma novidade nisso.

Mas sua mãe não ficou convencida.

— Talvez devêssemos fazer algumas investigações discretas. Você sabe que a srta. Smith lhe tem muito carinho. Ela não diria nada se não houvesse um motivo.

— Mamãe, por favor. Não me deixe constrangida. Vou me casar com Feroz,

não com a mãe dele. E a mamãe Banu tem sido um doce comigo. Outro dia mesmo ela me disse que, desde a primeira vez que me viu, soube de cara que eu era perfeita pro Feroz.

Jehroo Sethna sorriu.

— Você vai aprender, *deekra*. Você nunca se casa apenas com uma pessoa. Você sempre se casa com uma família.

Agora, enquanto estava lá sentada em estado de choque em função da cena que acabara de ocorrer, as palavras de sua mãe retornavam a Sera com a força de um trem em alta velocidade. Por favor, faça com que Feroz volte cedo hoje, suplicou ela. Por favor, não permita que eu tenha cometido um erro casando-me com ele.

Uma hora mais tarde, Freddy Dubash bateu na porta do quarto do casal e entrou com um prato de ovos mexidos.

— Desculpe o café da manhã ter chegado tão tarde, minha querida — disse ele. Quando Sera ergueu seus olhos lacrimosos para ele, Freddy desviou o olhar. — Desculpe também aquilo tudo, aquilo que aconteceu lá na sala. E essa história de menstruação. Não sei o que dizer, a minha mãe também era do mesmo jeito. Tornou a vida de Banu um horror. E, agora, pensar que ela também está agindo da mesma forma. Melhor você ficar longe dela durante esses dias, *deekra*.

Sera assentiu com a cabeça. Passou o resto do dia em seu quarto, lendo um romance e andando de um lado para o outro. O tempo nunca passou tão devagar. E, num determinado momento, avistou a si mesma no espelho e ficou chocada com o desespero típico de um animal enjaulado que viu em seus olhos. Alguns meses atrás, eu tinha um emprego bem-sucedido, uma boa vida, podia ir e vir como me conviesse, pensou ela. E agora estou com medo de sair deste quarto, tudo por causa das crenças imbecis de uma velha supersticiosa. Ela piscou os olhos, como se o gesto pudesse, de alguma maneira, alterar aquela estranha realidade na qual se encontrava enclausurada.

Sua melhor amiga, Aban, discutira com ela quando Sera lhe dissera que ia abandonar o emprego na Bombay House.

— Não, *yaar*, na época em que vivemos, uma mulher precisa ser independente — aconselhara ela.

Naquela época, envolvida pela declaração de Feroz de que era mais do que capaz de sustentar sua mulher, Sera minimizara a importância das palavras de

Aban, vendo-as como um simples caso de inveja. Mas Aban estava certa, percebia ela agora. Hoje, sentia falta da rotina simples de decidir que traje vestir para ir trabalhar, da sensação intensa de se ver envolta na onda de trabalhadores que saem dos trens a cada manhã, da camaradagem oriunda de participar das piadas e das fofocas que circulavam pelo escritório como memorandos não oficiais, da satisfação de realizar um trabalho que lhe proporcionava elogios da parte do sr. Madan. Sentada no quarto, esperando Feroz voltar do trabalho, jamais em sua vida ela experimentara a pesada e opressiva sensação que agora lhe pousava sobre os ombros.

Banu abriu a porta para Feroz naquela noite.

— Qual é o problema, mamãe? Onde está Sera? — ela o ouvira perguntar.

A mãe dele suspirou. Em seguida, em voz alta, respondeu:

— Não me pergunte. Não me pergunte. Mas, se você queria matar a sua mãe, bastava ter me mandado pra Torre do Silêncio no dia do seu casamento. Assim eu não teria de suportar essa morte lenta, lenta. Ser bicada pelos abutres é melhor do que isso.

Sera estava esperando que Feroz tivesse um ataque de riso diante do melodrama da mãe. Queria que o marido enquadrasse a velha com algumas palavras bem escolhidas, da mesma maneira que ele se impunha a seus subordinados no trabalho. Ou, na falta disso, queria que entrasse no quarto, a abraçasse e valsasse para fora do quarto com ela nos braços, enquanto Banu os mirava boquiaberta.

— Vamos ter uma conversa lá no seu quarto, mamãe — disse Feroz. — Diga-me o que está te perturbando.

Quando entrou no quarto deles uma hora mais tarde, seu rosto era uma máscara.

— Oi — disse ele. — O que você fez hoje?

Sera parecia incrédula. O que eu fiz hoje?, ela queria dizer. Escrevi um novo capítulo do *Ramayana*. Compus uma sinfonia enquanto almoçava. Inventei um dispositivo para mandar sogras intrometidas direto para a Lua.

— Nada — disse ela.

Ele sorriu timidamente.

— Mamãe está dizendo que houve um desentendimento hoje. É culpa minha. Esqueci de lhe avisar pra não se aproximar dela enquanto estiver

rezando.

Foi a falsa humildade dele que fez a língua de Sera queimar.

— Vamos ver. Eu não tenho permissão de entrar na sala de estar enquanto a sua mãe estiver rezando. Não posso comer na sala de jantar nem entrar na cozinha pra cozinhar. Então, basicamente, devo ser uma prisioneira neste quarto enquanto estiver menstruada?

— Não há necessidade de ser tão dramática, Sera...

Ela emitiu um som, algo entre uma tosse e um soluço.

— Eu estou sendo dramática? *Eu?* Meu querido Feroz, a sua mãe ganharia um prêmio pela atuação de hoje de manhã.

— Baixe a voz, mulher.

— Me tire desta casa.

— O quê?

— Me leve pra dar um passeio de carro... Me leve pra Chowpatty, sei lá, para algum lugar. Vamos comer um pouco de *bhel*. Eu preciso sair desta casa, preciso respirar um pouco de ar fresco.

— Sera, seja razoável. A mamãe preparou um jantar pra nós. Como é que você acha que ela vai se sentir se...

— Antigamente, você me levava toda hora pra comer *bhel*, Feroz. A sua mamãe também preparava o jantar nessas ocasiões.

— Era diferente.

— Por quê? O que era diferente?

Ele a fitou sem dizer uma palavra, e Sera viu a resposta nos olhos dele: a diferença era entre flertar com ela, certificar-se de que ela o escolhesse dentre todos os outros homens e saber que ele a conquistara e que não havia mais motivos para impressioná-la. Ela afastou-se do marido, com medo de que ele pudesse ver a decepção em seus olhos. Porque ela não havia sido desapontada *por ele*, mas, na verdade, estava decepcionada *com ele*, com sua banalidade, com a maneira tão *comum* com que se apresentava agora a seus olhos.

Ele tomou o queixo dela nas mãos e virou o seu rosto na direção dele.

— Olhe pra mim — disse ele. Então implorou: — Sera, não seja assim. Eu já lhe disse, sinto muito. Pense na minha posição, por favor. Não quero que mamãe sinta que eu fiquei contra ela só porque agora estou casado. Vou lhe dizer uma coisa. Na sexta eu vou voltar do trabalho um pouco mais cedo e vamos sair,

só nós dois. Agora, por favor, controle-se um pouquinho.

Quatro dias mais tarde ela encontrou-se com Banu na cozinha depois de ter tomado banho.

— Está tudo bem, mamãe — disse ela, forçando uma leveza na voz. — Tudo limpo agora. Deixe-me preparar o almoço hoje.

Banu olhou para ela e deu um passo para trás.

— Você lavou os cabelos? — disse ela numa voz estrangulada.

Sera mirou-a, confusa.

— Meus cabelos? Não, vou lavá-los amanhã, portanto...

— Portanto, você ainda está suja. Você só vai ficar pura quando se lavar de cima a baixo. E, nesse estado, você entrou na minha cozinha limpa.

Sera começou a rir. Riu até lágrimas rolares pela sua face. Ouviu sons emergindo de sua boca, sons que ela própria não conseguia afirmar serem soluços ou risos. De relance, viu Gulab, com as mãos cobertas de farinha, observando-a, uma expressão de preocupação em seu rosto. A visão fez com que Sera risse ainda mais. Ela acha que *estou* ficando louca, pensou ela. Oh, meu Deus, *estou* ficando louca. De algum modo, esse pensamento fez com que ela risse ainda com maior ímpeto.

— Desavergonhada. — A mão de Banu disparou-lhe um tapa no rosto. — Rir de sua sogra idosa. Em que espécie de lar você foi criada pra agir assim de maneira tão desavergonhada?

O tapa cumpriu sua função. A gargalhada histérica que se formara na boca de Sera transformou-se em bile.

— Você me deu um tapa! — disse ela em estado de choque, passando o dedo indicador na bochecha. — Você me bateu de verdade. — A incredulidade fez com que sua voz soasse mais alta do que o que gostaria.

— Mentirosa! — disse Banu abruptamente. — Apenas a sacudi, pra que você saísse desse ataque histérico. — Ela se voltou para a serviçal. — Gulab, você é minha testemunha. Eu toquei nessa menina?

Gulab olhou para uma, depois para outra, e sacudiu a cabeça.

— Eu não estava olhando, *baiji* — disse ela. — Estava ocupada fazendo os meus *chappatis*.

— Está vendo? — disse Banu triunfantemente. — Até a Gulab está dizendo que sou inocente. Menina má, acusar a sogra de tê-la agredido. Nós não somos

favelados pra realizar atos tão reles.

Sera afastou-se de Banu, com medo do que via nos olhos da velha. Os olhos de Banu haviam ficado imensos e brilhantes, e havia uma aparência insana neles que causou um calafrio em Sera. Então o rosto de Banu exibiu uma presunção que a alertou para o fato de que, o que quer que dissesse ou fizesse, a sogra sairia vencedora. Aquela resistência era inútil. Mesmo com a marca dos dedos ainda ardendo em sua bochecha, Banu convencia Sera de que o que ela sentia não passava de uma dor fantasmagórica, oriunda de sua imaginação. Sera tinha a sensação de estar envolvida em algo insidioso; de que Banu estava tomando de assalto não só o seu corpo, como também a sua mente. Portanto, aquilo era algo maléfico, pensou consigo. Antes, ela sempre imaginara que o mal se desenrolasse em contextos maiores — guerras, campos de concentração, câmaras de gás, divisões de nações. Agora, percebia que o mal possuía um lado doméstico e sua própria banalidade o protegia da exposição. Um rápido olhar na direção do rosto impassível de Gulab lhe dizia que a serviçal aprendera há muito tempo o que só agora ela estava aprendendo.

— Eu sinto muito, mamãe — gaguejou. — Eu... Eu vou voltar pro quarto.

Quando Gulab foi levar o almoço para ela naquele dia, Sera a dispensou.

— Coma, *na*, querida — disse Gulab, acariciando suas costas. — Por que você está se agredindo desnecessariamente dessa maneira? Numa família, uma pequena tensão aqui e ali é esperada.

Sera queria contar a Gulab sobre a maneira civilizada e delicada como havia sido criada. Eu nunca recebi um tapa sequer de meus pais, ela queria dizer, e nunca fui obrigada a ficar confinada em meu próprio quarto como estou sendo agora. Mas seu orgulho rebelava-se contra a necessidade de confiar numa serviçal.

— Está tudo bem — disse ela. — Não estou com fome, é só isso.

Às quatro da tarde, Banu saiu para ir ao templo de fogo.

— Talvez eu demore hoje, querido — disse ela a Freddy da porta. — Preciso falar com Dastur Homjee sobre a consagração da cozinha, agora que ela foi maculada por cabelos sujos.

Alguns minutos mais tarde, houve uma batida na porta de Sera.

— Posso entrar? — disse Freddy. Polly não estava em seu ombro.

Freddy ficou parado na porta e examinou os cabelos despenteados e os

olhos vermelhos da nora.

— Vamos lá — disse ele rapidamente. — Vamos lá na sala de estar, que vou botar uma música para ouvirmos.

O rosto suplicante dele não permitiu que Sera recusasse a proposta.

— Tudo bem — disse ela. — Espere só eu passar uma água no rosto.

Quando ela entrou na sala de estar, o aparelho de som já estava tocando.

— *Sonata ao luar* — disse ele, levantando os olhos. — Imaginei que algo meditativo e belo seria apropriado. Nós podemos sair dessa sala e fingir que estamos num lugar onde o luar dança sobre a água.

Sera sorriu timidamente e sentou-se ao lado dele no sofá. Após alguns minutos, sentiu a música entrar em seu corpo, fazendo-a relaxar. Fechou os olhos de modo que ficasse perdida num mundo escuro e alaranjado, onde nada se intrometesse, exceto o som sagrado de um único piano.

— Quando eu era jovem, achava que o piano era o meu instrumento favorito — disse ela, modulando a voz para não sobrepujar a música. Seus olhos ainda estavam cerrados, mas ela sentiu Freddy mexendo-se no sofá. — Mas agora — continuou ela —, agora eu adoro o som profundo do violoncelo. De algum modo ele soa mais como a vida, triste, doce e perdido. Solitário. Sempre penso que, se o coração pudesse cantar, ele soaria como um violoncelo. Você acha que isso é muita estupidez da minha parte?

Freddy emitiu um som abafado que fez com que os olhos dela se abrissem. Sera virou a cabeça ligeiramente e percebeu, com um sobressalto, que o velho estava chorando.

— Papai Freddy, o que houve? — gritou ela. — Eu disse alguma coisa...

Ele virou-se para encará-la, e ela reparou pela primeira vez como a pele sob o queixo trêmulo dele era flácida, como seus olhos estavam começando a desenvolver aquela fina camada característica da idade avançada. Chocada, Sera reparou que estava cruzando as mãos num gesto de súplica, e os olhos dela pousaram sobre as linhas e manchas senis cor de caramelo de suas mãos.

— Perdoe-me — dizia Freddy, as lágrimas escorrendo livremente por sua face. — Perdoe-me, minha querida, por não ter dito alguma coisa antes.

Ela olhou para ele, confusa.

— Não, papai Freddy, está tudo bem — disse ela. — O que eu acabei de perguntar foi sobre o seu instrumento favorito...

— Estou falando sobre ela — disse ele asperamente, apontando com a cabeça para o quarto de Banu. — Quando você veio aqui pela primeira vez, quando estava pensando em se casar com Feroz, eu devia ter lhe contado sobre os... sobre os estados de espírito dela. Como Banu pode ser desagradável, até má, às vezes. E sobre Feroz também. Mas o que fazer, *deekra*? Eu gostei de você desde o momento em que a conheci. Lembra-se da primeira vez em que pisou nesta casa desgraçada? Como conversamos sobre música clássica e você brincou com Polly e tudo o mais? Naquele exato momento eu quis que você fosse minha filha. Queria muito, muito mesmo, que uma pessoa nova viesse morar nesta casa. Uma pessoa parecida comigo. E você, de uma família tão boa. Seu pai mesmo, um fã de música, culto e inteligente. *Bas*, resolvi ficar de boca calada. De algum modo eu estava pensando que, assim que você chegasse aqui, ela fosse melhorar. Mas isso não vai acontecer, agora percebo. Gulab me contou o que aconteceu hoje de manhã. Perdoe-me, *deekra*, por esse pecado que cometi.

Através do vórtice de suas palavras, Sera ouviu uma única coisa.

— E o Feroz? — disse ela. — Você falou que devia ter me avisado sobre ele.

Freddy suspirou.

— Ah, nada. Enfim, minha querida, ele é basicamente um bom garoto. Mas às vezes tem um temperamento como o da mãe. Ou talvez seja como a *minha* mãe, não sei. A minha mãe era um terror, Deus abençoe a alma dela. Tornou a vida de Banu um inferno, sabe? Eu costumava chamá-la secretamente de sra. Chili Em Pó quando era criança.

— E... O senhor disse que Feroz é como ela?

Freddy fitou-a intensamente, com uma aparência sofrida, pesarosa, estampada em seus olhos.

— Feroz tem um temperamento difícil. Com a graça de Deus, você jamais terá a chance de testemunhá-lo. Quando era criança, eu costumava conversar com ele por horas e horas sobre a necessidade de ele controlar a raiva. Mas o que dizer, *beta*? Sangue é sangue. Se algo está em seu sangue, é muito difícil se livrar disso, certo? Eu pensava que ele iria aprender a lição quando perdeu Gulnaz. Mas ele é como a mãe, fala primeiro e pensa depois.

— Quem é Gulnaz? — perguntou Sera, querendo e não querendo saber.

Os olhos de Freddy vagaram pela sala antes de voltar a pousar no fatigado

rosto de Sera. Subitamente, ele se aproximou e passou os dedos nos cabelos da nora.

— Não fique com essa aparência tão triste, minha querida — murmurou ele. — Tenho a sensação de que minhas palavras estão te envelhecendo uns dez ou quinze anos. — Ele suspirou pesadamente e recomeçou: — Gulnaz era a namorada dele. Os dois estavam noivos e coisa tal. Os pais dela eram de Jamshedpur, pessoas simpáticas, simples. Até hoje não sei exatamente o que aconteceu, mas num determinado domingo, enquanto estávamos almoçando, Gulnaz apareceu inesperadamente. Bem na frente de Banu e de mim, ela tirou o anel de noivado e jogou-o em cima da mesa. Jogou-o com tanta força, Sera, que ele ricocheteou na mesa e caiu no *dhansak* de Feroz. Ela disse que não conseguia aguentar mais o temperamento dele e que ouvira histórias suficientes sobre Banu a ponto de ficar convencida de que não queria entrar pra essa família. Banu imediatamente lhe perguntou o que ela havia ouvido, mas Feroz interrompeu a mãe e disse para Gulnaz parar de insultar sua família e ir embora de nossa casa. *Bas*, isso foi tudo. Se ele alguma vez voltou a vê-la, não sei.

O disco parara de tocar havia vários minutos, e Freddy levantou-se para colocar outro. Enquanto Sera mantinha-se sentada em silêncio e em estado de choque, ele escolheu outro disco.

— Que tal este aqui? — disse ele. — A Filarmônica de Nova York regida por nosso patricio Zubin Mehta.

Ela assentiu com a cabeça, distraída, sua mente um terreno baldio de pensamentos confusos e contraditórios. Feroz com outra mulher. Alguém de quem ele deve ter gostado o suficiente a ponto de querer se casar. Alguém a quem ele dera um anel de noivado. Então era tudo mentira, suas declarações de como nenhuma outra mulher o enfeitiçara como ela, Sera, o havia enfeitiçado; de como ele jamais conhecera o amor até Sera entrar em sua vida. O que pensar, então, da maneira incessante e ansiosa com a qual ele a perseguira? Teria sido aquilo apenas o último e desesperado esforço de um homem de meia-idade que não queria passar a vida sozinho? Será que qualquer mulher parse com uma razoável boa aparência poderia ter chamado a atenção dele? Ou será que ele a escolhera precisamente porque ela tinha vinte e oito anos e começava a exalar o aroma de uma mulher desesperada que se sente indesejada? Será que pressentira alguma coisa nela, alguma vulnerabilidade, algum defeito, alguma fraqueza, que

ele se sentia capaz de explorar? Será que ela ficara deliberadamente cega aos defeitos dele, será que se permitira sentir-se lisonjeada pelo óbvio desejo que demonstrava por ela?

Como se pudesse ler a mente confusa de Sera, Freddy disse:

— Uma coisa eu sei, Sera. Meu Feroz ama você. Esses olhares que ele lança na sua direção no jantar, o modo como estica o corpo de orgulho quando você entra na sala, só um pai pode ver essas coisas. Não havia nada de ruim com Gulnaz, mas ele nunca se mostrou assim na companhia dela.

Ela sorriu, com gratidão, mas seus olhos estavam nublados de dúvida.

— Obrigada, papai Freddy. Feroz é um bom... — Ela se engasgou com as palavras. — Feroz é a minha vida agora — disse ela, sua voz rouca de emoção e desespero.

Banu voltou para casa naquela noite às seis e meia, trazendo cinzas do templo em seu lenço bordado. Freddy e Sera ainda estavam sentados no sofá ouvindo música enquanto a sombra da noite caía sobre o recinto. Banu girou a chave da porta da frente, entrou na sala e imediatamente acendeu a luz, destruindo a atmosfera escura e íntima que haviam criado. Eles piscaram os olhos devido à repentina luminosidade, e Sera viu um ligeiro estreitar dos olhos de Banu à medida que a sogra observava a cena e sentia a óbvia afeição entre Sera e o sogro.

— Meu Deus, vocês dois mais parecem um par de corujas tristonhas — disse ela, andando a passos largos na direção da sala. — Ou será que eu deveria dizer um par de periquitos apaixonados? — Ao ver o olhar indignado de Freddy, ela acrescentou apressadamente: — Apaixonados pelo Mozart, é claro.

De pé, em frente a Freddy, ela pegou uma pitadinha de cinza e salpicou na testa do marido.

— Dastur Homjee mandou *salaams* pra você — disse ela. — Disse que faz uns dois ou três meses que não o vê no *agyari*. — Ela pegou mais uma pitadinha de cinza em seu lenço, e Sera preparou-se para receber o conteúdo sagrado. Mas Banu soltou a mão e deu as costas à nora, deixando Sera sentada no sofá, sentindo-se tola e esnobada.

— Vamos lá, levantem-se daí vocês dois — disse Banu por sobre os ombros. — Tirem essa música triste que mais lembra um funeral. Feroz logo, logo vai chegar.

Alguns dias mais tarde, Sera esperou ficar a sós com Feroz para lhe perguntar sobre Gulnaz. Eles jantaram em um novo restaurante chinês em Colaba, e, depois do jantar, Sera quis ir até a Porta da Índia.

— Quer tomar um chá no Sea Lounge do Taj? — perguntou Feroz abruptamente.

— Não, eu estava pensando que seria legal apenas fazer um passeio perto da água — disse ela. — Tomar um pouco de ar fresco.

— Tudo bem — disse ele, apertando o cotovelo dela. — O que você quiser, minha querida.

Após as tensões dos últimos dias, era uma sensação maravilhosa estar a sós com Feroz num lugar público. Enquanto caminhavam pelo Porto de Apolo num silêncio amistoso, Sera sentia-se mais próxima dele do que havia se sentido durante toda a semana. Portanto, ficou surpresa e até consternada ao ouvir-se perguntando:

— Por que você não me falou de Gulnaz?

Ele ficou tenso.

— Quem lhe contou? Mamãe? — perguntou ele.

— Hã, na verdade foi o seu pai.

Ele exalou duramente.

— Eu devia ter percebido. O sr. Matraca em pessoa.

— O papai não fez por mal — disse ela. — De um jeito ou de outro, isso era uma coisa que você deveria ter me contado. Por que não fez isso?

Ele parou abruptamente, tão abruptamente que um casal de adolescentes andando na direção oposta foi obrigado a se separar e contorná-los. O menino olhou com raiva para Feroz ao passar.

— Que grosseria, *yaar* — murmurou ele.

Feroz o ignorou. Quando se virou para Sera, seu rosto estava vazio, desprovido de qualquer expressão.

— Não contei pra você, minha querida — disse ele, cuspiendo cada palavra como se elas estivessem presas entre seus dentes —, porque, francamente, isso não é problema seu.

Ela sentiu uma dor no estômago, como se o desprezo dele a tivesse atingido como um soco.

— Eu sou sua mulher — disse ela em voz baixa.

— Correto. Você é minha mulher. Agora. Hoje. Você não era minha mulher naquela época. E o que eu fazia naquela época era problema meu. Não tem nada a ver com você, certo?

Ela olhou para o mar escuro, tão grande e insondável quanto o pesar que crescia em ondas dentro dela. Ela piscou para conter as lágrimas, tentando ser racional, perguntando-se se ele não estava certo, se, de algum modo, ela não violara algumas regras tácitas da etiqueta conjugal. Será que realmente não era problema dela Feroz ter sido apaixonado por outra pessoa antes de tê-la conhecido? Será que não era da alçada dela fazer essa pergunta?

Então Sera se lembrou de como o marido berrara, na noite anterior, quando ela entrara no banheiro enquanto ele estava escovando os dentes; de como ele sempre apagava a luz quando vestia o pijama. Ele fazia um cordão de isolamento em seu passado da mesma maneira que fazia um cordão de isolamento em seu corpo, negando-lhe o acesso, percebeu Sera.

— Venha, vamos embora — disse ele bruscamente. — Está ficando tarde.

A ideia de entrar de novo naquela casa, de ter os incansáveis olhos de Banu seguindo-a a cada passo, fez com que sua voz tremesse.

— Amanhã é sábado. Por favor, preciso andar um pouco mais. Ainda não estou com vontade de ir embora.

Ele suspirou impacientemente.

— Tudo bem, já fiquei o dia todo no trabalho, mas se a esposa quer andar, nós vamos andar.

Só então ela viu um casal muçulmano vindo em sua direção. O rosto recém-barbeado do homem era jovem e dourado sob as luzes da rua. Sera não conseguia ver o rosto da mulher, porque ela estava usando uma burca preta que a cobria da cabeça aos pés, de modo que somente os olhos estavam visíveis por trás da tela. Normalmente, uma visão como essa a encheria de repulsa. Ela teria pensamentos pouco caridosos para com o marido que permitia que a mulher andasse pelas ruas nesse traje de prisioneira, que ignorava as estatísticas que mostravam uma incidência maior de tuberculose entre mulheres que mantinham o rosto coberto o dia inteiro. Mas agora ela estava reparando que o dedo indicador da mulher coberta projetava-se para fora do vestido preto e unia-se ao dedo do marido. Assim os dois andavam, seus dedos se tocando numa pungente conexão que provava a falácia do véu e sugeria algo mais profundo e mais eterno

do que convenções humanas.

A visão tomou de assalto o coração de Sera e encheu-a de uma súbita e flamejante inveja.

— Feroz — disse ela, querendo lhe explicar tudo: como certas notas da *Sonata ao luar* despedaçavam seu coração como o vento dentro de um saco de papel; como sua alma lhe dava a sensação de ser tão eterna e profunda quanto o mar agitando-se à esquerda deles; como a visão do jovem casal muçulmano encheu-a de uma emoção que era, em doses idênticas, alegria e tristeza; e, acima de tudo, como queria um casamento que fosse diferente do mar morto conjugal que ela via ao redor; como queria algo mais refinado, mais profundo, um casamento feito de seda e de veludo em vez de tecido áspero, um casamento feito de nuvens e de nebulosas e de terra vermelha e espuma de oceano e de luar e de sonatas e livros e de galerias de arte e de paixão e de delicadeza e de tristeza e êxtase e de dedos tocando-se sob a burca. Ela virou-se para ele, sentindo-se fervilhante de desejo. — Feroz — disse ela de novo. — Eu... Eu amo você de verdade.

Duas coisas aconteceram então. Feroz virou-se para ela, seus olhos cálidos e úmidos.

— Eu também a amo, Sera — disse ele, sua voz profunda de emoção. — Sinto muito por ter me comportado como um tremendo idiota. — E, mesmo grata pelas palavras dele, ela sentia um abatimento por haver traído a si mesma. Ela sabia que escolhera o caminho mais fácil, que deixara a fumaça escapar da panela fervente de suas emoções. O que tivera intenção de dizer não era “Eu amo você”. Não, em hipótese alguma. O que tivera intenção de dizer era “Eu amo a vida”, uma autodeclaração tão nua e real e autêntica quanto um raio X. E, então, uma porta bateu com força em algum lugar recôndito dentro da mente de Sera: se tivesse dito o que tivera de fato intenção de dizer, ela sabia que Feroz não teria entendido. Uma sensação de solidão assaltou-a como um vento gélido, e ela tremeu.

— Está com frio? — disse ele imediatamente, a voz solícita. — Vamos embora, vamos ao Taj pra você tomar um chá quente.

Enquanto ele segurava sua mão para atravessar a rua, odiou a si mesma pelos pensamentos enganosos e traiçoeiros que batiam asas em sua mente como se fossem morcegos. Por que você não deveria dizer “Eu amo você” para Feroz?,

ela relutava consigo. Afinal de contas, isso é verdade, não é? Mesmo que você não tivesse tido a intenção de dizê-lo naquele exato momento, isso é verdade, certo? Mesmo assim, a fria sensação de estar traindo a si perdurava nela.

O garçom acomodou-os em uma mesa, e Sera olhou para as águas sombrias do mar da Arábia através da janela.

— Acho que eu vou tomar uma cerveja em vez de chá, *janu* — disse ela.

— Uma Kingfisher e um xerez — pediu Feroz. — E uma porção de castanha de caju pra acompanhar.

Viajando ao lado de Viraf no carro com ar-condicionado, Bhima sorri. Ela encara como um tesouro, esse ritual matinal de sábado com ele. É grata por não ter de fazer o deslocamento até o bazar nos ônibus best, lotados e sem segurança. Ela está velha demais para lidar com a inevitável correria que acontece quando um dos ônibus vermelhos aparece no ponto. Semana passada mesmo, Serabai lhe contara a história de uma de suas parentes distantes, uma mulher ossuda de sessenta e oito anos que quebrara o punho ao ser jogada para o lado por uma multidão em frenesi que tentava embarcar no ônibus.

— Eu juro que eles miram os parses — murmurara Sera. — Todo mundo sabe que os nossos ossos são frágeis como biscoitos doces.

Nos velhos tempos, pelo menos as mulheres eram poupadas das cotoveladas e dos encontrões que ocorriam sempre que um ônibus aparecia como uma fera mítica no ponto. Na Bombaim dos dias de hoje era cada um por si, e os frágeis, os fracos, os jovens e os velhos entravam nos ônibus superlotados por sua própria conta e risco. Bhima tinha a sensação de que não mais conhecia a cidade em que vivia — alguma coisa agressiva, maligna e cruel havia sido solta em seu interior. Ela podia ver os sinais dessa nova malignidade em todos os lugares: crianças faveladas amarravam bombinhas no rabo dos viralatas e em seguida riam e batiam palmas entusiasmadas quando os pobres animais corriam em círculos, enlouquecidos de pavor; estudantes universitários endinheirados ficavam furiosos se um menino de rua de cinco anos sujasse as janelas de seus resplandecentes bmws e Hondas. Todo dia Serabai lia o jornal e lhe contava alguma história aterradora recém-ocorrida — um sindicalista sendo morto a pauladas por ousar instar trabalhadores de uma fábrica a se manifestar por um aumento salarial de duas rupias; o filho de um político sendo considerado inocente após atropelar três crianças faveladas a caminho de uma festa; um casal de idosos parses sendo assassinados em sua cama por uma serviçal que trabalhara para eles por quarenta anos; jovens nacionalistas hindus escrevendo bilhetes congratulatórios com seu próprio sangue para comemorar o bem-sucedido teste de uma arma nuclear realizada pela Índia. Era como se a cidade estivesse louca de ganância e fome, poder e impotência, riqueza e

pobreza.

Bhima podia sentir a malignidade percorrer suas próprias veias como lama enquanto esperava pelo ônibus. Quando a fera vermelha chegava numa nuvem de fumaça, ela podia sentir o coração batendo forte enquanto olhava para seus companheiros de viagem, tentando averiguar quem parecia ser fraco e vulnerável e quem poderia ser afastado de seu caminho com uma cotovelada. Assim que o ônibus dava partida, a fila se desintegrava, transformando-se numa balbúrdia. Outras pessoas vinham correndo de todas as direções, tentando saltar para a plataforma do ônibus antes mesmo de ele parar. Uma vez, um velho com um pé no degrau e o outro ainda no chão foi arrastado por meio quarteirão pelo ônibus, até que os gritos dos outros passageiros alertassem o motorista para que parasse. Bhima reparou que as pernas do homem tremiam tanto que era impossível para ele embarcar. O motorista, com impaciência, examinava o homem de seu poleiro imperial.

— Vai entrar ou não? — perguntou ele, mas o pobre homem não conseguia fazer nada além de ficar ali parado, arfando. O motorista estalou a língua e tocou novamente a sineta. O ônibus seguiu viagem, deixando o passageiro no meio da rua, descartado como se fosse um pacote sem endereço.

— O ar-condicionado está forte demais? — perguntou Viraf, e embora Bhima estivesse sentindo um leve frio, ela balançou a cabeça em negativa. *Baba* Viraf é muito calorento, ela sabe.

Bhima olha pela janela as ruas passando em alta velocidade. A cidade parece bem mais simpática através do vidro escuro de um carro com ar-condicionado. Até mesmo a fumaça expelida pelos canos de descarga dos ônibus e caminhões próximos é incapaz de queimar seus olhos e sua garganta, e ela tem a sensação de haver derrotado sua velha nêmesis, o sol. Melhor sentir um ligeiro frio do que o sol atacando seus olhos e sua pele.

Viraf está com o som ligado, alguma música em inglês que Bhima não entende nem gosta. Ela fica imaginando o motivo pelo qual ele sempre ouve músicas em inglês, nunca a trilha sonora dos filmes híndi que são tão populares em seu *basti*. Olha o homem sentado perto dela em suas roupas brancas do críquete, e ele lhe parece tão estranho quanto as *ferangas* de pele branca que ela vê quando sai com Serabai para fazer compras em Colaba. Serabai uma vez lhe explicara por que essas pessoas tinham cabelos amarelos e pele da cor de

paredes de hospital — sobre como alguma coisa faltava em seu corpo e como elas tinham de vir para lugares quentes como Bombaim para escurecer a pele. Bhima então tinha pena delas e, ao ver seus compridos cabelos e suas roupas surradas, sentia vontade de lhes dar algum dinheiro, mas Sera ria ao ouvir isso e dizia que ela não precisava sentir dó delas, pois elas na verdade tinham bastante orgulho de sua pele branca. Como você pode sentir orgulho se alguma coisa está faltando em seu corpo?, Bhima queria perguntar, mas, antes que conseguisse, Sera dizia que elas não precisavam do seu dinheiro e que vinham de lugares bem mais ricos do que ela podia imaginar. Agora Bhima estava certa de que Sera estava mentindo, porque bastava uma rápida olhada para seus cabelos sujos, para suas camisas desbotadas e suas calças rasgadas, e qualquer idiota veria que aquelas pessoas desarrumadas e sem cor eram bastante pobres.

Viraf está olhando para ela com curiosidade.

— Você ouviu alguma coisa do que eu acabei de dizer? — pergunta ele.

Ela sobressalta-se, cheia de culpa.

— Oh, *baba* Viraf. Perdoe-me. Eu estava apenas...

— Tudo bem. — Ele ri. — Eu só estava fazendo umas perguntas sobre Maya.

Ela fica ruborizada, relutando em discutir a situação de Maya com um homem, mesmo que esse homem seja Viraf. Mas, antes que possa dizer qualquer coisa, ele vem em seu socorro.

— Escute, Bhima — diz ele, sem jeito. — Isso não é um assunto dos mais agradáveis, eu sei. Mas tem de ser encarado. Escute, eu tenho um amigo que é médico. Depois que chegar em casa, vou telefonar pra ele pra conseguir o nome de um médico que possa realizar... Quer dizer, um médico que seja... Você sabe, alguém que possa ajudar Maya a se livrar desse bebê. Já está mais do que na hora de tomar providências a esse respeito, você não acha?

Em vez da gratidão que sabe que deveria sentir, Bhima fica chocada por sentir um profundo ressentimento diante das palavras de Viraf. Fácil para ele falar sobre livrar-se do bebê de Maya, pensa ela. Afinal de contas, ele e a bebê Dinaz terão um filho, um filho que jamais saberá o que é estar cercado por adultos tramando sua morte. Um filho que será bem-vindo ao mundo. Que jamais trará vergonha ou desonra a seus pais. Ela sente naquele momento uma fúria cega tão intensa que engloba Maya, Dinaz e Viraf. Todas essas pessoas

jovens, todas essas crianças prestes a nascer. Está cansada de tudo isso — cansada desse interminável ciclo de morte e nascimento, cansada de investir qualquer esperança na geração seguinte, cansada e com medo de descobrir mais seres humanos a quem amar, sabendo muito bem que cada pessoa que ela ama algum dia vai magoá-la, algum dia vai partir seu coração com suas mentiras, suas traições, suas falibilidades, sua pura humanidade. Bhima sente-se esgotada, esvaziada, tão oca e enrugada quanto uma casca de noz. Ela não tem mais nada a dar, nenhum amor lhe resta para compartilhar. Por esse motivo, ela se recusa a dar um pouco da sobra de comida aos vira-latas da favela, que balançam o rabo e suspiram sempre na expectativa, quando ela sai de seu barraco. Bhima não consegue suportar a visão de seus pelos emaranhados, de seus corpos aleijados, de sua avidez de partir o coração, da fome de amor em seus olhos.

Gopal. Seus dois filhos, Amit e Pooja. E, mais tarde, seu genro, Raju. Ela amara a todos eles, e, um após o outro, eles a abandonaram, foram embora, deliberadamente ou porque perderam sua batalha contra a morte. Mas o resultado foi o mesmo: ela ficou para trás enquanto os outros foram na direção do que Bhima imaginava ser pastos mais verdejantes.

Bhima pisca os olhos e se força a retornar ao presente. Está envergonhada pela inveja que sente da boa sorte de Dinaz e Viraf. Dinaz cresceu diante de seus olhos, e ela ainda lembra que criança maravilhosa era ela, cheia de abraços e risos. Um milagre que uma criança assim pudesse florescer sob a sombra projetada pela escura montanha representada por seu pai. Assim que começou a ter a própria renda, Dinaz estava eternamente deslizando uma nota de dez ou de vinte rupias para a mão de Bhima. E *baba* Viraf — tão radioso, tão cheio de malícia e luz. Para punir a si por seus pensamentos pouco caridosos, Bhima enterra o polegar direito na palma da mão esquerda até que a dor a faça estremecer.

— Você está certo, *baba* Viraf — diz ela, entorpecida. — Eu estava dizendo isso a Maya ontem mesmo.

Viraf lança um olhar rápido na direção dela. Sua mão balança no espaço entre eles como se quisesse confortá-la, mas então volta a pousar no volante.

— Vou falar com o meu amigo hoje — diz ele com tranquilidade.

Quando Viraf a deixa no mercado, Bhima nota que ele espera até vê-la atravessar a rua em segurança. Ela sorri por dentro. Um rapaz muito atencioso,

esse *baba* Viraf. Alguns de seus gestos a fazem lembrar de Amit — a mesma polidez, a mesma solicitude. Amit... Seu único filho. Onde estará Amit agora? Será que alguma vez pensou em sua mãe, sentiu saudades dela, ansiou por revê-la do mesmo jeito que ela em relação a ele?

Perdida em seus pensamentos, Bhima quase se choca com o *hathgadi* de madeira estacionado no meio da calçada. Ela xinga quando o comprido puxador de madeira do carrinho penetra fundo em seu quadril esquerdo, fazendo com que uma onda de dor percorra sua coxa ossuda. Um homem de vinte e poucos anos está esparramado sobre o carrinho, dormindo profundamente. Bhima fica pasma ao ver como ele consegue dormir com todo aquele barulho da multidão ao seu redor. Desde a gravidez de Maya, o padrão de seu sono tem estado tão perturbado que até mesmo o ruído emitido pelos camundongos que rastejam pelo barraco a mantém desperta. Enquanto esfrega o quadril e avalia a possibilidade de acordar o jovem com uma sacudida e lhe pedir que tire dali seu *hathgadi*, ela repara no volume sob a calça folgada do pijama branco do rapaz.

— *Saala badmaash* — murmura ela consigo, enquanto rapidamente desvia o olhar. — Tipinho bêbado, deitado aí a céu aberto como se fosse o dono da cidade. Gente sem-vergonha, sem-vergonha.

Uma voz familiar penetra seus raivosos pensamentos.

— *Arre, mausi*, aqui, aqui! — chama a voz. — Estou guardando os meus melhores legumes só pra você.

Bhima balança a mão, dispensando a sugestão.

— Eu dou uma passada aí depois! — grita ela de volta. — Mas primeiro preciso encontrar aquele desocupado do Rajeev.

— Ele estava aqui uns dois minutos atrás. Estava te procurando, *mausi*.

Como se houvessem planejado, Rajeev aparece, equilibrando a enorme cesta de vime na cabeça. Ele é um homem alto e curvado de mais ou menos cinquenta anos, com um comprido bigode de pontas viradas. Lembra a Bhima um dos *cules* do Rajastão que povoavam a Estação Terminal Victoria nos velhos tempos, quando ela e Gopal costumavam pegar o trem até a aldeia ancestral dele. Embora Gopal insistisse em transportar seus baús, os *cules* os seguiam como um bando de cães famintos, implorando por uma chance de carregar as malas para eles, baixando seu preço a cada passo que Bhima e Gopal davam.

— Onde você estava? — Bhima repreende Rajeev em seu habitual

cumprimento. — Você acha que tenho tempo a perder como você? Estou com pressa.

— *Ae, mausi* Bhima, vá com calma, vá com calma — diz Rajeev, com um sorriso conciliatório que exhibe as marcas vermelhas do *paan* que ele acabou de pôr na boca. — Por que tanta pressa? Sua *bai* é legal... Ela não se preocupa se você estiver alguns minutos adiantada ou atrasada.

Mas Bhima já está caminhando na direção da vendedora de legumes que antes chamara seu nome. A caminho de lá, ela precisa passar por Parvati, a velha que vai ao mercado todas as manhãs e lá permanece até vender todo o seu inventário de seis couves-flores diminutas e mirradas. A frágil idosa senta-se na calçada sobre um imundo lençol de algodão, chamando clientes com sua tênue voz anasalada. Desde que Bhima conhece Parvati, a velha tem um grande inchaço do tamanho de uma laranja no pescoço. Uma vez, quando Parvati caíra no sono na calçada, Bhima estava passando por lá por acaso e notou que a velha passava distraidamente o dedo no calombo durante o sono.

Como faz todos os sábados, Bhima evita olhar para ela. A visão de Parvati e de seus legumes de pesarosa aparência a enche de uma tristeza insuportável. Ela sabe, pelas fofocas dos outros vendedores, que Parvati não tem marido nem filhos. Sabe também que os outros ajudam a velha mulher, mandando-a para casa todas as noites com as frutas que já passaram do ponto e os legumes que eles não têm condição de vender. Mesmo assim, Bhima imagina como a mulher consegue permanecer viva com uma renda tão ínfima. E por que Parvati não aumenta seu estoque de ofertas? Por que não consegue couves-flores de melhor qualidade para que ela, Bhima, possa comprar algumas dela? Desse jeito, suas couves-flores são tão pequenas e mirradas que, mesmo que Bhima comprasse todas as seis, não seria suficiente para alimentar a família Dubash. No mesmo momento em que faz a pergunta, Bhima já sabe a resposta: a velha vive tão à míngua que nunca consegue ter lucro suficiente para adquirir mais mercadorias.

Quando Amit e Pooja eram jovens, Gopal e ela costumavam levá-los à beira-mar todo sábado. Lá, ela insistia em comprar para as crianças os balões em forma de animais vendidos pelo *walla* de balões, um patane alto e macilento do Afeganistão. Algo na quieta dignidade do homem, no modo cuidadoso e desprovido de exibicionismo com o qual ele fazia os balões adquirirem diversos formatos, partia o coração de Bhima. Quando os outros *wallas* de balões

tentavam seduzir as crianças com seus vistosos e ágeis contorcionismos, seus frágeis dedos torcendo a borracha para produzir elefantes e cães, ela os dispensava e esperava a chegada do patane. Enquanto ele trabalhava em suas criações, com um ténue e distante sorriso no rosto, ela sentia vontade de fazer várias perguntas ao homem: por que ele deixara seu acidentado país de origem cujo terreno parecia entalhado em seu rosto vincado e açoitado pelo vento; se era difícil se acostumar com o barulho da cidade e suas ruas poluídas; se ele sentia falta do ar doce e montanhoso de sua terra natal. Acima de tudo, queria descobrir como conseguia se sustentar vendendo aqueles pedaços de borracha e ar vermelhos e brancos. A renda não parecia suficiente para sustentar um patane alto e magricela, quanto mais uma família. Mas a timidez e o desconforto diante da situação faziam com que ficasse de boca calada, de modo que o maior mistério de Bombaim — como toda uma raça de residentes de Bombaim (tais como os *wallas* de balões, os removedores de cera de ouvido e os coletores de trapos) aferravam-se, com unhas e dentes, à promessa dessa grande metrópole, como conseguiam se alimentar, apesar de seus ridículos empregos — permanecia sem solução para ela.

Agora Bhima pula por cima de uma casca de banana jogada no chão e para diante de sua vendedora de legumes favorita; Rajeev permanece alguns passos atrás dela. O homem fica agachado e baixa a cesta de vime que estava na cabeça e a coloca na calçada. Ignora os gritos da vendedora de legumes:

— *Ae, mausi*, já separei os melhores legumes pra você.

Bhima começa a escolher o que levar em meio à colorida seleção lindamente disposta à sua frente. Ela compra seis quilos de dedos-de-moça, escolhendo com cuidado as pimentas menores e mais macias. Dá uma olhada nas berinjelas e torce o nariz para as marcas que nelas encontra, até que a vendedora, resmungando baixinho, aproxima-se por trás dela e exhibe quatro exemplares lustrosos. Ela apalpa os dentes de alho, tentando encontrar os maiores. Dedilha o coentro, tirando as folhas mortas de um maço. Manda a mulher cortar uma nova fatia de abóbora vermelha, porque o pedaço cortado está com moscas. Enquanto a vendedora pesa os legumes em sua velha balança de metal — os pesos hexagonais pendem para um lado, e os legumes, para o outro — e os coloca em sacolas plásticas cor-de-rosa, Rajeev pega as sacolas e as joga em sua cesta.

Bhima se levanta e retira uma nota da extremidade do sári. Ela espera pelo

troco, mas a mulher a encara.

— O valor é esse mesmo, *mausi* — diz ela por fim. — Eu lhe fiz um precinho muito, muito bom hoje. De qualquer outra pessoa, eu teria cobrado mais. Você está levando os produtos mais frescos que existem no mercado.

Fosse aquele qualquer outro sábado, Bhima teria discutido, teria fincado pé no lugar até receber da mulher alguma quantia de volta. Afinal de contas, pechinchar é uma tradição arraigada naquele mercado. E também, ao contrário da maior parte das serviçais que fazem compras para sua patroa, Bhima tenta nunca desperdiçar um *paisa* sequer do dinheiro de Serabai. Para Bhima, é uma questão de confiança. Serabai confia nela o bastante a ponto de encarregá-la de fazer as compras por conta própria. Portanto, é certo proteger as finanças de Serabai com o mesmo zelo que ela teria se estivesse gastando seu próprio dinheiro.

Mas hoje ela está cansada e tem outras coisas na cabeça. Além disso, seu próprio pesar tornou-a mais alerta à miséria dos outros. Pela primeira vez, Bhima nota os círculos escuros ao redor dos olhos da mulher, os traços prematuros de cabelos brancos em sua cabeça, o pequeno buraco na manga da blusa de seu sári. Hoje, ela não consegue pensar naquela mulher como uma adversária, como alguém com quem ela precisa se engajar numa batalha de inteligência. As poucas rupias que poupará discutindo com ela parecem-lhe subitamente desprovidas de qualquer sentido.

— Tudo bem — diz ela abruptamente. Em seguida, diz a Rajeev: — Vamos. Preciso de algumas batatas e cebolas.

Ao partir, sente o olhar interrogativo da vendedora atrás dela.

Bhima não demonstra nem metade da simpatia para com o homem que lhe vende batatas e cebolas. Ele é um *baniya* baixinho de óculos, que fica numa loja pequena e estreita e a trata com menos respeito do que os outros vendedores. E, desde que ela o pegou colocando a mão na balança para aumentar o peso, passou a desconfiar da honestidade dele. Se Bhima tivesse a possibilidade de escolher como seriam as coisas, jamais seria cliente da loja daquele sujeito, mas Serabai gosta dos produtos do homem e insiste para que Bhima faça compras lá. Portanto, ela agora olha para ele com uma carranca estampada no rosto.

— Cinco quilos de batata! — diz ela rispidamente. — E veja se nenhuma delas está estragada. Semana passada, duas delas estavam tão ruins que não pude

usá-las.

Em vez de exhibir um olhar de quem está se desculpando, o dono da loja escarnece.

— Tudo em Bombaim é podre — diz ele em alto e bom som. — O ar é podre, os políticos são podres, o transporte público é podre. Por que algumas pobres batatas da minha loja não estariam podres?

Ele ri debochadamente, exibindo dentes com manchas marrons. O adolescente com cara de doente e braços compridos e magros que trabalha em sua loja balança a cabeça, admirado.

— É isso aí, chefe, é isso aí — diz ele, lançando um olhar hostil na direção de Bhima.

— Ouviu isso? — diz Bhima a Rajeev, alto o suficiente para que o dono da loja pudesse escutar. — É duro ter de aguentar um *badmaash* como esse aí, ainda mais gastando seu dinheiro suado. Vou é procurar outra loja.

O vendedor exhibe de repente um olhar malévolo.

— O dinheiro que você está gastando não é seu, é da sua patroa — diz ele. — Você nunca teria condições de comprar as minhas mercadorias pelo preço que as vendo, sua velha. Agora pare de desperdiçar o meu tempo.

Bhima estremece diante da verdade contida nas palavras do homem. Mas, antes que possa reagir, Rajeev dá um passo ameaçador na direção do dono da loja.

— Meça as suas palavras! — diz ele. — Muitas lojas daqui vendem batata e cebola. Posso dar um jeito de nenhum cliente meu botar os pés novamente na sua loja.

Subitamente, Bhima não quer nada além do que dar por encerrado tudo aquilo. Ela ainda tem de ir ao mercado de peixes e estremece diante da ideia de chapinhar por aquele piso molhado, sujo, fedorento e escorregadio, certificando-se de que nenhuma barbatana ou escama se coloque entre seus pés e as *chappals* de borracha. Ela odeia o alarido da parte coberta do mercado, os gritos estridentes e insistentes dos vendedores de peixe tentando atrair clientes para suas barracas. Odeia as expressões idiotas e vítreas na cara dos peixes mortos e derrotados e a sensação escorregadia das moedas quando o vendedor lhe estende o troco. Enquanto Rajeev e o dono da loja estão rosnando um para o outro, ela tira o dinheiro do sári e o coloca sobre as batatas empilhadas.

— Tome — diz ela apressadamente. — Aqui está o seu pagamento. Agora me dê logo o meu troco, que preciso ir embora.

Bhima observa Rajeev pôr as sacolas na cesta. Normalmente, o ajudante adolescente auxilia Rajeev quando ele se agacha para erguer a cesta e colocá-la sobre a cabeça, mas hoje o menino cruza os braços e observa, insensível, Rajeev esforçar-se para se levantar. A cesta está ficando cheia agora, e Rajeev cambaleia por um momento sob o peso antes de conseguir se equilibrar. Bhima acompanha sua passada errática, e a cena dilacera seu coração. Desvia o olhar, com raiva de si mesma pelo seu sentimentalismo atípico. Ela tem problemas suficientes; não há necessidade de assumir os do mundo, não há necessidade de sentir a dor de cada vendedor de legumes e de cada carregador que encontra pela frente. Gopal costumava lhe dizer que seu coração era mole demais, que o mundo tiraria vantagem dessa moleza, e não é que o tempo provara que seu marido era um gênio? E não é que ele estava absolutamente certo? E o fato de que o próprio Gopal fora o responsável por deixar vazar a moleza de seu coração, substituindo-a por uma dureza fria, semelhante a cimento, bem, isso havia sido a ironia final.

— Aonde vamos agora, *mausi*? — pergunta Rajeev, e ela aponta o mercado de peixes.

Depois que terminam as compras, Rajeev deposita a cesta cheia aos pés dela e diz que vai buscar um táxi. Esse é o ritual semanal dos dois, mas hoje a lembrança de Rajeev vindo em sua defesa ainda está na mente de Bhima.

— *Chalo* — diz ela. — Antes de você fazer isso, vamos tomar um chá quente. Você tem muita coisa pra carregar hoje.

Rajeev olha para ela com curiosidade, mas balança a cabeça em concordância.

— Vai ser ótimo, *mausi*. Muito obrigado.

Eles ficam em pé do lado de fora de um pequeno café e sorvem o líquido marrom-claro contido nos copos pequenos. O proprietário, um homem corpulento com uma barriga grande, está sentado na entrada do café, colocando batatas apimentadas enroladas em massa no interior de uma imensa wok com óleo borbulhante. O cheiro das *battatawadas* faz com que Bhima fique com água na boca. Ela imagina quanto sobrá do dinheiro de Serabai depois que pagar o táxi e, rapidamente, calcula que pode se dar ao luxo de pagar um lanchinho para ela e Rajeev.

— Duas *battatawadas* no pão, chutney acompanhando — pede ela ao proprietário do café e, quando a comida lhe é servida sobre uma folha de jornal, ela estende um sanduíche a Rajeev, sem dizer uma única palavra. O carregador de cestas parece estar deliciado.

— MUITÍSSIMO obrigado — diz ele, e engole de uma vez a refeição.

Bhima quer lhe comprar um segundo sanduíche, mas está ciente de que é o dinheiro de Serabai que ela está esbanjando. Em vez disso, força-se a parar de comer seu sanduíche e finge estar satisfeita.

— Essas *battatawadas* são grandes — diz ela. — Eu não aguento mais. Você quer, Rajeev?

O sanduíche está fora de suas mãos antes mesmo de as palavras saírem de sua boca.

No táxi, Rajeev viaja na frente com o motorista, enquanto ela senta no banco traseiro com a cesta ao seu lado. A refeição deixou Rajeev de bom humor, e ele quer conversar, virando-se para fazer comentários frequentes com Bhima. Mas ela não está disposta a conversar, e logo Rajeev olha para a frente e começa a falar com o taxista. Sob o escudo protetor das duas vozes masculinas, Bhima está livre para se perder em seus pensamentos, olhando pela janela. Ela se debruça sobre a cesta e fecha a janela da direita, para se proteger da emissão de fumaça do ônibus na faixa ao lado. Ela fechara a da esquerda assim que entrara no veículo. As janelas cerradas tornam o carro incrivelmente quente, mas mesmo o calor é preferível às violentas convulsões que acometeram seus pulmões ao serem assaltados pela fumaça. Sente falta do ar-condicionado do carro de Viraf, sente falta de olhar para o mundo exterior enquanto sua pele é beijada por uma doce e pungente frescura.

Bombaim desliza por sua janela. Silenciosa e rapidamente, assim como grande parte de sua vida.

Sera acorda com um grunhido. Ela espia o despertador e sente uma onda de alívio quando vê que o visor está marcando quatro da manhã. Ainda pode dormir por pelo menos mais uma hora. É acometida por um ressentimento momentâneo em ter de acordar tão cedo essa manhã. Em poucas horas vai buscar Bhima e Maya no ponto de ônibus perto de sua casa. O plano é que Bhima siga para o trabalho enquanto ela, Sera, leva Maya à clínica de aborto. Três dias antes, ficara lisonjeada quando Bhima lhe contara que Maya solicitara que ela a acompanhasse ao médico. Agora, deitada e desperta, olhando para a escuridão do quarto, Sera sente uma irritação. Não esperava que nada disso acontecesse quando se apresentou como voluntária para pagar os estudos universitários de Maya. Pagar a semestralidade da faculdade de Maya é uma coisa; acompanhar a menina ao médico que sugará de seu corpo seu bebê bastardo é outra bem diferente.

Mas você não está fazendo isso por Maya, lembra a si mesma. Você está fazendo isso pela velha Bhima. O pensamento é imediatamente acompanhado de uma dor chata abaixo do ombro. É uma dor fantasma, ela sabe, uma dor psicossomática, mas ainda assim ela a sente. Afinal de contas, faz muitos anos desde o golpe que fez seu braço inchar e doer por dias. Por outro lado, quem sabe? Talvez o corpo tenha seu próprio sistema de memória, como as invisíveis linhas meridianas sobre as quais aqueles acupunturistas chineses estão sempre falando. Talvez o corpo seja incapaz de perdoar, talvez cada célula, cada músculo e fragmento de osso lembre de todo e qualquer ataque e agressão sofridos. Pode ser que a dor da lembrança esteja codificada na nossa medula óssea e cada agravo lembrado nade em nossa corrente sanguínea como uma pedrinha preta e dura. Afinal, o corpo, como Deus, move-se por caminhos misteriosos.

Desde a adolescência, Sera é fascinada por este paradoxo: como o corpo que ocupamos — que usamos como um casaco desde o momento de nosso nascimento, até mesmo desde antes de nosso nascimento — ainda é algo estranho a nós. Afinal, quase tudo o que fazemos em nossa vida é para o bem-estar do corpo: tomamos banho diariamente, escovamos os dentes, penteamos os

cabelos e cortamos as unhas; trabalhamos em empregos deploráveis para podermos alimentar e vestir nosso corpo; fazemos tudo o que está ao nosso alcance para protegê-lo da dor, da violência e dos perigos. No entanto, o corpo permanece um mistério, um livro que nunca lemos. Sera diverte-se com essa ironia, brinca com ela como se fosse um quebra-cabeça: como, apesar de toda uma vida de preocupações com nosso corpo, jamais tenhamos ficado frente a frente com nossos rins; como é possível que jamais reconheçamos nosso próprio fígado numa fileira de fígados; como é possível que jamais tenhamos visto nosso próprio coração ou nosso próprio cérebro? Sabemos mais sobre as profundezas do oceano, estamos mais a par dos confins do universo do que de nossos próprios órgãos, músculos e ossos. Então talvez não existam dores fantasmas; talvez todas as dores sejam reais; talvez cada golpe distante no passado continue vivendo até a eternidade em permutações e formatos diferentes; talvez o corpo seja uma entidade hipersensível e vingativa, um livro de cabeceira, um depósito de desfeitas e crueldades lembradas.

Se isso for verdade, certamente o corpo também se lembra de cada gentileza, de cada beijo, de cada ato de compaixão? Certamente essa é a nossa salvação, a nossa única esperança — que a alegria e o amor estejam também costurados no tecido do corpo, em cada músculo rijo, no núcleo de cada célula pulsante?

Das brumas do tempo, Sera lembra-se do golpe e do bálsamo; do torturador e do curador: Feroz e Bhima.

Por essa época ela e Feroz já haviam se mudado do apartamento de Banu para uma casa própria. Quando o primeiro golpe a atingiu, ela já tinha se esquecido de como a briga havia começado. Tudo o que conseguia visualizar era o rosto de Feroz — a veia latejando raivosamente em sua testa, os olhos inchados de fúria, a pele com uma coloração rubra. E então, de relance, ela viu o candelabro de cobre na mão dele e os golpes rápidos e furiosos no ar antes de a peça vir com toda a força ao encontro de seu braço, o braço que ela erguera num esforço para se proteger da rajada de raiva do marido. Seu corpo foi inundado por uma dor aguda e amarga, e um estridente grito animalesco escapou-lhe dos lábios antes que ela pudesse cerrar a boca. Ela desabou na beira da cama, segurando o braço machucado, mas mesmo assim Feroz recusava-se a parar, fazendo chover golpe sobre golpe em suas costas, dessa vez com as mãos livres. Ela pensou que

desmaiaria em decorrência da dor, mas a surra terminou tão de repente quanto havia começado, como se alguém houvesse desligado o interruptor que fizera com que as mãos dele empreendessem aqueles atos violentos.

No passado, após a chuvarada torrencial de sua raiva cessar, ele olharia para ela como quem não está entendendo nada. Então as lágrimas, as desculpas e a autorrecriação surgiriam. Ele soluçaria e imploraria o seu perdão; ele daria fortes tapas em seu próprio rosto ou golpearia a si mesmo na nuca. Mas, naquele dia, Feroz simplesmente ficou parado, olhando para ela, e quando finalmente Sera conseguiu levantar os olhos para ele e viu seu rosto através das lentes distorcidas pelas lágrimas, o olhar de repulsa do marido fez seu coração parar. Ele olhava para ela como se a abominasse, como se a própria visão de seu corpo contorcido, machucado, o deixasse enjoado.

— Hoje você foi longe demais — sibilou ele. — Hoje você mereceu o que teve. Esse seu maldito orgulho, essa sua arrogância; você é uma castradora, você não é uma mulher de verdade, sabia?

Eles estavam casados há tempo suficiente para que Sera soubesse que não deveria responder. Feroz parecia um homem possuído quando estava em um desses dias de péssimo humor, e a mais leve provocação podia fazer as fúrias dentro dele girar e rodopiar com maior rapidez ainda, como uma nuvem de poeira que não para de aumentar. Então ela desviou o olhar, grata pelo fato de que Dinaz estava no parque com Bhima, por sua criança não ser obrigada a escutar os sons do casamento estilhaçado de seus pais. E enquanto estava dando graças a Deus, ela provavelmente deveria agradecer também pelo fato de que tinha o tipo de pele que sarava rápido, de modo que estava poupada da humilhação de ser uma dessas mulheres que carregam em seu corpo os sinais da violência do marido como uma vitrine para que todo mundo possa ver.

Dessa vez, porém, os hematomas não sararam. Três dias depois, seu braço ainda estava preto e azul, e tão inchado que ela mal conseguia levantá-lo acima da cabeça para vestir sua *sadrá* a cada manhã. Até mesmo amarrar sua *kasti*, a tradicional faixa sagrada parse tecida com setenta e dois fios de lã e usada ao redor da cintura, fazia seu braço doer. Havia também o hematoma no lábio superior, que ela batera na cama ao cair de joelhos. Mas, naquele momento, ela não se importava. Sera queria ficar na cama o dia inteiro, entorpecendo sua mente, do mesmo jeito que seu corpo estava sendo inundado de dor. Todas as

manhãs ela ficava de pé o tempo suficiente para mandar Dinaz para o maternal antes de retornar à cama. Lá ela ficava até que chegava a hora de Dinaz voltar para casa.

No dia seguinte à surra, Feroz entrara no quarto e anunciara que estava viajando para Pune a negócios. Sera sabia que ele havia inventado a viagem como uma maneira de sair de casa, mas não se importava com isso. Ela estava grata por ele ficar ausente. Dessa forma, não havia ninguém para observá-la com desprezo quando ela voltasse para a cama às nove da manhã; não havia ninguém para lhe dizer que saísse daquele abatimento se não quisesse acabar se transformando em uma daquelas velhas parses budistas da Grant Road; ninguém para criticar sua aparência ou seu jeito de andar ou seu cheiro; ninguém para afirmar que os hematomas em seu corpo eram falsos, que ela estava deliberadamente atendo-se a eles como uma maneira de fazer com que o marido fosse malvisto. Mesmo assim, apesar do alívio em ter a casa para si, seu coração dava saltos sempre que o telefone tocava ou o carteiro batia na porta. Ela continuava esperando que Feroz se desculpasse por carta ou por telefone, que reconhecesse a dor que ela sentia, que perguntasse como estava o seu corpo machucado. Mas, quando ele ligava a cada noite, era apenas para dizer boa-noite a Dinaz. Dessa vez não haveria pedido de desculpas. O padrão usual de violência descomedida, seguido da enchente de lágrimas, desculpas, palavras doces, beijos e promessas, não ocorreria dessa vez. Agora, haveria simplesmente a secura do silêncio e da distância. Ela sentia agudamente a perda do ciclo usual de brigas e reconciliações que eles mantinham antes. Era como se outra fase de seu casamento tivesse terminado, e agora Sera não podia sequer ter a esperança de obter o carinho da reaproximação. A indiferença de Feroz doía tanto quanto os hematomas em seu braço.

No quarto dia, Bhima chegou para trabalhar com uma pequena trouxa. Sera olhou desinteressadamente quando abriu a porta para permitir que Bhima entrasse, e voltou para seu quarto. Um pouquinho mais tarde, Bhima entrou no quarto segurando uma travessa com duas torradas.

— Vamos lá, *bai*, levante-se — disse ela. — Você vai ficar mais doente nessa cama. De qualquer maneira, hoje a Bhima vai curar você. Todos esses pontinhos escuros em seus braços já terão sumido ao pôr do sol, eu prometo.

Sera sorriu timidamente. Estava cansada demais para prestar muita atenção

em Bhima. Mesmo quando a ouviu bater alguma coisa na cozinha, não prestou muita atenção. Mas levantou os olhos quando Bhima levou o fogão Primus para dentro do quarto.

— Bhima, o que você vai fazer com essa coisa aqui dentro? — gritou ela.

— Shh, shh. *Bai*, deixe-me fazer o que estou fazendo e pronto. Essa receita aqui é da mãe do meu Gopal, da aldeia dele. Uma vez, quando a gente estava visitando a sua velha mãe, uma das meninas da aldeia foi estuprada e espancada por uma gangue de *goondas*. Quando a gente foi ver a menina, *bai*, ela estava tão pálida que você não tinha como dizer qual era a cor de sua pele. Nem o doutor *sahib* sabia o que fazer com ela. Minha sogra foi até a casa dela e depois voltou com essas folhas secas e um pouco de óleo quente e passou em todo o corpo da pobrezinha. Acredite ou não, na manhã seguinte, a menina já estava com a pele igual à de um recém-nascido.

Sera quis protestar, mas estava cansada demais. Portanto recostou-se na cama e observou Bhima pegar uma pitada do pó marrom-escuro e misturá-lo ao óleo. Ela acendeu um fogo baixo e aqueceu a mistura por alguns segundos. Em seguida despejou o óleo em suas mãos ásperas e calosas e começou a esfregar os braços de Sera.

Sera recuou. Bhima jamais a tocara antes. Ela tentou estabelecer alguma resistência, mas descobriu que não conseguia dar um bom motivo para as mãos de Bhima não a tocarem. O óleo pinicou sua pele, fazendo-a despertar. Embora as mãos magras porém fortes de Bhima estivessem apenas massageando seu braço, Sera sentiu o corpo todo suspirar. Sentiu a vida começando a agitar-se em suas veias e não conseguia dizer se aquela sensação nova e bem-vinda era proporcionada pelo óleo ou pelo simples conforto de ter um ser humano tocando-a com amizade e cuidado. Nem mesmo os mais doces momentos de amor entre ela e Feroz davam-lhe a sensação de ser tocada de maneira tão generosa, tão altruísta quanto a proporcionada por aquela massagem. Afinal de contas, o amor sempre vinha acompanhado de exigências e limites — as necessidades do outro tinham de ser respeitadas, de modo que, mesmo quando Feroz se concentrava em lhe dar prazer, ela estava sempre ciente do corpo latejante do marido, de quanto ele a observava detidamente, de como esperava para ver seu próprio desempenho refletido na reação dela. No fundo, no fundo, o sexo é um ato egoísta, as expectativas de um corpo intrinsecamente entrelaçadas

às necessidades do outro. Mas aqui, com Bhima, não havia nada disso. Aqui, ela podia simplesmente ouvir o som de seu corpo desenroscando-se, observar o ferrão e o veneno saindo dos machucados em sua carne até os hematomas ficarem com uma aparência tão inofensiva quanto borboletas pretas em seu braço.

Sera quase rosnou de frustração quando Bhima parou por um segundo para preparar um pouco mais da mistura. Agora Bhima estava delicadamente colocando-a de bruços e desabotoando os botões de seu vestido.

— Coitadinha da Serabai — murmurava ela. — Quanto fardo o pobrezinho desse corpo está carregando. Quanta infelicidade. Mande isso pro inferno, pare de carregar esse fardo.

Enquanto as mãos dela circulavam pelas costas lisas de Sera — puxando os músculos fibrosos, dando pancadinhas nos pontos dolorosos, seus dedos movendo-se para cima e para baixo nas vértebras, como se fossem teclas de um piano, Bhima continuava lhe dirigindo palavras e linguagens que Sera mal conhecia. À medida que seu corpo relaxava sob as sábias mãos de Bhima, Sera sentia-se recuando, retrocedendo no tempo, de modo que, por um momento, ela era uma jovem noiva sentada no colo de seu marido, enquanto ele a balançava para a frente e para trás num ritmo sexual, e então, no momento seguinte, era uma criancinha nos joelhos da mãe, sendo embalada para dormir depois de uma noite quente e intranquila, e depois ela era até mais velha e mais jovem do que isso — era um pequeno peixe flutuando num cálido mundo de escuridão e fluidos, um ser tão sem forma e translúcido e líquido quanto seus ossos davam-lhe a sensação de estarem naquele exato momento. E ainda assim Bhima falava com ela, suas palavras voando da boca com a mesma velocidade de papagaios voando no crepúsculo, a língua trabalhando com a mesma rapidez das mãos, e tudo era um borrão de palavras e ritmo; de discurso e movimento. E Sera agora estava evanescendo, indo na contracorrente de uma lembrança ancestral, primal, afogando-se numa fonte de sensações e sentimentos, velhas mágoas e novas feridas sendo exorcizadas de seu corpo, fazendo com que se sentisse tão luminosa e nova quanto no dia em que nasceu. Paradoxalmente, à medida que as feridas deixavam seu corpo, ela começou a chorar, como se, agora que a dor tivesse parado de ocupar seu corpo, houvesse por fim espaço para as lágrimas. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto e eram recebidas pelo travesseiro, se

Bhima estava reparando no arfar de suas costas, não fez nenhum comentário a respeito. Bhima parecia estar ela própria num transe; os estranhos murmúrios continuavam por sobre o choro silencioso de Sera, o que a fez sentir-se grata.

A última coisa de que se lembrava antes de cair no sono foi do cheiro do óleo no quarto. Isso a fez se lembrar do cheiro do apartamento de sua avó, e pensar nela, uma mulher corpulenta e áspera com um colo semelhante a um travesseiro, contra o qual pressionava a cabecinha da neta, fez Sera sorrir.

Quando acordou algumas horas mais tarde, os hematomas em seu braço haviam diminuído. Se antes eles pareciam o mapa-múndi, agora haviam sido reduzidos ao tamanho do mapa do Brasil. Em qualquer outro momento ela teria ficado surpresa, mas após a sonhadora estranheza da massagem de Bhima, qualquer coisa lhe parecia possível. Levantou-se da cama, deslizou os pés nas sandálias de borracha e foi até a cozinha. De repente, sentiu-se inexplicavelmente tímida na frente da mulher que estava curvada sobre a pia lavando pratos com a mesma intensidade com a qual esfregara suas costas poucas horas antes. Queria agradecer Bhima por sua delicadeza, queria lhe explicar quanto a vida parecia quente e maravilhosa quando voltava a pulsar nas veias de uma pessoa, queria lhe dizer quanto seu coração estava frio após aquele último encontro com Feroz e como Bhima o aquecera novamente, como se ela tivesse pegado seu coração cinzento e frio em suas mãos morenas e o esfregado até que o sangue voltasse a correr nele. Mas uma rede de timidez caiu sobre Sera quando Bhima levantou os olhos dos pratos e direcionou-os a ela. Aceitara havia muito que Bhima era a única pessoa que sabia que os punhos de Feroz ocasionalmente voavam como abutres pretos sobre o deserto de seu corpo, que Bhima sabia mais acerca da estranheza de seu casamento do que qualquer amiga ou membro da família. Agora Sera tinha a sensação de que Bhima possuía uma lente em sua alma, que tinha, de alguma maneira, penetrado seu corpo mais profundamente do que Feroz jamais penetrara.

— Está melhor? — perguntou Bhima, sem sorrir.

Em resposta, Sera levantou o braço para que Bhima pudesse ver as marcas em sua pele diminuindo. A mulher mais velha balançou a cabeça em concordância energicamente.

— Amanhã de manhã já não vai ter nenhum sinal dos... nenhum sinal.

Sera sentiu o rosto enrubescer diante do que Bhima não dissera. Nenhum

sinal da brutalidade de Feroz, era isso que Bhima tivera a intenção de dizer. Um sentimento de mortificação fez com que Sera desviasse o olhar, de modo que ela não notou que Bhima havia abandonado a pia da cozinha e dado alguns passos em sua direção, secando as mãos no sári enquanto andava.

— Serabai — disse ela suavemente —, você é bem mais sábia do que eu, você é uma mulher que estudou, enquanto eu sou uma analfabeta. Mas, *bai*, escute o que vou dizer: não tolere o que ele está fazendo com você. Conte pra alguém. Conte a seu pai, ele virá aqui e partirá o nariz dele. Você está tentando esconder a sua vergonha, *bai*, eu sei, mas a vergonha não é sua. A vergonha é de *seth* Feroz, não sua.

Os olhos de Sera encheram-se de lágrimas. Ela sentiu-se exposta sob a visão de raio X de Bhima, mas o alívio de outro ser humano reconhecer em voz alta o que Feroz estava fazendo com ela era imenso.

— Gopal... Gopal nunca bate em você?

Bhima bufou.

— Se ele bate em mim? Hum, se aquele idiota encostasse um dedo em mim, eu faria um *jaado* nele e transformaria suas mãos em toras de madeira. — Então, olhando o rosto chocado de Sera, ela sorriu. — Não, *bai*. Com a graça de Deus, o meu Gopal não é como os outros homens. Ele cortaria as próprias mãos antes de me machucar.

Deitada na cama agora, Sera lembra-se da afirmação confidencial de Bhima sobre Gopal: “Ele cortaria as próprias mãos antes de me machucar”, e sorri amargamente. O tempo provará que Bhima estava equivocada, aniquilando a confiança que ela tinha no marido e tornando-a, em consequência, uma mulher crua e esfacelada. Elas eram semelhantes em muitos aspectos, ela e Bhima. Apesar da trajetória diferente de sua vida — circunstâncias, ela agora pensa, ditadas pelos acidentes de seus nascimentos —, ambas haviam conhecido a dor de acompanhar o fenecimento de seu casamento. Gopal havia sido um bom homem, mas agredira Bhima como uma víbora e lhe arrancara o objeto mais luminoso e cintilante de sua vida.

Bem, é inútil lamentar o passado, pensa Sera enquanto sai da cama e desliga o alarme do relógio. Melhor tentar consertar o futuro, que é o que ela está fazendo ao ajudar Maya a conseguir fazer um aborto. Ela senta-se na beira da cama e reza cinco Yatha Ahu Vahiriyos. Em seguida beija o pequeno retrato

de Zoroastro que guarda numa moldura de plástico em sua mesinha de cabeceira. Dirige-se ao banheiro, caminhando silenciosamente para não perturbar as crianças, que dormem no outro quarto. Pensar em Dinaz faz com que Sera se lembre de como Bhima costumava idolatrá-la quando era pequenininha. Bhima fez muitos favores a toda essa família, pensa ela. Se Maya precisa da minha ajuda agora, como poderia ao menos pensar em recusar?

Pelo menos não vou pegá-las na favela, pensa Sera ao entrar no táxi. Graças a Deus ela tivera a presença de espírito de pedir que Bhima e Maya a esperassem no ponto de ônibus. Dessa forma, ela e Maya podem prosseguir no táxi até a clínica do dr. Mehta. Embora muitos anos tenham se passado, Sera ainda estremece ao se lembrar da visita que fizera à favela.

Bhima estava doente, com febre tifoide. Incapaz de ir trabalhar, mandara notícias sobre sua enfermidade por uma de suas vizinhas, e Sera imediatamente soubera que se tratava de alguma coisa séria. Tifo não era algo que permitisse uma postura *blasé*, ela sabia muito bem. E então decidira fazer uma visita a Bhima e Maya.

Embora seu apartamento fosse localizado a menos de quinze minutos de caminhada do *basti*, Sera tinha a sensação de haver entrado em outro universo. Uma coisa era passar de carro pelas favelas que haviam se espalhado pela cidade. Outra coisa era caminhar pelos becos estreitos que levavam à favela que se esparramava pela urbe — observar seus sapatos de couro legítimo ficar encharcados na água escura e enlameada que se juntava em poças no chão; ficar enjoada com o abominável odor de merda e de Deus sabe o que mais; desviar o olhar enquanto homens adultos urinavam nas fossas abertas em frente às suas casas. E as moscas, gordas como a culpa. E os vira-latas com manchas e feridas nas costas. E as crianças gritando como galinhas enquanto suas mães as espancavam com a palma das mãos. Sera sentira vontade de dar meia-volta e ir embora, de fugir daquele mundo horrendo e retornar em segurança para a sanidade de sua vida. Mas sua preocupação com Bhima impeliu-a à frente.

À medida que Sera andava, um grupo de favelados — crianças entusiasmadas saltando em um pé só, mulheres curiosas e alguns homens mais ousados — começou a segui-la, fazendo com que se sentisse ainda mais estranha no local, uma invasora do espaço sideral que dera de cara com um planeta diferente. A multidão atrás dela era festiva, cheia de entusiasmo, o zumbido constante de suas conversas a segui-la como um enxame de abelhas. Mas nenhuma daquelas pessoas falou com ela, exceto para apontar o caminho para o barraco de Bhima: “Pegue a esquerda, madame” e “Não, *bai*, por aqui”. Ela

sabia que o povo da favela encontrava pessoas bem-vestidas e endinheiradas como ela todos os dias nas ruas, e que muitos deles deviam ter emprego na casa de pessoas como ela. Aquele povo tinha familiaridade com seu mundo; a novidade era ter alguém de seu mundo visitando o mundo deles.

Mas a pior parte de sua visita — a lembrança que ainda faz o rosto de Sera ficar rubro — foi a recepção que a esperava quando ela chegou à casa de Bhima. Uma olhada em Bhima foi suficiente para que Sera percebesse que a mulher mais velha estava adoentada e à beira da morte. O rosto macilento de Bhima era semelhante a um esqueleto, e seus olhos estavam brilhantes devido às febres altas que a acometiam diariamente. Mesmo assim, Bhima esforçou-se para se levantar e dar as boas-vindas a Sera em sua humilde residência. Remexendo seus pertences, tirou uma nota de cinco rupias e mandou Maya comprar uma Mangola para a visita — ela sabia que esta era a bebida predileta de Sera. Sem que nenhum pedido tivesse sido feito, os vizinhos de Bhima rapidamente encontraram uma velha cadeira de madeira sobre a qual todos insistiram que Sera se sentasse. Quando ela protestou e disse que podia sentar-se no chão, eles riram como se ela tivesse contado uma piada realmente engraçada. Maya voltou com a Mangola. Quando Sera ofereceu um gole à criança, ela recusou, embora lambesse os lábios e desviasse o olhar.

Sentada na única cadeira do recinto, cercada de pessoas acoradas e bebericando a Mangola enquanto as crianças faveladas olhavam para ela com seus imensos e ávidos olhos, Sera sentiu-se sobrepujada pela culpa e pelo pesar. A cada gole do espesso e doce líquido à base de manga, tinha a sensação de que estava engolindo um coágulo de sangue. Diversas vezes ela fingiu estar saciada e sem vontade de beber mais, no entanto sempre que isso acontecia Bhima parecia ficar arrasada. A generosidade dos pobres, maravilhava-se Sera. Faz com que nós da classe média nos envergonhemos. Eles deveriam nos odiar, na verdade. Ao contrário, nos tratam como se fôssemos parte da realeza. Pensar em como ela própria tratava Bhima — não permitindo que se sentasse nas peças de sua mobília, mandando-a comer com utensílios separados — encheu-a de culpa. Contudo, ela sabia que, se tentasse mudar quaisquer desses rituais, Feroz teria um ataque. Mesmo assim, o rosto doentio e febril de Bhima e sua espontânea generosidade a fizeram tomar uma decisão.

— Você vai lá pra casa comigo, vai ficar conosco até melhorar — disse ela.

— Não, nem adianta discutir, Bhima. Você não está em condições de cuidar de si mesma, quanto mais de Maya. Qualquer um pode ver isso. Pegue o que for necessário e vamos.

Mantendo sua promessa, ela cuidara de Bhima até que recobrasse a saúde, levando-a para uma consulta com o gentil médico da família, dr. Porus, no dia seguinte.

Mas agora, com sua mente acelerada como a velocidade do táxi, Sera não sente conforto nem orgulho com nada disso. Ao contrário, o que ela se lembra é do fato de que, mesmo tão doente, Bhima dormira num fino colchão na sacada. Imaginá-la dormindo em uma de suas camas fora repulsivo demais para Sera. A pequena Maya dormira sobre um lençol ao lado da avó. Naquela época, Sera culpara Feroz por isso, dissera a si mesma que ele não toleraria nada além daquilo. Mas a verdade é que ela não teria ficado confortável com as duas dormindo em qualquer outro lugar. Os odores e as visões que encontrara na favela ainda estavam muito vívidos em sua mente, como se tivessem ficado impregnados em seus cabelos e na própria pele. Sempre que pensava na favela, encolhia o corpo e se afastava da presença de Bhima, como se a mulher tivesse passado a incorporar tudo o que era repulsivo em relação àquele lugar. Por muitos anos, Sera ficara impressionada em ver como Bhima era asseada e bem cuidada. Agora, quando estava na hora de dar as pílulas a Bhima, certificava-se de depositá-las na palma da mão da serviçal sem estabelecer nenhum contato. E, no decorrer das semanas seguintes, manteve Dinaz zelosamente afastada de Bhima. Ela dizia a si mesma que era por causa da febre, mas também tivera a intenção de proteger a filha da pátina de sujeira que agora via sempre que olhava para a serviçal.

Sera suspira tão alto que o taxista olha para ela pelo retrovisor. Por mais que tente, não consegue transcender sua pele de classe média, pensa. Mesmo assim, se esforçou ao máximo para dar o melhor para Bhima e sua família. E agora precisa supervisionar essa coisa com Maya. Mas, pelo bem das duas, ela ficará contente quando todo esse episódio sórdido tiver se encerrado. Essa questão deplorável afetara Bhima terrivelmente — ontem mesmo Sera teve de morder a língua em pelo menos cinco ocasiões enquanto Bhima cometia erros estúpidos de quem não toma cuidado com o que está fazendo.

Quando Sera alcança o ponto de ônibus, as duas a estão esperando. Ela as vê

antes de ser avistada por elas, duas figuras com quase cinquenta anos de idade de diferença e, no entanto, unidas por sangue e destino. Embora elas não estejam falando, seus corpos estão encostados um no outro, num gesto inconsciente de familiaridade e intimidade. Sera sente a garganta apertar em virtude do afeto e do carinho que tem por Maya. Faz um bom tempo que não a vê, porque alguns meses antes — mais ou menos na época em que Maya teve seu caso, especula agora Sera — a menina parou de aparecer para trabalhar na casa de Banu. A enfermeira de Banu do turno diurno à época preferia sair às três da tarde, e Sera contratara Maya para preencher a lacuna existente até a chegada da enfermeira do turno da noite, que se iniciava às oito. Também era um trabalho fácil — tudo o que Maya tinha de fazer era dar um pulo no apartamento de Banu depois da faculdade e certificar-se de que a idosa tomaria seu chá da tarde e faria sua refeição noturna. Sera sabia que podia se virar pagando bem menos outra pessoa pelo emprego, mas Maya era praticamente um membro da família, e Sera não lhe regateava a quantia extra. A adolescente provavelmente já se sentia deslocada em meio a seus colegas de classe mais endinheirados, imaginava Sera. Afinal de contas, entre eles, não havia muitos órfãos cujo único parente vivo trabalhava como empregada doméstica na casa de alguém. Se algumas rupias extras pudessem ajudar a diminuir o desconforto de Maya, se ajudassem a pagar por uma peça de roupa a mais que robustecesse sua confiança, então já valeria a pena.

— Pare um pouquinho depois do ponto de ônibus — ela orienta o taxista.
— *Bas*, está bom. Pare aqui.

Quando ela sai do carro, as duas a avistam e andam em sua direção. Sera fica perturbada ao notar que Maya não faz contato visual com ela, preferindo olhar para o chão. De alguma maneira, a falta de entusiasmo da menina ao vê-la a irrita, esvazia sua afeição anterior.

— Oi, Maya — diz ela friamente. — Tudo bem?

— Tudo — diz Maya com uma voz morta.

Sentindo o olhar crítico de Sera, a menina finalmente ergue a cabeça e olha para ela. Mas seu olhar é tão morto quanto sua voz, como se seu rosto tivesse subitamente se transformado em pedra.

Bhima olha para uma e para outra, preocupada.

— Ela está de mau humor hoje, Serabai — explica ela. — Acordou toda

deprimida, só isso. — Seus velhos olhos cinza silenciosamente imploram que Sera compreenda e perdoe.

Sera de repente desejaria que Bhima as acompanhasse até o hospital. Ela não gostaria de lidar com essa nova Maya, essa Maya taciturna. A menina que ela conhece, que ela alimentou e educou, é mais leve, mais jovem do que essa moça pesada e deprimida que está à sua frente. Ela luta contra a ânsia de lembrar a Maya que foi ela quem pediu que Sera a acompanhasse ao médico, e não o contrário. Também sente uma momentânea culpa — será que ela, Viraf e Bhima haviam conspirado para forçar Maya a fazer um aborto contra a vontade? Afinal, ela jamais falou diretamente com Maya a respeito de seus desejos. Mas então dá uma olhada no rosto velho e cansado de Bhima, e sua coluna enrijece. Essa menina é simplesmente jovem e ingênua demais para saber o que a espera caso tenha um bebê fora do casamento. A selvageria carniceira com a qual o mundo lhe cairá sobre os ombros e a tritulará por inteiro. Não, melhor livrar-se do bebê, e então, após algumas semanas, quem sabe ela possa sentar-se com Maya e lhe explicar a importância de retornar aos estudos. Quem sabe possa até ajudá-la a entrar numa faculdade diferente, algum lugar onde Maya possa recomeçar do nada. Sem namorados, sem casos amorosos dessa vez, ela lhe dirá. Apenas seus estudos. Lembre-se, sem uma formação, você não é nada. Nesta cidade, pessoas com diploma de advocacia e doutorado passam fome. Um diploma de ensino médio não é suficiente nem mesmo para conseguir um emprego como *channawalla*. Trata-se da mesma lição que ela dera a Dinaz anos antes. Mas, com Maya, ela acrescentará uma outra ameaça. Sem a obtenção de pelo menos um diploma de graduação, você passará a vida varrendo o chão de outras pessoas e lavando suas roupas sujas. É isso que você quer para si? A mesma vida que sua mãe e sua avó tiveram?

A lembrança da falecida mãe de Maya suaviza os sentimentos de Sera para com a menina em pé ao seu lado. Ela olha de relance para Maya, mas seu rosto está vazio como um teto. Sera suspira. Está tentada a dizer a Bhima que mudou de ideia, que deseja que as acompanhe à clínica, mas resiste à tentação. Há simplesmente muito trabalho a fazer em casa, para que Bhima possa ter tempo de ir com elas. Apesar da intervenção do amigo médico de Viraf, só Deus sabe quanto tempo terão de esperar. A última coisa que quer fazer no fim desse dia é voltar para casa e encontrá-la suja.

— Deixei as chaves de casa com os vizinhos do lado — diz ela a Bhima. — Eles vão abrir pra você.

Maya olha fixamente para Sera, e um riso, tão amargo quanto amêndoas, escapa dela.

— Ela podia ter trazido pra você as chaves da casa — diz ela à avó, como se Sera não estivesse lá. — Podia ter trazido as chaves pra você na confiança. Mas ela tem maior confiança nos vizinhos.

Sera fica chocada com a insolência. Mas não, não se trata disso em hipótese alguma. É a hostilidade na voz de Maya que a choca. Isso e... bem, é preciso que seja dito... A pura ingratidão. Antes que ela possa responder, porém, Bhima o faz:

— Sua ignorante, sua estúpida! — ela repreende a neta. — Metendo o nariz onde não é chamada. Desde quando lhe interessa o que Serabai faz com as chaves dela? A casa é dela, *na*? Trate de arrumar a sua própria casa grandona, e aí sim faça o que bem entender com as suas chaves. Até lá, fique de boca fechada, está entendendo?

Tanta feiura, e o dia mal começou. Sera não tem muita certeza do que desencadeara aquilo. Deve ter sido a gravidez, pensa ela, o bebê indesejado crescendo dentro dela. Maya na expectativa de sua morte iminente e não querendo deixar este mundo sem maculá-lo com sua presença. A lembrança de um bebê morto a faz estremecer. Quanto antes isso acabar, melhor para todas as partes envolvidas, pensa. Ela nunca viu Maya tão raivosa, tão defensiva, tão grosseira, tão... Ralé, na verdade. E, desde que ficara sabendo da gravidez da neta, Bhima tem agido como uma mulher insana — lenta e distraída em um momento, agitada e irritadiça em outro. A gravidez indesejada também lançou uma mortalha sobre o lar dos Dubash, de modo que o bebê crescendo dentro de Maya como uma erva daninha estava sufocando a felicidade que eles sentiam com o bebê que florescia dentro da barriga de Dinaz. Dinaz estava provavelmente censurando seus próprios gritos de alegria em deferência à tristeza de Bhima. Agora que pensava no assunto, Sera detectara um certo aspecto reprimido na filha nas últimas semanas. E não havia motivos para isso. O primeiro trimestre de Dinaz fora infernal, Sera sabia. Ela ficara nauseada, cansada, irritadiça, e ela e Viraf bicavam-se como corvos em cima de um animal morto na estrada. Mas, à medida que a fadiga e a náusea foram diminuindo, com

o passar dos dias, Dinaz voltou a ser a menina que sempre fora. Mesmo assim, de algum modo, o bebê de Maya projetava uma sombra sobre a felicidade deles. Era difícil voltar para casa cheia de roupas novas para o recém-nascido, pensar em que cor pintar o berço de madeira que já pertencera a Dinaz, decidir com qual obstetra e em qual hospital, tudo isso sob o olhar inexpressivo porém atento de Bhima. Era como tentar realizar uma festa de casamento numa casa com espírito fúnebre.

Bem, se é necessário que haja um funeral, se o bebê dentro do útero de Maya precisa ser morto — Sera estremece diante da palavra —, então não há tempo a perder. Melhor botar logo o pé na estrada.

— Vamos deixá-la na próxima esquina, Bhima — diz ela rispidamente, entrando no táxi. — De lá você segue a pé. Maya e eu vamos pra clínica. Agora vamos, vamos logo.

Maya hesita por uma fração de segundo antes de entrar no táxi. Mas Sera finge não reparar.

O dr. Mehta é um homem alto e curvado, com olhos caídos e tristes, e tem o desconcertante hábito de não estabelecer contato visual com Maya ao falar com ela. Em vez disso, endereça as perguntas a Sera.

— Então, como ela está se sentindo? — pergunta ele.

Sera olha de relance para Maya, que parece concentrada em mirar um ponto específico de seus pés.

— Bem — diz ela por fim. — Quero dizer, todos nós nos sentiremos melhor quando...

— Eu sei, eu sei — diz o médico apressadamente. Ele se levanta. — Bem, não se preocupe, senhora Dubash. Esse assunto estará resolvido num piscar de olhos. — Ele se vira para encarar Maya pela primeira vez desde que elas entraram em seu consultório. — Hum, siga-me por favor — diz ele ao levantar da cadeira. — A clínica fica daquele lado.

A menina também se levanta e olha para Sera. Pela primeira vez nessa manhã, Maya parece assustada. Seus olhos estão arregalados, e há um fio de suor sobre seu lábio superior. O coração de Sera fica apertado em solidariedade. Ela se aproxima para confortar a menina, mas Maya pega a mão dela e a segura com firmeza.

— Venha comigo — sussurra ela, ameaçadora. — Não quero ficar lá sozinha.

Sera olha para ela, horrorizada. Estar na sala quando o feto estiver sendo retirado é a última coisa que deseja. Ela sente uma reação violenta crescendo no fundo da garganta. Não me coloque nessa situação, pensa ela. Isso está muito além das minhas expectativas iniciais.

Antes que possa falar, o dr. Mehta vem em seu socorro.

— Tolice, menina — diz ele. — Ninguém além da minha equipe e da paciente tem permissão pra ficar lá dentro. Parentes têm de esperar no saguão. E por que esse medo todo? Vamos extrair esse bebê mais rápido do que se extrairia um dente.

Não só Sera como também Maya estremecem diante da comparação. Enquanto as duas trocam olhares, Sera dá um tapinha no braço direito da

menina.

— Não fique assustada — diz ela. — Vou ficar aqui te esperando.

Sera se senta no saguão, lendo um antigo exemplar da *Eve's Weekly*. Existem apenas duas outras mulheres na sala, e nenhuma tenta estabelecer contato visual com ela. Ambas parecem estar na casa dos quarenta e poucos anos, e seus elegantes sáris e suas joias com muito ouro indicam que têm posses. Sera imagina quais seriam as suas histórias. Provavelmente estão aqui para cuidar de suas filhas universitárias. Não há limite para o que o dinheiro pode comprar, pensa ela. Tudo, de lençóis de seda a um aborto numa bela clínica particular banhada pelo sol. Então ela descobre a si mesma. Você também está aqui porque tem dinheiro, lembra. E é grata ao amigo de Viraf por haver marcado essa consulta. Como as coisas teriam sido diferentes se Maya tivesse sido obrigada a ir a um hospital público. Sera ouviu histórias de médicos fazendo piadas indecentes sobre mulheres corrompidas, deslizando suas mãos pelas partes íntimas delas em proveito próprio, fingindo realizar um exame médico. E a maioria dessas mulheres é ignorante demais para saber o que está acontecendo e pobre demais para protestar, mesmo que soubesse. Ela estremece ao pensar em Maya sendo atendida em um desses lugares.

Sera olha de relance para seu relógio e percebe que se esquecera de ver a hora em que levaram Maya. Ela não tem a menor ideia de quanto tempo durará o procedimento ou — e aqui ela sente uma pontinha de apreensão — e em que condições estará Maya quando tudo estiver acabado. Deveria ter feito mais perguntas, ela se pune. Mas então se lembra do rosto comprido e dos olhos tristes do dr. Mehta. Não era o tipo de homem com quem se possa bater um papo.

Reviver em sua mente o dr. Mehta faz com que se lembre da expressão no rosto de Maya enquanto o médico a escoltava à sala dos fundos. Como a menina lhe parecera diminuta, como lhe parecera assustada. Não muito diferente da órfã que chegara no batente de sua porta com Bhima quase dez anos atrás. As crianças de hoje, suspira Sera. Ainda uma criança, lá estava Maya, grávida de outra. Bem, pelo menos tudo ia acabar logo, logo. Apesar de sua inquietude em estar ali, Sera não tem dúvidas de que o que elas estão fazendo é a coisa certa. Se é para Maya ter uma chance, é aqui que a história de seu bebê precisa terminar, aqui nesta elegante clínica.

Ela deve ter cochilado, porque agora uma enfermeira num uniforme engomado está de pé diante dela, chamando suavemente seu nome.

— Senhora Dubash? — diz a enfermeira. — Sua paciente está pronta pra recebê-la.

Maya parece pálida e pequena em seu leito de hospital. Seus olhos cintilam de lágrimas quando Sera se aproxima.

— Bom — diz ela antes que Sera possa dizer qualquer coisa —, agora vocês todos podem ficar satisfeitos. Meu bebê está morto.

Sera estremece. Ela sente uma fagulha se acendendo em seu humor e tenta controlar-se antes que diga palavras das quais se arrependerá depois. A menina acabou de se submeter a um processo traumático, lembra a si mesma. Seja gentil com ela. Quando Sera fala, sua voz está despida de raiva.

— Infelizmente, não havia outra opção, Maya — diz ela. — Mas posso imaginar que você esteja se sentindo triste. Como é que está se sentindo fisicamente, menina?

Maya começa a soluçar.

— Não sei — diz ela. — Está doendo à beça. Mas a enfermeira disse que eles vão me dar alguns comprimidos pra dor. Disse também que vou ficar bem daqui a uns dois ou três dias.

O dr. Mehta aproxima-se da cama e faz sinal para Sera o seguir até o saguão. Seus olhos parecem estar ainda mais caídos e tristes do que antes.

— Perdeu-se muito sangue — diz ele. — Às vezes acontece. Portanto, pode ser que haja câibras. E a menina pode se sentir fraca durante alguns dias. Se você acha que a família pode arcar com os custos, posso receitar um tônico.

— Faça isso, por favor — diz Sera prontamente. — Não se preocupe com os custos, doutor. Quero que essa criança tenha o melhor de tudo.

Dr. Mehta sorri ligeiramente, e Sera fica impressionada ao perceber como isso transforma o seu rosto.

— Bom — diz ele. — Bom. Escute, sra. Dubash, vou deixar a menina aqui por mais algumas horas antes de liberá-la pra voltar pra casa. Se a senhora estiver com vontade de... Enfim, se a senhora tiver compras a fazer ou qualquer coisa assim, pode voltar pra buscá-la daqui a algumas horas. E almoce também.

Sera retorna algumas horas mais tarde, após haver comprado para Maya um novo *salwar kameez*. Ela também conseguiu o tônico que o dr. Mehta

prescrevera e comprou um abacaxi e algumas bananas e laranjas. A menina vai precisar comer direito nos próximos dias. E ela dará dinheiro a Bhima para que compre água de coco diariamente para ajudar na cura das partes internas de Maya.

Maya está sentada na cama, esperando Sera. Seus cabelos estão penteados, e, empoleirada em seu leito hospitalar, ela parece um pacote de papel pardo cuidadosamente embrulhado, esperando que alguém o reclame para si.

— Pronta? — pergunta ela, e Maya salta da cama com um suave grunhido.

Do lado de fora, Sera repara como Maya anda com cautela, e sente uma pontinha de solidariedade.

— Como está a dor? — pergunta ela, mas a menina simplesmente dá de ombros, seu rosto impassível.

Elas olham ao redor em busca de um táxi.

— Vamos voltar pra minha casa, certo? — diz Sera. — Vou deixar a Bhima sair mais cedo pra te levar pra casa.

O rosto inexpressivo de Maya fica subitamente animado.

— Não, Serabai — diz ela. — Eu prefiro que... Eu... Quer dizer, basta me deixar no ponto de ônibus perto do *basti*. Estou cansada. Prefiro ir pra casa e descansar. Eu fico lá esperando a *Ma-ma* chegar.

— Maya, seja razoável. Como é que você vai andar do ponto de ônibus até o *basti*? Dá pra ver que você está cheia de dor. — Por favor, não me peça para acompanhá-la até a favela, pensa ela.

— Vou ficar bem, Serabai. Com certeza. Eu... Eu só estou ansiosa pra chegar em casa e me deitar. Por favor.

Sera sente uma coisa apertada dentro de si de repente se afrouxando. Ela respira. Está cansada de assumir responsabilidade por essa menina teimosa. Está cansada de lutar, de se conter contra as obstinações e as grosserias de Maya. Render-se lhe parece bem mais leve e bem mais simpático.

— Tudo bem — diz ela. — Se é isso que você quer, que assim seja. Vou mandar Bhima sair mais cedo assim que chegar em casa.

Um táxi diminui a velocidade perto delas, e Sera acena. Maya encosta na porta e fica olhando resolutamente pela janela. Elas seguem o resto da viagem no mais absoluto silêncio.

Livro dois

Dois meses se passaram, pensa Bhima, e a menina ainda se recusa a voltar à vida. Maya fica sentada no barraco de chão de terra que divide com a avó, dia após dia, como uma grande estátua de pedra representando uma divindade. No entanto, ao contrário de uma divindade, Maya não tem uma aparência iracunda ou vingativa ou jovial. Ela não é carrancuda como Kali ou sorridente como Krishna. Em vez disso, fica sentada com o rosto pétreo, como se o médico que lhe fizera o aborto tivesse matado mais do que seu bebê, como se também tivesse retirado seus órgãos internos, tivesse extraído seu coração da mesma maneira que Bhima extrai a parte interna da abóbora que Serabai coloca em seu *daal*. O que quer que faça os seres humanos rir e dançar e ter esperança e amar e rezar, o que quer que separe a juventude da velhice, a vida da morte, Maya deixou de ter. E Bhima, incapaz de roubar, de comprar ou de pegar emprestado o que quer que seja isso para a neta, sente fortemente o peso de sua pobreza e de sua idade e ignorância. Se tivesse estudado, pensa ela, eu saberia o que fazer. Eu encontraria a cura em um livro; saberia a quem consultar — um médico ou um sacerdote ou um professor. Mas como posso curar uma doença que não sei como nomear?

Logo após o aborto, Bhima instara Maya a retornar aos estudos, mas a menina voltara-se contra ela com tamanha ferocidade que as palavras de Bhima tornaram-se folhas secas em sua boca. A mesma coisa quando tocou no assunto sobre Maya encontrar um emprego de meio expediente. E, verdade seja dita, Bhima não perseguiu essa ideia com a mesma urgência com a qual pedira à neta que avaliasse a possibilidade de retornar à faculdade. De um jeito ou de outro, era tarde demais para retomar o emprego na casa de Banubai. A enfermeira diurna, Edna, estava apta a trabalhar mais horas do que a sua antecessora, e Serabai a havia contratado logo depois que Maya parara de aparecer no trabalho. E a ideia da neta trabalhando em lares de estranhos dava um nó no estômago de Bhima. Trabalhando para Serabai, era fácil fingir que eles estavam simplesmente ajudando um membro da família necessitado. Mas a ideia de a neta realizar o trabalho estafante que ela fazia era dolorosa para Bhima. Este havia sido o ponto principal para enviar Maya à faculdade: o fato de que, dessa maneira, ela poderia

construir um destino diferente para si.

Nessa noite, a atmosfera na casa escura, tornada opressiva pela aterradora presença de Maya, está além do limite suportável para Bhima.

— Você tomou banho hoje? — pergunta ela, e fica satisfeita ao ver o olhar ofendido no rosto da neta ao fazer que sim com a cabeça. Há esperança, pensa ela. A menina não está tão ausente do mundo a ponto de sua vaidade estar destroçada.

Essa ínfima esperança a impele a agir. Ela desliga o fogão que acabara de acender um segundo antes.

— Vista-se — diz ela. — Nós vamos dar um passeio na orla. Vamos comer um *panipuri* ou um *bhel* por lá. Nada de jantar em casa hoje.

Maya a encara por um segundo, e então uma luz surge em seus olhos. Observar a neta dar um salto para se pôr de pé faz com que Bhima sinta uma pontinha de culpa. Ela deveria ter pensado nisso há muito tempo. Ficar sentada sozinha o dia inteiro naquele lugar atroz — não era de estranhar Maya ter se transformado em uma pedra. Bhima amaldiçoa a si mesma por ser tão velha a ponto de ter esquecido quais eram as necessidades de uma adolescente: ar fresco, lugares diferentes, a companhia de outras pessoas, a oportunidade de usar roupas novas e passar um pouco de *kaajal* nos olhos. Ela própria tornou-se uma máquina, existindo apenas para trabalhar e receber um salário, necessitando apenas de comida e água suficientes para manter suas partes lubrificadas e funcionando. E como uma máquina pode saber os pensamentos e as necessidades de uma jovem? Ela se pune. Como saber o que um coração jovem e vermelho, latejando de vida e de desejos, sente? Não era de estranhar que a pobrezinha ficasse sentada em casa, encolhida como uma uva-passa o dia inteiro.

Elas caminham pela orla num silêncio amistoso. À medida que se aproximam da água, conseguem ouvir o oceano batendo nas pedras, e, quando uma tênue névoa eleva-se das rochas, beija suas faces num sinal de boas-vindas, Maya dá um risinho, um risinho repentino e não forçado que lembra a Bhima a criança de sete anos que ela trouxera de Délhi.

— O mar está falando — diz Maya.

E, observando o rosto feliz e desprovido de malícia da neta, Bhima sente a esperança ascendendo nela como a névoa marítima.

— Isso é o que o seu avô costumava dizer — responde ela. — A gente

adorava vir aqui com sua *Ma* e seu tio Amit quando eles eram crianças.

O rosto de Maya fica tristonho como sempre acontece quando Bhima menciona outro membro de sua família desaparecida.

— Conta pra mim — diz ela. — Conta pra mim como era essa época.

Bhima franze o cenho, como costuma fazer quase que automaticamente quando se lembra do passado. Ela peneira suas lembranças, como se estivesse peneirando o arroz na casa de Serabai, retirando as pedrinhas e os pedaços duros, separando o que é bom e brilhante.

— A gente vinha aqui todo sábado — diz ela. — Nós quatro. Quando a sua *Ma* era pequena, Gopal a levava no colo. Não como os outros pais, que ficam esperando que as mulheres façam todo o trabalho. Seu *da-da* era bem diferente desses homens.

— Como era a *Ma*? Quando era pequena, quero dizer. — A voz de Maya é arquejante, e, ouvindo sua ansiedade, o coração de Bhima vacila um pouco.

— A sua *Ma*? — Ela ri. — A sua *Ma* era igual a você quando pequena, magra como um palito, mas um palito forte. Inteligente também. Tinha cabeça boa desde o dia em que nasceu. Lembro que, depois de lhe dar de mamar, se eu não puxasse os meus peitos na mesma hora, ela me dava uma mordida. Mesmo sem dentes, com aquelas gengivas pequenininhas, *ae*, Bhagwan, ela conseguia morder. Uma guerreirinha desde o dia em que nasceu, aquela lá.

Elas riem. Bhima repara que a menina está arfando um pouquinho devido à caminhada e a puxa para o muro baixo de cimento que percorre a orla.

— Vamos sentar um minutinho — diz ela. — As minhas pernas estão ficando cansadas.

Mas, internamente, está preocupada com Maya. Não é certo uma menina de dezessete anos ficar sem fôlego depois de uma caminhada curta como aquela. É um sinal de que nem tudo está bem com Maya, e Bhima decide pedir a Serabai o nome de algum tônico fortificante para a menina. Independentemente de quanto custe, ela o dará a Maya por pelo menos um mês. Qualquer gasto, por mais excessivo que seja, vale a pena para essa menina, pensa Bhima, e a rajada de amor que ela está sentindo naquele momento é forte o bastante para arrancá-la daquele muro de cimento e arremessá-la ao mar.

Subitamente, sente o desejo de compartilhar o passado com Maya. Afinal de contas, essa é a sua herança, essa moeda corrente de lembranças que Bhima

carrega consigo num saco invisível. Talvez tenha chegado o momento de compartilhar a herança com a menina, antes que a passagem do tempo a desvalorize por completo.

— Antigamente tinha um vendedor de balões aqui — diz ela. — Um velho afegão, um patane. Um homem alto, majestoso. As crianças o adoravam. Ele fazia os desenhos mais maravilhosos do mundo com os balões dele pra mostrar pra elas. Gopal batia papo com o homem; perguntava como estavam os negócios, onde ele morava em Bombaim... Mas, mas eu nunca fiz isso. Não sei por que nunca falei com ele. Mas, pensando agora, eu gostaria muito de ter falado. Queria muito ter perguntado a ele... Algumas coisas.

— Que coisas? — sussurra Maya.

Seu rosto cintila de expectativa, como sempre acontece quando Bhima lança pedaços de lembrança em sua direção.

— Coisas, tipo, como ele conseguia suportar ficar tão longe de sua terra natal, se ele sentia falta da família, onde estava a mulher dele. Porque eu sabia que ele estava totalmente sozinho aqui na cidade de Bombaim. Estava nos olhos dele, entende? Solitários como esse mar, eram os olhos do homem. Eu podia ver isso em seus olhos, mas mesmo assim não conseguia dizer nada.

Maya não compreende. Ela pousa uma das mãos no ombro da avó.

— Não tem problema, *Ma-ma* — diz ela. — Tenho certeza de que estava tudo bem com o patane.

Bhima balança a cabeça com impaciência.

— Não, não é esse o motivo. Enfim, eu estava preocupada com ele, mas não é por isso que me arrependo de não ter feito as perguntas. — Ela baixa o tom de voz até quase um sussurro. — Veja bem, acho que ele poderia ter me ajudado a... A encarar o que aconteceria mais tarde na minha própria vida. Ele tinha o segredo, entende? O segredo da solidão. Como viver com ela, como embrulhar seu corpo com a solidão e ainda ser capaz de fazer coisas bonitas, coloridas, como o que ele fazia com aqueles balões. E ele poderia ter me ensinado a fazer isso se ao menos eu tivesse lhe perguntado.

Elas se olham por um momento, seus rostos nus e famintos. Então Maya começa a chorar.

— Eu sinto muito, *Ma* — diz ela. — Sinto muito ser um dos fardos na sua vida. Sei como tem sido a sua vida, e eu nunca quis...

As outras pessoas sentadas no muro estão olhando para elas, manifestamente curiosas, despidoradamente enxeridas. Bhima faz cara feia para um jovem sentado perto de Maya e em seguida puxa a neta, fazendo-a se levantar.

— Vamos andar — murmura ela. — Tem gente demais com orelha de elefante por aqui.

Enquanto caminham, Bhima segura a mão de Maya. A maciez da mão da neta nunca deixa de emocioná-la. É uma fonte de orgulho para ela, essa mão, porque Bhima pagou por essa maciez com seu próprio suor. Ela se lembra de suas próprias mãos aos dezessete anos — duras e calosas por trabalhar como serviçal desde criança. Arruinadas por uma vida inteira manuseando as cerdas afiadas e pontudas da vassoura, por mergulhá-las na cinza para polir panelas e frigideiras até ficarem reluzentes. Maya escapou desse destino. Até agora. Bhima esfrega o polegar nas costas da mão de Maya como se estivesse acariciando um pedaço de veludo.

— *Ma-ma*, não. — Maya dá uma risadinha em meio às lágrimas. — Faz cócegas.

— Você sempre sentiu cócegas. — Bhima sorri. — Sempre. Bastava eu olhar, e você já começava a se contorcer como um peixe. Quando a trouxe de Délhi, você ficava comigo o dia inteiro na casa de Serabai enquanto eu trabalhava. Por mais tímida e assustada que você fosse naquela época, essa era a única maneira de fazê-la sorrir. Serabai lhe fazia cócegas, e você começava a rir.

— *Ma* — diz Maya de repente. — Você nunca me contou, mas o que de fato aconteceu quando você chegou em Délhi?

Bhima fica tensa. Um olhar fechado e resguardado surge em seu rosto como um alçapão.

— Não há motivos pra desenterrar o passado — diz ela com uma voz embargada. — Já é ruim o suficiente tê-lo vivido. Lembrar tudo de novo não tem sentido. De qualquer modo, não é nada que uma menina como você precise saber.

— Você não pode me proteger pra sempre, *Ma-ma* — responde Maya. — Eu preciso saber. Afinal de contas, isso diz respeito a mim. Eles eram meus pais, meu *baba* e minha *Ma*. — Vendo o olhar teimoso no rosto da avó, Maya acrescenta: — Isso não é apenas propriedade sua, *Ma*. Isso pertence a mim

também. Só porque está de posse disso não significa que pertença apenas a você. Ao não me contar, está roubando alguma coisa de mim.

O rosto de Bhima está pétreo. Vendo isso, o semblante de Maya adquire um ar astuto.

— Eu sei como eles morreram, *Ma-ma* — sussurra ela. — Sei que eles morreram de aids.

Bhima gostaria muito que elas tivessem ficado em casa nessa noite. Esse ar noturno, esse mar sussurrante, esse anonimato enquanto elas caminham em meio a milhares de estranhos estão fazendo com que Maya pergunte coisas que normalmente não perguntaria. Bhima olha ao redor em busca da barraquinha de comida, esperando que a menina se distraia com o cheiro de amendoim torrado ou com as *battatawadas* sendo fritas.

— Está com fome? — pergunta ela, mas a menina não responde.

A parte inferior do queixo de Maya está pronunciada, e ela está com a aparência que costumava ter quando tentava resolver um difícil problema de contabilidade. De repente, ela pergunta:

— Por que *Ma* e *baba* deixaram você aqui e se mudaram pra Délhi?

— Porque seu *baba* era o melhor caminhoneiro da empresa em que trabalhava. Quando o chefe dele se aposentou e se mudou pra Délhi, levou seu *baba* com ele pra ser seu motorista particular.

Maya avalia a resposta.

— De repente, se não tivessem se mudado pra Délhi, eles não teriam ficado... Doentes.

Bhima não tem certeza de como reagir àquelas palavras.

— Vontade de Deus — diz ela sem muita convicção. Então, sentindo a necessidade de defender o genro, acrescenta: — Raju era um bom homem. Ele amava muito você e Pooja.

Maya não está satisfeita.

— Eu fico contente por ter nascido em Bombaim — declara ela de repente. — Sou uma garota de Bombaim, de corpo e alma. *Ma* sentia falta da cidade também, eu me lembro disso.

Bhima balança cautelosamente a cabeça em concordância, preparando-se para mais perguntas. Ela não espera muito tempo.

— Vovô e Amit vieram pro casamento? — pergunta Maya agora e, quando

Bhima balança a cabeça em negativa, ela acrescenta: — Por que não?

— Porque a sua mãe não os convidou — diz Bhima sucintamente.

Ela repassa na mente aquela discussão de muito tempo atrás com Pooja.

“Não é como se o seu pai estivesse morto” implorara ela. “Dá pra imaginar o que as pessoas vão dizer? Uma moça cujo pai está vivo prefere se casar sem a presença dele na cerimônia?”

Mas Pooja recusava-se a ceder.

“Deixe essas mesmas pessoas se lembrarem também de como ele perseguia a gente!”, gritou ela. “Você se esquece, *Ma*. Não foi a gente que o abandonou; foi ele que nos abandonou. Por que ele deveria voltar agora, pra fazer todo aquele falso *herogiri* dele por um dia e encantar todo mundo? O que ele vai fazer pra gente além de se vestir como um herói de cinema e comer a nossa comida? Além do mais, você mesma disse: você é a minha mãe e o meu pai.”

Em meio às lembranças, Bhima aperta o passo, e Maya dá uma corridinha para alcançá-la. Bhima sente os olhos da menina sobre ela, avaliando-a, estimando seu estado de espírito. Ela luta para engolir o sabor de coalhada amarga que subitamente lhe enche a boca.

— Ela deveria ter convidado — diz Maya agora. — *Ma* deveria ter convidado o vovô pro casamento dela. Se eu me casasse um dia, eu convidaria o vovô. E o tio Amit — acrescenta ela num tom conciliatório.

Bhima nota esse tom e sabe que a menina é bem-intencionada. Mas a referência de Maya ao casamento a faz se lembrar novamente de que a menina é uma mercadoria estragada, e ela não consegue impedir que a irritação transpareça em sua voz.

— Esqueça essa história de casamento — diz ela com rispidez. — Pense apenas na faculdade e em nada mais.

Maya estremece. Bhima odeia a si mesma por magoar a neta dessa maneira, mas também fica aliviada por suas palavras darem um fim a suas perguntas. Elas caminham num silêncio absoluto durante alguns minutos.

— Vamos comer um *bhel* — diz Bhima finalmente. — Você precisa comer um pouco.

Ambas sabem que essa é a maneira de ela pedir uma trégua.

A mão macia de Maya vai ao encontro da mão de Bhima.

— Fico muito contente mesmo de você ter me pegado pra criar quando *Ma*

e *baba* morreram — diz ela inesperadamente. — Não sei o que seria de mim se não fosse você.

Essa menina é como o avô, pensa Bhima. Ela consegue perfurar o meu coração com palavras do tamanho de um mosquito. Para mascarar as emoções, Bhima dá um leve tapa no braço de Maya.

— Bobinha — diz ela, carrancuda. — É claro que eu a peguei pra criar. Você é sangue do meu sangue, não é? O que acha que eu faria com você, a venderia pro ferro-velho? Doaria você a um circo, quem sabe?

Maya sorri.

— Eu imagino que o dono do ferro-velho não pagaria nada por mim.

— Cinco *paise*. E até essa quantia teria sido demais por uma menina bobona como você.

Elas andam ao longo da movimentada calçada, seus dedos frouxamente unidos. Após alguns minutos, Maya inclina a cabeça e a repousa sobre o ombro da avó.

— *Ma-ma* — diz ela em seu tom mais sedutor, e Bhima fica tensa, preparando-se para mais uma rodada de perguntas.

No entanto, Maya diz apenas:

— *Ma-ma*, estou com fome. Dá pra gente comer *panipuri* em vez de *bhel*?

O telegrama que chegou de Délhi dizia apenas: Pooja e Raju doentes ponto venha imediatamente ponto.

Bhima partira para Délhi na manhã seguinte. Serabai a ajudara a comprar as passagens de trem.

Aids.

Em pé no imundo corredor abarrotado do hospital público onde Pooja estava deitada num catre roído por traça, um jovem médico de olhar cansado arremessara a palavra na direção de Bhima.

— Sua filha tem aids — disse ele rispidamente. — Contraída de seu genro. Está entendendo? Ele não dura nem mais um dia. Com relação a... — ele baixou os olhos e consultou a prancheta — Pooja, é difícil afirmar quanto tempo ela permanecerá entre nós.

— Aids? — sussurrou ela. — É algum tipo de intoxicação alimentar? — Era a única coisa que poderia explicar o motivo pelo qual Pooja e Raju estavam com aquele aspecto tão emaciado.

O médico soltou um suspiro e a fitou.

— Você não sabe o que é aids?

Quando Bhima balançou a cabeça em negativa, ele nem se preocupou em esconder a desaprovação.

— Vocês, hein? — disse ele. — Só Deus sabe por que o governo gasta *lakhs* de rupias tentando dar instrução a gente como você sobre planejamento familiar e tudo o mais. É uma causa perdida mesmo. — Ele a encarou por mais um minuto e então girou nos calcanhares: — Eu não tenho tempo pra lhe dar lições de medicina. Tenho centenas de outros pacientes para cuidar. De qualquer modo, sou médico, e não uma droga de professor. — Ele começou a se afastar e então parou: — Melhor se despedir da sua filha, se quer um conselho. — E, vendo o olhar abalado em seu rosto, acrescentou: — Sinto muito.

Bhima ficou parada no corredor do hospital, incapaz de se mover. Pooja e Raju morrendo? Será que ouvira direito o que o médico dissera? Ou será que, em sua ignorância costumeira, ela não compreendera as suas palavras? E por que ele lhe falara de maneira tão agressiva? Ela olhou ao redor e viu centenas de pessoas

vagando pelo estreito corredor, aparentando estar tão aturdidas e abaladas quanto ela. Centenas de pessoas ao seu redor, e, todavia, ela jamais se sentira tão solitária. Se estivesse em Bombaim, saberia o que fazer. Poderia telefonar para Serabai e pedir que ela falasse com aquele jovem médico. Até mesmo um vizinho do *basti* a teria ajudado num momento como aquele. Teria engolido o orgulho e pedido ajuda. Por Pooja, teria se despedido por completo e caminhado de joelhos para pedir ajuda. Qualquer coisa para salvá-la daquela horrorosa doença comedora de carne que a estava matando. Subitamente, os joelhos de Bhima fraquejaram, e sua mão foi obrigada a tocar a parede suja de *paan* para se apoiar.

— Ei, alguém ajude aquela mulher! — ela ouviu uma voz dizer, e um par de braços a agarrarou pelos cotovelos. — Cuidado, *didi*, cuidado — disse outra voz. — Aqui, venha sentar nesse banquinho por um minuto.

Sua cabeça parecia estar tão leve quanto uma melancia sem caroços. Ela sentou-se com os olhos fechados até que a náusea e a tonteira passassem, e então os abriu porque o rosto magro e moribundo de Pooja estava flutuando diante de seus olhos. Ela virou-se para agradecer à pessoa que a ajudara e reparou que era um jovem com uma barba rala, na casa dos vinte e poucos anos.

— Deus o abençoe, *beta* — disse ela.

— Meu nome é Hyder — disse ele, e então ficou de pé num salto. — Vou pegar um copo d'água pra senhora — disse ele. — Eu tenho uma garrafinha. — E, antes que ela pudesse responder, ele já se fora.

Bhima observou o rapaz acotovelar-se para passar em meio à multidão cada vez maior de parentes enquanto retornava ao local onde ela estava.

— Aqui, *didi* — disse ele. — Água geladinha.

Ela hesitou por uma fração de segundo. Jamais compartilhara algum utensílio com um muçulmano antes, e uma vida inteira de ensinamentos espiralava-se como uma nuvem afunilada em sua cabeça. Então ela olhou ao redor do lugar infernal em que estava — viu os rostos devastados e vazios dos pacientes moribundos, os rostos abatidos e envelhecidos de seus parentes, o fedor de urina e de fumo barato que pairava no ar como a corda de um carrasco. Viu o rosto gentil e curioso de Hyder e percebeu que, naquele lugar lotado de gente, ele fora a única pessoa que fora em seu auxílio.

Ela bebeu. A água desceu como um refresco por sua garganta ressecada.

Hyder a observou.

— Você não é de Délhi, *didi* — disse ele num tom que era mais uma afirmação do que uma pergunta.

Ela assentiu com a cabeça.

— Bombaim — disse ela entre um gole e outro. — Mas a minha filha e o marido dela moram aqui. Eu peguei o trem pra Délhi ontem.

Hyder assentiu com a cabeça.

— Entendi. E... Aquela ali é a sua filha?

As lágrimas começaram a brotar espontaneamente de seus olhos.

— Filha e genro, os dois. Ele está na ala masculina.

Ela ficou confusa ao ver que Hyder não parecia surpreso.

— Isso acontece o tempo todo — disse ele. — O marido pega a coisa e depois passa pra mulher.

Ela sentiu uma súbita onda de raiva. Então Raju era responsável por isso? O que ele fizera? Levava comida estragada para casa? Ou será que era como uma febre ou uma malária, quando uma pessoa podia deixar a outra doente?

— O que o marido faz? — perguntou ela. — Como é que ele transmite?

Hyder enrubesceu. Ele olhou para Bhima como se estivesse tentando decidir o que e quanto lhe dizer. Ela o mirava de volta com olhos de súplica.

— *Beta*, pra eu poder descobrir uma cura pra minha filha, preciso saber o que é essa aids — disse ela. — Sou uma pessoa analfabeta, totalmente ignorante. O doutor *sahib* estava ocupado demais pra me explicar essa doença.

— Não existe cura — disse Hyder, e ela estremeceu diante da dura crueldade das palavras dele. — Essa é a primeira coisa a entender, *didi*. Ninguém continua vivo com essa doença maldita. — Sua voz ficou mais suave quando ele viu a devastação que suas palavras haviam promovido. — O que eles dizem é que se trata de uma doença do sangue. Os homens a contraem tendo, a senhora sabe... — ele piscou rapidamente, tentando esconder o constrangimento — relações sexuais com mulheres ruins. Putas e tudo o mais — acrescentou ele, para garantir que Bhima compreendesse. — E então eles vão pra casa e passam a ruindade delas pra suas mulheres. — Ele baixou o tom de voz. — Dizem que as ruas de Délhi estão cheias de casos como esse. Provavelmente a mesma coisa acontece em Bombaim.

Bhima estava chocada.

— Mas o meu Raju não é assim — disse ela. — Ele e minha Pooja eram

felizes na...

Hyder mordeu o lábio inferior.

— Não estou dizendo nada do seu Raju, *didi* — disse ele. Então seu rosto iluminou-se. — Dizem que pode ficar no seu corpo por anos e anos antes da coisa feia aparecer. Portanto, mesmo que o seu Raju tivesse feito, você sabe o quê, antes do casamento, a coisa já poderia estar lá.

Bhima mirou o jovem com fascinação.

— Como uma maldição — sussurrou ela. E, quando notou que ele não havia entendido, disse: — Alguém faz um *jadoo* em você, como quando alguém coloca unhas cortadas debaixo do seu colchão ou esconde chilis e visco num trapo velho e o põe no seu caminho. Os anos passam, e você pensa que está seguro. Aí um belo dia alguma coisa ruim acontece, e você percebe que a maldição estava com você todos esses anos. Você apenas não sabia.

— Exatamente — disse Hyder. — Exatamente como uma maldição, *didi*.

— Exceto que no nosso caso a maldição era o meu genro — disse Bhima com amargura.

No decorrer dos dias que se seguiram, Bhima apoiou-se em Hyder como se ele fosse uma bengala. Na terra dos doentes, sua boa saúde e seu vigor impulsionavam a força declinante dela. Hyder desdobrava-se nos cuidados a seu amigo moribundo — um jovem de vinte e três anos cujos pais o haviam deserddado — e na atenção que dedicava a Bhima e Pooja.

Ele estava com elas no dia em que Pooja visitou o marido. Apesar de estar terrivelmente doente, Pooja insistira em caminhar pelo comprido corredor que dava acesso à ala masculina para que pudesse ver Raju uma última vez. Como sempre, Bhima ficara indefesa contra a determinação de Pooja. Era como se essa força de vontade fosse a única coisa que restasse em sua filha, a única parte dela que Bhima ainda reconhecia. Assim, Pooja andava, as mãos esqueléticas enterrando-se no punho de Bhima de um lado e segurando o braço de Hyder do outro. Para Bhima, a lenta e instável caminhada do trio parecia um cortejo fúnebre, e de fato tratava-se exatamente disso, porque no momento em que alcançaram o leito de Raju era difícil distinguir os vivos dos mortos. Bhima podia sentir uma parte dela morrer durante a caminhada, como se um pedaço da velha e rangente máquina que era seu coração tivesse caído e se perdido para sempre. Hyder, também, rígido de fadiga devido aos cuidados para com seu

amigo moribundo, parecia tão solene e com o rosto tão inexpressivo quanto um detento a caminho da execução. Quanto a Pooja... Bhima estremeceu quando reparou em quanto era doloroso para a filha baixar o corpo para sentar numa cadeira dobrável que um dos funcionários do hospital posicionara perto do leito de Raju.

— Perdoe-me, Bhagwan — disse ela a si mesma. — Devo ter cometido muitos e muitos pecados horrorosos na minha última vida pra ser castigada neste *janam*. Acompanhar a própria filha sofrer desse jeito deve ser um castigo reservado apenas aos assassinos e a outros casos especiais.

Pooja baixou o corpo na cadeira.

— Raju — sussurrou ela. — Raju, abra os olhos. Olhe, é a sua Pooja. Eu cumpri as promessas que fiz a você, meu marido. Eu lhe disse que você não morreria sozinho e que não o deixaria sozinho nesta terra de sofrimento. Você vai primeiro, *janu*, e depois eu o sigo.

Os olhos de Raju estavam abertos. Ele fitou Pooja, mas Bhima não estava certa se ele conseguia ver algum dos três. A mão direita dele, que repousava sobre o peito, ergueu-se a alguns centímetros acima do corpo e se mexeu. Imediatamente, Pooja pegou-a, estremeçando com o esforço que a ação lhe custava. Ela acariciou a mão de Raju antes de delicadamente baixá-la de volta ao peito. Os olhos de Raju permaneceram abertos por mais um minuto. Então ele os fechou, e a terrível, áspera e irritante respiração recomeçou. Pooja virou-se para a mãe, seus olhos opacos de medo.

— *Ma!* — gritou ela. — Vamos levar nosso Raju pra casa. Estou assustada, *Ma*, o que vai acontecer se a gente ficar neste lugar infernal?

Bhima olhou para Hyder em busca de ajuda, sem saber ao certo como reagir. Parte dela gostaria de enfiar as duas crianças doentes num táxi e levá-las para casa, onde ela poderia lhes preparar uma comida gostosa e restauradora, cuidando delas até que recuperassem a saúde. Mas as enfáticas palavras de Hyder sobre como ninguém sobrevivia àquela monstruosa enfermidade a mantinham em choque. Antes que pudesse pensar no que dizer, Pooja falou novamente:

— Não, é o desejo de Deus que a gente morra aqui, neste lugar de estranhos — disse ela num sussurro. — Nosso destino decidiu isso antes mesmo de a gente ter nascido. Então que seja. Assim será.

Pooja insistiu em ficar sentada naquela cadeira dobrável de madeira no espaço estreito entre a cama do marido e a do vizinho. Bhima tentou algumas vezes persuadir a filha a voltar para a cama, mas por fim desistiu. Era óbvio que Raju não passaria daquela noite, e era importante para Pooja cumprir a promessa que fizera ao marido. Portanto, Bhima agachou-se no chão ao lado da filha, e a noite encheu-se dos sons de tosse, gemidos e grunhidos emitidos pelos enfermos. Mas eram os cheiros que mais a perturbavam: o odor monótono do fenol com o qual os funcionários da enfermaria lavavam o piso de pedra; o aroma penetrante do Flit que era aspergido no ar para matar os mosquitos que ficavam ao redor das camas úmidas; e, acima de tudo, o cheiro de morte que perdurava no ar como uma promessa sombria. Ocasionalmente, ela reunia a coragem necessária para tomar nas suas a mão magra como um lápis de Pooja, lutando contra a indignação que sentia quando encontrava osso em vez de carne. Como ela trabalhara e lutara ao longo de todos aqueles anos para engordar aquela mão! Para quê? Para que um homem pudesse injetar uma doença na filha que a transformaria num esqueleto. Ela olhou com amargura para o leito onde Raju estava travando uma silenciosa batalha com a morte e descobriu que não conseguia reunir a energia que o ódio reivindicava. Tudo o que sentia era pena, uma pena aguda, uma pena digna de penetrar os ossos daquele homem à beira da morte, de sua Pooja, dela própria, de Hyder, de todos aqueles que estavam presos naquele hospital.

Ela sentiu Pooja se mexer ao seu lado.

— Por que você não me mandou o telegrama antes? — sussurrou ela, e então lamentou a pergunta assim que viu o olhar de mágoa passar como uma nuvem pelo rosto da filha.

— Eu não sei, *Ma*. Raju não queria que ninguém soubesse. Principalmente você. Ele tinha muita vergonha, entende? E também, por um longo tempo, apenas ele estava doente, eu não. Resfriados que duravam semanas inteiras, feridas na boca que não saravam. E câibras estomacais. *Arre*, Bhagwan, aquelas câibras estomacais que ele tinha... — Ela estremeceu. Engoliu em seco e passou a língua nos lábios ressecados e rachados. — Mas não me importava, porque eu era forte. Eu podia cuidar dele e de Maya, dos dois. Não precisava deixar você alarmada. Só que mais ou menos seis meses atrás eu comecei a ficar doente também. Aí eu...

— Seis meses? — Bhima não conseguiu impedir que a indignação aflorasse em sua voz. — Você está doente há seis meses e não me contou? Filha, eu podia ter vindo aqui e a ajudado...

— Eu sei, *Ma*, eu sei. De qualquer modo, o que está feito, está feito. O plano de Deus pra sua filha desgraçada. — Ela fez uma pausa durante um longo tempo. O esforço de falar deixara Pooja completamente exausta, e Bhima estava cheia de remorso.

— Certo — disse ela, dando um tapinha na mão ossuda. — Não há motivos pra remexer no passado. De um jeito ou de outro, descanse um pouco agora.

Elas ficaram em silêncio por um longo tempo. Então, como se não tivesse havido nenhuma interrupção na conversa, Pooja começou a falar. Sua voz estava tão baixa que Bhima teve de se esforçar para ouvir.

— Veja, a gente nem sabia direito o que era essa doença até que eu fiquei muito mal há mais ou menos uns três meses — continuou Pooja. — Aí, Nanavatsahib, o chefe de Raju, insistiu que nós dois fizéssemos um exame de sangue. Raju contava pra ele como eu não conseguia dormir de noite, como eu acordava tremendo e suando. Aí alguma coisa surgiu na cabeça de Nanavatsahib. Essa foi a primeira vez que estivemos neste maldito hospital. Mesmo naquela época a gente não tinha ideia de que, alguns meses depois, ficaria sabendo muito bem do que se tratava. Agora, é claro, vejo a coisa nos meus sonhos.

Bhima sabia que não deveria, mas não conseguiu se conter.

— E... Como Raju contraiu essa *dakku* de doença?

O rosto de Pooja ficou branco como papel.

— Não há necessidade de fazer essa pergunta, *Ma*. O que está feito, está feito. Ele é meu marido. E, até tudo isso acontecer, ele me mantinha como uma rainha em casa.

Como se tivesse ouvido seu nome, Raju gemeu. Bhima deu um salto para se pôr de pé e acariciou a mão dele.

— Raju, *beta* — disse ela delicadamente. — Está tudo bem. Estamos todos aqui com você, *beta*. Agora durma.

Mas Raju gemeu ainda mais alto, um som dilacerante que carregava consigo uma solidão tão horrenda que os pelos nos braços de Bhima ficaram eriçados. Era o som de um homem que estava verdadeiramente sozinho, que estava parado à margem de um rio que ficava além do alcance de seus

companheiros humanos. O que lhe restava de resistência desabou sob aquele gemido.

— Raju! — gritou Bhima. — Olhe, a sua Pooja está aqui com você. Eu também estou aqui. Eu vou cuidar de Pooja, prometo. E de Maya — continuou ela, descontrolada. — Vou criar Maya como se fosse minha filha. Você não precisa se preocupar com nada, *beta* Raju. Vá agora, vá em paz.

O queixo de Raju mexeu-se algumas vezes. Sua boca abriu e fechou. Houve uma respiração alta, áspera, que fez o corpo inteiro dele tremer. Sua mão adejou algumas vezes sobre o peito. E então ele se foi. Bhima e Pooja se olharam, entorpecidas demais para dizer o quer que fosse. Bhima estava ligeiramente ciente de que Hyder viera correndo até o leito de Raju e estava lhe dizendo alguma coisa. Mas ela não conseguia ouvi-lo. Sua mente ainda via as pegadas de morte sobre o corpo destroçado de Raju. Ela ainda estava em estado de choque diante da percepção de como a morte é realmente uma força intrometida e brutal, como seu hálito sombrio fizera com que o frágil corpo de Raju estremecesse sob seu peso opressivo.

Pooja desviou a cabeça lentamente da visão do marido morto e virou-a em direção à mãe, lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

— A próxima sou eu — disse ela suavemente.

Eles foram buscar o corpo de Raju uma hora mais tarde. Dois homens que, sem dizer uma única palavra, enrolaram num lençol o corpo tão moreno e quebradiço quanto um vaso de cerâmica e o carregaram corredor afora. Dois homens, fazendo seu trabalho de maneira brutalmente eficiente. Bhima sentiu cheiro de álcool em seu hálito e ficou revoltada. Ela queria protestar contra esse desrespeito, mas então reparou que os parentes reunidos no corredor do hospital mal saíam do caminho ou interrompiam sua conversa enquanto os homens passavam com o cadáver encolhido de Raju. Ah, eles tocavam a testa em respeito quando a pequena procissão os alcançava, mas Bhima podia afirmar que esse gesto mecânico era feito mais por costume ou superstição do que por qualquer pesar genuíno pelo falecimento de outro ser humano. Assim que aqueles que carregavam o féretro passavam por eles, as conversas no corredor recomeçavam, como se o corpo de Raju fosse meramente uma pedrinha numa fonte, que criava uma ondinha diminuta antes que a calmaria das águas a superasse. Era como se essa indiferença para com a morte estivesse em toda

parte naquele hospital. Ou talvez não tivesse nada a ver com indiferença, mas sim com o fracasso exausto dos derrotados; como se uma quantidade tão grande de energia fosse direcionada à preservação dos vivos, não restando nada para prantear os mortos.

Já eram seis da manhã quando eles chegaram ao campo aberto atrás do hospital, onde uma dúzia de piras funerárias estavam queimando ao mesmo tempo. Fumaça preta da cor do desespero ascendia dessas piras. De vez em quando, as fogueiras estalavam à medida que eram alimentadas com ossos. Bhima observou o corpo de Raju ser baixado sobre os blocos de madeira cuidadosamente dispostos. Hyder deixara seu amigo moribundo e a acompanhara até o local. A fumaça das outras piras fazia seus olhos arder, mas ainda assim ela acompanhou o corpo de Raju começar a ser consumido pelas chamas que saltavam bem alto em direção ao céu, em contraste com o céu vermelho do Oriente. Um cheiro terrível, enjoativo e bolorento, cheiro de algodão molhado e de naftalina, ascendeu e lhe deu náuseas. Mesmo assim, ela acompanhou o corpo de Raju transformar-se em cinzas. Bhima concentrou-se nas chamas saltitantes que lambiam o corpo do genro como uma língua feroz. É o certo, disse ela a si de modo não muito convincente. Esse pobre rapaz sofreu demais. Essa morte é uma libertação, não um castigo. Você precisa se lembrar disso.

Mas então ela pensou em Pooja e na menininha, Maya, por quem seria logo responsável, e seu corpo todo se rebelou contra o que estava acontecendo, de modo que ela sentiu vontade de pular na pira e ordenar que as chamas parassem de devorar aquele corpo; exigir que Raju se levantasse daquela morada final de madeira e cinza e assumisse suas responsabilidades; marchar até onde estava Pooja e lhe ordenar que desenvolvesse carne em seus ossos e retornasse a seu lar de direito, ao lado do marido saudável e da filha. Ela queria voltar ao segundo aniversário de Maya, quando Pooja e Raju a haviam convidado para jantar e ela comprara um traje completo e novo para sua bela neta — sapatos nas cores vermelha e branca, um vestido cor-de-rosa e uma tiara da mesma cor para combinar. Ela queria recordar a conversa após o jantar — quando Raju lhe contara sobre a nova oferta de emprego que lhe pagaria muito mais. Ela ficara muito satisfeita até que ele lhe contou que isso significaria mudarem-se para Délhi. Naquele momento, Bhima forçara um sorriso no rosto, silenciara seu

coração em desacordo com a ideia e dissera para Raju fazer o que era melhor para sua família, dissera para uma abatida Pooja que, na condição de esposa, seu lugar era ao lado do marido, e não ao lado de sua velha mãe. Mas não agora. Agora ela queria voltar àquele dia e tornar seu desprazer visível; agora queria dizer a Raju que família importa mais do que dinheiro, que ela trabalharia num emprego extra para compensar a diferença salarial que ele dispensaria permanecendo em Bombaim; agora seria descarada, implacável: lembraria a Pooja que ela era tudo o que Bhima tinha; que levar sua única neta para longe dela era equivalente a um assassinato; que ela era uma mulher velha e que, após a sua morte, eles poderiam se mudar para onde quisessem — para Délhi, para Calcutá, para a Lua —, mas não enquanto ela estivesse viva.

Ela emitiu um som gorgolejante, e Hyder tocou-lhe levemente no ombro.

— *Didi*, seja corajosa — disse ele numa voz mais velha do que seus anos de vida. — Pelo bem de sua filha, seja corajosa.

Ela queria dizer: pelo bem da minha filha, eu posso ser qualquer coisa — corajosa, destemida. Pelo bem dela, posso andar em cacos de vidro, deitar em brasas, nadar em águas geladas. Mas a minha filha está aqui na Terra por poucos dias, eu sei. Logo, logo haverá outra pira funerária como esta aqui. Só que, dessa vez, será o corpo do bebê que dei à luz; a criança que sempre mordida o bico do meu seio depois de amamentá-la; a menina de seis anos que uma vez vomitou após comer seis bananas de uma vez; a menina de onze anos que chegou em casa chorando porque ficara menstruada pela primeira vez e pensara que sangraria até morrer; a adolescente de dezesseis anos que cresceu quieta e circunspecta depois que seu pai nos deixou para trás, como se fôssemos um par de sapatos usados. E depois desse segundo funeral, depois de Pooja transformar-se em cinzas diante de meus olhos amaldiçoados, depois de eu ter testemunhado o horror de ver a minha própria filha morrendo diante de mim, vou querer derreter como gelo, vou querer me desfazer como areia, vou querer me dissolver como açúcar num copo d'água. Vou querer parar de existir, você compreende? Porque, Hyder, tente compreender, antes eu tinha dois filhos e agora não tenho nenhum. Uma morta, o outro desaparecido, sumido, roubado de mim pelo inseto do meu marido. E uma mãe sem filhos não é mãe, e se não sou uma mãe, então eu não sou nada. Nada. Sou como açúcar dissolvido num copo d'água. Ou como o sal, que desaparece quando cozinhamos. Eu sou como o sal. Sem meus filhos, deixo de existir.

Para uma mulher como eu, Hyder, a morte seria um luxo. Eu lhe daria as boas-vindas, como no passado as dei ao amor. Mas os deuses são cruéis, Hyder. Você também está aprendendo essa lição, ainda tão jovem. Portanto, esta Bhima, esta feia, desafortunada, ignorante e analfabeta Bhima, até agora os deuses brincam com ela porque sabem que não é esperta o bastante para reagir. E então existe Maya. Carne da minha carne. O que acontecerá com ela se eu pular na pira funerária de Pooja como é o meu desejo? Qual será o destino de uma menininha órfã nas ruas de Délhi? Você e eu sabemos a resposta, Hyder. Uma mendiga, ou pior, uma prostituta. Não uma Indira Gandhi, com toda a certeza. Portanto, eu preciso continuar viva. Porque não vivemos apenas para nós mesmos, *hai na, beta*? A maior parte do tempo vivemos pelos outros, seguimos colocando um pé na frente do outro, esquerdo e direito, esquerdo e direito, de modo que andar torna-se um hábito, exatamente como respirar. Inspirar e expirar, esquerdo e direito. Você precisa me perdoar, *beta*, sei que estou confundindo você. Eu mesma estou me sentindo confusa... não há nenhuma brisa neste lugar, o fogo comeu a brisa, ao que parece, tão quente e tão estreito como a entrada da floresta de Ravan, e esse cheiro, *beta*, o cheiro de flores mortas e de teias de aranha, de naftalina e de decadência, esse cheiro que está dentro da minha cabeça e jamais sairá de mim, eu sei, esse cheiro me perseguirá pelo resto de meus dias, eu o sinto penetrando meus ossos, instalando-se como pó em meu sangue...

Hyder a amparou quando ela caiu.

Bhima levou Maya ao hospital no dia seguinte, e sua recompensa foi o fraco sorriso no rosto de Pooja.

— *Ae, chokri* — disse ela delicadamente a Maya, que estava encostada no quadril de Bhima. — Venha cá. Já esqueceu da sua mãe nessas poucas semanas, hein?

Maya foi até a mãe cautelosamente.

— Eu fiz uma coisa pra você na escola — disse ela, estendendo à mãe o desenho de uma flor.

Pooja sorriu ligeiramente, mal olhando para o desenho.

— Que bom que você está indo à escola — disse ela. — Você tem que ser a melhor aluna da escola, *achcha*, o.k.?

Maya sorriu timidamente.

— Eu já sou.

Pooja fechou os olhos, exausta. Maya virou-se para olhar para a avó.

— Ela vai dormir — disse ela em tom acusatório. — Eu nem contei pra ela o que a professora me disse. — Ela encarou a mãe por um minuto. — *Ma-ma*, por que a *Ma* está tão feia?

— *Chup re*, menininha má — disse Bhima, mandando-a se calar. — Sua *Ma* está tão linda quanto sempre esteve. Você só precisa olhar com maior atenção pra enxergar a beleza, só isso.

Maya deu um passo para se aproximar da mãe e observou seu rosto adormecido.

— Eu estou olhando com muita, muita atenção — disse ela. — Mas ela ainda está me parecendo feia. — Então ela começou a chorar.

Bhima postou-se entre as duas e apertou a criança soluçante em seu colo. Nesse instante, a irmã da mulher que estava deitada duas camas depois de Pooja começou a choramingar, um som agudo, de arrepiar os cabelos.

— Oh, Bhagwan, minha irmã está morta! — gritou a mulher. — Oh, minha irmã mais velha, me responda, fale comigo. Oh, Deus, me leve também, por que você me deixou sozinha aqui nesta Terra solitária?

Ouvindo as lamúrias da mulher, Maya começou a tremer.

— *Ma-ma*, estou com medo — disse ela. — Quero voltar pra casa.

Antes que pudesse se controlar, Bhima virou-se para a mulher consternada.

— Cale essa boca! — berrou ela. — Você está assustando todo mundo desse jeito. Está pensando o quê? Você não é a única pessoa triste aqui. Está pensando que nós aqui somos postes de pedra?

Ao observar o rosto encolhido, boquiaberto, da mulher, a raiva de Bhima aumentou ainda mais. Sua boca tinha um sabor amargo, como se ela tivesse engolido as cinzas da pira de Raju, e as palavras cruéis que escapavam de seus lábios, como cinzas, saíam tingidas dessa amargura.

— Mulher sem-vergonha — prosseguiu ela, parcialmente ciente de que todos ao redor, pacientes e parentes, a observavam horrorizados. — Engula essas lágrimas. Se viver até os cento e dois anos, você não vai sentir a tristeza que alguns de nós aqui já sentimos. Chorar assim pela irmã enquanto sou obrigada a assistir à minha filha única...

— Silêncio. — Uma voz masculina foi ouvida, mascarando as palavras de

Bhima. — Velha, você não tem vergonha? — Era o mesmo médico que ela encontrara no corredor alguns dias antes, mas ele não dava sinais de tê-la reconhecido. — Que espécie de gente são vocês? Animais? Vocês não têm nenhum respeito pela tristeza dos outros. Ficar brigando assim uns com os outros como se fossem cães selvagens. — Ele assomou em frente a Bhima, que pressionou a cabeça de Maya contra seu colo, como se quisesse que a criança não escutasse a reprimenda que ela estava levando. — Isso aqui é um hospital, não é o esgoto da casa de vocês — disse o médico, enraivecido. — Se vocês não conseguem respeitar as regras do hospital, então peguem seus pacientes e sumam daqui.

Bhima sentiu um fio de suor começar a lhe escorrer pela nuca em direção às costas. Seus olhos encheram-se de lágrimas, e ela olhou rapidamente para Pooja, para ver se a filha havia testemunhado sua humilhação. Mas Pooja estava deitada com os olhos fechados. Lentamente, Bhima ergueu os olhos e percebeu que estava mirando o colarinho do casaco branco do médico.

— Desculpe, doutor *sahib* — murmurou ela. — *Maaf karo*. Por favor, me perdoe.

O médico dava a impressão de estar disposto a falar mais, mas então reparou na presença de Maya, que estava agora agachada atrás da avó, e conteve-se. Ele fitou Bhima por mais um minuto e então desviou o olhar.

— É uma situação sem solução — disse ele a si, mas alto o bastante para que Bhima pudesse ouvi-lo. — Este hospital inteiro, tudo aqui. É uma situação sem solução. Eu devia ter ido pra 'M'rica quando tive chance. Pelo menos lá eles têm respeito pela vida humana.

O médico deixou atrás de si um longo silêncio. Alguns dos outros parentes olharam com raiva para Bhima, com satisfação pela surra verbal que ela recebera; outros desviavam o olhar, desconfortáveis diante de seu constrangimento. A jovem duas camas distante começou a soluçar baixinho, pousando a cabeça nas pernas da irmã morta. Maya choramingou e agarrou o sári de Bhima.

— Vamos embora, *na* — disse ela. — Eu quero ir pra casa.

— Espere, *beta* — respondeu ela. — Vai sentar ao lado de sua mãe um minutinho.

— Eu não quero.

— Então espere por mim aqui. Eu já volto.

Bhima dirigiu-se até o catre da falecida. Ao ouvir seus passos, a consternada mulher ergueu a cabeça temerosamente. Sua expressão cautelosa fez com que o coração de Bhima se contorcesse de culpa.

— Sinto muito pela sua perda, menina — disse ela. — E lhe peço pelo amor de Deus que perdoe as minhas palavras duras. Por favor, encontre uma maneira em seu coração pra me perdoar. Não sei o que... Ontem eu cremei meu genro. E ali está a minha filha. De qualquer modo, as minhas palavras perversas foram...

— Não precisa pedir perdão — disse a outra mulher, devagar. — Não há perdão neste lugar. E as suas palavras foram verdadeiras. Aqui nós todos acertamos na loteria no que diz respeito à tristeza.

Maya aproximara-se um pouquinho de Bhima.

— *Ma-ma*, vamos embora — disse ela, agora chorando. — Eu odeio este lugar.

Bhima fez uma careta.

— Está na hora de levar esta aqui pra casa — disse ela. Ela baixou a voz. — Ela ainda não entende. — Bhima esticou a mão direita e tocou de leve a cabeça da menina, que estava sentada. — Deus cuide de você, *beti* — disse ela. — E lembre-se, aqueles que não têm mais ninguém, têm Deus.

No decorrer das duas semanas seguintes, a própria Bhima começou a se parecer com um dos pacientes do hospital. Todas as manhãs ela acordava cedo, vestia Maya e a levava até a casa da vizinha. E então seguia para o hospital. Na maioria dos dias, ela comia uma banana na hora do almoço. De vez em quando, ao encostar na janela do ônibus, captava o reflexo de si no vidro e reparava nos círculos escuros que haviam brotado ao redor de seus olhos, ficava ciente do fato de que seu rosto estava começando a parecer tão macilento e exausto quanto o de Pooja. Mas reparava nessas coisas de forma negligente, como se não reconhecesse o rosto que lhe retribuía o olhar. Ela estava distraída. Havia muitos pensamentos competindo entre si no interior de sua mente, zumbindo como abelhas ao redor de sua cabeça. Sabia que devia permitir que Gopal soubesse que a filha estava morrendo. Independentemente de quanto o álcool o tivesse deixado dissoluto, Bhima sabia que ele faria o que estivesse a seu alcance para chegar em Délhi a tempo de ver Pooja com vida. Mas como entrar em contato com Gopal?

Enterrado em alguma parte do barraco na velha mala que Serabai lhe dera, havia apenas um endereço do irmão mais velho dele. A quem ela pediria para desenterrar esse endereço? Não era razoável pedir que Serabai fosse até a favela para fazer essa solicitação a algum de seus vizinhos. Além do mais, desde que viera para Délhi, Bhima nem tivera tempo de encontrar alguém que pudesse escrever uma carta a Serabai contando-lhe o que ela havia encontrado lá. Ela sabia que Serabai ficaria preocupada, mas, de alguma maneira, depois que entrou no mundo do tempo suspenso daquele hospital, o resto de sua vida evaporou. Era como se unicamente naquele lugar de doença e morte ela se sentisse viva e vital. O resto de sua vida tornou-se uma tênue lembrança, uma sombra enevoadada.

Talvez a enfermidade de Pooja tenha sido seu castigo por não ter convidado Gopal para o casamento. Afinal de contas, ela não sabia que dava azar casar uma filha sem que o pai estivesse presente para que pudesse entregá-la ao noivo? Não é de espantar que essa doença tenha vindo ao encalço da filha. Era a natureza da doença ficar no encalço dos fracos e dos vulneráveis. Ela não devia ter escutado a invectiva de Pooja contra o pai ausente. Pooja era uma jovem tola — o que ela podia saber sobre as artimanhas dos deuses, sobre quanto o destino podia ser vingativo? Ela, Bhima, sabia muito bem. Ela se lembrava do caso de Seema, a mulher que se mudara para o apartamento térreo do prédio onde Bhima morava com seus pais. Num dos festivais de Diwali, quando Bhima tinha doze anos, todos os moradores do prédio estavam reunidos no pátio do edifício soltando fogos de artifício, trocando doces entre si. Todos, exceto Seema e o marido. Entre o crepitar e o estalar das fogueiras, os outros moradores ouviam os dois discutindo. As palavras de Seema eram disparadas da janela de seu apartamento no térreo, tão quentes quanto os fogos que eles lançavam ao céu. “Vagabundo imprestável... Vadio... Deitado nessa cama o dia inteiro. Seria melhor que você estivesse morto como essa coisa no meio das suas pernas.” Naquele dia, alguns dos celebrantes, irritados, haviam batido na porta de Seema e pedido que falasse mais baixo. Isso a silenciara. Entretanto, o verdadeiro silenciador veio quatro meses depois, quando Seema chegou em casa do trabalho uma noite, foi diretamente para a cama e jamais acordou. Todos os vizinhos, lembrando-se das pragas que ela lançara contra o marido naquele dia de Diwali, balançaram a cabeça diante da astúcia dos deuses. “Eles viraram as palavras dela de cabeça pra baixo e as jogaram de volta nela”, dissera a mãe de Bhima.

Nesse dia, Hyder estava sentado ao lado da cama de Pooja quando ela aproximou-se da filha.

— Como é que ela está? — perguntou Bhima, e Hyder olhou para ela com um sorriso luminoso.

— Indo bem — disse ele. — O doutor passou por aqui, e até ele disse que *didi* Pooja estava com uma aparência ótima hoje.

Bhima olhou de relance para Pooja, aliviada por ver que a presença de Hyder de fato levantara o astral da filha.

— Conseguiu dormir de noite, *beti*? — perguntou ela delicadamente.

Pooja sorriu.

— Está tudo melhor agora, agora que você e o Hyder estão aqui — disse ela. — Como está a minha baixinha? Ela sente alguma falta da mãe?

— Ela sente muito a sua falta — mentiu Bhima. — O tempo todo fica perguntando por você, só fala isto: quando a mamãe vai voltar pra casa, quando é que a gente vai poder ir pro *mela* juntas?

Foi um erro dizer isso, ela se deu conta ao ver o olhar magoado no rosto de Pooja.

— Fala pra ela, *Ma* — sussurrou ela —, que ela precisa entender. Fala pra ela que não vou voltar pra casa.

Hyder pigarreou.

— Eu volto mais tarde — disse ele.

As duas mulheres observaram o jovem sair do quarto. Pooja segurou a mão de Bhima.

— Fico contente de ele estar ajudando você, *Ma*. Fico com tanta vergonha de ter lhe causado todo esse problema...

— Problema? Escute, *chokri*, quem você pensa que eu sou? Não sou uma mulher que você conheceu na feira. Sou sua mãe, eu a carreguei na minha barriga por nove meses. — Sem conseguir se conter, Bhima sorriu. — Nessa época mesmo você já era um galo de briga... Chutando a minha barriga o tempo todo. *Baap re*, eu pensava que ia dar à luz um lutador como o Dara Singh.

Pooja desviou o olhar da mãe, mas Bhima viu as lágrimas escorrendo-lhe pela face. Todas essas lágrimas vertidas no mundo, para onde elas vão?, pensou Bhima. Se alguém pudesse capturá-las, poderia regar os campos crestados e assolados pela seca na aldeia de Gopal e além. Então, quem sabe elas teriam

algum valor e todo esse pesar teria algum significado? Do contrário, tudo não passa de um desperdício, apenas um ciclo interminável de nascimento e morte; de amor e perda.

Pooja estava num estado de espírito comunicativo naquele dia. Diante dos olhos incrédulos de Bhima, a filha parecia voltar à vida, de tal forma que, apesar do rosto emaciado e dos olhos que exibiam um brilho irreal, ela conseguia ver algum traço da antiga Pooja. Mais tarde ela implorou que a filha dormisse por algumas horas, mas Pooja insistiu que, em vez disso, queria conversar. Lembrou-se do dia em que conheceu Raju e do dia em que Maya nasceu; lamentou o fato de haver abandonado Bhima em Bombaim.

— Devíamos ter trazido você com a gente, *Ma* — disse ela. — Aí todos esses anos de separação não teriam sido tão sofridos quanto agora. Raju era órfão, o que ele sabia sobre amor de família? Eu nunca devia ter desistido. — O rosto magro ficou corado, quase luminoso, como se iluminado por uma luz interior.

Ao observar o rosto de Pooja, Bhima sentiu um momento de inquietude.

— *Beti*, você está se cansando demais com toda essa falação. Descanse, *na*. Mas Pooja estava queimando como uma vela.

— Logo, logo não terei mais nada além de descanso, *Ma*. Hoje é um dia bom, me sinto forte. Deixe-me falar. E também preciso contar pra você tudo sobre Maya. *Ma*, a menina tem o coração muito mole. Fica magoada à toa. Ela também aprende as coisas muito rápido. Já sabe até escrever.

Ela ficou quieta por um minuto enquanto recuperava o fôlego; suas bochechas estavam rubras, febris.

— Outra coisa. Tem um dinheiro no banco, nossa *katha* fica no State Bank. O talão de cheque fica no cofre dentro do aparador de metal. Você se lembra do aparador que Serabai deu pra gente de presente de casamento? É aquele. Retire todo o dinheiro. Eu deixei assinados alguns cheques ao portador antes de irmos pro hospital.

— *Beti, beti*, não é a hora de ficar falando de dinheiro. Vou conseguir, eu prometo. Prometo que, enquanto eu estiver viva, a sua filha não vai perder nem um fio de cabelo.

Os olhos de Pooja ficaram cintilantes de lágrimas.

— *Ma*, eu sei. Esse é o único motivo pelo qual eu posso morrer em paz.

Sem você, eu ia ter de voltar como um fantasma pra cuidar da minha pequenininha.

— *Achcha*, agora durma, *beti*. Preserve a sua força. Durma. Vou estar aqui quando você acordar.

Pooja não acordou. Nem partiu sem lutar. Quando os dois homens vieram para levá-la, seu semblante exibia os sinais de sua luta colossal, como se seu rosto tivesse sido pisoteado pelos cascos da morte.

Mais uma vez, Bhima e Hyder estavam no sítio do funeral, e Bhima observou as chamas fazerem sua dança demoníaca sobre o corpo de sua filha. Maya, Bhima continuava sussurrando consigo. Lembre-se, você é tudo o que a pequenina possui. Seja corajosa, velha, pelo bem dela.

Três dias depois, Hyder foi até a estação de trem para acompanhar a partida delas para Bombaim. Sob a luz intensa do dia, Bhima reparou nas rugas daquele rosto jovem, que não havia visto no hospital.

— Se eu viver até os cem anos... — começou ela.

Ele interrompeu-a com um abraço.

— *Didi* — disse ele. — Por favor. Vá em paz, vá em paz e esqueça todas essas coisas ruins que aconteceram. — Eles se olharam por um longo momento, enquanto Maya puxava com impaciência a mão da avó.

Elas embarcaram no trem e encontraram sua cabine. Ao olhar para a cabecinha de Maya, com seus cabelos muito bem repartidos ao meio, Bhima suspirou.

— Não sei como vou conseguir — sussurrou ela para Hyder, que estava parado na plataforma do lado de fora da janela.

O que ela queria dizer era que não conhecia aquela criança como conhecia Pooja. Não conhecia Maya intimamente, não sabia como era a sensação ao tocar as suas costas, se ela gostava de comida doce ou salgada, como gostava de ser reconfortada quando estava doente.

— Está tudo bem — disse Hyder. — Mantenha a fé, *didi*, mantenha a fé.

Essas foram as últimas palavras que Hyder lhe disse antes de o trem deixar a estação. Ela acompanhou seu doce e pensativo rosto ficar menor e menor até não mais conseguir enxergá-lo.

— Sera! Dinu! Bem-vindas, bem-vindas à nossa humilde casa! — grita Aban Driver, cumprimentando-a da porta de seu apartamento. — Ae, onde está Viraf? Ele está estacionando o carro ou o quê?

Dinaz ri ao passar pela entrada que leva à sala de estar. Ela sempre teve uma quedinha pela mulher em cuja casa seus pais se conheceram.

— Bom ver vocês, tia Aban — diz ela agora. — Viraf está chegando; ele ficou preso um tempo no trabalho. Deve chegar um pouquinho atrasado.

— Sem problema, sem problema — diz Aban. — Coitado dele, dá um duro danado no trabalho. Mas, é claro — acrescenta ela, olhando para a barriga saliente de Dinaz —, ele precisa fazer isso mesmo, agora que vai ter um pequenininho pra sustentar.

Ela e Sera trocam olhares cúmplices.

Assim que adentram a abarrotada sala de estar, Pervez Driver vem cumprimentá-las. Sera fica surpresa ao constatar quanto ele envelheceu desde que cruzara com ele no ano passado no casamento de uma amiga.

— Oi, Sera, oi, Dinaz — diz ele no jeito tímido e hesitante que sempre exhibe quando está perto de Sera. Ou talvez ele seja assim quando está perto de qualquer pessoa, pensa Sera. — Por favor, sintam-se em casa.

Ele manda alguns meninos que estão sentados no sofá se levantar e liberar o lugar para que as duas possam se acomodar.

— Onde está Toxy? — pergunta Sera.

Afinal de contas, esse é o motivo pelo qual elas estão lá, para comemorar o noivado da filha mais nova de Aban e Pervez.

— Ela está na outra sala com os amigos — diz Aban alegremente. — Você sabe como são esses jovens; não querem perder tempo nenhum com gente velha como nós. E, é verdade, minha Dinu, você agora faz parte do nosso grupo dos velhos — acrescenta ela com um risinho. — Afinal de contas, você agora é uma mulher casada e está esperando o primeiro filho.

Dinaz levanta-se num pulo.

— Besteira — diz ela com um sorriso. — Vou lá atrás da Toxy e dos outros. Pervez pigarreia, e as duas mulheres levantam os olhos para reconhecer sua

presença.

— Sera, o que você vai beber? — E, antes que ela possa responder, ele diz: — Kingfisher, se eu bem me lembro?

Todos riem das palavras dele.

— Está vendo que *luccho* ele é? — diz Aban. — Todo mundo pensa que Pervez é esse marido *bhola-bhala* totalmente dominado pela mulher, mas vou dizer pra vocês, ele é um paquerador de primeira, esse aí.

Um homem que Sera conheceu em outras funções mas cujo nome ela jamais consegue se lembrar vira-se na direção de Aban.

— Diga a verdade, Aban, você ainda ama esse desgraçado desse seu marido, não ama?

Quando ele ri, Sera repara que suas gengivas ficam visíveis.

— Com certeza — diz Aban, pegando a mão de Pervez e segurando-a junto à face. — *Arre wah*, que pergunta mais idiota é essa? Meu maridinho é o melhor dos melhores.

— Oh, meu Deus — diz Meena Gupta. Ela é uma das poucas não parses presentes na festa. — Olha só o Pervez; está ficando vermelho como uma noiva. Daqui a pouco a gente não vai mais saber quem é que está se casando, se é ele ou a Toxy.

Outra convidada que Sera não conhece dá um tapinha no joelho enquanto ri.

— Boa essa, Meena, muito boa — diz ela.

Sera dá um gole na Kingfisher que Pervez trouxe para ela e olha ao redor discretamente. Apesar da nova demão de tinta, é incrível como a sala parece ter a mesma aparência de quando ela conheceu Feroz ali em sua festa de aniversário de vinte e oito anos.

Ela olha de relance para a cara redonda de Aban, com suas bochechas flácidas e carnudas e as múltiplas camadas de queixo, e fica maravilhada ao constatar como o tempo passou por aquele rosto como se fosse uma garra afiada, demolindo-o com sua mão pesada. Sem o menor indício de vaidade, Sera olha de relance para seu próprio reflexo no espelho do aparador Godrej que fica do outro lado da sala e percebe que, de algum modo, foi poupada da devastação operada pelo tempo. Seu rosto de meia-idade reteve um vigor alerta e jovem, e sua pele manteve a maciez e a rigidez da época em que ela conheceu Feroz. Em contraste,

o rosto de Aban ficou tão molenga e empapado quanto um pudim. A aparência por completo de sua amiga é tão desleixada quanto a sala na qual ela está, com seu móveis velhos e descombinados, as *jaalas* de poeira sob as cadeiras, o barulhento ventilador de teto que dá a impressão de não ser limpo há vinte anos. Em contraste, a sala de estar de Sera resplandece como uma joia, com suas paredes brancas recém-pintadas, o zumbido baixo e sem ruído do ar-condicionado, o caro conjunto de sofás que Feroz mandara fazer especialmente para aquele apartamento e a mesinha de centro de pau-rosa que Bhima lustra diariamente. Sera tenta lembrar se Aban era assim tão relaxada quando era mais jovem. Mesmo agora, embora vestida para uma ocasião especial, a correia do sutiã de Aban insiste em deslizar sob a blusa de seu sári sem mangas e há uma mancha marrom em seu colo, onde um pouco de chutney ou de molho indubitavelmente caiu.

Se Pervez nota qualquer coisa nesse sentido, não parece se importar nem um pouco. Sera observa como ele nunca se afasta muito da esposa e como, mesmo quando os Driver estão em lados opostos na sala, seus olhos vagam na direção uns dos outros continuamente. Em determinada ocasião, Aban, do outro lado da sala, joga um beijo para o marido, que, com um rápido movimento de mão, o recebe. Sera sorri quando vê o gesto, e, ao reparar nisso, Pervez retribui timidamente o sorriso e dá de ombros, devagar.

Os bons e velhos Aban e Pervez, pensa Sera consigo. Casados todos esses anos e ainda se comportando como namorados. Ela está ciente de uma dor aguda e súbita que reconhece como sendo inveja. Para poder enterrá-la, dá outro gole na Kingfisher e então levanta os olhos para ver Aban vindo em sua direção.

— Ae, vamos lá, Sera, por que essa cara toda circunspecta? A cerveja não está gelada o suficiente?

— A cerveja está ótima — diz ela. — Não é nada, estou me divertindo muito, só estou aqui sentada pensando em...

— É claro, é claro — diz Aban, sua boca curvando-se para baixo, fazendo-a parecer um palhaço triste. — Eu às vezes sou tão insensível, *baap re baap*, que eu daria até um tiro em mim mesma. Que mestre *bafaat* eu sou, uma fanfarrona grande e gorda. Você deve estar sentindo saudade do seu querido Feroz, é claro. Afinal de contas, foi aqui que vocês dois se conheceram, *na*?

Sera olha para sua amiga mais antiga, sem saber ao certo o que dizer. Ela

inveja a inocência de Aban, sua maneira simples de dividir o mundo em amor e não amor; bom e mau. Mas o que ela sente é muito mais complicado do que isso. Desde a morte de Feroz, Sera tem sido obrigada a lidar com essa complicada equação, esse *bhulpuri* de arrependimento e ressentimento, de amor e amargura, de perdão e culpa, de solidão e alívio. Por acaso sente saudade de Feroz? Ela não sabe ao certo a resposta. Não sente saudade das surras que lhe proporcionavam vergonha, da raiva reprimida que ele nutria, de sua própria subserviência, que a fazia sentir-se rebaixada, e da hipocrisia embutida no fingimento de que tudo estava bem em seu casamento. Não, ela não sente saudade de nada disso. Na realidade, sente saudade não do casamento, mas do sonho do casamento. Mesmo agora, após todos esses anos, Sera sente saudade do homem com quem ela imaginava estar se casando. Sente saudade da corte ousada, da paquera incessante. Sente saudade do fato de que jamais saberá o que é ter um casamento como o de Aban e Pervez, como é estar casada há anos e anos e ainda assim mandar um beijinho do outro lado da sala.

Aban não lhe dá chance de responder.

— Ah, Sera, lembra da viagem a Matheran? Como a gente se divertiu lá, *na*? Vou te dizer: Pervez e eu ainda falamos sobre aquela viagem com as crianças. Meu Deus, como a gente era jovem naquela época...

Dessa vez, Sera sorri com genuíno prazer. Aquela viagem fora de fato bastante divertida. Feroz e ela estavam casados havia apenas três meses quando Aban lhes implorou que acompanhassem ela e o marido em suas férias. “Vamos lá, vamos lá, digam ‘sim’, vocês dois.”

E um sorridente Feroz concordara.

— Lembra daqueles macacos bandidinhos? — continua Aban. — Lembra como a gente nunca podia relaxar na hora do café da manhã na varanda? — Ela se vira para os outros convidados. — Se você se descuidasse um minutinho sequer da sua banana, eles davam um pulo na mesa, agarravam a banana e fugiam com ela. Uma vez, um deles tentou tirar a fruta bem da minha mão. Vou contar pra vocês, eu dei um berro tão alto que acho que deixei surdo não só o macaco, como também os filhos e os netos dele. — Todos riem.

— Ei, ei, você está esquecendo a melhor parte — diz Pervez. — Um dia eu tinha deixado os óculos em cima da mesa, e um desses sacaninhas de rabo vermelho desce de uma árvore e dispara com eles. E o descarado se senta num

galho de uma árvore próxima e, imaginem vocês, o que ele faz? Põe os meus óculos na cara. Fica sentadinho longe do meu alcance falando a língua símia dele e usando os meus óculos! Fiquei tão irritado que senti vontade de subir na árvore e dar uns bons tabefes no sacana.

— Ah, não — diz uma convidada. — O que você fez no resto do dia?

— *Arre*, como assim? — diz Pervez. Sera pode perceber por sua postura estranhamente energética que aquele não é o primeiro drinque de Pervez. — Afinal de contas, a gente tinha o nosso brilhante Feroz Dubash com a gente. Aí ele fez o seguinte: ficou lá sentado, observando o macaco. Em poucos minutos, Feroz está sacando que tudo o que a gente faz, o macaco também faz. Aí Feroz vai lá dentro e traz os óculos dele. Primeiro ele coloca os óculos, exatamente como o macaco. Depois, tira os óculos e os coloca em cima da cabeça. O macaco faz a mesma coisa. Aí Feroz põe uma das extremidades da armação na boca e fica mastigando. O macaco faz a mesmíssima coisa. Nessa hora eu já estava ficando agitado, *yaar*. Mas a minha Aban me fala que é pra eu confiar em Feroz. Nesse exato momento, Feroz joga os óculos no chão. E vocês imaginam o quê? O idiota do macaco também joga os meus óculos no chão. Mais rápido do que um ladrão, dou um voo e agarro os óculos. O sacaninha idiota fica sentado na árvore mostrando pra gente os dentes amarelos dele e fazendo uns ruídos cheios de graça.

— Mas isso foi brilhante, simplesmente brilhante, *yaar* — diz Meena Patel, como se o incidente tivesse acabado de ocorrer. — O seu marido era um homem esperto, sra. Dubash.

Sera agradece o elogio com um ligeiro sorriso, que mesmo a ela parece forçado e rígido. Porque a reminiscência de Pervez lhe desencadeou outra lembrança. Ela se esquecera do incidente que ocorrera por volta do fim da estada deles em Matheran, mas agora se lembra dele com muita nitidez.

Eles haviam retornado ao hotel depois de um jantar que durara até tarde no melhor restaurante de Matheran. No início da noite, Feroz exibira um estado de espírito cordial e expansivo.

— Por minha conta — disse ele a Pervez assim que entraram no local. — Não quero que você toque na carteira hoje à noite.

Sera lançou-lhe um olhar de aprovação. Ela estava ciente do fato de que Aban e Pervez não tinham muito dinheiro, embora, a julgar por sua

generosidade, ninguém jamais adivinhasse a situação financeira frágil do casal. Feroz fez um sinal chamando o garçom. Ele era um jovem bem-apessoado de mais ou menos vinte anos, com dentes grandes e brancos e uma atitude bastante solícita.

— Escute — disse Feroz ao rapaz —, ouvi falar que vocês ainda não têm permissão pra esse tipo de coisa aqui. Mas somos de Bombaim e estamos acostumados com algumas bebidas acompanhando a comida. Entende? Então veja lá o que você pode fazer por nós, *achcha*. — Ele deslizou uma nota de vinte rupias para ele. — E aqui está uma gorjetinha pra você — acrescentou.

O garçom fez uma mesura.

— Espere uns minutinhos, *sahib*. Vamos ver o que posso conseguir.

Como sempre, Sera estava constrangida com aquela exagerada exibição de poder. E, tendo em vista os humildes recursos financeiros de Aban e Pervez, o gesto de Feroz dava a impressão de ser ainda mais indiscreto. Mas uma olhada no rosto admirado de seus amigos lhe dizia que ela fizera uma leitura equivocada da situação. Feroz piscou para Pervez.

— Olhe pra ela — disse ele, apontando o queixo na direção de Sera. — Ela odeia quando eu faço esse tipo de coisa. Mas o que eu digo é o seguinte: se você não consegue o que quer, então vai ter de tomar à força.

Aban assentiu com a cabeça.

— O dinheiro faz o mundo girar — disse ela.

Nesse exato instante, o garçom retornou com três garrafas geladas de Kingfisher.

— Da reserva especial do proprietário, *sahib* — disse ele.

Feroz ficou radiante.

— Ótimo.

As duas mulheres fizeram seus pedidos.

— Ae, querida, pratos com carne, tudo bem? — disse Pervez à esposa. — Nada de plantas ou folhas, por favor. Somos homens, não cabras. — Ele riu, satisfeito com sua própria piada.

À medida que o jantar foi seguindo seu curso, Sera reparou que Feroz foi ficando mais quieto. Ela queria se virar para ele e lhe perguntar se estava com uma dor de cabeça, mas, tendo a cerveja como combustível, Pervez os regalava com histórias da época de escola e ela se concentrava para rir obedientemente

nos momentos apropriados. Se os outros dois repararam que Feroz se distanciara da conversa, não disseram nada.

— Vamos pedir mais um prato de *biryani*, não? — disse Pervez em determinado momento e, em seguida, olhou para Aban sem muita convicção. Antes que ela pudesse responder, Feroz fizera um gesto para chamar o garçom.

— Mais um *biryani* e mais duas garrafas de Kingfisher — pediu ele.

Depois que o rapaz saiu, Feroz virou-se ligeiramente na direção de Sera e lançou-lhe um olhar que ela não conseguiu decifrar. Quando a cerveja chegou ele se serviu, enchendo até a borda o copo alto. Sera sentiu vontade de protestar contra o excesso de consumo de álcool do marido, mas Feroz dava a impressão de ter se embrulhado numa fina e fria camada de gelo. Quando Sera sorriu para ele, Feroz olhou de volta para ela com frieza, seu rosto tão distante quanto a lua.

— *Su che*, Feroz — disse Aban finalmente. — Você ficou quieto demais de repente.

Ele sorriu para Aban, mas Sera podia ver que o sorriso não era verdadeiro.

— Só estou ouvindo vocês — disse ele, de modo não muito convincente.

Aban olhou de relance para Pervez.

— *Chalo*, será que não é melhor a gente voltar? — disse ela. — O dia foi cheio.

No caminho de volta, Feroz participou da conversa enquanto todos no grupo lamentavam ter de abandonar a tranquila e verde estação na colina e retornar à quente e abarrotada Bombaim. No hotel, ele e Pervez lutaram para decidir quem pagaria a corrida do táxi.

— Qual é, *yaar*, vamos ser justos! — protestou Pervez. — Você já pagou o jantar e tudo.

Feroz olhou com firmeza para o taxista.

— Não aceite dinheiro desse sujeito — disse ele numa voz que não dava brechas a nenhuma espécie de argumentação.

O taxista recebeu a nota que Feroz lhe estendia.

— Esses homens — disse Aban, dirigindo-se a Sera e revirando os olhos. — Sempre brigando por alguma coisa quando todo mundo sabe que o verdadeiro motivo da briga é sempre o tamanho de seus badalos.

— Aban! — gritou Sera. — Você diz cada coisa...

— Qual é, *yaar*? — respondeu Aban. — Pare de se comportar como uma

virgem. Esse é um dos bônus de ser uma respeitável mulher casada, *na*?

— Boa noite, Aban — disse Sera com um sorriso. — Você é demais pra mim às vezes.

Ela e Feroz percorreram o corredor em direção ao quarto em silêncio. Sera estava consciente da existência de uma tensão tácita entre os dois. Ela reparou que Feroz estava com o semblante rígido, andando próximo à parede para evitar tocar nela.

— Está tudo bem, *janu*? — inquiriu ela enquanto entravam o quarto. — Está com dor de cabeça ou qualquer coisa assim?

— Estou bem — disse ele rispidamente.

Ele se dirigiu ao banheiro e, quando voltou, estava de pijama. E também estava num estado de espírito diferente; seu rosto estava afogueado, e uma veia latejava em sua testa. Sera mirou-o, admirada, convencida de que ele estava doente. Ela jamais vira Feroz com aquela aparência.

— Oh, meu Deus, Feroz, qual é o problema? — disse ela, tentando tocá-lo o braço.

Ele afastou o braço dela bruscamente.

— Não toque em mim — disse ele, os dentes cerrados, e foi então que Sera percebeu que o marido não estava doente, apenas furiosamente enraivecido.

Sua mente repassou a conversa durante o jantar. Será que Pervez dissera alguma coisa que deixara Feroz chateado? Será que o comportamento de Aban o deixara irritado?

— Qual é... Qual é o problema? — repetiu ela.

Ele então se virou para ela.

— Você. Você é o problema. — Ignorando o sobressalto e a surpresa estampados no rosto da mulher, ele prosseguiu: — Não pense que eu não reparei no seu *nataak* durante o jantar. Me deixando constrangido na frente de nossos amigos. Flertando com um garçom com idade pra ser seu filho. Sorrindo pra ele, dizendo “obrigada” toda santa hora que ele enchia o seu copo com água. Não pense que não vi tudo o que estava acontecendo. Você deve pensar que sou um *chootia* total pra ficar flertando assim com outro homem, homem, não, menino, enquanto fico lá sentado ao seu lado.

Ele estava brincando. Só podia estar brincando. A coisa toda era tão ridícula que parecia surreal, pensou Sera. Ela mal reparara no garçom, não o

reconheceria se passasse por ele na rua no dia seguinte. Sera tentou formular sua indignação e surpresa em uma sentença e descobriu que não conseguia. A ridícula acusação do marido a deixara muda. E, também, o homem que estava de pé na frente dela, com aqueles olhos inchados e o queixo se mexendo convulsivamente, era uma pessoa que ela não conhecia. Um perfeito estranho. Parte dela se ressentia até mesmo de ter que se defender dos ataques ridículos que ele lhe endereçara. Era tarde; eles tinham de acordar cedo para um dia inteiro de passeios. E ninguém jamais lhe falara naquele tom. Ela era uma pessoa séria, ponderada, todos os seus amigos sabiam disso. Não era uma dessas mulheres banais, extremamente artificiais, que flertavam com qualquer coisa que usasse calça. Será que Feroz não sabia isso a respeito dela? E, se não sabia, o que mais ele não sabia a respeito dela? Afinal de contas, era o caráter dela que ele estava atacando...

Ela piscou para se livrar das lágrimas que começavam a se formar em seus olhos.

— Os seus comentários não são dignos de você — disse ela com toda a dignidade que conseguiu reunir. De repente, sentiu um jorro de raiva, como um fósforo sendo aceso no escuro. — Eu nem estava olhando para o garçom. Como é que você ousa me acusar de...

— Não fale assim tão alto — sibilou ele. — Isso aqui é um hotel, não é a sua casa.

— Eu *estou* falando baixo. E você devia ter pensando nisso antes de começar toda essa... — Uma onda de remorso tomou conta dela. — Escute, Feroz, está tarde. Você provavelmente bebeu demais esta noite. Não vamos estragar a nossa viagem com essa briga estúpida. — Ela fez menção de lhe acariciar o braço.

Sera não viu o soco chegando. Ele atingiu seu braço direito com tal precisão que a dor deu a impressão de passar diretamente pela fina camada muscular para se alojar no osso, onde vibrou como os gongos de prata que os sacerdotes soavam nos templos de fogo. A dor foi tão aguda que ela sentiu náuseas, de modo que, mesmo enquanto segurava o braço com a mão esquerda, ela apertou o braço machucado contra a barriga para controlar a náusea.

Feroz estava em pé sobre ela, apoiando-se ora num pé, ora noutro, como um lutador de boxe que espera para ver se seu oponente está pronto para receber

a contagem.

— Eu falei pra você não tocar em mim — disse ele. — Eu avisei...

Ela sentiu um medo tão grande que sobrepujou até a náusea. Eu preciso me afastar dele, preciso pedir ajuda a alguém, pensou ela, mas ficou parada onde estava devido a outro pensamento — que ela não estava tentando fugir de nenhum estranho, que aquele não se tratava de um homem sombrio que saltara sobre ela de trás dos arbustos. Aquele era seu marido, o homem com quem se casara havia apenas três meses, o homem a quem ela penhorara seu futuro. Sera olhou ao redor do quarto num pânico cego, sem saber ao certo o que fazer. A última vez que alguém a agredira fora na terceira série, quando ela se envolvera numa briga com uma colega de classe por causa de uma borracha roubada. Criada por pais que eram radicalmente contrários a qualquer espécie de castigo corporal, ela escapara da violência física que a maior parte de suas contemporâneas assumia como uma coisa normal. Sera agora percebia que não tinha uma defesa, não tinha nenhuma estratégia para se proteger de Feroz, que ainda respirava pesadamente e exibia um olhar ensandecido, descontrolado.

Ela deu alguns passos para trás sem muita convicção, até que seus joelhos atingiram a beira da cama, e então ela se permitiu cair. E agora as lágrimas desciam, escorrendo por seu rosto e aterrissando na mão que ainda apertava contra o ventre. Enquanto a dor em seu braço diminuía um pouquinho de intensidade, a dor em seu coração crescia. Sera chorava por causa da rápida brutalidade do gesto violento de Feroz; soluçava por causa da injustiça de sua falsa acusação; e, acima de tudo, chorava ao pensar que teria de passar ano após ano na companhia de um homem que tinha tão pouca consideração por ela a ponto de acusá-la descaradamente de haver flertado com um simples garçom. Ela, que recusara propostas de casamento de homens que vinham de famílias de três gerações de médicos. Ela, que passara as noites de sábado no Auditório Homi Bhabah, na companhia de homens cultos e honrados. Ela, cujo pai, um dos mais eminentes cientistas de Bombaim, jamais erguera sequer a voz para a esposa.

Seu coração inflou de indignação e, apesar do medo, deu asas às palavras dela.

— Em toda a minha vida, ninguém nunca me tratou dessa maneira — disse a ele. — Ninguém jamais me acusou de um comportamento impróprio. E

ninguém nunca me bateu. Se o meu pai souber o que você fez comigo aqui esta noite, ele vai... — A voz ficou engasgada, e ela não foi capaz de finalizar a sentença.

E, de repente, tão abruptamente quanto o soco que atingira seu braço poucos minutos antes, Feroz estava de joelhos diante dela, esfregando-lhe o braço e implorando perdão, seus olhos brilhantes de lágrimas.

— Oh, meu Deus, Sera, estou tão envergonhado! Sinto muito, querida. Não sei o que aconteceu... É que eu amo tanto você que não consigo suportar a ideia de perdê-la. E eu sou muito mais velho do que você, e isso me deixa tão nervoso...

Ela podia sentir o gelo deixando seu coração ao ouvir as palavras dele e, por mais que esse não fosse seu desejo, ficou grata. As lágrimas de Feroz lhe caíam no colo agora, uma lembrança de sua vergonha ardente, e derreteram a sensação gélida que tomara conta dela. Sera acariciou a cabeça dele com o braço machucado, ignorando a dor intensa que sentiu ao erguê-lo. Escutando suas fervorosas desculpas, suas promessas de que aquilo jamais se repetiria, ela sentiu-se assaltada por um milhão de emoções conflituosas — dúvida, temor, apreensão, esperança, vergonha, mas, acima de tudo, alívio. Alívio pelo fato de Feroz ter se reparado por causa das lágrimas dela, pelo fato de ele ter sido trazido de volta à vida pelas palavras dela.

— Você sabe que eu não tive intenção de dar aquele soco, querida — disse ele. — O que aconteceu foi que simplesmente levantei a mão e, nesse exato momento, você estava tocando em mim, e eu não sei o que aconteceu. Acho que você simplesmente apareceu na trajetória da minha mão.

Por um rápido segundo, a lembrança do soco certo surgiu como um lampejo na mente de Sera, mas ela estava tão ansiosa para acreditar no marido quanto ele estava em convencê-la. Ela removeu a lembrança da cabeça, deixou Feroz escondê-la no saco de anagem de suas palavras tranquilizadoras.

— Sei que você não bateria em mim de propósito, Feroz — disse ela. — E, *janu*, por que eu iria reparar em algum garçom de classe inferior quando tenho você?

— Eu sei. Sei que você é uma mulher respeitável, Sera. Você está certa, deve ter sido a Kingfisher. Deixe-me passar um pouco de Iodex no local onde está doendo. Eu sinto muito, muito mesmo. Sou tão desajeitado, e você acabou

aparecendo na minha frente.

Agora Sera faz uma careta ao se lembrar disso. Você deveria tê-lo abandonado ali naquele momento, diz ela a si mesma. Na primeira vez em que ele bateu, você deveria tê-lo abandonado. E jamais deveria tê-lo acobertado, jamais deveria ter permitido que a vergonha dele se tornasse a sua vergonha. Ela se lembra da camisa de mangas compridas e bolinhas pretas que usara na manhã seguinte para cobrir o hematoma no braço.

— Meu Deus, Sera — dissera Aban. — Por que essa camisa de viúva, de mangas compridas e tudo? Não está fazendo esse frio todo, está?

E, rememorando sua resposta fraca, que não convencera nem a si própria, Sera sente uma onda renovada de raiva. Você merece o destino que teve, diz a si mesma. Você deveria tê-lo humilhado na frente de Aban e Pervez naquela época. Isso teria feito com que ele parasse de persegui-la já naquele momento.

De volta à sala de estar, Dinaz está olhando para ela com uma expressão curiosa no rosto.

— Tudo bem, mamãe? — pergunta ela suavemente. — Por acaso a cerveja está lhe subindo à cabeça?

Por um momento, Sera tem a sensação de que Dinaz leu todos os sombrios pensamentos que gotejaram no interior de sua mente como tinta. Não pela primeira vez, ela imagina quanto Dinaz sabe sobre os esporádicos ataques de Feroz a ela. Depois que Dinaz nasceu, ela esforçou-se ao máximo para abafar os gritos quando os punhos de Feroz choviam em seu corpo, para mascarar a mágoa que aparecia em seu corpo e em seus olhos. Ela não queria que a sombra da violência do pai eclipsasse a infância de Dinaz.

Sera arranca as teias de aranha de raiva e se força a sorrir para a filha.

— Eu teria de beber muito mais pra que isso acontecesse — diz ela. — Como está a Toxy? Você a viu?

— Vi, sim, ela vai sair daqui a uns minutinhos — responde Dinaz. — Todas as meninas voltaram pro quarto. Estão lá naquele papo delas. — Ela curva-se na direção de Sera e baixa o tom de voz: — Qual é o problema, mamãe? Você parece estar tão... Triste.

Aban ouve as palavras de Dinaz.

— Eu disse as mesmíssimas palavras pra sua mãe agorinha há pouco, Dinu — diz ela. — Vou dizer uma coisa pra você: a minha Sera não é mais a mesma

desde a morte do seu adorado Feroz.

Mãe e filha trocam olhares rápidos. Dinaz levanta ligeiramente a sobrancelha direita, num gesto remissivo de seu pai. E, naquele momento, Sera tem certeza de que Dinaz sabe. Ela não sabe ao certo como a filha se sente a respeito disso. Por um lado, o gesto tácito de Dinaz implica uma solidariedade que gratifica Sera. Por outro, ela sente culpa pela incapacidade de ter poupado a filha de ficar sabendo do casamento desgastado dos pais.

Dinaz abraça Sera.

— Mamãe está bem, tia Aban — diz ela. — Ela só está um pouquinho cansada, só isso. A nossa Bhima tem estado um pouco... Preocupada ultimamente. Aí a mamãe foi obrigada a ter mais trabalho em casa.

— Isso é o que você consegue quando trata as serviçais como se fossem as patroas da casa — diz Aban de pronto. — Desculpe dizer isso, Sera, mas eu falo pra você há anos que a Bhima vai acabar se aproveitando de você. Pode dizer o que quiser, mas essas *ghatis* são *ghatis*. Nós, parses, somos os únicos que tratamos nossas serviçais como rainhas. E o tiro sempre sai pela culatra.

Sera gostaria muito que Dinaz não tivesse mencionado o nome de Bhima. Verdade seja dita, ela está um pouco cansada de pensar em Bhima. Desde o caso de Maya, tem tido de pensar mais em Bhima do que em sua própria família. E a maneira fria e distante com a qual a menina a tratou no dia do aborto ainda a deixa exasperada. Ela estava em busca de uma noite livre de preocupações, mas Dinaz inadvertidamente tocou no assunto favorito de Aban.

Sera vira-se parcialmente na direção da filha com um olhar de aviso, mas é tarde demais.

— Eu não disse que havia algo errado com Bhima — avisa Dinaz. — Ela tem os problemas dela e pronto, como todos nós temos os nossos.

Por um segundo, Aban olha para Dinaz boquiaberta, e então cai na gargalhada. Ela abraça a mulher mais jovem e lhe cobre o rosto de beijos.

— Oh, oh, oh, isso é demais pra mim — ruge ela. — Tal mãe, tal filha, é o que eu digo. Oh, meu Deus, olhe só pra cara cheia de raiva dessa aí; está com a cara igualzinha à da mãe. Meu Deus, a preciosa Bhima dessas duas. Elas tratam a mulher como se ela fosse o diamante Kohinoor ou qualquer coisa assim.

Outra convidada, que Sera sabe que mora no prédio de Aban, começa a falar:

— Eu vou dizer uma coisa pra vocês, a Aban está certa. Não se pode tratar essa gente muito bem. É melhor mantê-las a uma certa distância. Do contrário, elas vão se aproveitar de você, isso é cem por cento garantido.

— *Arre*, vocês viram a história que saiu no *Times of India* semana passada? — outra pessoa diz. — Sobre aquela idosa parse que foi assassinada? Eles dizem que ela foi professora do Elphinston College por quarenta anos. Coitada da mulher, esfaqueada na cama pela própria serviçal. Os vizinhos disseram que a mulher trabalhava pra ela havia décadas. Mas a professora guardava as joias de casamento em casa, entendem? E, é claro, a serviçal sabia disso. Essa gente é como cobra. Elas conseguem enxergar no escuro, acho. Esfaqueou a mulher dezessete vezes e ainda lhe roubou as joias. O jornal disse que o namorado dela foi quem deu a ideia.

— A verdade é que as nossas parses também são loucas, se vocês querem saber a minha opinião — diz Pervez. — Sendo uma professora e tudo o mais, ela devia saber que não podia deixar joias em casa. É para isso que temos o nosso Banco Central. Ela devia ter um cofre lá.

— Mas, *janu*, esse é o problema conosco, parses — retruca Aban. — Nós confiamos demais nas pessoas, entende? E também somos honestos demais. Aí, naturalmente, achamos que todos os outros *jaats* também vão ser honestos como nós. — Aban vira-se para Meena Patel. — Incluindo os *gujaratis*, evidentemente. Eles também são uma comunidade honesta. Mas não esses *maharastrianos*. Esses são uns golpistas da pior espécie.

A campainha toca, e Pervez vai até a porta. Um segundo mais tarde, ele retorna com Viraf. Aban levanta-se de seu assento com um grito.

— Ah, meu príncipe encantado chegou. Como está, querido? Trabalhando demais, me disse a Dinu. Bom, o que fazer? Na condição de futuro papai você precisa trabalhar com afinco. Mesmo assim, você parece estar magro demais, meu querido — diz ela, beliscando-lhe a bochecha.

Viraf dá um risinho.

— Oi, tia Aban — diz ele. — A senhora está linda como sempre. E, a propósito, eu ganhei alguns quilinhos nos últimos meses. Só que eles estão indo diretamente pra minha *dimchu* — acrescenta, dando um tapinha na barriga.

Aban fica radiante, como normalmente acontece quando está na companhia de homens bem-apegoados.

— *Achcha*, Viraf, você vai ser o juiz. A gente estava dizendo que não se pode confiar nessas serviçais não parses, independentemente de quanto você faça por elas. E aí, o que você diz? Sera e Dinaz estão fazendo Bhima sentar na cabeça delas ou não?

Viraf olha ao redor da sala.

— Oi, tia Aban — diz ele. — Falta de educação, *yaar*. Você nem me apresentou ao futuro marido de Toxy. E aí, onde ele está?

— Muito esperto, muito esperto, mudando de assunto. — Aban ri afavelmente. — Grande diplomata, o nosso Viraf. Acho que vão mandá-lo pro Paquistão pra negociar com aquele general Musharraf, que eu chamo de general xerife, a respeito da Caxemira. — O rosto dela adquire um tom abatido. — Darius e a família não virão. A mãe dele acha que dá má sorte pra noiva e pro noivo verem-se poucos dias antes do casamento. Só Deus sabe onde as nossas mulheres parses arrumam essas ideias.

Dinaz agarra a mão de Viraf.

— Vem, vou levá-lo até Toxy — diz ela. — Você pode pelo menos dizer um “oi” pra ela.

Leve-me com você, Sera quer dizer para a filha, vendo-a se afastar. Eu não quero ficar presa aqui com essas pessoas ignorantes.

— Diga pra Toxy aparecer aqui pra dar um “oi” pros coroas — diz ela, e Dinaz levanta a mão para sinalizar que ouviu.

Aban dá a impressão de que está prestes a retomar seu discurso, mas nesse exato instante a serviçal, Jaya, estica a cabeça na porta da cozinha.

— *Bai!* — grita ela. — Venha aqui um minutinho, *na*. As costeletas estão prontas.

Aban resmunga ao levantar-se.

— Não consegue ficar dez segundos sem mim — diz.

Sera está batendo papo com Meena Patel sobre os horrorosos arranha-céus que estão brotando por toda a Bombaim quando Aban retorna à sala. Atrás dela, Jaya, uma menina lépida de vinte e poucos anos, está segurando uma grande bandeja cheia de costeletas de cordeiro.

— *Chalo*, corra — diz Aban. — Sirva as costeletas aos nossos convidados enquanto ainda estão quentes.

Enquanto Aban distribui pratinhos de papel, Jaya segue seus passos,

oferecendo as costeletas aos convidados.

— Deixe a bandeja em cima da mesa — orienta Aban depois que a menina terminou de servir a todos.

Ela revira os olhos por trás da menina enquanto Jaya deposita a bandeja.

— Estão vendo como ela anda balançando o quadril e tudo o mais? — diz Aban depois que a serviçal voltou à cozinha. — Vou dizer pra vocês, essa menina dá uma boa *nakhra*. Mesmo que eu lhe peça para dar um pulo na padaria, ela não sai de casa sem passar o *kaajal*. E ela quer roupa nova todo Diwali. Melhor do que meus próprios filhos, eu trato essa menina.

— Bom, meu Deus, Aban, ela não passa de uma criança — diz Sera. — O que você esperava?

Aban dá uma gargalhada.

— O que foi que eu disse pra vocês, o que foi que eu disse pra vocês? — berra ela. — Ah, Sera, você é demais. Juro que eu acho que você é comunista ou coisa que o valha.

— Ae, por falar em comunista e em outros bandidos, ouçam só isto — diz outro convidado. — Isso aconteceu com a senhora idosa que mora no meu prédio. Mais ou menos um mês atrás, alguém toca a campainha da casa dela, e a coitada da mulher vai lá e abre a porta. Três *goondas*, três sujeitos grandões e durões empurram a mulher pro lado e entram no apartamento. Isso às três da tarde, entendam bem. Antes que ela possa dizer qualquer coisa, eles têm uma única pergunta pra ela: onde estão os biscoitos? Aí a coitada da mulher, inocente que só ela, imagina que eles estão com fome e os leva pra cozinha. Lá, ela sobe num banquinho e pega um pacote de biscoito doce. Mas, por algum motivo, isso deixa os bandidões com mais raiva ainda. Eles dão vários tapas na cara dela, eles estão dando tapas numa senhora de oitenta anos, imaginem vocês!, e a amarram numa cadeira. Então reviram a casa de cabeça pra baixo, fazem uma bagunça danada em busca de alguma coisa. Como não encontram o que querem, eles dão mais uns dois ou três tapas na cara da mulher e vão embora.

As perguntas amontoam-se umas sobre as outras.

— O que aconteceu com a mulher? — pergunta alguém.

— O que eles estavam procurando?

— A pobrezinha morreu?

— Parem, parem, vou contar pra vocês, *na* — diz o homem. — Bom, o que

aconteceu foi que eles confundiram o número do prédio. Parece que havia um contrabandista que roubara biscoitos de ouro de outra pessoa, vocês sabem, barras de ouro. Aí esse sacana contratou os tais *goondas* pra ir até a casa do contrabandista pegar o ouro de volta. A coitada da mulher acabou envolvida nessa confusão toda. A mulher só sobreviveu por causa de uma vizinha que levava o jantar pra ela todas as noites. A vizinha bateu na porta várias vezes e finalmente conseguiu entrar. Encontrou a coitada amarrada na cadeira. Parece que ela tinha feito *soo-soo* na calça.

— Esses filhos da puta deviam ser enforcados por coisas como essa — diz outro convidado.

— Eles escolhem parses como alvo deliberadamente, eu digo a vocês! — grita outra pessoa. — Eles sabem que somos minoria, aí nos perseguem.

— Bom, nesse caso não foi uma ação deliberada — murmura Sera.

— Tudo bem, mas falando de forma geral, é verdade — diz outra mulher encarniçadamente. — Eles sabem que somos uma comunidade que ama a paz, aí eles nos tomam como alvo. Queria vê-los fazer uma sandice como essa com os muçulmanos, aí vamos ver o que acontece. Eles não ousariam...

— *Arre, yaar*, a gente devia montar a nossa própria organização. Tipo um Shiva Sena parse.

Aban dá uma risada.

— E quem vai ser o nosso Bal Thackeray? — pergunta ela, referindo-se ao feroz chefe da ala direitista da organização hindu. — Esse é o nosso problema, vocês sabem. Meu pai sempre dizia que o problema com os parses é que todo mundo quer ser general e ninguém quer ser soldado.

Sera suspira. Ela já ouviu algumas variações dessa conversa durante toda a sua vida. Ela, ao mesmo tempo que se diverte, também se irrita com as pessoas ao seu redor; mesmo enquanto se sente horrorizada com o seu chauvinismo, sente atração por suas ideias grandiosas e por seus sonhos bombásticos. E, além disso, pondera consigo, eles são, no fundo, no fundo, pessoas boas, você está ciente disso. Com os miolos um pouco moles, quem sabe, com todos esses casamentos consanguíneos e tudo o mais, mas são pessoas amáveis à sua própria maneira.

Um dos convidados mais jovens, que Sera sabe ser casado com uma moça católica, levanta a voz.

— Ah, de qualquer maneira, que importância isso tem? Eles dizem que nós somos menos de cem mil. Estaremos todos extintos daqui a algumas gerações, ponto.

Há um silêncio repentino e frágil na sala. A mensagem tácita — Sim, e ao casar-se fora da comunidade, rapazes como você estão apressando a chegada da extinção — paira no ar. Sera se mexe no sofá, sentindo agudamente o desconforto do jovem. Para quebrar a pausa incômoda, ela fala com um entusiasmo que lhe é pouco habitual:

— Bom, enquanto estamos todos aqui, mais motivo ainda pra vivermos a vida com o máximo de intensidade, certo?

— Escute, escute — diz Pervez, erguendo o copo. — Bem colocado, Sera. Viraf voltou à sala de estar.

— Um brinde à extinção — diz ele. — Mas, antes disso, um brinde ao casamento duradouro e feliz de Toxy e Darius, e que Aban e Pervez possam ser avós em pouco tempo. — Ele levanta o copo ainda mais alto, balançando-o ligeiramente. — Na realidade, um brinde a muitos e muitos bebês parses, e para esse esforço eu e minha mulher estaremos logo, logo dando a nossa pequena contribuição pessoal.

Um homem alto e barbudo em pé ao lado de Viraf lhe dá um tapinha cordial nas costas.

— Parabéns — diz ele. — É exatamente disso que a nossa comunidade parse precisa: homens jovens e saudáveis como você.

Viraf dá uma risadinha.

— E de mulheres como a minha — diz ele com delicadeza. — Não nos esqueçamos das mulheres.

— É claro, é claro — diz o homem alto, virando-se rapidamente na direção de Dinaz. — Eu não tive nenhuma intenção de ofender, minha cara.

Dinaz olha com raiva para Viraf.

— Não preste atenção no meu marido — assegura ela ao homem. — Ele só está fazendo uma piada, como de costume.

Do outro lado da sala, Aban aperta a mão de Sera.

— Como são fofos, a sua Dinu e o seu Viraf. — Ela suspira. — Dá pra imaginar, Sera? Enfim, quando a gente estava começando a trabalhar na Bombay House, quem poderia imaginar que um belo dia a gente teria tudo isso?

Sera sente uma onda de afeição por Aban. Ela e Pervez tiveram uma vida dura, ela sabe disso. Não deve ter sido fácil criar três filhos com o salário deles. E mais: Pervez veio de uma família pobre e também ajudava a sustentar os pais enquanto estavam vivos, lembra-se Sera. Então houve a mastectomia de Aban alguns anos atrás. Mas, apesar do seu humilde estilo de vida, Aban e Pervez obtiveram sucesso em construir uma vida juntos. O apartamento deles é velho e malconservado, mas todos os três filhos terminaram a faculdade e agora têm bons empregos. Sera teria trocado sua vida pela de Aban, percebe de repente. Teria aberto mão do prestígio e da riqueza que vieram com o casamento com Feroz para ter tido a devoção e o amor que Pervez sentia por Aban. Teria preferido trabalhar como uma escrava num emprego, viajar diariamente nos trens lotados e voltar para casa exausta e suada no fim da jornada de trabalho em vez de viver no esplêndido isolamento que Feroz lhe havia imposto.

Até onde Sera sabe, não existem segredos sombrios na vida de Aban. Olhando agora para sua velha amiga, Sera vê uma pureza e uma clareza infantis em seus olhos que ela sabe ser provenientes do fato de Aban não viver metade da vida nas sombras. Às vezes, a amiga reclamara para Sera da injustiça de ser obrigada a sustentar os pais idosos de Pervez. Mas, na mesma hora, falava sobre como era grata por seus sogros, como eles a tratavam bem e cuidavam de suas crianças quando ela estava no trabalho. Durante aquela época, Sera morderia a língua para não revelar como Banu a tratava de maneira deletéria. Ou então tecia elogios entusiasmados a seu sogro e esperava que Aban não notasse seu silêncio em relação à sogra.

Agora Sera pega a mão de sua velha amiga.

— Você tem razão, Aban. Éramos muito jovens naquela época. Como poderíamos ter imaginado tudo isso? Enfim, sua pequena Toxy se casando. Meu Deus, eu me lembro do dia em que ela nasceu.

Aban baixa o tom de voz.

— Em todas as ocasiões tristes ou felizes da minha vida você esteve presente. Não pense que algum dia esquecerei as suas muitas gentilezas para com a minha família. O que teria feito sem você, isso eu não sei.

Sera está chocada. Elas são amigas há décadas, mas ela jamais se sentiu tão próxima de Aban. Mesmo assim, Sera está absurdamente comovida com as palavras de Aban.

— O mesmo digo eu — diz ela, na esperança de que Aban não ouça a falta de sinceridade em sua voz. — Sinto a mesma coisa por você, querida.

Jaya surge para falar com Aban.

— *Bai*, o jantar está servido — diz ela.

Aban se levanta.

— Atenção, atenção — diz ela. Quando a balbúrdia na sala arrefece, ela dá o familiar grito que anuncia o jantar nos casamentos parses. — *Jamva chaloji!* — diz ela com um risinho. — Vamos, vamos comer. É estilo bufê; a comida está esperando vocês na cozinha.

— Bom, a noite foi bem divertida — diz Viraf no carro durante a viagem de volta. Suas mãos no volante estão firmes, e ele dirige com rapidez através das ruas estranhamente desertas naquela noite. — Uma noite cheia de típico chauvinismo parse, das costumeiras babaquices ditas por cavalheiros parses bêbados, e, é claro, não nos esqueçamos da comida oleosa e agressivamente não vegetariana. Nossa dieta que se dane.

— Eu imagino qual dos convidados vai cair duro com um ataque cardíaco hoje à noite — acrescenta Dinaz.

— Ah, não, querida, isso só vai acontecer no banquete de casamento mesmo, quando eles consumirem o jantar composto de cinco pratos saturados de colesterol — responde Viraf prontamente.

Dinaz e Sera riem.

— Crianças, crianças! — protesta Sera sem muita ênfase. — Parem de ser tão maldosos. Aban é a minha amiga mais antiga.

— Ah, nenhuma intenção de ofender a tia Aban — diz Viraf. — Ela é uma gracinha, uma lindinha e um cordeirinho. Na realidade, a gente está planejando fugir pra Suíça amanhã cedinho. Ela vai estar esperando por mim na Estação V. T. Vamos pegar o trem pra Suíça.

Dinaz dá um tapa na coxa de Viraf.

— Pare com essas suas piadas *koila, yaar* — diz ela. — Juro, o seu senso de humor está indo de mal a pior.

Mas Viraf recusa-se a parar.

— Ela prometeu me dar aulas sobre a superioridade da cultura parse durante a viagem — continua ele. — Você sabia que os parses inventaram a honestidade? — Olhando de relance para Dinaz, que se esforça ao máximo para

não rir, ele diz: — É verdade, pode perguntar a qualquer pessoa. No dia 16 de julho do século iv a.C., os parses, ou será que eu deveria dizer os zoroastristas, inventaram a honestidade.

Ela rosna:

— Tudo bem, Viraf, tudo bem...

— Espere, eu ainda não terminei. A tia Aban também quer discutir comigo a possibilidade de começar um movimento pra liderar os parses de volta a seu lar ancestral no Irã. O grande império parse vai se erguer novamente. Ei, se os judeus podem reivindicar Israel, por que a gente não pode reivindicar o Irã? Então, quem sabe? A gente pode, de repente, desistir da Suíça e ir diretamente pro Irã. Hoje, Bombaim. Amanhã, Irã. Repitam comigo: amanhã, Irã.

Dinaz vira-se para encarar Sera.

— Eu juro, se esse *gadhera* beber de novo na minha frente, vou acabar com a vida dele. Só espero que o nosso bebê não herde o estúpido senso de humor do pai.

Viraf dá um risinho, feliz.

— Pode ralar comigo quanto quiser, minha querida — diz ele. — Eu lhe mando um cartão-postal do Irã.

Sera fecha os olhos. Foi um longo dia, e ela está exausta. Ela fica impressionada ao se dar conta de como se sente exaurida. Ou eu estou pegando uma gripe ou simplesmente não estou mais acostumada a essas festas grandes, pensa. Dinaz sempre lhe dizia que ela se tornara reclusa desde a morte de Feroz, mas, até essa noite, Sera ainda não havia de fato pensado no assunto. Ela sabe que esse é um dos motivos pelos quais Dinaz insistiu que ela e Viraf se mudassem para a sua casa. Durante aqueles seis meses após a morte de Feroz e antes de as crianças se mudarem, Sera descobrira poucos motivos para deixar a casa, a não ser para ver como estava Banu. Finalmente, Dinaz e Viraf haviam aparecido em sua casa numa determinada noite e feito a oferta.

— Nosso apartamentinho fica longe demais do nosso emprego, mamãe — dissera Dinaz. — Se deslocar na cidade na hora do *rush* está ficando simplesmente impossível ultimamente. E você parece muito sozinha nessa casa grande desde que o papai se foi. Então a gente estava pensando: o que você acharia de a gente se mudar pra cá?

Ela tomara todo o cuidado para controlar sua primeira reação, que fora de

uma alegria completa. Ter Viraf e Dinaz morando nessa casa! Ter sua presença jovem espantando os fantasmas do passado. Não ter de passar os dias inconscientemente à espera dos passos de Feroz para, em seguida, sentir aquela estranha mistura de culpa e alívio ao perceber que ele não voltaria para casa. Seria encantador ter algo de bom a esperar no fim do dia, preparar os pratos favoritos das crianças e observar com satisfação eles comerem com ela na sala de jantar.

No entanto, a lembrança daqueles anos deploráveis na casa de Banu Dubash a impediu de gritar para o mundo seu júbilo diante da proposta dos dois.

— Não é fácil pra adultos viver uns com os outros — disse ela. — Vocês sabem, a sua avó realmente transformou a minha vida num inferno quando morei com ela. Eu odiaria se descobrisse a mim mesma agindo como ela. E vocês são jovens e não estão casados há muito tempo. Vocês precisam de tempo pra construir o seu casamento. Se as coisas derem errado entre nós, eu jamais me perdoarei.

— Mamãe Sera, pare com isso — disse Viraf, rindo. — Por favor, você não tem nada a ver com a vovó Banu. Mesmo olhando pra ela agora, consigo imaginar que tirana ela deve ter sido. E, de qualquer modo, Dinaz se preocupa demais com você. Além disso, você estaria fazendo um favor pra gente, o tempo que perdemos indo e voltando do trabalho é excessivo mesmo. Mas a casa continua sendo sua, portanto...

— A casa não é minha — interrompeu ela. — Tudo o que é meu pertence a vocês dois também, você sabe disso, Viraf. Eu não tenho seis filhos, você sabe. Esta casa é sua, Viraf. Nunca pense que eu...

— Nesse caso, estamos acertados — disse Dinaz. — A gente vai voltar pra nossa casa.

— Só pensem no que eu acabei de dizer — argumentou Sera. Ela suspirou. — É claro que seria maravilhoso ter vocês dois morando aqui. Mesmo assim, essa não é uma decisão fácil. Reflitam um pouco sobre isso, *deekra*.

Desabando no assento traseiro, Sera olha entorpecidamente para Viraf e Dinaz no banco da frente. Muito obrigada, meu Deus, pelos meus filhos, sussurra ela. A alegria que esses dois me deram é a minha recompensa por ter permanecido com Feroz todos esses anos.

O carro vira na rua de Banu Dubash, e, como sempre, Viraf diminui a

velocidade.

— A luz está acesa no apartamento — diz ele. — A enfermeira da noite ainda está acordada.

— A vovó provavelmente está tendo um daqueles ataques de mau humor dela — diz Dinaz. — Coitada da enfermeira; não sei como alguém consegue aguentar a velha.

Você disse muito bem, pensa Sera. Eu, com toda a certeza, não aguentaria.

Com quatro anos de seu casamento decorridos, Sera acordara uma manhã sentindo algo quente e viscoso no fundo da garganta. Por um minuto, pensou tratar-se do começo de mais uma sinusite, mas, quando engoliu cautelosamente, a garganta não doeu.

Tratava-se de ódio. Ódio que estava atravessado como um osso em sua garganta. Ódio que a fazia sentir-se doente, que lhe trazia à boca um sabor amargo e seco. Ódio que entrava em seu coração como uma febre, que fazia seus lábios curvar-se para baixo como uma colher entortada.

Era um belo dia de dezembro. Um pombo estava pousado no peitoril da janela, arrulhando sua cretina melodia. Havia um friozinho no ar, um bem-vindo descanso do quente sol de Bombaim. Deitada e desperta em sua cama, Sera não conseguia participar da beleza do dia. Sentia-se apática e deprimida, como se o ódio estivesse corroendo seu corpo. Ela ficou na cama, exausta. Não conseguia lembrar-se de outro momento em sua vida no qual odiara quem quer que fosse. Mas, agora, ódio gotejava em sua garganta, grosso e feio, fazendo com que se sentisse doente.

Ela tirou de cima do corpo o lençol de algodão e saltou da cama. Vestiu-se às pressas, foi até o berço onde Dinaz estava dormindo e lhe sacudiu o corpinho até que os olhos da filha finalmente se abrissem e sua boquinha se alargasse num bocejo.

— Vamos, acorde Dinu — sussurrou Sera. — Nós duas vamos fazer uma aventura hoje. — Ela entrou no banheiro, abriu a torneira da água quente e ajustou o balde de plástico embaixo da água antes de levar a criança com ela para o banheiro. — Vamos tomar banho juntas hoje — disse ela.

Estavam ambas vestidas quando saíram do quarto. Sera deixou Dinaz na sala de estar e foi à cozinha, onde encontrou a sogra.

— Vou passar o dia hoje na rua com Dinaz — disse ela, evitando olhar diretamente os olhos penetrantes de Banu. — Vamos voltar tarde.

— Sair de casa de manhã? E o café da manhã pro bebê? E o almoço que estamos preparando? Você não pode desperdiçar o dinheiro que Feroz ganha com o trabalho duro dele...

Sera sentiu um adensamento no fundo da garganta. Ela estava com medo de olhar nos olhos de Banu, com medo de que seu rosto refletisse o ódio que sentia pela velha.

— Eu mesma explico isso ao Feroz — disse ela. — Agora preciso ir. Voltamos de noite. Tchau.

Resolutamente ignorando os sombrios murmúrios de Banu, fortalecendo-se contra a barragem de palavras duras que questionavam seus motivos, a maneira como fora criada e sua moralidade, Sera agarrou o bracinho de Dinaz como se fosse uma asa de galinha e puxou-a na direção da porta da frente. Ela suspirou alto, tão logo a porta bateu atrás de si. Mesmo assim, manteve uma passada acelerada ao percorrerem o corredor até o elevador. No último minuto, deu uma guinada. Em vez de esperar pelo elevador, desceriam de escada. Sera forçou-se a não olhar para trás, com medo, para ver se Banu as seguia.

— Ela é só uma velha boba — continuava dizendo a si mesma, mas a sensação em seu estômago era idêntica à que tinha quando assistia a um filme de terror num cinema escuro.

Uma vez na rua, Sera percebeu que eram apenas nove e meia e que não tinha a menor ideia aonde iria. Pensou brevemente em parar para ver Feroz no trabalho e ficou chocada com o peso que sentiu diante da ideia. Imaginou se daria uma passada na casa de Aban, mas imaginar as intermináveis conversas de sua amiga fez com que se sentisse claustrofóbica. E certamente Aban decifraria alguma coisa no rosto de Sera, certamente sondaria e iria querer saber qual era o problema.

Não, ela e Dinaz iriam visitar mamãe e papai. Eles ficariam contentes em vê-las e não fariam perguntas. Sera sentiu uma súbita saudade de seu antigo quarto. E também fazia várias semanas que não visitava os pais, e ela sabia que sua ausência os deixava magoados, embora eles fossem muito decentes a ponto de não mencionar tal fato. Sim, ela iria visitar os pais. Com a decisão tomada, Sera abruptamente mudou a rota e começou a ir em direção ao ponto de táxi, puxando Dinaz consigo.

— Mamãe, vá mais devagar — disse a menina, e, com um sobressalto de culpa, Sera diminuiu o ritmo da passada.

Ela sentiu o coração acalmar assim que se viu dentro do táxi após dar ao motorista o endereço. Sera observou as ruas voando pela janela e imaginou por

que não fizera aquilo antes. Estava subitamente tão ansiosa para chegar à casa dos pais que quase instou o motorista a ultrapassar o sinal amarelo. Todo o seu corpo curvou-se para a frente, impulsionado por um feroz desejo de velocidade. Ela queria continuar andando, queria continuar correndo, queria impor o máximo de distância entre ela e a soturna casa sugadora de vida de Banu. O táxi parou no sinal. Quase que imediatamente um enxame de mendigos apareceu em sua janela. Ela olhou para o outro lado, temerosa de que algum contato visual os estimulasse a continuar pedindo. Dinaz puxou sua blusa.

— Mami, dinheiro — disse ela.

Sera suspirou. Dinaz era uma menina muito sensível. Já sabia que não havia como convencer o pai a dar esmolas aos mendigos. Feroz sempre dizia que não acreditava na utilidade de estimular a mendicância e proibia Sera de dar moedas para mãos pedintes quando estavam juntos.

— *Saala*, seus preguiçosos do cacete — dizia ele. — Eu também acharia bom ficar de papo pro ar o dia inteiro ganhando dinheiro fácil.

Enfiando a mão na carteira em busca de alguns trocados, Sera subitamente riu alto ao se lembrar de um episódio no aniversário de Feroz no início daquele ano. Dinaz observara os avós mandar Feroz postar-se de frente para o leste. Uma *tilla* vermelha lhe foi colocada na testa, e uma guirlanda de flores em volta do pescoço. Em seguida Banu foi até a mesinha de centro e retornara com um envelope cheio de dinheiro.

— Feliz aniversário, meu querido — disse ela, abraçando-o.

De repente, Dinaz, que estava esparramada no sofá, sentou-se.

— *Saala*, preguiçoso do cacete — berrou ela. — Ganhando dinheiro fácil.

Sua entonação imitava tão perfeitamente a do pai que por um segundo Sera pensou que as palavras tivessem vindo do sempre presente Polly.

Feroz inflou as bochechas e dava a impressão de que estava pronto para castigar Dinaz pelo vocabulário. Mas Sera estava emitindo um som estranho, e o restante do grupo levou um minuto para entender que estava tendo um ataque de riso. Os lábios de Feroz tremiam, e ele dava a impressão de não ter muita certeza se repreendia a filha ou se se juntava à mulher na gargalhada. Sera ajudou-o a decidir. Com lágrimas escorrendo-lhe pela face, ela foi até Dinaz e abraçou-a.

— Você é uma danadinha, uma danadinha — disse ela, apertando-a contra si. — Você não pode falar assim, entendeu?

Nesse momento, todos já estavam rindo.

— Essa menina vai seguir os passos do avô e se tornar advogada, eu digo a vocês — disse Freddy. — Vai deixar a Corte Suprema de joelhos, essa aí.

Agora, quando o táxi deu a partida, o sorriso perdurava no rosto de Sera. Ela olhou para Dinaz, e seu coração bateu mais forte de tanto amor. Ela é o único ponto luminoso que me restou na vida, pensou. Ela e, até certo ponto, papai Freddy. O resto — Feroz e sua mãe —, estes haviam arruinado sua vida.

Às seis daquela noite, a mãe de Sera, Jehroo, olhou de relance para o marido e em seguida virou-se para Sera.

— Querida, nós temos um jantar na casa de amigos esta noite. Você acha que devemos cancelar? Ou você vai voltar logo pra casa?

Ela estava prestes a lhes dizer para seguirem com seus planos, ela e Dinaz iriam embora, quando percebeu que não iria fazer isso. Não voltaria para a casa de Feroz. Essa percepção lhe tirou o fôlego, como se sua mente estivesse apenas alcançando naquele instante o que seu corpo já sabia. Ela olhou para a mãe, imaginando como dizer aquilo em palavras que revelassem apenas o suficiente, palavras que escondessem a extensão total do pavor que sentia diante da ideia de retornar à casa de Banu.

— Eu estava pensando... — começou ela. — Quer dizer, eu pensei que Dinaz e eu talvez pudéssemos passar a noite aqui. Enfim, você e papai podem ir pro seu jantar. Mas eu pensei, mamãe, se não daria pra gente estar aqui quando vocês voltassem.

Jehangir Sethna deu a impressão de estar prestes a dizer algo, mas a esposa lançou-lhe um olhar de alerta.

— Claro, Sera — disse Jehroo suavemente. — Você sabe que esta casa é sua, querida. Você é sempre bem-vinda aqui. Mas você tem certeza de que Feroz não vai se importar em compartilhar sua adorável esposa conosco?

De novo, aquele gotejar quente no fundo de sua garganta. Sera engoliu em seco antes de responder:

— Acho que ele vai dar um jeito, mamãe. Mas você e papai podem ir se arrumar pra festa.

— Ei, se a minha filha querida e a minha netinha vão passar a noite aqui, não quero ir pra jantar nenhum — disse Jehangir prontamente. — Tenho certeza de que os Pandoles vão entender.

— Não, não, papai, não mude os planos de vocês, por favor. — E, vendo a familiar fisionomia teimosa formando-se no rosto do pai, acrescentou: — Na verdade, eu... Eu preciso de um pouquinho de privacidade pra... Pra pensar em algumas coisas.

Jehroo deu uma cutucada no marido e piscou repetidamente, evitando olhar para a filha, de modo que somente ele podia vê-la.

— Vamos, Jehangu. Vamos cumprir nosso compromisso. Podemos voltar pra casa mais cedo, se você preferir. Depois você vai poder ficar acordado conversando com a sua filha até dizer chega.

Depois que eles saíram, Sera telefonou para a residência dos Dubash. Por favor, faça com que Feroz atenda o telefone, implorou ela. Por favor, por favor.

— Alô? — A voz nítida de Feroz soava tão clara ao telefone que, por um segundo, Sera esqueceu o discurso que havia preparado.

— Feroz? Sou eu. Escute, eu estou ligando pra dizer...

— Onde é que você está, droga? O jantar está pronto aqui há mais de uma hora esperando você chegar.

— Estou na casa dos meus pais. Feroz, escute. Eu estava pensando em ficar aqui alguns dias.

Ela ouviu a áspera inalação de ar do marido antes de ele ficar em silêncio. Diga alguma coisa, implorou ela silenciosamente. Diga alguma coisa e retire esse sabor de naftalina da minha boca.

O silêncio se manteve.

— Alô? — disse ela finalmente.

— Estou aqui.

— Você não vai dizer nada?

Dessa vez, ela o ouviu cerrar os dentes.

— Dizer o quê? Você sai de casa sem avisar nada esta manhã, não volta pra casa esta noite, e nós estamos todos sentados à mesa como *chootias* esperando você enquanto a comida esfria, e agora você me fala que vai ficar na casa da sua mãe, assim, sem mais nem menos. Eu vou fazer o quê? Vou até aí de joelhos implorar que você volte pra casa? Se é isso que imagina, você escolheu o homem errado, Sera.

Por um segundo, ela quase viu a coisa pela perspectiva dele. Ela o imaginou chegando em casa cansado do trabalho e perguntando por ela e por

Dinaz; visualizou o olhar presunçoso no rosto de Banu ao lhe contar que a esposa estava ausente desde a manhã e que levara consigo a sua filha.

— Você... Quer dar boa-noite a Dinaz? — perguntou sem muita convicção.

— Quanto tempo você está pensando em deixar a minha filha longe de mim? — perguntou ele. — E você está querendo dizer que os seus pais a incentivaram a negligenciar as suas tarefas?

— Feroz, não é nada disso. Eu nem planejei fazer nada disso. Nem trouxe roupa de baixo ou uma sadrá comigo. Não sei quanto tempo vou precisar ficar aqui. É só que as coisas em casa estão tão tensas agora entre mim e a sua mãe que...

— Babaquice. — A palavra percorreu o fio do telefone como um soco e deixou seus ouvidos doendo. — Não ponha a culpa em mamãe ou em qualquer outra pessoa da minha família pela sua histeria. Você ajoelhou, agora tem de rezar.

Ela mirou o telefone, incrédula, não registrando o fato de que Feroz havia desligado na cara dela. Ainda segurando o aparelho, recostou-se pesadamente no sofá. Será possível que a ligação tivesse sido cortada pela ineficiente companhia telefônica de Bombaim? Mesmo enquanto pensava nessa possibilidade, seu coração lhe dizia que Feroz havia deliberadamente batido o telefone em sua cara. Ela pensou na possibilidade de ligar de volta, mas sabia que o orgulho do marido não permitiria que ele atendesse. E se Banu atendesse o telefone, a humilhação de Sera seria completa.

Duas semanas se passaram sem que houvesse nenhuma comunicação com Feroz. A princípio, Dinaz perguntava pelo pai e pelos avós, mas logo as perguntas cessaram, e ela pareceu haver se ajustado à sua nova vida. Mas por acaso isso era uma nova vida? Jehroo Sethna praticamente fez essa pergunta à filha um dia. As duas estavam fazendo compras em Colaba, tendo deixado Dinaz em casa com o avô.

— Vamos pegar mais algumas calcinhas pra menina — disse Jehroo enquanto passavam por uma loja estreita que vendia roupas para crianças. Então ela parou e olhou atentamente para a filha. — Ou será que não? — acrescentou ela com delicadeza. — É tão difícil saber como comprar roupas pra ela e ainda por cima sem saber... O futuro.

Sera percebeu imediatamente o que a mãe estava perguntando. Ela desviou

o olhar, incapaz de suportar a delicada pena que via nos olhos da mãe. Sem se darem conta, haviam parado de andar, de modo que os outros compradores, antes de passarem por elas, olhavam-nas de um jeito torpe. Sentindo uma audiência cativa nas duas mulheres, os vendedores em suas barracas elevavam seus gritos nasais a proporções frenéticas, suas vozes afogando umas às outras:

— Alô, madames, estão procurando o quê? Fitas cassete, perfume, sabonete, queijo Kraft em lata recém-chegado da Austrália. Chocolates também: Nestlé, Toblerone. *Arre*, pegue um *dekho*, isso aqui é *aasli maal*, madame, o verdadeiro. Tudo coisa importada, olhe só, vou fazer um precinho camarada pra senhora.

Perdidas em sua conversa particular, Sera e Jehroo ignoravam a incessante balbúrdia que a presença imóvel delas estava gerando em meio aos desesperados vendedores.

— Vamos embora — disse Jehroo, puxando Sera pela mão. — Vamos pro restaurante iraniano beber alguma coisa gelada. Depois disso, conversamos.

No restaurante, elas pediram um Thums Up e uma porção de sanduíche de galinha. Sentaram-se num silêncio amistoso por um minuto. Então Jehroo virou-se para Sera.

— Por duas semanas eu fiquei de boca calada. Duas semanas uma ova, por dois anos fiquei de boca calada. E aí, você acha então que nunca reparei nas *chakars* escuras embaixo dos seus olhos, o jeito como você nunca mais sorri? *Deekra*, sou sua mãe. Eu carreguei você na minha barriga por nove meses. Conheço cada centímetro da sua pele. Se um mosquito pousa em você, eu sinto a picada.

Sera sorriu.

— Tenho a mesma sensação com a Dinaz — disse ela.

— Exatamente. Os homens podem permanecer cegos ao que existe debaixo de seu nariz. Mas nós, mulheres, vemos tudo. E aí eu lhe pergunto: Sera, o que está acontecendo com o seu casamento? Todos esses meses eu cuidei da minha vida, disse a mim mesma que você agora é propriedade de seu marido, não mais nossa. Mas agora eu não consigo suportar olhar pra minha filha única e perceber que ela está tão triste. Então eu lhe pergunto: por que você está na nossa casa? E por que Feroz não telefonou nem mesmo uma vez ou veio buscá-la?

Ele bate em mim, ela queria dizer. E a mãe dele torna os meus dias um

inferno na Terra. As palavras formavam-se em seus lábios, como espuma na praia, e então desapareciam. Ela não podia colocar tamanho fardo nos ombros de sua mãe. Não queria tirar os círculos escuros embaixo de seus olhos e transferi-los para os da mãe. Ela não tinha nenhum desejo de livrar seu coração desse fardo, entulhando suas mágoas nas costas da mãe. Além do mais, não havia como prever o que seu pai faria se descobrisse o que Feroz fazia com ela atrás de portas fechadas e no escuro. Como, às vezes, era apenas um aperitivo — um beliscão rápido porém intenso, seu polegar e seu dedo indicador num aperto digno de uma tesoura, que repuxava sua carne e a deixava dolorida por dias. Como, outras vezes, era uma refeição completa, um banquete que incluía socos, tapas e um chute ocasional — uma refeição que a deixava tão cheia que ela precisava passar várias horas no dia seguinte decidindo qual vestido de mangas compridas deveria usar e como explicar os hematomas em seu rosto. Pior do que as surras propriamente ditas era o olhar especulativo, triunfante que ela via no rosto de Banu na manhã seguinte. De uma determinada maneira, aquelas surras a uniam a Banu, possibilitavam à mulher mais velha um acesso às ruas destroçadas e imundas do coração da nora.

Não, não havia como prever o que seus pais fariam se chegassem a descobrir isso. Violência, crueldade — essas coisas estavam longe da experiência deles. E eles eram idosos demais para ser obrigados a resgatá-la, para lutar suas batalhas por ela. Além disso, sua mãe tentara alertá-la acerca de Banu. Ela se oferecera para fazer indagações, para rastrear boatos. E como ela, Sera, arrogante e jubilosamente, dispensara essa oferta. Como era idealista, confiante, aquela mulher que deixara a casa dos pais. O que restava dela agora? Um tremor em sua mão direita, que às vezes ela não conseguia controlar, círculos escuros embaixo dos olhos e um coração espatifado como uma travessa caída no chão.

— Mamãe, Feroz e eu estamos tendo algumas dificuldades, obviamente — disse ela com cuidado. — Sei que é um tremendo fardo pra vocês dois receber a mim e à pequeninha em sua casa, mas se eu puder ficar só mais um pouquinho, vou...

— Agora você vai me deixar com raiva — disse Jehroo. — Querida, não brinque com as minhas palavras como se elas fossem bolas de gude. Você sabe muito bem quanto eu e seu pai gostamos de tê-las conosco. Mas a questão é a

seguinte: o seu lugar não é conosco; é ao lado do seu marido e de seus sogros. Portanto, diga logo pra mim o que está te importunando!

— Ela se intromete demais na nossa vida. — Sera disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça. — Você sabe, ela é uma mulher velha, com as manias dela. — Ela percebeu que estava fazendo com que Banu parecesse uma velha excêntrica em vez do monstro que de fato era.

— Esse sistema de família unida é uma maldição na Índia — disse Jehroo. — Inúmeras mulheres foram sacrificadas em nome dessa causa.

Ela olhou para fora do restaurante, onde um jovem branco, usando calça larga com motivos florais e uma camisa estampada folgada no corpo, conversava com uma mulher de saia de algodão, carregando uma mochila nas costas.

— Você sabe, nós indianos falamos desses ocidentais e sobre como eles quase expulsam os filhos de sua casa quando completam dezoito anos, como colocam os idosos em asilos, como não têm o mesmo amor pela família que nós temos. Mas às vezes eu fico imaginando se somos mesmo tão superiores quanto pensamos ser. Por que viver todo mundo junto, se a única coisa que isso causa é um monte de problemas em casa? É melhor cada um seguir seu próprio caminho do que ficar nessa briga eterna. Sabe aqueles nossos vizinhos, Freny e Jamshed? Bom, eles estão cuidando da mãe de Jamshed na casa deles. Outro dia eu fui lá visitar a senhora, e o que você acha que aconteceu? A coitada da mulher estava coberta de feridas por causa da cama. A Freny disse que simplesmente não tem força suficiente pra virar a senhora na cama com a frequência necessária. Você sabe, Jamshed passa o dia inteiro fora de casa trabalhando, aí tudo fica por conta de Freny. Durante toda a minha estada lá, Freny não fez outra coisa a não ser reclamar da velha: como ela não coopera quando precisa se virar na cama ou quando eles têm de erguê-la pra lhe oferecer a comadre. Mas todo mundo pode ver que a coitadinha é só pele e osso. Ela mal consegue erguer as sobancelhas, quanto mais as nádegas. Mas e da própria Freny, o que a gente pode falar dela? Ela parece ter envelhecido cinquenta anos em dois meses. Ela fala que mal pode sair de casa por mais de uma hora, fala que sente cheiro de urina e de álcool até mesmo quando está dormindo. Toda a vida dela foi dominada por esse problema.

Jehroo levantou os olhos para Sera.

— *Beta*, eu tenho certeza de que ela reza dia e noite pela morte da velha. No entanto, nós criticamos esses estrangeiros por colocarem seus velhos em

asilos. Rezo pra que, quando a minha vez chegar, eu não me transforme num fardo pra ninguém. — Ela sorriu. — Basta colocar alguns comprimidos no creme ou no pudim, e um, dois, três: problema resolvido.

Sera aproximou-se e acariciou a mão da mãe, derramando um pouco da água de um dos copos que o garçom lhes trouxera assim que se sentaram.

— Mamãe, não diga uma coisa dessas. Se alguma coisa acontecesse com você, não sei o que eu faria da minha vida.

A voz de Jehroo saiu suave e delicada.

— Seu pai e eu não vamos estar aqui pra sempre, querida. Estamos ficando velhos, você sabe disso. E é por isso que eu digo que o seu lugar é junto do seu marido. Em todo casamento existem tensões. É desagradável você morar com seus sogros. Mas essa foi uma escolha que você fez. Tolere a velha o máximo que conseguir e pronto. E, com a sua boa índole, você não deve ter problemas em conquistar a confiança dela.

Sera sorriu para a mãe, mas seu coração estava frio. Ela sentia-se distante daquela elegante mulher com olhos grandes e afetuosos. Sua mãe podia até ter vivido mais anos do que ela, mas, naquele momento, Sera sentia-se mais velha, mais embotada, mais experiente. Jehroo Sethna fora abençoada com pais gentis e ricos que gostavam dela; um marido erudito e delicado que a idolatrava; uma filha que a amava e a respeitava. Ela jamais conhecera o impacto das juntas duras de um homem de encontro à sua carne macia; jamais experimentara a claustrofóbica sensação de estar trancada num quarto em sua própria casa; jamais escutara o marido lhe dizer com desprezo que estava ficando velha, gorda e feia, ou acusá-la de flertar com todo homem que encontrassem pela frente. Ela jamais conhecera a rapidez dos olhos de rato que a seguiam a cada movimento em sua própria casa. Jehroo Sethna não sofrera, percebia Sera e, pela primeira vez em sua vida, sentia-se distante da mãe, sentia-se incapaz de conectar-se com ela num nível que não fosse o óbvio amor que sentiam uma pela outra.

— Quer saber, mamãe? — começou ela. — Vamos lá comprar aquelas calcinhas pra Dinaz. Assim, se eu decidir ficar com vocês por mais algumas semanas, não vamos precisar fazer mais compras.

Uma tarde, três semanas depois, Sera ouviu uma batida na porta. Quando a abriu, descobriu Freddy Dubash encostado na parede. Freddy usava seu chapéu-coco marrom, e a pulseira de seu relógio de ouro estava pendurada em seu bolso.

— Papai Freddy! — gritou Sera, encantada. — O que você está fazendo aqui? — O rosto dela ficou subitamente nublado. — Está tudo... Tudo bem com Feroz?

— Tudo ótimo — disse o velho. Ele fingiu franzir o cenho. — *Arre wah*. Por acaso eu preciso de algum motivo pra ver a minha filha e a minha neta?

Sera enrubesceu.

— Não, é claro que não. Por favor, entre. Papai — chamou ela —, olhe só quem está aqui.

Os dois homens se abraçaram.

— *Kem*, Freddy, como está? — disse um tranquilo Jehangir, como se Freddy visitasse sua casa diariamente. — Por favor, sente-se.

— Estou bem, estou bem — respondeu Freddy, sentando-se numa cadeira. — Eu vi no jornal que Franz Gutman vai reger esse sábado. Tenho uma das primeiras gravações dele da *Sinfonia nº 94* de Haydn. Você vai ao concerto?

— É claro. Eu não perderia isso por nada. Ainda mais agora, que a minha Sera está aqui pra me acompanhar. — Ele olhou de relance para Sera e então ficou em silêncio ao perceber as circunstâncias de sua presença. Um silêncio desconfortável se impôs sobre eles. Jehangir olhou ao redor em busca de ajuda. — Vou acordar a Jehroo — disse ele. — Ela está tirando uma soneca com a Dinu.

— Não precisa, não. Não precisa, de verdade — disse Freddy. — Enfim, o que eu queria mesmo era conversar com a Sera em particular por alguns minutos.

Jehangir olhou para a filha em busca de uma indicação do que fazer. Quando ela balançou a cabeça de forma imperceptível, ele se levantou com um suspiro.

— Nos vemos daqui a pouco — disse ele vagamente.

Sozinha com Freddy, Sera sentiu cair sobre si uma pesada timidez, tornando difícil para ela erguer os olhos na direção dele. Quando finalmente forçou a si mesma, reparou que Freddy a encarava com firmeza. Havia um olhar sério em seu rosto, um olhar resolutivo que ela jamais havia visto.

— Você saiu de casa assim, sem mais nem menos — disse ele. Ela podia ouvir a mágoa em sua voz e imaginou como deve ter sido para ele descobrir que não voltaria, perceber que sua única companheira musical o abandonara. — Nem

mesmo um “tchau”, nem mesmo um “papai Freddy, cuide-se, eu sinto a sua falta”. *Bas*, você some assim sem mais nem menos. Tirando toda a alegria da minha casa.

A voz dele baixara de tom, e seu queixo estava pousado no peito, de modo que Sera tinha de se esforçar para ouvi-lo. A sensação era de que ele falava consigo mesmo.

— Como está a mamãe Banu? — perguntou ela, percebendo, enquanto fazia a pergunta, que realmente queria saber.

Ele levantou a cabeça.

— Banu? Eu gostaria muito de dizer que a minha querida mulher se transformou no cordeirinho de Maria, toda humilde e carinhosa. Mas a verdade triste é que ela está tão má e *jabri* como sempre. Está levando a coitada da Gulab à loucura com seus “faça isso e faça aquilo”.

— Feroz... Feroz sabe que o senhor está aqui?

Freddy olhou para Sera, seus olhos aguados sondando-lhe o rosto.

— Escute, *deekra* — disse ele seriamente. — Eu vim até aqui numa missão muito importante. Quero que você preste atenção no que vou falar. — Subitamente, ele deu a impressão de estar exasperado e começou a falar como quem se dirige à sala inteira: — Olhe só essa menina, por favor, com seu rosto longo como um abacaxi. Eu percorri essa distância toda pra vê-la, e tudo o que ela quer saber é se o seu maridinho sabe que eu estou aqui. — Ele suspirou dramaticamente. — Sim, minha querida, Feroz sabe que estou aqui. E, mais importante do que isso, ele sabe o motivo pelo qual estou aqui. Agora, quer, por favor, prestar atenção no que eu tenho a dizer?

Sera assentiu com a cabeça.

— Bom. Dois dias atrás, cruzei por acaso com um dos meus clientes. Divan Shah é o seu nome. Ele agora é um homem muito rico, mas, alguns anos atrás, estava com problemas na justiça, e digamos que eu o ajudei bastante. De qualquer modo, nada disso interessa a você. O mais importante é o seguinte: esse homem é um empresário da construção civil. Você se lembra de Moti Mahal, aquela mansão enorme que fica no fim da nossa rua? Bom, acontece que a velha que morava lá havia mais de cinquenta anos vendeu a casa e a terra ao redor pra empresa de Divan. Eles vão demolir tudo e construir um novo edifício de sete andares lá.

Sera percebeu que sua atenção estava fugidia. Ela queria acordar Dinaz de sua soneca para que pudesse passar algum tempo com o vovô Freddy. Como Dinaz reagiria a ele?, imaginou ela.

— Minha querida, você está ouvindo? O que estou tentando dizer é que eu falei com Divan a respeito de comprar um apartamento no seu novo edifício. Ele está disposto a me vender uma unidade a um precinho camarada. E ontem à noite eu conversei com Feroz. Falei com ele de um jeito que nunca falei antes, se é que você me entende. De homem pra homem. Disse que, se ele perdesse você, a vida dele estava acabada. Que ele acabaria algum dia como um desses parses velhos e ridículos que falam sozinhos na rua e babam quando comem. E, pela primeira vez na vida, o cabeça-dura do meu filho resolveu ser sensato. E concordou.

Freddy parou, olhando triunfantemente para Sera. Reparando que o sogro exibía uma expressão de quem está na expectativa, ela percebeu que ele estava esperando que dissesse alguma coisa.

— Isso é bom — disse ela vagamente. E, como Freddy não respondeu: — Concordou com o quê?

Freddy deu um tapa no joelho.

— Agora sim a gente está chegando a algum lugar. Vou dizer uma coisa, *chokri*, estou começando a ficar preocupado com você. Você está com a expressão de uma pessoa que tem tomado cinco comprimidos de calmante por dia. Se não tomar cuidado, vai começar a aparecer teia de aranha no seu rosto.

Sera levantou a cabeça.

— Papai Freddy — disse ela. — Desculpe dizer isso, mas eu não tenho a menor ideia do que você está falando.

— E como poderia? Eu nem falei ainda. — Ele curvou-se para a frente. — O que estou dizendo é o seguinte: vou comprar um segundo apartamento. Pra você e Feroz, e pra Dinaz, evidentemente. Separado do meu e de Banu. Assim, Banu não vai poder fazer aquele *dadagiri* costumeiro dela, e você e Feroz vão poder ter um pouco de privacidade.

Ela olhou fixamente para ele, com medo de acreditar no que ouvia.

— E... Feroz concordou com esse plano?

— Concordou. *Beta*, eu conheço o meu filho. Aquele seu orgulho imbecil nunca vai permitir que ele implore pra você voltar pra casa. Mas vou dizer uma

coisa pra você: ele é outro homem agora. Ele chega em casa tarde, mal come no jantar quando está em casa. Outro dia mesmo, ele estava saindo para o trabalho, e eu tive de lhe lembrar de fazer a barba. Dá pra imaginar o nosso Feroz se esquecendo de uma coisa como essa? Mas sem você ele tornou-se uma pessoa que eu não reconheço. Até o Polly reparou.

Sera lutou contra o repentino jorro de esperança que explodiu dentro de seu coração.

— Mesmo que Feroz concorde, mamãe Banu jamais concordará — disse ela desanimadamente.

Freddy pareceu ter ficado chateado.

— *Arre*, e isso significa o quê? Vocês todos podem até esquecer, mas eu sou o homem da casa. O chefe da família. Eu disse pra Banu ontem à noite que, a menos que ela queira ver o filho mais velho do que ela enquanto ainda viver, essa é a única solução. Expliquei a situação e nem dei chance pra ela fazer aquela coisa dela do sim-mas-não. *Bas*, eu disse pra ela que esse era o plano e que ela tinha de aceitá-lo, *chup-chaap*.

— E o que foi que ela disse?

Freddy rugiu.

— E eu não acabei de lhe falar? Não há nada pra ela dizer. Vou comprar esse apartamento com o dinheiro que ganhei com o suor do meu corpo. É o meu presente pro meu filho e pra minha querida nora, se ela quer saber.

Ela viu, pela primeira vez, o olhar de súplica nos olhos dele, ouviu o oscilar da incerteza em sua voz, reparou no ligeiro tremor em suas mãos. Papai Freddy está ficando velho, disse a si mesma. E mesmo assim ele foi até lá, engolindo seu próprio orgulho.

— *Beta* — disse, antes que ela pudesse responder. — Você é a joia da coroa da nossa família. Seu lugar é ao lado de seu marido. Confie em mim quando eu digo isso. Bombaim não é lugar pra uma mulher solteira criar seus filhos. Em minha época de advogado, eu vi muitas e muitas coisas medonhas. É claro, você tem a seu lado seus pais maravilhosos, que Deus os abençoe com boa saúde. Mas, mesmo assim, esse não é o seu lar. O seu lar é ao lado de Feroz. Agora diga pra mim: você aceita o presente de um velho?

Sera se levantou do sofá e foi até o local onde o sogro estava sentado, de modo que viu o topo de sua cabeça redonda e calva, que parecia muitíssimo com

a de Feroz. Olhando para aquela cabeça, teve uma sensação de perda. Por um momento, sentiu uma falta terrível de Feroz, sentiu falta do contorno rígido de seu corpo quando ele dormia aconchegado a ela, sentiu falta das mãos escuras cobrindo-lhe os seios quando ele vinha por trás dela, sentiu falta de sua confiança tranquila e fácil, da proteção e da segurança que a tomavam quando eles estavam passeando juntos na cidade. Além disso, Dinaz necessitava — não, ela merecia — o que somente um pai poderia lhe dar.

— Papai Freddy! — gritou ela. — Espero não estar cometendo um erro, mas eu aceito a sua gentil oferta. Eu aceito.

O ar marinho cheira bem, e o oceano faz cócegas nos pés de Bhima e Maya enquanto elas caminham ao longo da praia, ziguezagueando ocasionalmente para evitar as pessoas que vêm em sua direção. Um vento ligeiro brinca com os cabelos de Bhima bem presos num coque na altura da nuca, fazendo com que alguns fios fiquem eriçados no topo de sua cabeça.

À medida que caminham, Bhima tem a sensação de estar soltando seus fardos na água receptiva, de modo que seu corpo torna-se mais suave, mais maleável, e ela perde um pouco da raivosa rigidez que normalmente carrega consigo. Está contente por ela e Maya terem adquirido o hábito de passear à beira-mar à noite. Bhima escuta o ritmado suspiro do mar escuro e sente que ele ecoa o dela própria. A água luta contra a praia, desgastando seus limites, deixando para trás um espumoso sibilar de frustração ao se afastar. Bhima sente seus pés cansados enterrando-se profundamente na areia molhada, em busca de um lugar para chamar de seu.

Havia anos ela não vinha à praia de Chowpatty.

— Seu avô e eu vínhamos aqui às vezes — diz ela a Maya.

— Com *Ma* e *Amit*? — pergunta ela.

Bhima estala a língua.

— Não, antes disso. Logo depois de nosso casamento. Este lugar era diferente nessa época.

Seu rosto adquire uma feição mais suave diante da lembrança de como ela e Gopal se sentavam na areia cor de caramelo e comiam *pakodas* de legumes e mastigavam pedaços de cana-de-açúcar recém-colhidas. Então, depois que o sol se punha e as multidões diminuía, deixando para trás apenas pequenos bolsões de amantes, Gopal aproximava-se dela e a puxava para si. Ao longo de toda a extensão de areia, casais sentavam-se juntos em diferentes estágios de paixão, mas a etiqueta exigia que não se prestasse atenção no que os outros estavam fazendo. Em determinados dias, parecia a Bhima que toda a Bombaim estava naquelas areias — os que estavam noivos à espera do casamento, os envolvidos em relações ilícitas e em romances que podiam resultar em graves punições se seus pais descobrissem. Em contraste, sentia-se segura e respeitável, sentada ali

na companhia do marido.

— Diferente como? — está dizendo Maya, e Bhima sente uma momentânea impaciência por estar sendo perturbada em seu devaneio.

— O governo limpou o local — diz ela. — Antes, esta praia era suja e cheia de lixo. As pessoas faziam *soo-soo* na areia, bem diante dos seus olhos. E aquela parte ali — ela aponta para a metade cintilante da praia que está cheia de barraquinhas de comida —, aquela parte ali tinha muito, muito mais *panipuri* e outros vendedores de comida. Agora está tudo regulamentado pelos *babus* do governo.

Ela espera que sua explicação faça Maya voltar a ficar em silêncio porque deseja revisitar o passado, passar algum tempo novamente com Gopal nas praias douradas de sua juventude, mas Maya quer conversar.

— O seu *walla* dos balões — diz ela. — O afegão de quem você estava falando. Ele também vinha aqui?

— Não sei — diz ela, mas sente uma súbita náusea diante da ideia do homem vendendo seus artefatos na espalhafatosa Chowpatty, em meio ao brilho leviano dessa praia. Ela quer visualizá-lo nas paragens mais sombrias de Marine Drive, onde não havia multidões de adolescentes e de universitários descendo em busca do prato perfeito de *bhelpuri*. Onde alguém podia usar o tempo que lhe conviesse para apreciar a arte do homem, a maneira paciente e cuidadosa com a qual ele torcia um pouco de borracha e ar e produzia magia. — Provavelmente não — diz ela. — Ele não viria pra cá.

— Eu tenho certeza de que ele viria — diz Maya. — Se aqui é o local onde as multidões ficavam, tenho certeza de que aqui também é o lugar onde os negócios aconteciam. Então ele tinha de vender seus balões aqui. A gente aprendeu isso na minha aula de negócios: você precisa ir aonde há demanda.

Bhima sente um súbito e intenso acesso de raiva, e seus dedos coçam de desejo de dar um tapa no rosto jovem, presunçoso e sabichão de Maya. Ela não sabe ao certo qual é a raiz de sua raiva — se ela se origina da casual referência feita por Maya à faculdade ou se as palavras impensadas da neta de alguma maneira profanaram a lembrança do honrado patane e desmereceram sua qualidade artística.

— Ele não era um homem de negócios! — grita ela. — Menininha tola, eu disse pra você. Ele não vinha aqui.

Maya dá a impressão de estar chocada e magoada, mas sua teimosa a impede de desistir.

— Bom, nesse caso, não é de espantar que ele fosse pobre do jeito que era. Não é de espantar que você sentisse pena dele.

Bhima quer corrigir Maya, quer dizer que não lhe está claro se ela de fato sentia pena dele. Quer dizer: *beti*, é muito mais do que isso. Ele não era exatamente o tipo de homem de quem você sente pena. Muito pelo contrário; olhando nos seus belos olhos tristes, sentia-se um profundo pesar, uma espécie de melancolia que sente quando está num lugar bonito e o sol está se pondo. E agora, quase sempre que penso nele, sinto pena de mim mesma. Porque aquele velho patane tinha algo de que eu necessito agora. Não sei o que era, nem mesmo sei que nome dar a isso. Tudo o que sei é que ele poderia ter me ensinado alguma coisa, se ao menos eu não fosse tão jovem e tímida e tivesse tanto medo de perguntar.

Maya é mais jovem do que ela era naquela época, e Bhima sabe que é inútil tentar explicar tudo isso à neta. Além do mais, sente uma lembrança erguendo-se dos confins sombrios do passado e precisa se concentrar em ajudar essa lembrança a se mover em direção ao presente. Alguma coisa que o velho patane dissera enquanto conversava com Gopal... O que Gopal lhe perguntara, quem sabe alguma coisa sobre a terra natal dele? Sim, era isso. Gopal dissera:

— Comparado a Bombaim, com as monções e tudo o mais, o seu Afeganistão deve parecer tão seco quanto uma velha, não? Só há montanhas lá, é seco como um osso, correto? Eu vi uma foto uma vez.

Ela esperara que o patane fosse ficar ofendido, mas ele riu.

— *Nahi, sahib* — disse ele numa voz baixa e sonhadora. — O meu Afeganistão é muito bonito. Uma terra dura, sim, cheia de montanhas, mas a dureza tem sua própria beleza. — Ele fez uma pausa por um longo momento, suas mãos imóveis sobre o balão que estava transformando, e Bhima teve a distinta impressão de que viajava de novo por aquelas duras estradas afegãs. — De manhã, quando eu era um menino, acordava e saía correndo de casa — continuou ele naquela mesma voz profunda que, aos ouvidos de Bhima, carregava consigo traços de fumo, cânfora e eucalipto. — Eu saía pra sentir o cheiro do ar puro da montanha, pra olhar aquelas colinas que, à luz da manhã, pareciam quase ter um tom róseo e azulado. E pensava que eu era o menino mais

feliz do mundo. — O patane sorriu para a tolice daquele menino de tanto tempo atrás.

— *Wah*, velho, você me faz ter vontade de conhecer o seu país natal — disse Gopal com seu costumeiro jeito entusiasmado. — Tem certeza de que você não é poeta em vez de vendedor de balão?

Bhima estava prestes a dar um beliscão em Gopal, quando viu que o patane estava sorrindo.

— Todo mundo é poeta na minha terra natal, *sahib* — disse ele. — O país faz você ser assim. — Então seu rosto ficou nublado. — Quer dizer, todos *eram* poetas. Agora o país está arruinado. Muitas pessoas lutando pela terra pobre, e o coração da terra está doente. Noite e dia, ela está chorando. Agora ela não pode cuidar de seus filhos e filhas.

O patane parou, e seus olhos eram como tinteiros, a pele em seu rosto como pergaminho. Ele parecia estar prestes a falar novamente, mas nesse momento Amit o interrompeu.

— O meu balão está pronto? — perguntou ele, saltando de pé em pé e olhando com impaciência para o homem que lhe deve ter parecido tão alto quanto um edifício.

O patane abaixou-se e deu um tapinha na cabeça de Amit.

— Desculpe, *baba* — disse ele. — Estou ficando lento em meu trabalho.

Ele terminou o balão com seu costumeiro modo metódico e entregou-o a Amit como se fosse uma flor.

— Desculpe, mas o que posso fazer? Esse menino é impaciente como o pai. — Bhima sorriu, desculpando-se. — Mas... O que aconteceu em sua terra natal pra haver tantos combates?

O patane olhou para ela e sorriu lentamente.

— Tem um ditado na minha comunidade — disse ele. — Dizem que, quando alguma coisa é muito bonita, os Deuses do Ciúme reparam nela. Então são obrigados a destruí-la. Mesmo que seja criação deles, a beleza começa a deixá-los com ciúme, e eles têm medo de ser ofuscados por ela. Então eles destroem os templos que eles próprios construíram.

Os Deuses do Ciúme, pensa agora Bhima. Será que foi isso que aconteceu entre ela e Gopal? Será que a felicidade deles foi vista por algum deus malévolo? Será que foi por isso que seus dois filhos foram levados para longe dela? Por que

ela teve de instar a neta a destruir seu próprio bebê? Talvez o patane estivesse certo, talvez um excesso de felicidade e de beleza não seja bom para os seres humanos. Talvez a felicidade humana tivesse de ser medida em colheradas, como o óleo de rícino que Banubai costumava colocar numa colher e engolir todo domingo. Beba isso diretamente da garrafa, e o líquido poderá matá-la.

— *Ma-ma*, estou perguntando e perguntando, e você não responde nada — ela ouve Maya dizer. — Você está zangada comigo ou o quê?

Bhima balança a cabeça para dissipar a névoa do passado.

— Me desculpe, *beti* — diz ela. — Eu estava só pensando e não a ouvi.

— Eu perguntei o que aconteceu com o velho patane.

Bhima tem uma sensação gélida em seu coração ao ouvir as palavras de Maya.

— Não sei — diz ela abruptamente. — Depois do acidente com o seu avô, nós paramos de vir pro litoral.

— Por quê? — insiste Maya. — Não havia nada de errado com as pernas do *da-da* Gopal, havia? Por que vocês não podiam vir pro litoral?

O rosto de Bhima está tão fechado quanto um livro.

— Depois do acidente, tudo mudou — diz ela secamente.

Ela desvia o olhar, piscando para se livrar das lágrimas que haviam se formado inesperadamente em seus olhos.

Maya encosta a cabeça no ombro de Bhima.

— *Ma-ma* — diz ela. — Coitadinha da minha *ma-ma*.

— Escute, *beti* — diz Bhima. — Eu nunca lhe contei o que aconteceu depois do acidente, mas vou contar agora; aí você vai entender, de uma vez por todas, como este mundo trata as pessoas que não têm instrução.

Ela estava gripada no dia do acidente de Gopal, motivo pelo qual o homem da fábrica a encontrou em casa quando bateu na porta às três da tarde. Ele era um estranho para ela, aquele homem de pele escura e olhos ansiosos e inquietos.

— A senhora é... — Ele consultou um pedaço de papel. — Bhima? A mulher de Gopal?

— Sou, sim.

Ele olhou para o chão.

— Eu sinto muito, mas estou trazendo notícias ruins — disse ele. — A senhora precisa ir rapidamente ao hospital. — Ele pronunciou “hisptal”. —

Ocorreu um acidente.

— Acidente? Com o meu Gopal? — Ela sentiu a cabeça vazia, fraca, devido à gripe e ao súbito temor que se apoderou de seu coração como uma mão gigantesca. — Ele está... Muito machucado?

O homem se mexeu, inquieto.

— Ele está bem — disse ele. — Foi só um ferimento na mão. Mas, mesmo assim, o chefe mandou ele pro hospital pra ter um atendimento de primeira. E depois me mandou vir aqui pra lhe dar a informação. Nas Indústrias Godav, nós cuidamos de nossos trabalhadores.

Gopal trabalhava nas Indústrias Godav havia catorze meses, desde que a usina têxtil onde ele trabalhara por anos falira. Bhima jamais se encontrara com nenhum dos novos colegas de Gopal, incluindo o homem que estava parado à sua porta. Havia algo nele de que ela não gostava.

— E quem é você? — disse ela.

— Sou o capataz de Gopal. Vamos indo. Eu preciso voltar pro trabalho. — Bhima reparou que ele não disse o seu nome, e ela era tímida demais para perguntar. Não queria que o homem pensasse que Gopal tinha uma mulher atrevida.

Pediu à vizinha ao lado para receber Amit quando voltasse da escola.

— Pooja vai chegar do trabalho por volta das sete, *didi* — disse ela. — Peça pra ela preparar arroz pra Amit se eu ainda não tiver chegado do hospital.

— As crianças podem comer aqui — respondeu a vizinha. — Seus filhos são meus filhos.

— Muito obrigada.

Pouco antes de sair, ela foi até a panela de aço inoxidável na qual guardava algumas rupias para gastos domésticos e as pegou. Ela gostaria muito que o homem desviasse o olhar por um minuto enquanto tirava o dinheiro, mas ele acompanhava todos os seus movimentos.

O capataz chamou um táxi e esperou que Bhima entrasse nele. Ele deu ao taxista o nome do hospital público.

— Nós o levamos pro hospital público porque ficava perto — disse ele a Bhima. — Ele estava sangrando, aí nós o colocamos num táxi e o levamos pra lá. *Seth* Bara pagou a corrida — acrescentou ele com orgulho.

Bhima sentiu uma fraqueza ao imaginar Gopal sangrando tanto a ponto de

eles terem sido obrigados a chamar um táxi.

— Pode me dizer a verdade — disse ela. — O meu marido está muito machucado?

— Ele vai ficar bom — respondeu ele. — Tudo depende do tipo de cuidado que receber. Como a mão direita dele está machucada, a gente precisa que você assine alguns documentos nos permitindo lhe dar o tratamento que ele necessita. — Ele enfiou a mão na pasta de plástico que carregava e tirou um formulário impresso e uma caneta. — Assine aqui, por favor — disse ele.

Bhima sentiu a costumeira vergonha subindo-lhe pelo corpo como uma onda de calor à medida que seus olhos percorriam a página com as palavras incompreensíveis.

— Não posso — disse ela, engolindo o soluço que se formara em sua garganta. — Eu não sei ler nem escrever.

— Tudo bem — disse o homem imediatamente, revirando a pasta. — Hoje é o seu dia de sorte. — Ele puxou uma almofada de tinta. — Aqui — disse ele, abrindo-a e puxando a mão de Bhima na direção do objeto. — Basta molhar o polegar na tinta e colocá-lo em cima do papel.

Pela milionésima vez, Bhima desejou não ser analfabeta. Ela teria gostado de ter lido aquele longo pedaço de papel, lido tão rápida e casualmente quanto via Serabai ler o jornal todos os dias. Talvez o papel lhe dissesse a verdade sobre as condições de Gopal. Ela sentiu vergonha ao se lembrar de como discutira com o marido por causa do desejo dele de colocar Pooja na escola. Agora, Pooja cresceria tão idiota e analfabeta quanto a mãe.

— Ela é uma menina — discutira com Gopal. — Pra que ela precisa estudar? Num piscar de olhos ela vai crescer e se casar com um homem que está esperando uma esposa que saiba cozinhar, varrer a casa, lavar suas roupas. É melhor ela saber usar uma vassoura do que uma caneta.

— A gente vive agora nos tempos modernos — disse Gopal. — Uma menina precisa...

— Não tão moderno a ponto de um homem aceitar uma mulher que não saiba fazer as tarefas domésticas. E não tão moderno a ponto de desprezarmos um dinheirinho extra na família. Assim a gente vai poder pagar as mensalidades da escola de Amit. Se ele tiver instrução, vai poder ajudar a irmã mais tarde.

À medida que o polegar de Bhima pairava sobre o formulário em branco à

sua frente, seu rosto queimava com a lembrança. Ela gostaria muito que Amit estivesse em casa quando aquele homem, aquele portador de más notícias, bateu à sua porta. Seu filho poderia decifrar aquelas palavras pretas pousadas como insetos mortos sobre o papel. Ao seu lado, ela sentiu o homem se mexendo impientemente.

— Vamos lá, estamos quase no hospital — disse ele. — A tinta leva alguns minutos pra secar. Pressione o polegar aqui. — E, antes que Bhima pudesse reagir, ele cobriu a sua mão com a dele, dirigiu-a ao papel e apertou o polegar dela contra o papel, deixando sua impressão digital no formulário.

Um homem estranho tocando-a no banco traseiro de um táxi. Bhima estava mortificada. Sua antipatia pelo homem coalhava como leite. Ela se moveu no assento do pequeno Fiat até ficar encostada na porta. Mas o humor do homem parecia ter mudado.

— Não se encoste demais, *bhenji* — disse ele com uma risada. — Senão vou acabar tendo dois pacientes pra cuidar em vez de apenas Gopal.

Bhima olhou fixamente para a frente, ignorando suas palavras.

No hospital, ela ficou grata pela presença do capataz, sem o qual jamais teria conseguido se achar em meio ao grande e caótico edifício. Ele seguiu na frente dela de propósito. Perguntou a uma enfermeira qual era o caminho até a sala de cirurgia, e, quando ouviu essas palavras, Bhima quase deu um grito. Por que Gopal estava na sala de cirurgia? Aquele homem, cujo nome ela ainda desconhecia, não dissera nada sobre cirurgia. Será que Gopal estava numa situação pior do que a que ela fora levada a acreditar? Mas, quando tentou pará-lo para questioná-lo a respeito, ele simplesmente estalou a língua como quem desmerece a pergunta.

— Eu lhe disse. Seu marido está bem — disse ele rispidamente. — Basta me seguir.

Quando chegaram às portas de cor creme onde estava escrito Sala de Cirurgia, ele apontou para um grande banco de madeira.

— Sente-se ali! — ordenou. — Eu volto já.

Ela o viu afastar-se e parar ao avistar uma enfermeira. Ela o viu pôr a mão no bolso e puxar uma nota, embora ela estivesse longe demais para ver o valor. Viu a enfermeira aceitar rapidamente o dinheiro e enfiá-lo no bolso. A enfermeira curvou-se para consultar um diagrama e então apontou para o fim do

corredor.

— *Shukria*. Obrigado — ela ouviu o homem dizer.

Ele voltou e sentou-se pesadamente ao seu lado.

— Tudo bem — disse ele, como se estivesse entrando no meio de uma conversa. — Gopal deve sair da sala de cirurgia logo, logo. Parece que ele perdeu três dedos. — Se ouviu o choro angustiado de Bhima, o homem não deixou transparecer. — O doutor *sahib* fez o melhor que pôde. Agora, quando eles o levarem pro leito alguém vai lhe informar. A senhora vai poder visitá-lo lá. — Olhou para o relógio e praguejou baixinho. — *Saala*, estou muito atrasado. Preciso voltar pro trabalho. Estou precisando relatar pro chefão o que aconteceu aqui. — Olhou para o rosto assustado e perplexo dela e franziu o cenho. — Meu chefe já perdeu muito tempo e muito dinheiro com essa história toda. Esse Gopal sempre foi um sujeito descuidado. Muitas e muitas vezes eu disse pra ele ser cuidadoso. Afinal de contas, uma máquina grande é como um tigre, você não põe a mão na sua boca. Mas ele nunca me ouve, o seu marido. Muito *herogiri* no trabalho.

Bhima estava soluçando silenciosamente, querendo defender Gopal, querendo encontrar as palavras que colocariam aquele homem desagradável em seu devido lugar, mas não sabia como. O homem olhou para ela por um longo momento e então se levantou com um movimento brusco. Enfiou a mão no bolso e retirou uma nota de cinquenta rupias.

— Tome — disse ele, pondo a nota no colo de Bhima. — Pegue um táxi pra casa quando for embora. — Ele fitou o rosto lacrimoso dela por um segundo, começou a se afastar e, então, deu alguns passos em sua direção. — Vou voltar pra ver o Gopal amanhã de manhã — disse ele. — Amanhã vamos fazer todo o nosso *hissab-kittab*, vamos acertar as nossas obrigações contratuais. Entendeu? — Ela balançou a cabeça em negativa, mas ele a ignorou. — Tudo bem, então. Amanhã de manhã.

Quando ela finalmente conseguiu ver Gopal naquela noite, ele estava agindo de maneira estranha, olhando para ela com olhos pesados e sonolentos e murmurando tolices. Por alguns minutos ela ficou com medo de que o capataz houvesse mentido, que na verdade era o cérebro de Gopal que havia sido atingido no acidente. Mas a mãe do paciente da cama ao lado lhe disse que aquilo era normal; os remédios para dormir que eles davam aos pacientes antes

da cirurgia faziam com que tivessem aquela aparência e falassem daquele jeito. E também havia um curativo de gaze branca ao redor da mão direita de Gopal com uma mancha em tom vermelho-ferrugem de seu sangue, e outra em tom alaranjado, proveniente de alguma substância desconhecida.

Na manhã seguinte, Amit recusou-se a ir à escola.

— Eu quero ver o *baba* — disse ele. — Sei que ele precisa de mim. — Bhima não protestou muito.

Com doze anos, o filho já estava mais alto do que ela, e Bhima ficou maravilhada diante da maneira fácil e confiante com a qual ele percorreu os corredores do hospital. Então isso é o que saber ler e escrever faz com as pessoas, pensou ela, e sentiu uma chama de orgulho por haver proporcionado ao filho essa dádiva.

Quando eles alcançaram o quarto de Gopal, sua cama estava vazia. Bhima sentiu um momentâneo ataque de pânico — será que ele morrerá no meio da noite?, imaginou ela, e então enfiou a unha do dedo médio no polegar para punir-se por semelhante pensamento. Ela virou o corpo, imaginando a quem perguntar pelo paradeiro do marido, quando a mulher idosa da cama ao lado que lhe tranquilizara a mente na noite passada dirigiu-se a ela.

— Eles o levaram lá pra baixo pra fazer um raio X — disse ela. Bhima balançou a cabeça em agradecimento, e isso impeliu a mulher a se levantar de onde estava sentada, ao lado da cama do filho, para vir na direção de Bhima. Baixando a voz e posicionando o corpo de modo a tirar Amit da conversa, a mulher murmurou: — Seu senhor estava tendo alguns problemas durante a noite. Teve febre e tudo o mais. E tossiu muito. Meu filho passou metade da noite em claro com a tosse dele. — Ela sorriu, para mostrar a Bhima que não estava dizendo aquilo por mal.

Um medo instalou-se em Bhima como a poeira que pousava sobre suas panelas e frigideiras de aço inoxidável todas as manhãs.

— Mas por quê? — sussurrou ela. — Ele não está resfriado. Por que ele teria febre e tosse? — Ela pensou por um momento. — Eu, sim, estou doente há alguns dias. Será que o meu Gopal pegou o meu resfriado?

A mulher deu de ombros.

— Isso eu não sei, *beti*. Estou apenas lhe dizendo o que eu ouvi.

Amit puxou um pedacinho da carne próxima ao cotovelo de Bhima.

— *Ma*, o que está acontecendo? — sussurrou ele, ansioso. — Quer que eu vá ver onde está o *baba*?

— Melhor não — respondeu a velha, como se ele tivesse endereçado a pergunta a ela. — Os médicos aqui são muito... — Ela fez uma careta. — Melhor não deixá-los com raiva de você. Espere aqui, que eles vão trazê-lo de volta depois do raio X.

Eles se sentaram na cama de Gopal, com os semblantes taciturnos.

— O *baba* está com dor? — disse Amit depois de um tempo, e Bhima balançou a cabeça, num gesto evasivo.

Ela própria ainda se sentia mal devido aos duradouros efeitos da gripe. Bhima imaginou se Murti, a mulher do edifício, já havia entregado seu recado a Serabai, informando-lhe sobre o acidente de Gopal. Talvez demorasse dias até que ela pudesse voltar ao trabalho. Como Serabai conseguiria dar conta da casa sem ela? E, com Gopal e ela própria sem poderem trabalhar, eles teriam de se virar com o salário de Pooja. Então Bhima se lembrou do que o capataz da fábrica dissera ontem — alguma coisa a ver com acertar alguns negócios. A empresa lhes daria dinheiro para viver enquanto Gopal estivesse acamado. Ainda bem que o capataz tinha pensado nisso — ontem sua mente voara para bem longe, como um pássaro alçando voo do ninho, e ela não pensara em dinheiro ou em qualquer outra coisa. Bhima sentiu um pouco de gratidão pelo homem. Talvez ela o tivesse julgado mal. Ele deve ser um bom homem para se preocupar com o seu bem-estar num momento como esse. Ela lhe pediria desculpas hoje pela frieza de seu comportamento. Bhima tentou se lembrar se o capataz da fábrica lhe dissera a que horas chegaria. Por acaso ele disse que viria naquela tarde?

Meia hora depois, eles trouxeram Gopal de volta ao quarto numa cadeira de rodas e o transferiram para a cama. Bhima deixou escapar um grito de apreensão quando viu seu corpo magro e trêmulo. Menos de vinte e quatro horas haviam se passado desde que ela despachara seu alegre e robusto marido para o trabalho, mas agora ela mal reconhecia o homem deitado diante dela. Amit também deve ter notado a diferença, porque postou-se mais perto da mãe e observou, mesmerizado, seu pai.

— *Ma*, o que aconteceu com a mão dele? — perguntou o menino com a voz rouca.

Os olhos de Gopal fixaram-se em Amit e ele tentou explicar, mas um acesso de tosse engoliu suas palavras. Ouvindo os sons guturais, Bhima mal conseguia acreditar em seus ouvidos. Quando ela deixara Gopal na noite anterior, sua respiração estava leve e regular. Agora ele parecia um desses velhos asmáticos que se reúnem em frente à loja de *bidi* perto de sua casa todas as noites para deixar o tempo passar. E, quando tocou a testa do marido, ela puxou a mão bruscamente, como se tivesse tocado, sem querer, uma panela de água fervente.

Os olhos de Gopal estavam agitados e desamparados quando ele olhou para ela. Mais uma vez o marido tentou falar, mas a tosse rasgava seu peito e retalhava suas palavras.

— Não fale — disse Bhima, pousando a mão no peito dele para acalmá-lo. Debaixo de sua mão, ela podia sentir o rugido e o rosnado de seus pulmões congestionados. — Não fale, meu Gopal. Nós estamos aqui com você. Descanse um pouquinho.

Gopal fechou os olhos, e agora Bhima podia estudar seu corpo mutilado. Ela reparou que os curativos em sua mão tinham sido trocados, mas ainda havia sangue recente neles; viu as rugas que haviam aparecido em seu rosto durante a noite; viu como seu rosto moreno parecia estar quase avermelhado, como se a febre fosse uma lanterna que brilhava logo abaixo de sua pele. E ela ouviu o agourento som de sua respiração forçada, ouviu o ar retinindo em seu peito. E, junto desse som, outro som penetrava os ouvidos dela — o som de Amit chorando ao seu lado, embora ela tivesse levado um segundo para identificá-lo.

— *Ma* — soluçou o menino. — Qual é o problema com o *baba*?

Com medo de que o choro do filho acordasse Gopal, ela virou-se furiosamente na direção dele.

— Vá esperar lá no corredor — sussurrou ela. — Se é pra continuar agindo dessa maneira, pegue essas suas lágrimas e essa sua cara amarga e fique lá fora.

Como que para puni-la pela aspereza de suas palavras, uma enfermeira apareceu nesse instante na cama de Gopal. Ela estava segurando uma seringa na mão direita, e Amit e Bhima olharam para a agulha comprida e grossa com temeroso fascínio.

— Esse é o seu paciente? — disse a enfermeira com impaciência. — Por favor, acorde ele. Ele precisa baixar o pijama. — Mesmo enquanto falava, a

mulher agarrou o cós do pijama de Gopal e tentou arriá-lo. Bhima ficou tensa, esperando que Gopal acordasse, mas ele continuava dormindo. — Sono pesado, hein? — disse a enfermeira e, no segundo seguinte, ela já havia enfiado a agulha na coxa de Gopal. Amit gemeu de dor em solidariedade ao pai, mas, fora um movimento brusco num determinado momento, Gopal permaneceu dormindo durante todo o processo. — A dor em seus dedos deve ser tão grande que o coitado nem sentiu a injeção — disse ela.

Bhima seguiu a enfermeira quando ela começou a se preparar para sair.

— Irmã — disse ela. — Pode me dizer, por favor, qual é o problema dele? Por que está com febre e tossindo desse jeito?

A enfermeira deu de ombros.

— Infecção — disse ela. — Tem uma infecção no corpo dele por causa da cirurgia. Entendeu?

Não, Bhima queria dizer, não entendi. Eu pensei que a cirurgia fosse para ajudar o meu marido, e não para lhe dar febre. Antes que ela pudesse dizer uma palavra sequer, a enfermeira assentiu com a cabeça brevemente e saiu do quarto.

Bhima voltou ao local onde Amit estava esperando.

— Fique aqui com o *baba* — disse ela ao menino. — Eu preciso dar um telefonema.

Da cabine do telefone público, ela discou o número de Serabai. Discou devagar, da maneira cuidadosa que Sera lhe mostrara. Na época em que Serabai insistira para que aprendesse a usar o telefone, Bhima resistira. Agora ela era grata por ter essa habilidade. Embora os números todos lhe parecessem idênticos, Bhima memorizara seus lugares no *dial*, e agora enfiava o indicador em cada buraco e fazia o movimento certo.

— Pois não? — A voz de *seth* Feroz, forte e impaciente como sempre. Bhima imaginou o motivo pelo qual ele ainda estava em casa.

— *Seth* Feroz? — berrou ela. — Alô! Sim, aqui é a Bhima.

— Bhima? Pare de berrar, pelo amor de Deus! Fale com a voz normal, só isso. Não, baixe essa voz. Assim está melhor. Agora pode falar, como está o Gopal? A sua vizinha estava aqui agorinha mesmo nos dando a notícia.

— Ele não está bem, *seth* Feroz — disse ela, tentando se lembrar de não elevar a voz. — A enfermeira disse que ele tem uma... — Agora, como era mesmo a palavra que ela usara? — “infrexão”.

Feroz praguejou baixinho.

— Isso não é bom — disse ele sucintamente.

— Aí eu estou ligando só por isso — disse Bhima. — Que coisa é essa? É doença?

Houve uma ligeira pausa.

— Espere um pouco — disse Feroz. — A Sera está aqui e quer falar com você.

— Alô, Bhima? — A voz de Sera entrou no ouvido de Bhima como um consolo. — O que está acontecendo?

— A enfermeira disse que Gopal teve uma “infrexão”. — Algo na voz familiar de Sera derreteu o rígido temor que mantinha Bhima cativa desde ontem, de modo que as lágrimas agora fluíam facilmente. — Ele está muito doente, Serabai. Está com febre alta e uma tosse que é como se fosse cem elefantes pulando em cima do peito dele. Que doença nova é essa que ele tem agora?

— E a mão dele?

— Ele perdeu três dedos.

Ela ouviu a profunda respiração de Sera.

— E eles fizeram uma cirurgia? Você sabe o que eles fizeram?

— Não, ninguém disse nada. Aqui ninguém fala comigo, *bai* — disse ela.

— Entendi. — Sera parecia estar zangada. — Tenho certeza de que esses médicos *gadhera* fizeram alguma besteira durante a cirurgia. — Ela fez uma pausa e então voltou a falar, dessa vez mais devagar: — Bhima, uma infecção é como alguma coisa entrando no seu corpo. Isso às vezes acontece depois de uma cirurgia. Mas com bons remédios eles normalmente debelam a infecção. Mas é preciso ter cuidado.

— E devo mandar ele beber um pouco de *narial pani*? — perguntou Bhima. — Posso mandar o Amit dar um pulinho lá fora e comprar um pouco de água de coco. Dizem que isso acaba com todas as doenças.

— Não, esse tipo de coisa requer remédios que são mais fortes do que *narial pani*. — Sera fez uma pausa. — Você vai ficar no hospital o dia inteiro? Vai? Bom. Tudo bem, fique na linha um instantinho. — Bhima ouviu a patroa falando com Feroz. Em seguida ela retornou. — Alô? Tudo bem, Bhima, escute. Feroz e eu vamos sair hoje. É o nosso aniversário de casamento, sabia? Mas

vamos dar uma passada no hospital antes disso. Aí veremos o que pode ser feito. Em que andar o Gopal está?

Gopal já estava acordado quando Bhima voltou ao quarto. Amit estava sentado próximo ao pai, acariciando-lhe a cabeça e cantando uma canção de um filme recente que ele e Gopal haviam assistido na semana anterior.

— *Baba* me pediu pra cantar pra ele — disse ele a Bhima.

Os olhos do menino estavam brilhantes de lágrimas. Bhima assentiu com a cabeça, e Amit retomou a cantoria. Observando os dois, o coração de Bhima doeu de amor. Até aquele acidente, nenhuma sombra escura havia caído sobre a vida deles. Apesar de ter dois filhos, Gopal era brincalhão e despreocupado como uma criança. Enquanto o casamento de Sujata e Sushil definhara, o dela florescera como as flores cor-de-rosa que apareciam a cada primavera na árvore que ficava em frente a seu *chawl*. E, desde o momento do nascimento de Pooja, Gopal tratara os filhos com um grau de carinho e amor que os tornara objeto da inveja das outras crianças do cortiço.

Amit ainda estava cantando, muito embora Gopal tivesse caído no sono. Bhima esfregou as costas ossudas do menino, seu coração contorcendo-se de dor mais uma vez ao sentir o familiar subir e descer dos músculos do filho em sua mão.

— *Baba* está dormindo — sussurrou ela. — Pode parar de cantar agora.

— Mas ele pediu — sussurrou o menino. — *Ma*, dava pra ver que a música estava deixando ele melhor.

Ela assentiu com a cabeça e abraçou o filho.

— Você é o pilar da minha vida. Todo mundo devia ter um filho como você — disse a ele, observando-o estourar uma espinha no rosto para disfarçar seu constrangido orgulho. Oh, Deus, restaure a minha família para mim, rezou ela. Permita que essa enfermidade que está circulando pelo sangue de Gopal como uma onda de escuridão saia do corpo dele. Devolva-me o meu Gopal, sorrindo como sempre.

Já era quase meio-dia quando Feroz e Sera entraram no quarto. Ela estava com uma aparência radiante num sári verde. Para Bhima, parecia que os dois, em suas roupas finas e com seus rostos resplandecentes, eram um esguicho de cor em contraste com o pano de fundo preto e branco do quarto escuro e encardido. Eles parecem astros de cinema comparados ao resto de nós, pensou ela, como se

fossem deuses descidos do céu naquela terra mortal. Bhima reparou que as outras pessoas na enfermaria, não só os pacientes como também seus parentes, olhavam boquiabertas os Dubash dirigirem-se a ela.

— Serabai! — gritou Amit com prazer. Ele estava parado diante dos dois, radiante de felicidade, com um pouquinho de medo de Feroz, mas incapaz de conter sua alegria ao ver Sera.

— Amit — disse Feroz com rigidez, balançando a cabeça ao reconhecer o menino.

Mas o rosto de Sera estava transbordando de calor humano.

— Como é que você está, Amit? — disse ela, estendendo a mão para ele. Amit deu uma risadinha com esse cumprimento familiar.

— Estou bem, obrigado — respondeu da maneira que ela lhe havia ensinado. Então um olhar de preocupação atravessou-lhe o rosto. — Meu *baba* está doente — disse. — A testa dele está tão quente quanto uma xícara de chá.

Bhima estava sentada com as mãos cruzadas, num gesto de gratidão.

— *Bai*, muito obrigada mesmo — disse ela. Em seguida virou-se para Feroz. — Me desculpe por causar todo esse transtorno, *seth*.

Feroz balançou a mão, dispensando os agradecimentos.

— Onde estão os médicos e as enfermeiras? — disse ele, vasculhando o recinto. — Quem é o responsável aqui?

— Uma irmã esteve aqui mais cedo — respondeu ela. — Deu uma injeção bem grande em Gopal. Foi ela que me disse que ele estava com uma “infrexão”.

— Infecção — corrigiu ele, distraído. Seus olhos vasculharam o quarto até pousarem sobre um rapaz da enfermaria que estava prestes a colocar a comadre em algum paciente. — Ei, você aí — chamou Feroz. — Venha cá um instante.

Mesmerizado pela autoridade embutida na voz de Feroz, o rapaz soltou a comadre e começou a caminhar na direção deles.

— *Mere re* — sussurrou Sera. — Você podia ter deixado o rapaz terminar de colocar a comadre naquele pobre homem antes de chamá-lo aqui.

Feroz tirou seu cartão.

— Escute aqui — disse ele. — Leve isso aqui ao médico responsável por esse quarto e diga pra ele que eu quero vê-lo aqui em alguns minutos. Corra, nós não temos muito tempo. Temos um compromisso importante à uma e meia.

O rapaz da enfermaria segurou o cartão como se o objeto fosse um

importante documento.

— Os médicos aparecem aqui apenas uma vez de manhã e uma vez de noite — disse ele.

Feroz rosnou.

— Escute aqui, rapaz. Vá e diga pra esse médico aparecer aqui em dois minutos — disse ele. — Eu conheço as pessoas que construíram esse hospital, entendeu bem?

O rapaz saiu rastejando, com a rapidez de uma barata.

— Sim, senhor — disse ele. — Só um minutinho, senhor.

Bhima observou, perplexa, um homem mais velho num jaleco branco caminhar até eles poucos minutos depois.

— Sr. Feroz? — disse ele. — Sou o dr. Kapur.

Ele era um homem de estatura mediana, com cabelos grisalhos malcuidados e olhos empapuçados. Uma extremidade de seus óculos estava presa com um esparadrapo de aspecto sujo.

— Ah, sim, que bom — disse Feroz, estendendo a mão. — Sou Feroz Dubash, executivo sênior do Tata Group.

— Entendo. — O médico olhava com curiosidade para Feroz e Sera. — Em que posso lhe ser útil?

— Nós só queríamos um relatório do progresso desse jovem aqui — disse Feroz, olhando de relance para um Gopal adormecido. — Ele foi submetido a uma operação ontem, depois de algum tipo de acidente na fábrica onde trabalha. Fomos informados que ele está com uma infecção. Queria saber se você pode nos dar alguma explicação sobre o que aconteceu.

O dr. Kapur pareceu inquieto.

— Sim, há um pouco de infecção, *per se*. Problema comum no pós-cirúrgico — murmurou ele. — Você sabe, às vezes os germes entram no organismo depois da cirurgia. Nós estamos tentando curá-lo.

— Então quando foi que ele passou a tomar antibiótico? — perguntou Sera.

— Antibiótico? — O dr. Kapur dava a impressão de alguém que jamais ouvira falar nessa palavra. — Bom, enfim, ele ainda não está tomando antibiótico algum, *per se*. Estamos tentando outras medidas antes disso.

Sera ficou rubra de raiva.

— O que vocês estão fazendo, então, dando-lhe primeiro *paansopari*? —

perguntou ela sarcasticamente. — Por que você está guardando o...

Feroz apertou o cotovelo da esposa para acalmá-la.

— Me desculpe, doutor, a minha mulher está um pouco preocupada — disse ele. — Entenda bem, esse sujeito aqui é importante pra nossa família. — Ele aproximou-se mais do médico, seus olhos pretos vasculhando o rosto do homem e suas palavras saindo lentas e deliberadas. — De qualquer modo, o que está feito, está feito. Parece que o seu hospital cometeu um grave erro aqui. Mas a questão é a seguinte: o que você pode fazer pra consertar isso? — A voz dele ficou ainda mais baixa. — Podemos conversar nós dois um instante, de homem pra homem? Bom. Agora, a questão é a seguinte. Por algum motivo, a minha mulher tem um apreço especial pela nossa serviçal aqui. E se a minha mulher está contente, então eu também estou contente. — Ele piscou para o médico. — Se você é um homem casado, doutor, sabe do que estou falando. Por exemplo, hoje é o nosso aniversário de casamento. Eu tirei o dia de folga pra conseguir passá-lo com a minha mulher. Acredite em mim, a última coisa que eu gostaria de fazer era estar aqui, neste... lugar. Mas a minha mulher insistiu que nós déssemos uma passadinha aqui pra ver como estavam as coisas. Portanto, aqui estamos nós.

— Não há necessidade de se preocupar com coisa alguma — disse o dr. Kapur, irritado. — Esse homem aqui está recebendo um bom tratamento...

Feroz pareceu ter ficado subitamente furioso. A veia em sua testa ficou inchada. Mesmo assim, ele manteve a voz baixa.

— Você considera um bom tratamento não tratar de uma infecção com um antibiótico? — disse ele. — Você considera um bom tratamento não explicar pra mulher do paciente o que há de errado com o marido dela? Existe alguma explicação pra isso?

O dr. Kapur desviou o olhar.

— Ele não é o único paciente aqui, *per se*. — Ele riu de maneira inquieta. — Você pode se preocupar com um único paciente. Nós temos de nos preocupar com todos os nossos pacientes.

Feroz emitiu um som áspero que parecia um latido.

— Então se preocupe. Cacete, se preocupe. Faça alguma coisa. Se esse homem morrer por falta de cuidado, eu juro, dr. Kapur, que vou mandar enrolar os seus testículos na sua cabeça com tanta rapidez que...

— Escute, sr. Feroz. Não há necessidade de falar de maneira tão grosseira. Eu vim vê-lo porque...

— Se você está preocupado com o meu discurso, é melhor nunca precisar ver as minhas ações — interrompeu Feroz. — Eu trabalho pros Tata, entendeu? Você sabe qual é a nossa influência junto à administração deste hospital? Uma palavra minha e você vai estar no olho da rua, sem tempo nem pra despir esse seu jaleco branco. E mais: vou garantir que nenhum outro hospital em Bombaim o contrate, entendeu?

Sera dirigiu-se rapidamente até o local onde estava o marido.

— Por favor, Feroz, tenho certeza de que não há necessidade de tudo isso — disse ela com calma. — Dá pra ver que o médico é um bom sujeito, que ele vai se esforçar ao máximo pra tirar Gopal dessa situação.

— É isso que estou tentando dizer o tempo todo ao seu marido, madame — disse Kapur. Sua voz mudara, e havia um tom lamuriento, insinuante. — Esta tarde mesmo vamos começar a dar o antibiótico ao seu paciente, *per se*. Em poucos dias ele estará novinho em folha.

Bhima viu Sera lançar um olhar de aviso para Feroz. Mas ele o ignorou.

— Tudo bem — disse ele. — O plano é este. Você está com o meu cartão. Quero que você mande um dos seus médicos ligar pra minha secretária todas as manhãs com um relatório acerca dos progressos de Gopal. Diga pra ele ligar por volta das onze da manhã.

O dr. Kapur exibiu um sorriso forçado, os olhos frios de fúria.

— Sr. Feroz, seja sensato — disse ele. — Isso aqui é um hospital, não uma estação de trem. Não posso desperdiçar o tempo dos meus rapazes todos os dias lhes mandando ligar pra sua secretária. Se o senhor preferir, pode ligar pro escritório central do hospital e falar com alguém de lá.

— Você tem razão — disse Feroz, com ar pensativo. — Os seus rapazes não têm tempo pra me telefonar. Tudo bem, eu tenho uma ideia melhor. Quero que você — disse ele, cutucando levemente o homem mais velho com o indicador — telefone pra mim todas as manhãs. Entendeu?

O dr. Kapur mirou o chão, seu pomo de adão trabalhando furiosamente.

— Sou um médico formado, senhor — começou ele a dizer, e então ficou mudo.

— Então aja como tal — disse Feroz. — Não me diga o que você *não pode*

fazer. Me diga o que você *pode* fazer.

Diante desse último insulto, o rosto do dr. Kapur ficou molenga, lembrando a Bhima um chapéu de palha submetido às chuvas monçônicas.

— Tudo bem, senhor — disse ele. — Vou telefonar pro senhor todas as manhãs. Vou supervisionar pessoalmente o tratamento dele, eu prometo.

— Bom — disse Feroz com rispidez.

Kapur mexeu os pés.

— Mais alguma coisa que eu possa fazer? — perguntou ele.

— Não, isso é tudo. Pode ir agora.

Kapur ficou rubro. Mantendo os olhos distantes de todos os presentes, ele assentiu com a cabeça e foi embora.

Bhima olhava maravilhada, ora para as costas do médico que partia, ora para o rosto triunfante de Feroz. Para sua surpresa, Feroz estava rindo e piscando para Sera, como se sua exibição anterior de raiva não tivesse passado de uma encenação.

— Só estava tendo um pouco de *maaja-masti* com ele. — Ele deu uma risada. — Não dá pra deixar esses sujeitinhos do governo ficarem com essa pompa toda.

Então isso é o que a instrução proporciona, pensou Bhima. Abre portas para você. Ela imaginou se algum dia seu Amit seria como Feroz, capaz de mandar outras pessoas fazerem coisas para ele. Estava ao mesmo tempo animada e revoltada diante da ideia de Amit exercendo um poder tão nu e cru sobre outra pessoa. Aquele médico estourara exatamente como as criações dos balões do patane. Umas poucas palavras de *sahib* Feroz, e ele desabara completamente. E, agora, Gopal teria a ajuda de que necessitava. Serabai já lhe estava explicando que eles logo começariam a dar alguns comprimidos novos a Gopal.

— *Seth* Feroz, se eu chegar aos meus cem anos, ainda assim não serei capaz de lhe agradecer por sua ajuda hoje — disse Bhima.

Ela andou em sua direção, as mãos unidas, pronta para pegar a mão direita dele e erguê-la até sua cabeça em agradecimento. Mas Feroz estremeceu e se afastou quando as mãos dela tocaram as dele.

— Está tudo bem, está tudo bem — disse ele apressadamente. — Não precisa agradecer.

Bhima não se permitiu sentir o ferrão daquela rejeição.

— Quando Gopal estiver em casa, vou fazer pra você um pouco de *shrikhand* — prometeu ela. Ela sabia que Feroz levava para casa com uma certa frequência o creme de iogurte doce da Parsi Dairy Farm.

Feroz sorriu.

— Eu só gosto do *shrikhand* da Parsi Dairy — disse ele. Então, vendo o olhar magoado no rosto dela, acrescentou: — Mas vamos ver, vamos ver. Primeiro espere ele voltar pra casa.

Depois que eles saíram, Bhima deu a Amit duas rupias para que comprasse algumas *samosas* para o almoço.

— E pra você, *Ma*? — perguntou ele.

— Não estou com fome — disse ela secamente. — Você vai lá fora comer e depois volta direto pra cá, *achcha*?

Observando o menino descer o corredor em alta velocidade, Bhima sorriu. Amit era afiado e veloz como um raio. Amanhã ela insistiria para que ele voltasse à escola. O filho discutiria com ela, Bhima sabia disso, mas não lhe daria ouvidos. Observar como *seth* Feroz dominara completamente a conversa com o médico selara sua crença no poder da instrução. Algum dia, seu Amit também argumentaria dessa maneira com médicos e advogados. Quem sabe ele próprio não se tornasse um médico ou um advogado. Bhima não sabia de fato o que um advogado fazia, mas sabia que *seth* Freddy era advogado e gostava dele. *Seth* Freddy era legal — uma vez, quando ela acompanhara Serabai até a casa de seus sogros, ele permitira que ela acariciasse seu papagaio, Polly. E, quando ia à casa de Serabai, ele sempre perguntava por Gopal e pelas crianças. Sim, Amit poderia ser advogado, e *seth* Freddy o ajudaria.

Então outro pensamento assaltou-a e ela parou, como se estivesse num movimentado cruzamento e seus pensamentos fossem carros aos quais ela tinha de estar atenta. O médico *babu* também devia ser um homem instruído. Então por que permitira que *seth* Feroz falasse com ele daquela maneira? Será que a instrução sozinha não era suficiente? E, se não fosse, qual era a parte que estava faltando? Ela não fora capaz de seguir toda a conversa, porque Feroz e o médico estavam falando em inglês. Mesmo assim, Bhima precisava saber, pelo bem de Amit. Será que *seth* Feroz podia falar daquele jeito porque era parse? Todo mundo sabia que os parses eram instruídos e ricos, e que a maior parte de suas mulheres usava vestido em vez de sári. Em outras palavras, eles eram diferentes.

Diferentes dela e de Gopal e até mesmo do doutor *sahib*, com suas *chappals* de borracha desgastadas e seus óculos presos por um esparadrapo. Então era isso? Ou será que era outra coisa? Será que era porque *seth* Feroz sabia como parecer zangado, mesmo quando não estava? Será que seu Amit seria capaz de algo assim? Será que isso também era algo que se ensinava nas escolas?

Bhima levantou os olhos e viu uma enfermeira, essa mais jovem e mais bonitinha do que a que dera a injeção em Gopal mais cedo, parada ao lado da cama.

— Estamos começando a dar novos medicamentos pra ele a partir de hoje.
— A enfermeira sorriu, estendendo a mão. — Antibióticos.

Gopal voltou para casa depois de dez dias no hospital, e Bhima retornou ao trabalho. A febre e a tosse haviam diminuído, mas ele reclamava de uma dor terrível na mão, uma dor que percorria seu braço de cima a baixo como se fossem rajadas de eletricidade.

— Espere até tirar os curativos, Gopu. Depois eu uso alguns dos meus remédios — prometeu ela. — Nós podemos pedir pro seu irmão mandar algumas ervas da aldeia.

— E o que elas vão fazer? — perguntou ele. — Vão fazer os meus dedos crescer novamente? — Ele desenvolvera esse novo jeito abrupto de falar, que a magoava e a deixava desnorteada.

— Não, mas... Pelo menos elas vão ajudar a aliviar a dor — disse ela com uma voz fraca, mas ele emitiu um som de desprezo e virou-se para o outro lado.

Bhima não persistiu na tentativa de convencê-lo. Algo mais a estava perturbando, algo mais urgente. Desde o dia do acidente, o capataz sumira para nunca mais ser visto. Ele não aparecera no dia seguinte, como havia prometido, nem depois. O que ele dissera sobre procurá-los com uma nova proposta? Estava na hora de o homem entrar em contato com eles, agora que Gopal estava em casa. Afinal de contas, eles necessitavam do dinheiro para pagar o aluguel. E, em poucas semanas, quando os curativos fossem retirados e o marido estivesse se sentindo melhor, ele teria vontade de voltar ao trabalho. Mesmo que agora estivesse impedido de operar as máquinas, certamente haveria outra função para ele nas Indústrias Godav.

Bhima queria discutir isso com Gopal, queria lhe contar sobre o estranho homem que a acompanhara até o hospital naquele dia terrível, mas o rosto do marido parecia transformar-se em pedra sempre que ela mencionava o hospital ou o acidente. Ele vai se sentir melhor daqui a alguns dias, dizia ela a si. Então eu falarei com ele a respeito.

Como se tivesse ouvido os pensamentos dela, o capataz bateu na porta da casa deles na noite seguinte. Bhima acabara de chegar do trabalho e estava amassando a farinha para preparar os *chappatis*. Ela olhou pela janela e viu o céu começando a escurecer. Pooja deve chegar a qualquer momento, pensou. Ela

podia ouvir os gritos dos meninos do bairro com quem Amit estava jogando críquete no pátio do edifício.

— Seis! — gritou entusiasmadamente uma voz jovem, e Bhima rezou para que fosse Amit quem havia atingido a bola com força suficiente para fazer os pontos correspondentes às seis corridas. Ela tentou olhar pela janela, mas o ângulo não lhe permitia ter uma boa visão do pátio.

Quando a campainha soou, reparou que, embora estivesse perto da porta, Gopal permaneceu em sua cadeira e olhou para ela, pedindo-lhe que limpasse a farinha das mãos e abrisse a porta. O velho Gopal jamais teria feito algo parecido, pensou ela, mas em seguida extinguiu o pensamento. Pobre homem, disse a si. Ele sente tanta dor! Se deseja descansar, por que não? Andar até a porta não me causará nenhum mal.

Levou um momento para reconhecer o capataz. Quando o fez, o alívio fez com que esquecesse que não gostava daquele homem, e ela sorriu com entusiasmo.

— Bem-vindo, *bhaisahib* — disse ela. — Eu estava pensando que você tinha se esquecido da gente. — Dando um passo para o lado para que ele entrasse, Bhima virou-se na direção do marido. — Gopal — chamou. — Você tem visita. É o capataz da fábrica.

O homem atrás dela pigarreou.

— Hum... Na realidade, o que eu disse naquele dia não é exato, exato. Eu, hã... Só pensei que seria mais fácil dizer isso naquele dia, tendo em vista todo o *tamasha* que estava acontecendo. Na realidade, sou o contador da empresa.

Gopal levantou-se na frente do homem, olhando para ele com olhos confusos.

— Você é o contador? — disse ele.

— *Namaste, ji* — disse o homem, juntando as mãos em saudação. Instintivamente, Gopal começou a imitar-lhe o gesto, mas um olhar rápido em sua mão mutilada fez com que deixasse as mãos pender ao lado do corpo. Ele fez um aceno com a cabeça.

— *Namaste* — disse ele.

— Por favor, permitam que eu me apresente — continuou o homem. — Sou Devdas. Eu faço a contabilidade das Indústrias Godav.

Gopal olhou rapidamente para Bhima, como que para se assegurar de que

ela estava no recinto.

— Você não precisava se importunar vindo até aqui — disse ele educadamente. — Afinal, estou planejando voltar pro trabalho daqui a algumas semanas. Assim que isso aqui for tirado — acrescentou com um sorriso pesaroso, indicando os curativos.

— Bom, hã... É justamente sobre isso que precisamos conversar — disse o homem. Ele acomodou-se numa cadeira e em seguida abriu uma pasta de plástico.

— Quer tomar o quê? — perguntou Gopal graciosamente. — *Chai*? Ou alguma coisa fria?

— Não, não, nada — disse Devdas, balançando a cabeça vigorosamente. — Eu só vou tomar alguns minutos do tempo de vocês — disse ele, incluindo Bhima com um olhar. — Afinal de contas, você ainda deve estar descansando, não é mesmo?

Gopal deu de ombros.

— A gente descansa até onde dá, certo?

O contador riu, como se Gopal tivesse contado uma piada engraçada.

— Verdade, verdade. — Ele fez uma pausa e olhou para a comprida folha de papel que havia puxado de sua pasta. Quando falou, sua voz mudara de tom. — *Achcha* — disse com vivacidade. — Sobre este contrato. De acordo com ele, as Indústrias Godav pagarão a você mil rupias em uma única parcela. Depois disso, você não terá mais o que reivindicar de nós. Você vai estar livre pra procurar emprego em qualquer lugar da cidade que desejar. — Ignorando a fisionomia perplexa dos dois, ele recostou-se na cadeira e sorriu com benevolência. — Eu vim preparado pra lhe pagar a soma integral esta noite — disse ele, alongando cada palavra. — E por isso vim tão logo você retornou à sua casa. Afinal, o chefe entende que você está necessitado de dinheiro num momento como esse.

Gopal falou em meio a uma névoa de confusão:

— Por favor, me desculpe, mas não estou entendendo. Eu pretendo voltar ao trabalho assim que estiver em condições.

O rosto do homem exibia pena e desprezo em partes iguais.

— Pense um pouco, *babu* Gopal — disse Devdas numa voz cheia de malícia —, o que é que você vai fazer na fábrica? Você acha que ainda consegue

levantar as folhas de plástico? Acha que ainda consegue levá-las de um lado pro outro pra que a máquina faça os cortes? Um operário sem três dedos. Não sei, não, *baba*. Isso é o mesmo que uma mulher sem seios.

Gopal deu um salto.

— Olhe lá o que você fala nesta casa, senhor. Isso aqui é uma casa de respeito, não um bordel; o senhor...

— Acalme-se, acalme-se, Gopalji — disse o homem com a fala arrastada. — Por que você está ficando tão exasperado se não há necessidade de nada disso? Você precisa preservar a sua energia, *na*? Eu não tive intenção de ofender a castidade da sua mulher aqui. Mas o meu ponto principal é que não há trabalho pra você em nossa empresa. Certo? — Ele remexeu a pasta com os dedos sem tirar os olhos de Gopal em momento algum, tirando um envelope pardo e grosso com um floreio, e então procurou mais um pouco antes de puxar seu livro de recibos.

— Então, aqui estão as mil rupias — disse Devdas, passando a mão no envelope. — Não é uma quantia pequena numa época difícil como essa em que estamos vivendo. — Ele virou-se para o local onde Bhima encontrava-se de pé e ofereceu-lhe o pacote. — Aqui, *didi* — disse ele. — Você é a patroa da casa. Pode contar as notas e se certificar de que não errei na conta. Afinal, já faz algum tempo que não se pode mais confiar em ninguém em Bombaim.

— Não toque nesse dinheiro! — O alerta de Gopal soou de maneira aguda, como um bastão de críquete batendo na bola. — Quero um emprego, não o preço dos meus três dedos. E, também, cadê a minha indenização trabalhista? Só isso daria mais do que essa quantia irrisória.

— Ah, *babu*, é justamente isso que estou tentando lhe dizer — disse o contador suavemente. — Enquanto você estava no hospital, a sua mulher assinou os termos do acordo. Segundo esse documento aqui, essa é toda a quantia a que você tem direito.

O rosto de Gopal empalideceu. Ele virou-se para olhar para Bhima, e havia tanta mágoa, tanta traição e tanta confusão nos olhos dele que ela sentiu-se mesmerizada pelo seu olhar, como se os olhos dele fossem flechas que a haviam pregado contra uma parede. Essas flechas penetraram seu peito, matando as palavras explicativas antes mesmo de nascerem; soldaram Bhima àquele espaço no chão onde ela estava, de modo que não conseguia dar um passo na direção do

marido e superar esse terrível hiato que brotara entre os dois. Ela queria explicar a Gopal a ensandecida corrida de táxi até o hospital, seu atormentado estado de espírito e as mentiras de Devdas a respeito do pedaço de papel que ele a fizera assinar, mas não conseguia erigir nenhuma fortificação defensiva sob o peso do olhar de Gopal.

— Mentiroso! — disse finalmente Gopal a Devdas, que olhava ora o marido, ora a mulher, com uma expressão estranhamente satisfeita no rosto. — A minha mulher não sabe ler nem escrever. Como é que ela poderia ter assinado alguma coisa?

Em resposta, o contador levantou a folha de papel.

— Impressão digital do polegar — disse ele. Seu tom de voz era triunfante, quase insano, como se estivesse tentando suprimir um riso. Voltou-se para Bhima, que ainda permanecia enraizada no chão. — Diga-me — começou ele —, esta impressão digital aqui é do seu polegar ou não?

Mas ela olhava fixamente para Gopal, observando um filete de saliva pendendo do céu de sua boca aberta; reparando como ele lambia os lábios nervosamente; vendo as rugas que apareciam em sua testa, as lágrimas que cintilavam como estrelas mortas no escuro de seus olhos.

— Mulher — disse ele asperamente —, o que foi que você fez?

Devdas mexeu-se impacientemente em sua cadeira.

— O que está feito, está feito — disse ele. — Agora, se vocês me dão licença, a minha esposa está me esperando pro jantar. Por favor, assine esse recibo neste selo aqui, dizendo que aceitou o dinheiro. Ou você também precisa de uma almofada de tinta?

— Eu consigo assinar o meu nome — disse Gopal, seus olhos ainda fixos em Bhima. Ele aceitou a caneta de Devdas e rabiscou o selo cor-de-rosa do governo com a mão esquerda. — Aqui está — disse ele, devolvendo o livro. — Acabei de assinar a minha sentença de morte.

Devdas soltou o livro de recibos na pasta e levantou-se.

— Obrigado — disse ele. — E agora, com sua permissão, eu me despeço.

Ele colocou o envelope pardo em cima da mesa e olhou para Gopal como se estivesse esperando algo — xingamentos, violência, ameaças, uma exibição de raiva, qualquer coisa. Mas Gopal mirava o homem com a expressão vazia, com o rosto de um homem morto. O contador estalou a língua, insatisfeito.

— Eu vou dizer uma coisa pra você, *babu* Gopal: foi você que trouxe essa desgraça pra si. Você devia ter sido mais cuidadoso no trabalho — disse ele. — Afinal de contas, essas máquinas são grandes e perigosas, não brinquedos de criança. Da próxima vez, você vai aprender a ser mais cuidadoso.

Finalmente, obteve a reação que esperava. Gopal levantou-se de sua cadeira com um rosnado de raiva.

— Saia da minha casa agora! — berrou ele. — Tire essas suas mentiras perversas da minha frente. Dizer pra mim que eu devia ter sido mais cuidadoso quando todo mundo sabe que apenas três dias antes eu tinha reclamado com o chefão sobre a máquina. E nenhum de vocês filhos da puta fez coisa alguma pra resolver. É mais barato pagar um trabalhador como eu do que parar a produção por um dia pra que a máquina seja consertada. Não pense que não sei o que tem aí dentro desse envelope; é dinheiro de sangue. São os meus três dedos roubados devolvidos a mim dentro desse envelope pardo, nada mais do que isso. *Saala maadarchot*, quem você pensa que está enganando? Você pode enganar a sua mãe, a sua irmã e o seu filho que ainda está pendurado nas tetas da sua mulher, mas a mim você não engana, está entendendo?

Devdas emitiu um som que era uma mescla de bufo irritado com riso incontinente.

— Qual é, *babu*, não precisa se comportar desse jeito. Afinal de contas, sou uma visita na sua casa. — Ele captou o brilho no olhar de Gopal. — Estou indo. Tchau — disse ele apressadamente.

A casa ficou fantasmagoricamente quieta depois da partida de Devdas. Bhima voltou a fazer seus *chappatis* enquanto Gopal sentou-se na cadeira onde Devdas estivera poucos minutos antes, mirando a parede à sua frente como se ela lhe fosse revelar os mistérios da vida. O envelope permanecia intocado em cima da mesa. De vez em quando, Bhima olhava de relance para Gopal, mas seu rosto estava branco como a parede que ele mirava. Finalmente, ela não conseguiu suportar mais o silêncio. Esfregando as mãos para retirar a farinha, dirigiu-se ao local onde Gopal estava sentado.

— Meu marido — disse ela baixinho. — Encontre uma maneira em seu coração de me perdoar. Sou uma mulher estúpida e ignorante. Aquele *badmaash* mentiu pra mim. Ele me disse que o que eu estava assinando era uma carta pra garantir que você tivesse um bom tratamento no hospital.

Gopal balançou a cabeça devagar.

— Mulher, você não consegue ver? — disse ele. — Isso não tem importância. De uma forma ou de outra eles iriam enganar a gente. Porque eles são donos do mundo, entende? Eles têm máquinas, dinheiro, as fábricas e a instrução. A gente é apenas as ferramentas que eles usam pra conseguir todas essas coisas. Sabe como eu uso um martelo pra pregar um prego? Então, eles me usam como um martelo pra conseguir o que querem. Isso é tudo o que sou pra eles, um martelo. E o que acontece com um martelo quando se quebra? Você joga o martelo no lixo e arruma outro. Tudo o que eles fizeram foi usar você pra poder comprar um novo martelo.

Ela olhou fixamente para ele sem compreender. Ela não reconhecia aquele Gopal e tampouco estava gostando muito dele. Não apenas aquele Gopal estava com uma aparência diferente, como também seu cheiro estava diferente. O Gopal dela era feito de luz do sol e de canções e de riso e piadas e tinha cheiro de menta e de coentro e de chuva recente. Aquele novo Gopal era duro como um martelo, rígido como couro e tinha cheiro de suor e de cinzas e de leite azedo.

— Gopi, escute — disse ela em desespero. — Esqueça as Indústrias Godav. Com a minha estupidez eu tirei o seu emprego, mas vou encontrar outro pra você, eu prometo. E a partir de amanhã vou dar pra você um pedaço de galinha todos os dias pra ajudá-lo a recuperar as forças. E vou pagar Pandav pra escrever uma carta pro seu irmão lhe pedindo que mande pra gente algumas ervas curativas pra sua dor. Gopal, meu marido, enquanto você estava no hospital eu lutei pra que continuasse entre os vivos. E, agora que você está de novo em casa, vou cuidar muito bem de você, eu prometo.

Ele sorriu para ela, e foi então que Bhima soube que os deuses haviam pregado uma peça — eles mantiveram Gopal vivo, mas haviam tirado dele aquela coisa essencial que faz com que um homem deseje continuar vivendo. Gopal era como o invólucro vazio de um relógio cujas peças interiores tinham sido removidas. Não havia nada mais que pudesse mantê-lo funcionando. Ela gostaria muito que ele gritasse, chorasse, xingasse o mundo, batesse nela, arrebeentasse alguma coisa, rasgasse o envelope em cima da mesa em pedacinhos, ficasse com raiva de Devdas — fizesse alguma coisa que lhe sinalizasse que ainda estava vivo. Mas, em vez disso, ele sorriu, aquele sorriso lento, triste, fatalístico, que fazia com que o marido parecesse ainda mais morto

do que estava no hospital.

— Quer que eu ligue o rádio de pilha? — perguntou ela, imaginando que músicas de filmes híndi pudessem entusiasamá-lo. Mas ele simplesmente deu de ombros.

— Estou cansado — disse ele, e virou o rosto para a parede novamente. Depois de um minuto, ela retornou ao fogão na cozinha.

Ela ouviu Amit e Pooja subir correndo os degraus externos, e, no segundo seguinte, eles entraram voando na sala. Bhima captou o olhar preocupado que Pooja lançou na direção do pai, um olhar tão adulto e cauteloso que lhe despedaçou o coração. Essa menina é muito jovem para se preocupar com tantas coisas, pensou ela. Bhima viu Pooja aproximar-se de Gopal e lhe acariciar os cabelos enquanto falava baixinho com o pai, e seu coração doeu de amor por sua quieta, equilibrada e sensível Pooja. Amit, ao contrário, parecia incapaz de perceber a tensão no recinto, seu rosto ainda rubro da energética partida de críquete. Havia algo em Amit que lembrava a Bhima um filhote de cachorro alegre, excitado e ansioso para agradar o dono. Se esse menino tivesse um rabo, ele estaria balançando o dia inteiro, pensou ela. E, desde que Gopal voltara para casa, o rabo de Amit não parara de balançar. Ele está tão feliz por ter seu *baba* em casa novamente que não parece notar a mudança em Gopal, percebeu Bhima, impressionada. Agora Amit estava fazendo uma ginga, contando ao pai sobre a partida.

— Eu atingi o seis duas vezes, *baba* — disse ele. — Aquele tal de Vasu tentou pegar uma das minhas tacadas, mas ele é tão gordo que não conseguiu nem correr atrás da bola. E aí o garoto novo tentou... — Os olhos dele pousaram sobre o envelope. — O que é isso aí? — perguntou ele, pegando o envelope.

Gopal virou-se ligeiramente, e seus olhos e os de Bhima encontraram-se sobre a cabeça do menino.

— Isso aí é um presente de Diwali antecipado — disse Gopal deliberadamente, seus olhos jamais abandonando o rosto aturdido de Bhima. — Pode abrir.

Os dedos ansiosos de Amit rasgaram o envelope, e o maço de notas de cem rupias caiu no chão.

— Ah! — arquejou o menino. Ele jamais vira tal quantidade de dinheiro de uma só vez. Virou-se para o pai, confuso. — O que é isso, *baba*? Quanto

dinheiro!

— Você sabe o que é isso, *beta*? — disse Gopal. Seu rosto estava tão febril quanto naquele dia no hospital. — Isso aí é o seu *baba* dentro desse envelope. Isso aí é quanto o seu *baba* vale. Esse é o preço pelos...

— *Chup re*. — Bhima entrou rodopiando na sala e lançou um olhar de alerta para Gopal. Ela concentrou o olhar no rosto estupefato de Amit, e algo em sua confusa inocência a deixou irritada. — Seu imbecil! — disse ela, dando-lhe um tapa com toda a força no ombro. — Pegue esse dinheiro agora mesmo. Fazendo perguntas idiotas e perturbando todo mundo. — Ela deu-lhe outro tapa, dessa vez na nuca.

— *Ma* — uivou Amit. — Pare com isso. O que foi que eu fiz?

— Pare de bater na criança pelos seus próprios pecados, mulher — disse-lhe Gopal com tanta suavidade que apenas ela pôde escutá-lo.

Isso a deixou ainda mais enfurecida.

— O que foi que você fez? — berrou ela para o menino, que estava esfregando a cabeça. — Desperdiçando a noite jogando críquete como se fosse um *mawali*, junto de todos aqueles seus amigos que não servem pra nada, enquanto eu chego em casa cansada do trabalho e ainda assim... — Ela se engasgou com suas próprias palavras como se elas fossem pedaços de carvão quente. A raiva e o medo ainda borbulhavam em seu peito. — Gastando nosso dinheiro, nosso dinheiro duramente conquistado pra mandar você pra escola, enquanto Pooja e eu trabalhamos como escravas o dia inteiro. E o que é que você faz, seu *namak-haram* sem-vergonha? Fica jogando críquete com esses *goondas* do bairro.

O rosto de Amit chispou de indignação e rebeldia.

— Mas, *Ma*, você mesma me disse que não tinha problema nenhum eu descer pra brincar um pouco. E, de qualquer maneira, aqueles caras são meus amigos, não são *goondas*.

Repentinamente, a raiva de Bhima tremeluziu e em seguida extinguiu-se, como a chama azul do fogão Primus. Ela olhou para o filho com pena e pesar.

— Vá lavar esse rosto — disse ela, carrancuda. — O jantar logo, logo vai estar pronto. — Virou-se para o local onde Pooja estava parada. Bhima tinha uma sensação de que, apesar de sua calma exterior, a menina encolhia-se de medo internamente. Ela suspirou. Era a maldição especial dos pais, conhecer tão

intimamente os filhos. — E você, *chokri* — disse ela, sua voz profunda devido à mixórdia de emoções que estava sentindo —, é melhor você lavar esse rosto também. Deve estar cansada até os ossos depois de trabalhar o dia inteiro. Aquela sua patroa devia ser chefe de polícia, do jeito que fica lhe dando ordens pra cima e pra baixo.

— Pra falar a verdade, hoje ela até que foi legal comigo. Me deu um pedaço de chocolate no meu almoço — disse Pooja.

Por puro hábito, Bhima olhou de relance para Gopal, e, por um segundo, ocorreu a velha comunicação entre os dois ao trocarem olhares de quem entende muito bem o que está se passando. Ambos sabiam que Pooja era uma pacificadora instintiva que sempre exagerava ou mentia sobre algumas coisas para que os pais se sentissem bem.

— Chocolate é bom, mas da próxima vez diga a ela pra te dar mais dinheiro! — resmungou Bhima, mas seu tom de voz transmitia a Pooja que a mãe estava apenas implicando. Ela sorriu e foi rapidamente para a cozinha utilizar a pia.

Enquanto Bhima pegava o envelope e procurava um lugar seguro onde pudesse esconder o dinheiro, ela sentiu os olhos de Gopal acompanhando todos os seus movimentos. Sentiu o suor percorrer suas costas, mas fortaleceu-se contra o olhar de desprezo do marido. Com aquele dinheiro ela poderia pagar o aluguel por alguns meses e ainda comprar alimentos. Só Deus podia saber quanto tempo ainda levaria até Gopal arranjar um emprego. Com a fonte de renda do marido acabada, eles precisavam economizar cada *paisa* que pudessem.

No dia seguinte, Bhima sentiu uma esperança agitar-se em seu peito enquanto caminhava para o trabalho. Relataria a Serabai o logro do contador, decidiu ela. Com uma ou duas palavras escolhidas, Serabai colocaria aquele contador no lugar dele.

Mas o rosto de Sera estava sombrio quando ela entrou na cozinha algumas horas depois.

— Acabei de falar com Feroz ao telefone — disse ela. — Ele me disse que o caso não tem solução. Quando você colocou o seu polegar naquele papel... Tenho a impressão de que mais nada pode ser feito, Bhima — acrescentou ela delicadamente.

De repente, a palma da mão de Bhima voou na direção de sua ampla testa.

Ela começou a se agredir repetidas vezes com a base da mão.

— Mulher estúpida, imbecil! — gritava ela entre os golpes. — Colocou a corda no pescoço do marido. Destruidora da vida dele. Eu amaldiçoo o dia em que você nasceu. Amaldiçoo a minha mãe por não ter me mandado pra escola. Quando criança, eu tinha um desejo enorme de ler livros, Serabai. — Enquanto Sera observava a cena, desconcertada, Bhima retomou seu autoflagelo. — Que você repita ciclos intermináveis de miséria neste mundo cruel pra pagar por esse pecado. Que os filhos dos seus filhos jamais a perdoem por esse crime.

— Bhima, Bhima, pare com isso! — gritou Sera. — Esse não é o momento pra ter ataques histéricos. — Ela esperou a serviçal parar de se bater. — O que vai adiantar você ficar se culpando, Bhima? — disse. — Como você poderia saber da manobra traiçoeira do contador? É verdade o que a minha mãe costumava dizer: às vezes as serpentes andam por aí disfarçadas de gente.

Naquela noite, a caminho de casa, Bhima parou no pequeno santuário em homenagem a Krishna que alguém construía dentro do tronco de uma árvore que ficava entre uma padaria e uma loja de roupas. Ela depositou algumas moedas aos pés da estátua azul e então ficou parada, olhando o rosto feliz e tranquilo de Krishna. Desde que conhecera Gopal, Bhima sentira-se atraída por Krishna porque alguma coisa no jeito brincalhão e malicioso do deus lhe fazia lembrar o marido. Agora ela observava o beatífico rosto da deidade com inveja.

— Traga de volta o meu antigo Gopal — sussurrou ela fervorosamente. — Traga de volta o meu Gopal, e eu distribuirei três quilos de *pedas* a todos os moleques do bairro, eu prometo.

No dia em que tirou os curativos, Gopal fez amor com ela pela primeira vez desde o acidente. Durante toda a noite, Bhima olhou para os tocos onde antes ficavam os dedos do marido. A pele perto dos nós era rosada, um tom mais claro do que o moreno-escuro do resto de sua mão. Quando Gopal sem querer bateu a mão arruinada no seu prato de metal enquanto a família jantava, a dor foi tão aguda que ele deixou escapar um ganido. Desde o acidente ele aprendera a comer com a mão esquerda, mas levava tanto tempo para pegar o arroz e o *daal* com os dedos que Bhima sempre imaginava se esse era o motivo pelo qual ele estava perdendo tanto peso. Agora, quando as ondas de dor bateram com força em sua mão desgastada, ele deixou cair a comida e se levantou do chão.

— Não consigo comer mais — disse ele abruptamente.

— Mas, *baba*, você não comeu nada! — protestou Amit.

Gopal, no entanto, dardejou-lhe um olhar tão venenoso que o menino se calou. Os três comeram rápida e silenciosamente enquanto Gopal foi se deitar em seu catre.

Naquela noite, Bhima sentiu os tocos dos dedos do marido percorrendo-lhe as costas. Ela enrijeceu diante da aspereza pouco familiar e lutou contra a náusea que lhe subiu do estômago. Como se tivesse lido o desconforto dela, Gopal sussurrou:

— A minha mão sem dedo lhe dá nojo, mulher?

— É claro que não — disse ela às pressas, virando-se para encará-lo. Acariciou o rosto magro e bonito do marido, traçando seu contorno com o dedo indicador. — Tanta tristeza num rosto tão jovem — sussurrou ela. — E tão magro e frágil...

Ele enterrou a cabeça no seio dela e, desabotoando sua blusa sári com a mão esquerda, chupou-lhe os seios. Ela sentiu o calor e o frio familiares lhe percorrer o corpo, sentiu-se derretendo e queimando ao mesmo tempo.

Mas havia algo errado. Eles não pareciam encaixar-se da mesma maneira fácil de antes. A cada movimento que faziam, a cada estocada e a cada arquear de seus corpos, pareciam estar cientes daqueles dedos ausentes. Quando ele tentou afrouxar o nó do pijama, a mão deficiente de Gopal roçou no tecido, e ele cerrou os dentes de dor. Enquanto segurava o rosto de Bhima com a mão esquerda, a outra mão pairou e caiu ao lado de seu corpo, desamparada como uma asa arrancada. Quando Bhima arqueou o quadril na direção dele, Gopal não conseguiu selar aquele movimento de intimidade, agarrando-lhe as nádegas como normalmente fazia. Eles tentaram; suaram e grunhiram e esfregaram-se um contra o outro. Mas continuavam perdendo um ao outro, como dançarinos descompassados. Finalmente, Gopal parou no meio do ritmo e desistiu. Pouco antes de se virar para o lado, disse com amargura:

— Parece que você esqueceu como receber seu próprio marido.

As palavras doeram como um tapa, mas Bhima estava cansada e decepcionada demais para responder. Ao contrário da maioria de suas amigas casadas, ela e Gopal sempre haviam sido compatíveis na cama. Desde a noite do casamento, quando haviam caído um nos braços do outro, rindo à toa e suando e se cutucando e se enroscando, havia uma tranquilidade em suas relações sexuais

que Bhima sabia que desconcertava muitas de suas amigas. Gopal jamais tentara conquistá-la como se ela fosse uma montanha; em vez disso, nadara nela como se fosse um rio. Como um rio e seus peixes, eles existiam lado a lado, fluindo ao longo do mesmo curso hidrográfico, necessitando um do outro, e nenhum dos dois procurando estabelecer domínio sobre o outro.

De repente, porém, Gopal tinha algo a provar. Subitamente, ela era um rio que tinha de ser amaldiçoado, seu poder controlado e verificado. Agora que a Gopal faltavam três dedos, precisava convencer a si mesmo que ainda tinha aquele outro e importante dígito intacto. E assim, noite após noite, lutava com ela até que o sexo entre os dois se tornou sem graça, mecânico, sem inspiração. Ela permanecia paciente, sabendo de sua dor, sabendo instintivamente quanto aquilo era importante para ele. Com o passar do tempo, a paciência dela transformou-se em passividade, e Gopal, que por tantos anos fora tão sintonizado com seu estado de espírito e pensamentos, percebeu isso. Querendo que ela reagisse, passou a fazer amor de modo mais desesperado, incessante e violento. Enterrava seus tocos na barriga dela, sentindo-se eletrificado à medida que a dor percorria seu corpo como uma droga; beijava seus seios e então os mordida como se eles fossem cascas de limão; enfiava o pênis bem fundo, como se fosse uma espada. Ela tentava se enganar, confundindo a desesperada maneira como ele fazia amor com paixão, mas o olhar sombrio e temeroso de Gopal a impedia de seguir com esse autoengano.

E então eles pararam de fazer amor. Quando ela foi para a cama naquela noite, Gopal já estava dormindo. Bhima acomodou-se no estreito catre, com medo de acordá-lo, mas a respiração dele permanecia estável e ritmada. Ficou deitada, mas acordada por algumas horas, dividida entre o desejo de afundar num prazeroso sono e o medo de que ele a tocasse assim que baixasse a guarda. Finalmente, exausta, ela dormiu.

Na noite seguinte, Bhima retornou do trabalho e imediatamente sentiu um cheiro estranho e pouco familiar.

— Esta casa está com cheiro de loja de *daru* — disse ela, brincando. Mas o sorriso em seus lábios teve uma morte súbita assim que deu alguns passos na direção de Gopal. — Você andou bebendo! — gritou ela, seu tom de voz indicando em partes iguais surpresa e acusação.

O rosto de Gopal adquiriu um semblante defensivo, como se alguém tivesse

batido uma janela com força.

— E daí? — disse ele em tom desafiador. Havia uma crueza no comportamento dele, uma arrogância que jamais tivera. — Se estou a fim de tomar um gole ou outro, isso não é problema de ninguém.

Ela olhou ao redor.

— Onde está Amit? — disse ela.

— Brincando lá embaixo com os moleques. — E então, como se tivesse lido os pensamentos dela, completou: — Não se preocupe, ele não me viu subindo a escada. Nosso queridinho Amit não tem motivos pra se envergonhar de seu próprio pai.

— Você está bêbado — disse ela, como se para si mesma. — *Baap re*, Gopal, você está bêbado. Você, que mal tocava em bebida quando a gente se casou.

Ele abriu bem os braços.

— Isso foi antes de eu me libertar — disse ele, arrastando as palavras. — Antes de eu parar de ser dominado pela minha mulher.

Na manhã seguinte, Bhima deteve Feroz antes que ele saísse para trabalhar e lhe pediu que arrumasse um emprego para Gopal.

Feroz mordeu o lábio inferior.

— Não me vem nada à mente agora de imediato — disse ele. — Mas vou pensar um pouco no assunto.

Gopal começou a beber diariamente, garantindo que ajudava a aliviar a dor.

— Você não tem ideia de como é essa dor dos diabos — disse ele a Bhima certo dia. — É como se alguém estivesse enfiando facas na minha mão. E aí chega o médico e me diz que não existe tratamento pra isso. A única coisa que me dá algumas horas de paz é esta cerveja. — Seu rosto desabou como uma parede construída com material de segunda. — Todo o resto foi tirado de mim, Bhima: as minhas mãos, o meu emprego, o meu orgulho. Por favor, não tire isso de mim. Não sou como esses outros bêbados idiotas. Sei quando preciso parar.

Quando Feroz por fim lhe disse que tinha encontrado um emprego para Gopal, Bhima foi para casa feliz, porém apreensiva. Para sua grande surpresa, Gopal pareceu ter ficado satisfeito. Três dias depois, ele começou a trabalhar em seu novo emprego. Bhima acordou cedo naquela manhã e lhe preparou as coisas que ele mais gostava de comer no café. Ela também colocou um pouco de *okra*

frita dentro de dois *chappatis* e lhe deu para comer no almoço.

Gopal voltou para casa naquela noite tão pálido e exausto que, por um segundo, Bhima imaginou que ele estivesse bêbado. Mas era a fadiga, não o álcool, que o fazia falar de modo arrastado, percebeu ela. Naquele noite, depois que as crianças foram para a cama, ela massageou as costas dele, desfazendo os nós de tensão que lhe percorriam o pescoço e os ombros. À medida que desfazia os nós, ela também soltava a língua do marido.

— Eu estava lento, lento demais — disse ele suavemente. — E desajeitado demais também. Todos os outros carregadores ficavam olhando o aleijado tentar fazer o trabalho deles. Senti vontade de falar pra eles: “Vocês deviam ter me visto alguns meses atrás, *chootias*. A velocidade do meu trabalho nessa época. Quando vocês estivessem ainda ligando os motores, eu já estaria na linha de chegada”. Mas é claro que eu não tinha nada a dizer ou a fazer, a não ser continuar aprendendo a carregar aquele material encostado no meu peito, usando apenas a mão esquerda. O chefe, Deshpande, é um sujeito legal. Muito paciente. Mas senti tanta vergonha, Bhima!

Amor e indignação formaram um nó em sua garganta.

— Não tem do que se envergonhar, Gopu — disse ela, resoluta. — A única vergonha é ficar sentado em casa sem cuidar da sua família. Tentar ganhar a vida com honestidade não traz vergonha pra ninguém.

— Eu sei — disse ele. — Essas são as palavras que eu dizia a mim mesmo, e só pra mim. Mas, Bhima, também tinha a dor. Às vezes a dor era tão forte que eu pensava que ia desmaiar. É engraçado, não estava usando nem um pouco a minha mão direita, e você diria que, se alguma das mãos tinha direito de reclamar, teria de ser a esquerda, porque era ela que estava trabalhando duro. Mas era a mão direita, a minha mão inútil, que estava doendo muito. Ela constantemente me lembra de sua presença com as mensagens de dor que envia.

Mesmo assim, quando levou para casa o pagamento naquela sexta-feira, Gopal parecia feliz, porém acanhado.

— Não é nada comparado ao que eu ganhava antes, hein? — disse ele. — Mas aos pouquinhos, à medida que eu for conseguindo trabalhar com maior velocidade, vou ganhar mais, Bhima.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— A gente pode se virar com qualquer coisa que você ganhar. Ter você em

casa comigo e feliz em seu emprego já é suficiente.

Ele olhou para ela de maneira inquisitiva.

— Feliz no meu emprego? — repetiu ele suavemente.

Gopal adquiriu o hábito de parar na loja do contrabandista para tomar um ou dois tragos depois do trabalho, e Bhima forçou-se a não se importar com isso.

— O seu *baba* sente dor — dizia ela às crianças. — A bebida é como um remédio pra ele.

Mas, na terça-feira seguinte, Gopal recusou-se a sair da cama.

— Hoje eu declaro feriado pra todos os trabalhadores de Bombaim — disse ele. Bhima podia sentir o cheiro acre de álcool em seu hálito. — Você também devia ficar em casa hoje — continuou ele. — Entrou em cartaz outro filme com o Rajesh Khanna. A gente pode pegar uma sessão à tarde.

— E depois esfregar dois *paise* na mão até o fim da semana? — disse ela amargamente. — Mesmo que você não se importe comigo, pense nas crianças, *na*. O que vou dar pra elas comerem. Eu já estou devendo um dinheiro ao *baniya*. Outro dia mesmo a Pooja estava falando em arrumar outro emprego. A minha filha vai passar toda a sua juventude sendo obrigada a ganhar dinheiro pra sustentar a bebida do pai. É isso que você quer?

— Tem o dinheiro do acordo — disse ele suavemente. — Minha querida, você está esquecendo do dinheiro que você trouxe pra família com a sua inteligência.

Ela enrubesceu com o insulto, mas não deixou que isso a tirasse do trilho.

— Gopal, aquele dinheiro é pra pagar o aluguel por mais alguns meses. Sem o seu salário, como é que a gente vai manter esta casa, marido? Pense um pouquinho no futuro, *na*.

Gopal virou-se para o lado e voltou a dormir.

Uma semana depois, Amit a estava esperando na esquina quando ela voltava do trabalho.

— *Ma* — falou ele assim que a avistou. — Vamos logo pra casa, rápido. *Baba* está meio maluco.

— O que aconteceu? — disse ela, aumentando a passada para poder acompanhar o ritmo do filho.

— Eu não sei. Mas quando cheguei em casa da escola ele já estava lá. Está correndo pela casa como se fosse um touro enlouquecido, procurando alguma

coisa. Eu fiquei tão assustado que saí. Estou esperando você chegar em casa há um tempão, *Ma*.

Gopal virou-se para ela assim que eles passaram pela porta.

— Onde é que está o meu dinheiro? — questionou ele, arfando. Seus cabelos estavam despenteados, e seu rosto suado tinha uma aparência ferida, ensandecida, como se ele tivesse se envolvido em alguma luta. — Onde é que está o dinheiro que você conseguiu com os meus dedos decepados, sua puta?

— Pra que você precisa desse dinheiro? — Ela olhou ao redor e reparou que ele puxara os lençóis da cama, abrira e remexera o armário e virara de cabeça para baixo todas as panelas da cozinha.

— Eu preciso pagar o contrabandista de bebida. Meu crédito acabou, e ele precisa ser pago esta noite, senão ele não vai mais me servir cerveja nenhuma. Preciso do dinheiro! — bradou ele, furioso.

— O dinheiro não está aqui — disse ela desanimadamente. — Está com a Serabai, no cofre dela. De qualquer maneira, só sobraram algumas centenas de rupias. Como é que você acha que eu tenho feito pra administrar esta casa desde que...

Ele deixou escapar um uivo e correu até ela, furioso, então ela fechou os olhos, preparando-se para sentir as mãos dele ao redor de seu pescoço. Será que Gopal é forte o suficiente para esganá-la com uma única mão?, pensou.

— *Baba*. — A voz de Amit interrompeu o progresso de Gopal. — *Baba*, o que você está fazendo? — O menino chorava copiosamente, e a visão das lágrimas do filho conteve Gopal. Além do mais, Amit estava enfiando a mão no bolso da calça. — Aqui — disse ele, segurando uma nota de cinco rupias amassada. — Eu ganhei uma aposta na escola hoje. Pegue o dinheiro, *baba*, e vá lá pagar o seu *daru*.

A sala ficou imóvel por um segundo infinito. Não pegue o dinheiro, Gopal, rezou Bhima silenciosamente. Se você pegar esse dinheiro de seu filho, saberei com certeza que se afastou de nós para sempre, meu marido. Permita que eu ainda sinta algum orgulho de você. Não arranque de nossa família esse último fio de orgulho.

A imobilidade permanecia, mas, de alguma forma, a sala pareceu cintilar e vibrar com uma tensão tácita. Era como se cada um de seus ocupantes soubesse que um momento de ajuste de contas estava à sua disposição, que aquele era o

teste que indicaria se eles ficariam unidos ou se seriam para sempre banidos para seu próprio mundo, separado e silencioso; que juntos eles formavam os três vértices de um triângulo onde cada um tocava os outros dois; e que o mais leve movimento em qualquer das partes despedaçaria aquele instável equilíbrio.

Gopal arrancou a nota da mão de Amit.

— Você é um bom menino — murmurou ele, sem ousar estabelecer contato visual com Bhima. — Eu vou pagá-lo, meu filho.

Gopal parou na porta da frente e olhou para o rosto cabisbaixo do filho e para a aparência alquebrada e derrotada nos olhos de sua mulher. Ele deixou escapar um suave gemido, como se estivesse reparando pela primeira vez que Bhima perdera o visual rechonchudo que sempre prezara nela, como se estivesse surpreso com seu rosto pálido e vazio, onde os gigantescos polegares do destino haviam repuxado suas bochechas para baixo. Bhima olhou de volta para Gopal, esperando ver tristeza e culpa em seu rosto. Ela ficaria horrorizada em saber que o que ele sentia, ao contrário do que imaginava, era um sombrio e cruel entusiasmo, tão hábil e estimulante quanto a língua de uma puta.

Um olhar de prazerosa malícia tomou conta do rosto de Gopal.

— A propósito — anunciou ele. — Uma notícia boa, mulher. Eu deixei o meu emprego hoje. A partir de amanhã você vai me ver em casa o dia inteiro.

Sem dedos, desempregado, improdutivo, Gopal encontrara sua área de criatividade — e ainda conseguia produzir tristeza, montanhas e montanhas de tristeza.

Quando Amit chegou em casa com um boletim terrível, Gopal disse que talvez fosse o momento de o menino abandonar a escola e arrumar um emprego. Pooja tomou uma decisão. Em vez de o irmão largar os estudos, arrumou um segundo emprego lavando pratos para a vizinha da sra. Sodabottleopenerwalla. Os olhos de Gopal ficaram enevoados quando ele ouviu a notícia pela primeira vez, mas então bocejou, virou-se de lado e dormiu.

— *Ma*, o *baniya* me parou na rua hoje — disse Pooja. — Ele falou que não vai dar mais crédito pra gente.

O rosto de Bhima contorceu-se de preocupação.

— Talvez eu consiga lhe pagar metade do que a gente deve — disse ela. Baixou a voz. — Você e eu vamos ter de comer menos o resto da semana pra poder compensar o dinheiro do aluguel.

Gopal, que estava deitado no catre, fez uma careta para a mulher.

— Sempre falando de dinheiro, dinheiro, dinheiro. Mulher, você me dá nojo. — Ele se levantou. — Bom, já que tocou nesse assunto, preciso de dez rupias.

De alguma maneira, ele sempre encontrava dinheiro suficiente para suas bebidas. Às vezes roubava de Bhima; outras vezes, simplesmente a ameaçava até que ela lhe desse o pouco de dinheiro das despesas da casa. Esse dinheiro vinha envolto nas pragas dela, como o fumo envolto em folhas de bétela que ele às vezes mascava. Quando Bhima não tinha nada a lhe dar, quando ele a havia deixado no osso, Gopal se submetia a pequenos empregos para o contrabandista a fim de poder pagar pelo vício.

— Ele é o meu único amigo — disse a Bhima numa ocasião. — Ele é a única pessoa que entende o que acontece com um homem que foi emasculado por sua própria mulher.

Nessas ocasiões ela mordida os lábios para impedir que sua raiva fosse cuspidada em cima dele. Tampouco lhe contava o que sabia — que Munnu, o filho do senhorio, dera um pulo lá no dia anterior e os ameaçara de despejo caso não pagassem o aluguel.

Acontece que a mulher que morava no apartamento vizinho ao deles descobrira as tribulações de Bhima.

— *Beti*, não fique ofendida com o que vou falar — disse ela a Bhima quando se encontraram na fila do banheiro que compartilhavam com outra família. — Mas Munnu, o filho do nosso senhorio, esteve aqui ontem e mencionou a sua situação. Munnu quer se ver livre de vocês, isso é claro e certo. Ele disse que já tem outra família pronta pra se mudar e que eles prometeram pagar seis meses de aluguel adiantado. Essa gente não tem coração, vou lhe dizer. Então, se você está procurando um lugar mais barato pra morar, me diz, porque talvez eu possa ajudar.

Bhima virou-se para ela, ansiosa.

— Onde é, *didi*? E quanto é o aluguel?

— Pra falar a verdade, fica até mais perto do seu trabalho do que aqui, *beti*. Você não vai ter de andar tanto pra chegar em casa depois de um dia inteiro de trabalho. Na Comunidade Bhaleshwar existe um lugarzinho simpático que...

— Bhaleshwar? Mas essa é uma área de favela, não é? Não vou levar os

meus filhos pra um lugar como esse.

A velha bateu na porta do banheiro.

— *Arre, bhaisahib*, você está construindo a sua casa dentro desse banheiro ou o quê? — berrou ela. — Sou uma senhora idosa, tenha um pouco de piedade e termine as suas coisas *jaldi-jaldi*. — Ela deu um passo para se aproximar de Bhima e olhou-a nos olhos. — *Beti*, uma favela não é lugar pra criar um filho, concordo. Mas a rua também não é, correto? Você quer chegar em casa um belo dia e descobrir que as suas coisas estão na rua? Aí você vai pra onde? Se não for por você mesma, pense pelo menos na coitada da Pooja. Uma jovem nas ruas não é mais seguro do que uma jovem numa selva; tem animal selvagem nos dois lugares.

— Como é que você ficou sabendo desse lugar, *didi*?

A velha pareceu ter ficado constrangida.

— Meu genro é dono de uns barracos na favela — disse ela. — Ele mesmo já morou um tempo lá, no passado. Agora, é claro, ele é dono de um lugar legal. Mas, como um favor pra mim, ele vai fazer um precinho camarada pra você.

A porta do banheiro abriu com um rangido e seu ocupante, um homem careca usando um *lungi* e uma camisa de malha sem manga, saiu.

— Desculpe, *mausi* — murmurou o homem. — Não deu pra segurar. Diarreia, sabe como é.

A velha entrou no banheiro segurando o nariz de um jeito histriônico.

Bhima ficou do lado de fora, sentindo a pressão da bexiga e movendo-se discretamente. Todos esses anos ela fantasiara a respeito de um apartamento com seu próprio banheiro particular, como o que Serabai possuía. Em vez disso, estava agora encarando uma descida em direção a um lugar ainda pior do que aquele em que morava atualmente. Todos os dias, Bhima passava pela Comunidade Bhaleshwar quando voltava do trabalho a caminho de casa, segurando o nariz para não ser obrigada a inalar os odores fétidos. Ela lembrou-se de como o local parecia ser escuro e interminável visto da rua, com pequenas vielas laterais seguindo como túneis tortuosos em direção ao coração das trevas. As mulheres sentadas dentro dos barracos abertos dando de mamar a seus bebês, seus seios pendendo de blusas que estavam abertas e expostas como seus lares. Os homens acorados na calçada, seus olhares insolentes e embriagados dirigidos a mulheres respeitáveis como ela, que passavam correndo a caminho de

seu emprego estável. Ela imaginou Gopal juntando-se àquele grupo de homens desempregados, dissolutos, passando seus dias sentados ociosamente sob o sol escaldante. E imaginou Amit e Pooja naquele lugar infernal — Amit correndo da casa para a escola, suportando os insultos dos meninos ociosos e analfabetos que gostariam muito de corromper seu filho para que se tornasse um delinquente como eles; Pooja desviando os olhos dos olhares ávidos e salivantes dos marginais das redondezas.

Não. Quando a velha saísse do banheiro, ela lhe diria “não”. Arranjaria mais dois empregos se preciso fosse. Quem sabe Amit também pudesse encontrar uma maneira de ganhar um dinheirinho. Eles fariam a coisa funcionar, ela e os dois filhos. Nada importava além de Pooja e Amit. Eles não precisavam mais de Gopal. Bhima seria não só mãe como também um pai para eles. Ela carregara aqueles dois na barriga por nove meses, não Gopal. As crianças eram responsabilidade dela, não dele.

Como ela os protegeria se eles estivessem na rua? Mesmo que conseguisse um novo emprego na semana seguinte, ainda assim demoraria um mês inteiro para receber seu pagamento. E se Munnu quisesse receber toda a quantia que ela lhe devia de uma só vez?

A porta do banheiro se abriu. Bhima viu a expressão vazia no rosto da velha e percebeu que ela se esquecera de tudo o que falara antes. Veja como o mundo se esquece rapidamente de você, lembrou a si mesma.

Bhima sentiu sua boca abrindo, mas não tinha certeza do que diria. Então, quando falou, ouviu suas palavras no mesmo momento em que sua vizinha também as ouvia.

— *Didi* — disse ela. — Gostaria de ver esse lugar em Bhaleshwar. Você pode marcar uma visita?

Sentiu um sobressalto de surpresa ao ouvir as palavras. Ela tivera certeza absoluta de que recusaria a oferta da velha.

Bhima entrou na favela escura e ficou imaginando para onde os últimos dois anos haviam ido. Seus pés já conheciam de cor as curvas sinistras das escuras e estreitas ruelas que levavam até seu barraco. Ela não ficava mais enjoada quando o odor pútrido da favela assaltava-lhe as narinas. E, outro dia mesmo, Amit lhe fizera uma pergunta sobre o antigo apartamento deles que a fez perceber que ele já estava começando a esquecer os detalhes do imóvel.

Pensar em Amit fez com que ela apertasse o passo. O menino ficara em casa naquele dia, não fora à escola por causa de uma febre alta contra a qual lutava.

— Fique de olho no menino, está escutando? — dissera ela a Gopal naquela manhã. — Se a tosse ou a febre piorar, leve ele ao dispensário do dr. Roy. — Ela hesitou antes de dar a Gopal algumas rupias. — Esse dinheiro é pra pagar o médico se você precisar levar o Amit, entendeu? Não gaste com as suas porcarias.

Gopal, sério, balançara a cabeça em concordância.

— Juro por Deus, mulher. Você deve pensar que sou algum animal em vez de um ser humano. Que espécie de pai gastaria o dinheiro do remédio do filho em *daru*?

Quando ela chegou em casa naquela noite, Amit estava deitado no chão, um fino lençol cobrindo-o. Sozinho.

— Como está se sentindo, *beta*? — perguntou ela. — Onde está o seu *baba*?

A voz do menino estava rouca, e seu rosto brilhante e afogueado.

— Um pouquinho melhor, *Ma* — disse ele, sentando-se. — Esta tarde eu pedi pro *baba* comprar o remédio na clínica do médico, mas ele disse que eu não estava precisando, mas acho que a febre baixou um pouco.

Bhima via agora que o filho tremia.

— Está com frio? — gritou ela e, sem esperar por uma resposta, cobriu-o com um segundo lençol. — Onde está o seu *baba*?

Amit olhou de relance para ela e revirou os olhos.

— Onde ele poderia estar?

Uma fúria gélida caiu sobre Bhima como uma chuva constante.

— Ele está bebendo naquele lugar? — disse ela. — Mesmo hoje? Ele deixou você sozinho em casa desse jeito? — Mas Bhima não precisava de uma confirmação. Ela olhou ao redor do pequeno cômodo, até que seus olhos pousaram sobre a vassoura encostada a um canto. — Você fica aqui, Amit — disse ela, agarrando a vassoura. — Não vou demorar, *beta*.

Quando chegou ao covil do contrabandista de bebida, a fúria já havia se transformado em tempestade. Bhima avistou Gopal assim que entrou na estrutura semipermanente que se disfarçava de restaurante, covil de jogatinas e antro de bebida para os homens da vizinhança. Ela era a única mulher no lugar.

— Ae, senhorita! — berrou alguém. — Moças não podem entrar aqui.

Ignorando o sujeito, ela encaminhou-se diretamente para o local onde Gopal estava sentado com outros cinco homens. Ele estava rindo de alguma coisa, seus dentes brancos cintilando no rosto escuro; quando reparou nela, o riso desapareceu de sua boca.

— O que é que você... — começou ele, mas no instante seguinte recebeu a resposta quando Bhima puxou a vassoura de trás de si e começou a lhe bater.

— *Saala, besharam, mawali!* — dizia ela, arfando, batendo com a vassoura repetidamente no corpo dele. — Patife. Cão raivoso. Cobra nascida do ventre da sua mãe. Ser mais inferior dos inferiores. Serpente, porco. Filho de uma puta! A máquina devia ter cortado o seu pênis junto com os dedos. *Ida*, isso é o que você é, um *ida*. Você é um eunuco, não um homem. Afinal de contas, um homem de verdade não deixa o filho doente em casa e sai pra beber com os outros vadios do bairro.

Bhima agora estava sem fôlego, assim como sem a energia necessária para golpear com precisão o calado Gopal, que pouco fazia para se proteger dos seus ataques. Ela parou, mantendo um olhar de aviso ao marido, que pôs os braços na frente do corpo para desviar quaisquer novos golpes e foi na direção dela com uma postura tranquilizadora. Mas, exatamente nesse instante, alguém na mesa ao lado deu uma risada, e o riso deteve Gopal no meio de sua trajetória. Ele olhou ao redor do recinto rapidamente e viu todos os homens lá presentes — seus vizinhos e seus companheiros de copo, que esperavam para ver o que ele faria em seguida, como ele restauraria sua masculinidade malhada. Ele tentou sinalizar isso a Bhima.

— Vamos embora, vamos pra casa! — disse ele rigidamente, agarrando-a pelo pulso. Mas ela livrou-se da mão dele.

— Não toque em mim, seu *kutta*! — berrou ela.

Gopal não participava de uma briga havia quinze anos. Mas agora seu corpo movia-se por vontade própria enquanto estapeava o rosto encovado de Bhima com a mão esquerda. A cabeça dela envergou para trás, e, por um momento, algo parecido com pena surgiu nos olhos de Gopal. Em seguida, ele desferiu outro tapa na mulher. Dessa vez, um filete de sangue escorreu-lhe pelo nariz. Os olhos de Gopal ficaram arregalados ao ver o sangue. Bhima viu o marido olhando fixamente para o seu rosto, estático, viu que a visão de seu sangue o deixara excitado e ele dava a impressão de querer lambê-lo, de torná-lo seu. Antes que ela pudesse reagir, Gopal estava lhe dando mais um tapa, usando as costas da mão, seu pulso atuando como uma dobradiça que permitia que sua mão balançasse como uma porta. Finalmente, alguns homens agarraram-no por trás.

— *Bas, yaar*, Gopal — disse um homem com a fala arrastada. — Você quer que reste alguma coisa da sua mulher amanhã, *na*? *Chalo*, tire-a daqui e vá pra casa.

Bhima andou até sua casa atrás de Gopal, tentando estancar o sangramento com o sári e lutando contra a ânsia de cobrir seu rosto envergonhado com a peça de roupa. Ela sentia os olhos do *basti* sobre eles. Como abutres, aquelas pessoas são, refestelando-se na miséria uns dos outros, sobrevoando o casamento destroçado das outras pessoas. Ela viu Gopal caminhando à sua frente, magro e perdido e, por um momento assustador, pensou que estivesse vendo uma sombra em vez de um homem. Se eu não tivesse um filho doente em casa, pensou ela, *ae*, Bhagwan, juro pelo seu nome que nunca mais voltaria para aquela casa.

Naquele momento, pensou que Gopal se vingara pela humilhação à qual ela o submetera no bar. Mas sua verdadeira traição viria cinco dias depois.

Ao parar no baniya para comprar algumas cebolas para o jantar, Bhima se pergunta se Maya vai querer ir ao litoral naquela noite. Ela passou a gostar daquelas caminhadas após o jantar com a neta, percebe agora. O ar fresco e salgado, o esticar dos músculos doloridos e entrevados à medida que andam, o misturar-se anonimamente com milhares de outros apreciadores do mar — Bhima começou a ansiar por isso. Acima de tudo, gosta de como as caminhadas noturnas parecem restaurar Maya, como a menina está perdendo lentamente seu jeito defensivo e cauteloso e voltando a ser a garota energética e esfuziante que era antes da gravidez. Logo, logo, pensa Bhima, ela vai tocar no assunto do retorno à faculdade. Agora que Maya está ciente de sua experiência com o contador mal-intencionado, certamente compreenderá ainda mais como a vida trata aqueles que não têm instrução. E, embora fosse inadequado pedir que Serabai ajudasse a menina a se candidatar a uma vaga em outra faculdade, pelo bem de Maya ela faria o pedido.

Bhima aperta o passo ao alcançar a entrada da favela e começa a percorrer a ruela sinuosa em direção a seu barraco. A sacola de papel que contém as cebolas está umedecida devido ao contato com suas mãos suadas, e tudo o que ela não precisa agora é que uma delas role para o esgoto à sua direita. Ela está planejando preparar batatas e cebolas apimentadas com *chappatis* quentes para o jantar.

Bhima abre a porta da frente, e a primeira coisa que repara é na sombra alta que Maya está projetando. A sombra se alastra pela parede de zinco em direção ao teto, de modo que Maya parece uma criancinha abaixo dela. A menina está sentada no canto do barraco, com um lampião de querosene ao seu lado. À medida que os olhos de Bhima ajustam-se à nova luz, ela vê um papel azul na mão de Maya e sabe imediatamente o que a neta está lendo. Ela lança um rápido olhar para seu baú e, evidentemente, a tampa está aberta. Maya parece ter ficado assustada e em seguida intimidada, mas, à medida que uma carranca começa a se formar na testa de Bhima e seus olhos estreitam-se, a menina antecipa-se à avó e fala primeiro:

— Eu estava procurando outra coisa, *Ma-ma*, juro. Pra falar a verdade, eu

estava atrás da minha certidão de nascimento. E, quando vi este bilhete, peguei-o e comecei a ler antes de saber do que se tratava.

— Pra que você precisa da sua certidão de nascimento? — A voz de Bhima está cheia de desconfiança.

Maya morde o lábio inferior e dá de ombros ligeiramente.

— Não sei. Eu só... Eu gosto de olhar pra minha certidão de nascimento às vezes. Só pra, você sabe, só pra ler o nome da minha *Ma* e do meu *baba* nela. Isso... Isso faz eu me sentir bem, não sei por quê. É como se eu não fosse órfã.

A menina não vai descansar até destruir o pouco do que restou do meu coração, pensa Bhima. Ela, com sua abençoada inocência e suas palavras mortíferas que penetram meu coração como se fossem agulhas.

— Quem disse que você é órfã? — diz Bhima, mal-humorada. — Por acaso a sua avó está morta, e por isso você é órfã?

Maya sorri. Mas então seu rosto fica alongado, e rugas de preocupação empoleiram-se em sua testa como pássaros desgarrados.

— *Ma-ma*, eu nunca soube dessa carta — diz ela baixinho.

A carta. A carta que virara sua vida de cabeça para baixo. A carta que Gopal esculpira como uma adaga e enterrara em seu coração. A carta, com suas palavras destruidoras de vida, que Jaiprakash — um vizinho da favela que, por uma pequena quantia, escrevia cartas para pessoas que não podiam ler nem escrever — lera em voz alta para ela, seus olhinhos observando a reação dela a cada palavra, seu orgulho profissional por seu ofício, seus floreios retóricos ultrapassando sua solidariedade pela mulher cuja vida ele estava destruindo com suas palavras. Ela guardara a carta por anos e anos, mas a ouvira sendo lida apenas uma vez. No entanto, tamanho era seu poder que Bhima lembrava grande parte dela, ouvia a silenciosa e triunfante voz de Jaiprakash em seus sonhos.

— Leia ela! — ordenava agora a Maya. — Quero ouvir novamente. Ela foi lida pra mim apenas uma vez. — Sua voz está controlada, mas o efeito que produz em Maya é elétrico.

— *Ma-ma*, não! — protesta a menina. — Por que remexer no passado desnecessariamente?

Bhima sorri.

— *Beti*, o passado está sempre presente — diz ela. — Não existe essa coisa de remexer no passado. Ele é como a pele da sua mão; estava lá ontem e está

aqui hoje. Ele nunca vai a lugar nenhum. Talvez, quando estiver mais velha, você entenda isso melhor.

— Mas, *Ma-ma*, existe um ditado em inglês: deixe em paz os cães que dormem. Não há sentido em acordar um cão que está dormindo.

Bhima avalia a frase.

— Mas, e se você for um desses infelizes cães que nunca dormem? — pergunta ela. E, sentindo que silenciou a neta momentaneamente, ela se aproveita da situação vantajosa: — *Beti*, leia essa carta pra mim.

— Para a rainha dos meus sonhos — ditara Gopal a Jaiprakash.

Já há muitos anos eu tenho sido um fardo a você e à família. Por isso e por outros crimes, busco o seu perdão. Eu acompanhei a minha bela e rechonchuda Bhima, a noiva que eu levei para casa com tantas esperanças e desejos, ser comida pela preocupação e pela miséria. Meu hábito de beber transformou você numa criatura magra e encolhida, e por esse crime eu serei condenado a repetir esse infeliz ciclo de vida eternamente. Não pense que o meu alcoolismo me impediu de reparar quanto eu a fiz infeliz — o álcool é o beijo dos anjos, assim como a maldição é do diabo. Ele pode esconder, mas pode também revelar. Contudo, até cinco dias atrás, minha mulher, eu não estava sabendo quanto caíra na vida nem quanto eu a arrastara comigo nessa queda. Ser constrangido no bar de maneira tão pública foi insuportável. Depois disso, seria difícil eu manter a cabeça erguida naquele *basti* sem ouvir em meus ouvidos os risinhos das mulheres e das crianças, e até mesmo dos vira-latas. Você me emasculou aos olhos do mundo, e agora o mundo ri na minha cara. Portanto, minha Bhima, estou indo embora. E estou levando Amit comigo. Ele vai ser a minha muleta, o meu apoio, a mão que me falta. A minha ideia é voltar à minha aldeia, onde há família, alguma terra e ar fresco e limpo. Talvez até um emprego e uma nova chance para um homem sem três dedos. No passado, quando eu era jovem, acreditava estar apaixonado por Bombaim e casado com ela, acreditava que a cidade era a minha noiva, a minha esposa. A minha vida verdadeira é na aldeia da minha juventude, à qual eu devo retornar com humildade e esperança de perdão.

Sem mim e Amit, seus fardos ficarão mais leves. Com Pooja e você trabalhando, haverá dinheiro suficiente para que vocês se mantenham. Hoje é a última vez que vou roubar de você — apenas o suficiente para comprar as passagens de trem para que eu e Amit possamos chegar na aldeia. Eu disse ao menino que o estou levando para uma viagem para que ele conheça o tio e que voltaremos daqui a algumas semanas. Espero que a vida na aldeia — a comida simples porém encorpada, o trabalho duro porém honesto nos campos, uma vida distante das distrações dessa cidade prostituta — seja do agrado dele. Sei que você jamais descobrirá em seu coração uma maneira de me perdoar por levar Amit, mas, Bhima, da mesma forma que você, eu preciso de um motivo para continuar vivendo. Meu filho precisa ficar ao meu lado; ele será o amparo da minha velhice e o motivo que terei para continuar colocando um pé na frente do outro. Você, por sua vez, terá Pooja. Ela será a sua razão para continuar respirando.

Minha esposa, acredite em mim quando digo que, no momento em que levei você para a minha

casa pela primeira vez, foi minha intenção tratá-la como uma rainha. Às vezes, quando você está trabalhando, me sento sozinho nesse lugar deplorável e luto com os deuses em busca de uma resposta acerca de quem ou o que foi o responsável por roubar a nossa vida. Olho para a garrafa em busca de uma resposta. Olho para os céus. Eu vasculho o meu próprio coração. E não há respostas. Há apenas um silêncio branco que inunda o meu coração, como aquelas ondas em Chowpatty. Você se lembra daquelas noites no litoral, quando eu ainda era o seu marido e o provedor de nossos filhos? Estou certo em acreditar que éramos felizes nessa época? Minha Bhima, depois de todos esses anos juntos — anos de risos e de lágrimas, amargura e felicidade —, isso é tudo o que me restou, como conchas na areia depois que as ondas recuaram: eu amei você no passado e, embora saiba que jamais a convencerei dessa verdade, eu ainda a amo. Apesar de tudo, apesar da feiura dessa semana, eu ainda amo você. Agora, sem mais nenhuma dessas coisas — trabalho, dinheiro, casa, orgulho, dignidade —, apenas o amor permanece.

Você jamais acreditará em mim, eu sei. Mas, onde quer que estejamos, eu continuarei a ser

Seu marido, Gopal.

Maya já está chorando baixinho quando termina a leitura, mas Bhima não repara. Ela se lembra da primeira e fatal leitura da carta anos antes — como Jaiprakash lambera nervosamente os lábios depois de levantar os olhos da última linha e ver o olhar demoníaco no rosto de Bhima; como ela o xingara quando ele a informara que Gopal e o menino haviam partido no trem das três e meia; como ela percorrera nervosamente a favela, esperando Pooja chegar em casa; como passara a noite sem dormir e incapaz de ficar acordada, e despertara de manhã com quarenta graus de febre. E os dias que se seguiram — Serabai balançando a cabeça gravemente e lhe dizendo que, como Gopal era o pai, não havia nada que Bhima pudesse fazer para ter Amit de volta contra a vontade dele; Bhima esperando ansiosamente uma carta ou uma palavra acerca do paradeiro de Gopal e Amit; as mulheres na favela com semblantes de desaprovação e evitando trocar olhares quando avistavam o rosto tresloucado e assombrado de Bhima; Jaiprakash evitando-a por semanas e, então, num belo dia, cruzando com ela na rua, esquivando-se da culpa e cuspiendo na cara dela o seguinte:

— A culpa é sua, *devi* Bhima. Humilhar o marido em público daquela maneira. Você esperava o quê? Um homem tem seu orgulho, você sabe.

E Bhima dera-lhe as costas, vencida pelas palavras de Jaiprakash e ciente de que ele tinha razão.

Bhima balança a cabeça para seu próprio destino ruim. Ela se concentra em ouvir o que Maya está lhe dizendo.

— *Ma-ma* — pergunta Maya cuidadosamente. — Você alguma vez teve notícias do meu tio Amit?

As perguntas da menina são como as unhas que ela usa para arrancar as feridas, pensa Bhima.

— Amit nunca escreveu — diz ela por fim, drenando a mágoa de suas palavras antes de se permitir completar: — Mas o irmão mais velho de Gopal escrevia de vez em quando. Dizia que gostava de ter Amit trabalhando ao lado dele na fazenda da família.

— Se eu fosse o tio Amit, teria fugido de volta pra Bombaim, isso é claro e certo — diz Maya, como um consolo.

— E deixado o seu *baba* sozinho? Só crianças perversas abandonam seus pais.

— Talvez ele volte pra Bombaim algum dia. O que a gente faria, *Ma-ma*, se o tio Amit batesse na porta da nossa casa um dia desses?

O que ela faria? Eu andaria de joelhos até o templo mais distante para oferecer o meu agradecimento, pensa Bhima. Jejuaria por uma semana para agradecer aos deuses. Distribuiria *pedas* a todas as crianças da favela. Voaria até a Lua e a traria de lá para alimentar os meus filhos. Cortaria um pedaço do meu fígado para poder ver meu filho de novo.

Maya está falando novamente:

— O vovô sabia que... Você o informou sobre o que aconteceu com a minha *Ma* e o meu *papa*?

A boca de Bhima ficou de repente seca de medo, e ela vai atrás da lata de fumo. Enrola um maço e o enfia na boca antes de falar:

— Na época eu não podia. Não de Délhi. Não houve... Não houve tempo. Mas depois que a gente voltou, você e eu, mandei uma carta contando a ele o que havia acontecido. Serabai escreveu pra mim.

— O que ele disse? — A voz de Maya está sem fôlego.

— O irmão mais velho respondeu a carta. Eles me culparam por não ter informado Gopal a tempo. Me acusaram de mantê-lo afastado da filha. Disseram que a alma da minha Pooja não iria... — Vendo o olhar arregalado de Maya, Bhima interrompe sua fala. — De qualquer maneira, depois dessa carta, nunca mais tive notícias deles.

— Você acha que o vovô iria pra Délhi se tivesse sabido? — Bhima pode

ouvir o medo e a esperança enterrados nessa pergunta.

Ela fecha os olhos e então os abre de novo, olhando diretamente para a neta.

— Ele iria. Mesmo que céus e terra tivessem tentado impedi-lo, ele iria. Ele daria um jeito, sei disso. Seu avô amava a sua mãe, Maya.

— Então por que ele escolheu Amit e a deixou com você?

Bhima engole em seco antes de responder:

— Porque ele sabia que eu precisava mais de Pooja do que de Amit — diz ela suavemente. — Amit era meu filho. Mas Pooja era a minha primogênita; ela era meu filho e minha filha na mesma pessoa.

De repente, Maya começa a chorar.

— A minha *Ma* também amava você, *Ma-ma* — diz ela, soluçando. — Acredite em mim ou não, mas eu me lembro. Ela sempre falava de Bombaim, da sua antiga casa e de você.

Bhima se aproxima da menina soluçante e a toma nos braços.

— Bobinha — repreende ela. — Por que você está chorando sobre coisas tão antigas? Tudo isso aconteceu umas cem vidas atrás.

— Mas o passado está com a gente, *Ma-ma*. Você mesma acabou de dizer isso.

Bhima dá um tapa na mão de Maya.

— Você está ficando espertinha demais, hein, menina? — diz ela. Com o rosto cansado, ao olhar para a sacola de cebolas no chão, Bhima reclama: — Eu já podia ter terminado de cozinhar a uma hora dessas se você não tivesse me atrasado com as suas cem perguntas.

Bhima suspira. Ela pensa por um minuto e então se levanta.

— Vamos, vá lavar esse rosto. A gente vai até Chowpatty hoje e come alguma coisa por lá. Já está tarde demais pra eu começar a cozinhar.

Bhelpuri.

São 19h45, e Dinaz quer comer *bhelpuri* no jantar. Eles acabaram de se sentar para comer o maravilhoso jantar composto de galinha *khara* e costeletas de carneiro que Bhima havia preparado mais cedo, quando Dinaz empurra o prato de costeletas — ela pronuncia “coteletes”, da mesma maneira parse antiquada que Banu costumava pronunciar, fazendo Sera irritar-se com o indisfarçado poder da genética.

— Essas coteletes estão me deixando enjoada — diz ela, afastando o prato de sua frente. — Tire isso da mesa, por favor.

Viraf faz uma careta.

— Eu pensava que a náusea terminasse no primeiro trimestre — diz ele, e ambas as mulheres sabem o que ele deixou de falar: não acho que vou conseguir reviver os terrores do primeiro trimestre, quando os hormônios, a fadiga e a náusea transformaram a minha mulher numa pessoa maluca.

Dinaz ri.

— Pare de fazer essa cara de preocupação, *yaar* — diz ela. — Olhe só pra cara dele, mamãe. Tudo isso porque eu não quero comer coteletes. Vou dizer uma coisa pra vocês, é mesmo uma pena os homens não poderem ter filhos; a gente acabaria com o problema da superpopulação na Índia da noite pro dia, porque nenhum homem jamais engravidaria.

— Bom, você precisa comer alguma coisa, minha querida — diz Sera. — O bebê precisa de uma boa nutrição e...

— Sabe o que eu amaria comer agora? — diz Dinaz. — *Bhelpuri*. Em Chowpatty.

Viraf rosna.

— Qual é, Dinu? Eu acabei de chegar em casa do trabalho. Não estou nem um pouco a fim de sair de casa de novo. E aquele troço lá é sujo demais. Acho que eles usam água de banheiro pra lavar os pratos.

Dinaz permanece imperturbável.

— Pelo menos não estou louca pra comer reboco de parede ou barata ou sei lá mais o quê, como outras mulheres grávidas. — Ela dá um tapa de brincadeira

no braço de Viraf. — *Gadhera*. A culpa é sua se estou andando por aí gorda como uma bezerra. O mínimo que você pode fazer é me dar um pouco de *bhelpuri* pra comer.

— Tudo bem, tudo bem — diz Viraf. — Uma das tarefas da paternidade iminente, eu suponho.

Sera olha para a mesa com o jantar servido. Ela esperou por aquele jantar o dia inteiro.

— Mas e essa comida toda? Bhima vai ficar muito decepcionada.

— Ah, dane-se a Bhima! — diz Viraf. — Na verdade, ela vai ficar contente. Menos trabalho pra ela amanhã. — Ele empurra a cadeira para trás. — Beleza, vamos nessa. Mamãe, vá pegar o seu xale ou um cardigã. Está um pouquinho frio pra novembro esse ano.

No carro, Sera suspira.

— Faz tanto tempo que não vou a Chowpatty... Eu ouvi falar que a municipalidade limpou a área. A última vez que estive lá foi poucos dias antes do seu papai falecer. Nessa época o lugar era uma imundície.

Dinaz ri.

— Papai era muito engraçado; ele tinha uns *vhem*s e uns *dhakheras* superbobos sobre higiene pessoal. Eu me lembro de uma vez em que eu e ele fomos à Fonte Flora, e aí um palerma parado na trilha cuspiu o suco de *paan* que estava tomando no meio da rua. Papai estava convencido de que um pouco do suco vermelho caíra na minha calça, embora eu não conseguisse ver nem uma gotinha. Pensei que ele fosse matar o coitado do sujeito com as próprias mãos. No entanto, ele não via problema algum em comer comida de rua.

Ela se volta na direção de Viraf.

— Quando aparecia na minha escola pra ver alguma peça ou atividade, ele sempre parava na barraquinha de comida do lado de fora que preparava o melhor *pyali* do mundo. Papai comia duas tigelas. Você se lembra, mamãe? Você sempre dava uma bronca nele porque ele comia o negócio com tanta pimenta que as lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

Sera sorri.

— Ele uma vez me disse que, quando voltou de Londres, ficava enjoado depois de comer *bhelpuri* em Chowpatty. Aí ele ia lá todo dia até o estômago finalmente ficar ajustado.

Viraf ri.

— Isso é bem a cara do papai Feroz, pode crer. Ele era um cara durão.

Eles ficam em silêncio por um minuto, cada qual lembrando de Feroz.

— Mês que vem vai fazer três anos — diz Sera suavemente. — Dá pra imaginar?

— Não, não parece que foi há tanto tempo — responde Dinaz. Há um outro silêncio no carro. Em seguida, Dinaz diz: — Eu não sabia que você e papai tinham estado em Chowpatty alguns dias antes de ele morrer.

— Estivemos, sim. Tínhamos ido ao grande templo de fogo na Fonte. Sua avó Banu tinha tido o derrame poucos meses antes, e seu pai estava tão perturbado em ver a mãe daquele jeito que fez um *manta* que iria ao templo de fogo todo dia durante um mês pra rezar pela recuperação total dela. Eu às vezes ia com ele. Nós quase sempre íamos jantar no Paradise. Mas, naquele dia, decidimos ir a Chowpatty. Seu pai estava sempre disposto a comer *bhelpuri* e *panipuri*. Na verdade, antes do nosso casamento, íamos lá toda hora.

De repente, Viraf dá uma gargalhada.

— O que foi? — pergunta Dinaz, e, mesmo no escuro do carro, Sera consegue ouvir o sorriso afetuoso na voz da filha.

— Nada — diz ele. — Eu só estava me lembrando do conselho que seu pai me deu na primeira vez em que eu fui à sua casa. Foi uma festa de aniversário sua, lembra? Havia muitas outras pessoas lá. Mas, não sei exatamente como, ele sacou que a gente gostava um do outro. Aí ele me puxou num canto e disse que tinha uma coisa pra me dizer. Tipo um conselho de homem pra homem, foi assim que chamou a coisa. Resumindo, ele disse que me considerava um rapaz parse legal, com potencial pra fazer sua filha feliz. Mas disse que eu devia ser persistente com você se eu não quisesse perdê-la pra outros pretendentes. “Um homem tem de ser como um touro selvagem quando está caçando uma mulher”, acho que foram essas as palavras exatas que ele usou. Eu fiquei tão assustado que a única coisa que consegui falar foi: “Sim, tio; não, tio”.

Dinaz ri.

— Eu acho que o papai ficou aliviado por você ser parse, foi só isso. Ele sempre teve medo de eu levar pra casa algum cristão de Goa ou um hindu ou, pior ainda, um muçulmano. E, também, ele tinha uma crença estranha de que eu sentiria pena de um homem aleijado ou numa cadeira de rodas e me casaria com

ele por piedade. Dá pra acreditar nisso? Acho que esse é o motivo principal de ele ter sido tão contra eu me tornar assistente social. Ele sempre me dizia: “Não se case com um homem porque sente pena dele”. Eu lhe garantia que essa ideia nunca tinha passado pela minha cabeça. — Ela belisca a coxa de Viraf. — O que não disse pro papai foi que eu estava esperando um bonitão com visual de estrela de cinema aparecer na minha vida.

— E em vez disso acabou se casando comigo — diz Viraf, franzindo os lábios. — Foi uma boa o papai Feroz ser tão focado em mantê-la afastada de deficientes físicos. Assim ele nem reparou que você se casou com um deficiente mental, hein?

— *Ovaru, ovaru* — diz Sera, estalando os dedos, irritada. — Mas quanta bobagem vocês estão falando, crianças.

— Ah, mamãe, não caia nos truques dele. Ele só está querendo que as duas mulheres de sua vida digam o quanto ele é inteligente e bonito.

Assobiando desafinadamente, Viraf dá voltas com o carro em busca de um lugar para estacionar. Sera sorri, pensando como o genro é diferente do marido. A uma hora dessas Feroz já estaria dizendo impropérios baixinho e procurando um guarda a quem pudesse deslizar uma nota de dez rupias para poder estacionar em lugar proibido. Mas Viraf é um *thanda pani ka matla* — uma panela de cerâmica com água gelada.

— A-há! — diz ele triunfantemente ao avistar um lugarzinho. — Aposto que vai dar pra gente se espremer ali.

— Impossível — diz Dinaz automaticamente, embora não só ela como também Sera saibam que Viraf é um bom motorista. E, quando o marido coloca o carro na vaga na primeira tentativa, Dinaz grunhe: — Imagino que você tenha se esquecido que a sua mulher está com uma barriga do tamanho do deserto do Saara. Só Deus sabe como é que vou me espremer pra conseguir sair desse carro.

— Caramba, como esse lugar está diferente! — exclama Sera quando eles se aproximam da praia. — Está com uma cara bem mais limpa. Ouvi dizer que eles estão multando as pessoas que jogam lixo e fazem suas necessidades aqui na praia.

— É verdade, mas isso é uma coisa totalmente inconstitucional, se você quiser saber a minha opinião — diz Viraf com um risinho debochado. — Jogar lixo na rua e fazer *soo-soo* em público é um direito de nascença de todo morador

de Bombaim.

Sera tenta lembrar como era a aparência da praia da última vez em que esteve lá com Feroz. Mas ela está distraída, porque a única coisa que lhe vem à mente é como o marido fora carinhoso e atencioso naquela noite. Ele a levava para seu carrinho de comida preferido e insistira para que comesse o primeiro prato que Ramdas havia preparado, muito embora ela soubesse que ele não comera nada o dia inteiro. Depois que cada um havia comido dois pratos de *bhelpuri*, ele sentiu vontade de tomar *kulfi* de leite.

— Querido, cuidado — dissera Sera. — Você sabe que isso é ruim pro seu colesterol.

— *Arre*, maldito colesterol! — praguejara ele. — Faz tanto tempo desde a última vez que estivemos em Chowpatty... E você sabe muito bem o que sempre digo: você pode gastar duzentas rupias comprando sorvete no Taj ou em algum outro hotel cinco estrelas, mas nunca vai se comparar ao *kulfi* de Chowpatty. Qual é, só hoje! Eu tenho seguido à risca a dieta, você sabe disso.

Ela aquiescera, como ele sabia que Sera o faria; quando Feroz exibia aquele olhar suplicante, ela não conseguia lhe recusar nada. E, desde o derrame de mamãe Banu, Feroz mudara. Era como se, ao ver sua mãe dominadora reduzida a um estado vegetativo, ele tivesse percebido alguma coisa acerca da brutal imprevisibilidade da vida. Todas as noites ele saía diretamente do trabalho para ver a mãe e, quando voltava para casa, parecia estar mais suave e comunicativo do que jamais fora.

— Tanta coisa aconteceu nos últimos anos... — disse ele suspirando, naquela noite, depois que chegaram em casa da praia. À luz da luminária de leitura, Sera reparou nas rugas no rosto de Feroz e como a pele de sua cabeça calva enrugava quando ele estava preocupado. Não pela primeira vez, ela estava ciente dos treze anos que a separavam de seu marido envelhecido. — Eu tenho a sensação de que ainda nem me recuperei da morte do papai e agora nós somos obrigados a ver mamãe nesse estado — disse Feroz. — É insuportável vê-la sofrendo desse jeito. Vou dizer uma coisa pra você: a única coisa boa que aconteceu nos últimos anos foi o casamento de Dinaz. Se não fosse pela felicidade dela e de Viraf, não sei o que justificaria continuar vivendo.

Sera levantou-se e caminhou até a poltrona onde Feroz estava afundado. Sentou-se no braço da poltrona e acariciou a cabeça do marido.

— Eu estava pensando que talvez pudéssemos passar uns dias em algum lugar, *janu* — disse ela. — Fazer uma viagem, pra Goa ou qualquer outro lugar.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu sei. Mas ainda não dá. Vamos esperar até que a situação da mamãe se estabilize. Não consigo suportar a ideia de deixá-la desse jeito.

Ele levantou o olhar na direção de Sera, e ela ficou perplexa ao ver lágrimas em seus olhos. Ele tem tanto amor por essa mulher, pensou ela, maravilhada. Será que ele tem alguma ideia de como a interferência de sua mãe arruinou a chance de felicidade em nosso casamento? Será que isso ao menos passa pela cabeça dele?

Como se tivesse lido os pensamentos dela, Feroz prosseguiu:

— Sei que você também está precisando de uma parada. Eu agradeço a você, Sera, por cuidar tão bem da minha mãe na hora em que ela mais precisa. Sei que ela, que você, enfim, que ela não tem sido a pessoa mais fácil do mundo pra se conviver. Nós vamos sair de Bombaim logo, logo, eu prometo. Quem sabe, podemos até levar as crianças conosco. Só que... Não agora.

Três dias mais tarde ele estava morto, e aquela promessa ficou na gaveta com a rubrica Promessas Não Cumpridas, junto a muitas outras. Junto da promessa não cumprida de seu próprio casamento. Um casamento que começara cercado das mais altas esperanças e expectativas e definhara de maneira decepcionante, como aqueles fogos de artifício e rojões que Dinaz e seus amigos costumavam soltar no céu na época do Diwali e caíam de volta ao chão com um embaraçoso sibilo, como se tivessem sido empurrados para baixo por um deus antipático.

Feroz chegou em casa cedo do trabalho no dia de sua morte, reclamando de uma sensação geral de inquietude.

— Excesso de trabalho — disse Sera. — Excesso de tensão que você está carregando de um lado pro outro, *janu*. Seria melhor você começar a fazer ioga ou alguma coisa assim, pra aprender como acalmar a mente.

Ele sorriu debilmente.

— Quem sabe... — Então seu rosto desabou. — Nem fui ver a mamãe hoje — disse ele enquanto puxava as cobertas e subia na cama. — Ela vai ficar muito chateada.

Sua mãe nem consegue mais reconhecer ninguém, ela queria dizer. Ela

provavelmente nem consegue distinguir um dia do outro. Mas Sera reteve consigo os pensamentos.

— Venha se deitar aqui do meu lado — sussurrou ele e, pela primeira vez, passou pela cabeça de Sera a possibilidade de Feroz estar de fato doente. Ele jamais falara de maneira tão fraca, tão vulnerável.

Ela lutou contra uma súbita e irracional sensação de pânico.

— Amorzinho — disse ela, tentando manter a voz estável —, o que está acontecendo com você? Será que não é melhor eu chamar o médico?

— Não. Nada de médico, por favor. Provavelmente é só uma gripe ou algo assim. Não sei... Eu não consigo explicar o que estou sentindo. É como se houvesse alguma coisa se agitando no meu peito. Acho que é tensão. Só preciso dormir por algumas horas.

Sera foi para a cozinha dizer a Bhima que tomasse todo o cuidado para não fazer barulho enquanto *seth* Feroz estivesse dormindo.

— Ele está muito cansado — disse ela em resposta ao olhar interrogativo de Bhima. — Precisa de paz e tranquilidade.

Enquanto Feroz dormia, ela passou as horas preparando sopa chinesa de galinha e milho, a favorita dele. Às seis horas, pediu a Bhima que colocasse a sopeira em cima da mesa. Ela iria acordar Feroz; ele precisava comer; provavelmente estava fraco devido a toda aquela dieta que andava fazendo.

Ela foi na pontinha dos pés até o local onde Feroz estava dormindo e sentou-se na beira da cama.

— Amorzinho — sussurrou ela. — Acorde. Fiz uma sopinha quente pra você.

Não houve resposta. Ela sussurrou novamente e estava prestes a sacudi-lo quando ouviu algo. O que ela ouviu foi uma ausência de som no quarto. Feroz não estava respirando.

— Feroz! — gritou ela, sua mão indo na direção do interruptor para acender a luz.

Quando a luz inundou o quarto, o rosto imóvel de seu marido ficou iluminado. Sua boca estava aberta, assim como seus olhos, mas, mesmo no auge de seu medo e de seu desespero, Sera sabia que a paz que Feroz procurara durante toda a vida havia sido finalmente encontrada.

— Feroz! — berrou ela. — Não, não, não! Por favor, Feroz, por favor.

Bhima. Bhima, corra aqui. Oh, meu Deus, não!

Bhima entrou correndo no quarto.

— Serabai — falou ela, atônita e desamparada. — *Arre*, Bhagwan. Que nova tragédia é essa que se abateu sobre nós?

Estava tudo acabado. Seu casamento estava acabado. Assim, num piscar de olhos, Feroz se fora. Feroz, marido e opressor; amante e torturador; vítima e perseguidor. Nenhum homem jamais a fizera mais feliz ou mais triste. Nenhum homem a amara tão apaixonadamente; nenhum homem fizera mais para estrangular o amor que ela sentia por ele. Feroz tinha as chaves de sua felicidade, mas essas chaves haviam aberto os portões do inferno. Ele fora um homem mercurial — agressivo, brilhante, violento, ciumento, mas também amoroso, generoso e capaz de atos louváveis. Talvez tivesse sido sua culpa o fato de jamais haver aprendido a tratar aquele homem, a navegar através das águas agitadas que ele deixava em seu rastro. Será que outra mulher — mais mundana, mais sábia — poderia ter feito de outra maneira? Será que outra mulher teria tratado Banu como uma inconveniência, uma irritação e nada além disso?

— Feroz — soluçou ela. — Meu marido, Feroz. Eu sinto muito. Sinto muito por tudo. Me perdoe por ter sido uma esposa tão limitada. Eu estava tão perdida em minha própria miséria que nunca parei pra prestar atenção nas suas.

Ela devia estar falando alto demais, porque Bhima estava parada ao seu lado, erguendo-lhe a cabeça, afastando-lhe os cabelos do seu rosto quente e lacrimoso.

— Vamos, Serabai — sussurrou Bhima. — Esse é um momento pra ter coragem, *bai*. Você não precisa pedir perdão por nada. Sempre que os homens partem, são as mulheres que pedem perdão. Você foi uma boa esposa, *bai*. Eu via isso com meus próprios olhos, diariamente. Agora vamos, precisamos dar a notícia à nossa Dinaz.

Dinaz. O coração de Sera congelou diante da ideia de dar a notícia à sua filha. Mesmo assim, ela forçou-se a pensar.

— Eles já devem estar voltando pra casa a uma hora dessas. Melhor tentar ligar pra eles no celular. Pegue pra mim o caderninho de telefone, Bhima. Eu tenho o número do celular de Viraf anotado nele. — Ela ficou subitamente imóvel à medida que outro pensamento lhe invadia a mente. — Oh, meu Deus, alguém vai ter de contar à velha que o filho dela... Que o filho dela morreu. —

Sera começou a soluçar novamente.

— *Baba* Viraf pode fazer isso — falou Bhima do outro cômodo. — Você não precisa ir lá, *bai*. E quem sabe o que a coitada da mulher vai entender disso tudo? Ela fica lá deitada como uma cenoura o dia inteiro.

A campainha soou meia hora depois, e Viraf e Dinaz entraram, com olhos e nariz vermelhos.

— A gente saiu do trem — disse um Viraf sem fôlego. — Pegamos um táxi. Dinaz estava impaciente com o sinal de trânsito, aí a gente saiu do táxi e percorreu o resto do caminho correndo.

O som dos soluços de Dinaz partiu o coração de Sera. Ela não ouvia a filha soluçar dessa maneira desde que tinha doze anos. Certamente, Dinaz chorara no enterro de papai Freddy — a própria Sera tivera a sensação de haver perdido seu braço direito quando o sogro morreu —, mas aquele pranto por causa da morte do pai era diferente; pungente, ácido, quente como um ferro em brasa.

— Eu nem tive chance de me despedir — soluçou Dinaz. — Eu e Viraf morando tão longe, no subúrbio, nem passei muito tempo com ele nesses últimos meses.

Sera vasculhou seu baú de lembranças, à caça de algumas moedas de ouro.

— Eu sei, *deekra*, eu sei — murmurou ela enquanto vasculhava. De repente, encontrou o que estava procurando. — Você sabe o que papai me disse há no máximo uns dois ou três dias? Que o seu casamento era a grande fonte de felicidade da vida dele.

Mas sua oferenda saiu pela culatra, porque agora havia um novo som de pesar no quarto. Era de Viraf, seu corpo esguio atormentado pela tristeza, seu nariz comprido, vermelho como uma beterraba.

— Ele era um rei — balbuciou Viraf. — Papai Feroz era um príncipe.

Subitamente, Sera sentiu-se presa numa bolha de pensamentos claros e objetivos, flutuando intocada no mar agitado do insensato e tumultuado pesar que a cercava. Então é assim que a história é reescrita, pensou ela. É assim que tudo começa, com exaltação. Agora não é suficiente para um homem simplesmente ter sido um homem; agora a etiqueta do pesar exige que o transformemos num príncipe, num rei. Agora os defeitos de um homem têm de ser passados a ferro como os vincos num terno, até que ele se esparrame diante de nós, liso e imaculado como no dia em que nasceu. Como se a terra se

recusasse a recebê-lo, como se os abutres na Torre do Silêncio se recusassem a bicá-lo, a menos que ele fosse restaurado à sua glória original. Na morte, todos os homens tornam-se santos, pensou ela, e ela não só recebia de bom grado como também se rebelava contra esse pensamento. Talvez fosse melhor dessa forma — esse apagar de lembranças ruins, essa substituição por lembranças mais felizes, como trocar a toalha de mesa suja. Se isso for verdade, o que fazer com esse seu corpo pesado e lento, esse corpo que gritara sua verdadeira história, esse corpo que queria atestar, testemunhar o que lhe haviam feito? Esse corpo surrado e machucado que havia sido castigado pelos crimes de outras pessoas — pelos ataques de fúria ciumentos de Feroz; pela postura conivente e supersticiosa de Banu? Será que esse corpo — esse suéter tramado em músculos e terminações nervosas —, será que esse corpo teria de estar morto, será que seu sangue teria de congelar até a imobilidade para que alguém pudesse cantar suas glórias e chamá-lo de corpo de uma princesa ou corpo de uma rainha?

— Mamãe, diga alguma coisa, por favor. Estou me sentindo tão solitária!
— A voz de Dinaz furou a bolha de Sera, e ela sentiu-se mergulhar mais uma vez nas águas quentes e borbulhantes do pesar.

— Venha cá, minha querida — disse Sera, aconchegando a cabeça da filha.
— Você nunca vai estar sozinha, não enquanto eu estiver viva.

Três anos se passaram desde aquele dia, lembra agora Sera, maravilhada. Como isso pode ocorrer, quando a lembrança daquele dia recheado de pesar ainda está tão aguda, como se alguém tivesse salpicado chili em pó em meus olhos? No entanto, admite a si, eu nunca fui tão feliz como tenho sido nesses três anos, com as crianças morando comigo e uma nova a caminho. Ela sente uma pontinha de arrependimento quando pensa que Feroz não vai estar aqui para desfrutar o novo bebê. O tanto que Feroz amava Dinaz, ele também teria amado o neto, pensa ela. Mesmo assim — ela suspira —, será adorável ter o bebê só para ela enquanto Dinaz e Viraf estão trabalhando. Ela vai passar a desfrutar o neto como jamais conseguira desfrutar Dinaz. Afinal de contas, a filha nasceu numa casa que estava sempre escurecida pela sombra do comportamento irracional de Banu e pelos assustadores ataques de fúria de Feroz. Mesmo depois que eles se mudaram da casa de Banu, Sera nunca se sentira exatamente livre da presença da velha, mantendo-se refém de qualquer toque inesperado da campainha. E, contrário às suas esperanças, os punhos do marido não haviam parado de atingi-

la, mesmo depois de eles se mudarem. De certa maneira, ela lhe dera uma desculpa mais permanente para seus acessos: a separação forçada de sua mãe.

Mas tudo isso está acabado, Sera lembra agora a si mesma. O lar que você nunca teve com seu marido, você agora tem com sua filha e seu genro. Viraf e Dinaz têm lhe dado a vida de seus sonhos. Então, mulher tola, por que continuar vivendo no passado quando o presente é tão cheio de esperança?

Viraf enfia, de brincadeira, o cotovelo nas costelas de Sera.

— *Su che*, mamãe? — diz ele, dando um risinho. — Por que todos esses sorrisos secretos e sedutores? Pensando em um novo namorado? Qual é o nome dele, Pestonji Pipyadas? Seja cuidadosa, todos esses *bhaiyas* vão pensar que você está flertando com eles.

Sera cai na gargalhada.

— Bobão — repreende ela. — Eu devia contar pra sua mãe a quantidade de coisas ridículas que saem da sua boca.

— Minha mãe nem sabe o que significa flerte, tenho certeza — responde ele prontamente. Ele pisca para Dinaz e em seguida vira-se para Sera. — Afinal de contas, ela não é glamorosa como você. Vou dizer uma coisa pra você, Dinaz, se a sua mãe fosse vinte anos mais nova...

— Ignore-o, mamãe — diz Dinaz, pegando-lhe o braço. Ela vira-se para o marido com uma voz elevada. — Seu *saparchand*! Você vai dar comida pra sua pobre mulher grávida ou vai apenas alimentar a sua própria boca com essas palavras loucas? Vamos logo, estou morrendo de fome.

— Vamos ver se a barraquinha do Ramdas ainda está aqui — diz Sera. — Ele era o *bhaiya* favorito do seu pai em Chowpatty.

Eles procuram a barraquinha, mas as coisas mudaram.

— Esqueça — diz Sera. — Vamos comer em qualquer lugar e pronto.

Os três estão começando a comer o terceiro prato de *bhelpuri* quando Dinaz solta um grito de surpresa.

— Olha só quem está aqui! — diz ela com a boca cheia.

— Não estou entendendo o que você está dizendo — diz Viraf. — Primeiro engula e depois fale.

Dinaz engole. Seus olhos estão brilhando de entusiasmo.

— Olhe lá, é a Bhima com a Maya, na barraquinha ali. Meus Deus, faz séculos que não vejo aquela menininha. Bhima! — berra ela.

— Hum, acho melhor a gente não perturbar as duas — diz Viraf. — Afinal de contas, como a Maya perdeu o bebê, pode ser que ela...

Dinaz o ignora.

— Bhima. Maya. Aqui! — berra ela, acenando freneticamente.

Bhima gira o corpo. Seu rosto ilumina-se de genuíno prazer quando vê quem a chama. Dinaz está acenando para elas, e, mesmo com toda a distância, Bhima consegue ver o sorriso ansioso em seu rosto.

— É a bebê Dinaz — diz ela a Maya, puxando-a pelo pulso. — Venha, vamos cumprimentar a família.

— Vá você, *Ma-ma*! — protesta Maya. — Eu espero aqui.

— *Arre wah*. — Bhima parece estar chocada. — O quê? Você ficou tão arrogante a ponto de não poder andar essa distância curta pra cumprimentar aquelas pessoas que a ajudaram tanto? — Seu aperto em Maya se intensifica. — Vamos lá, sua preguiçosa.

— Oi, oi, oi — diz Dinaz quando elas se aproximam. — E aí, Maya, há quanto tempo! Como é que você está?

— Bem — murmura Maya, mirando a barriga inchada de Dinaz.

Dinaz capta o olhar e ri.

— É isso aí, provavelmente cresci como uma porca gorda desde que você me viu pela última vez — diz ela, dando um tapinha na barriga.

Um olhar de súbito despeito cruza o rosto de Maya.

— Eu também estava assim. Quer dizer, até a sua mãe me consertar — diz ela, e olha desafiadoramente para Serabai, cujo rosto ficou branco diante da inexplicável grosseria da menina.

Bhima fica mortificada. O que deu nessa menina?, imagina ela. Ela fita o chão, tentando pensar em alguma desculpa para o comportamento de Maya, quando Serabai a resgata.

— Isso foi há mais de um mês, Maya — diz ela em seu tom de voz habitual e equilibrado. — E o que aconteceu, aconteceu. Mas você precisa aparecer pra conversar comigo sobre o que vamos fazer em relação à sua faculdade.

Maya resmunga alguma coisa e desvia o olhar. Sob as luzes douradas das barraquinhas de comida, seus olhos parecem artificialmente brilhantes, e seu rosto está tão afogueado que Bhima imagina se Maya não está ficando doente. Isso explicaria seu estranho comportamento, pensa ela.

Ainda mirando a neta, Bhima capta um movimento com o canto do olho e o

segue até que seus olhos pousam sobre o rosto de Viraf. Assomando atrás de Sera e Dinaz, ele olha fixamente para Maya. A exemplo dela, sua expressão é nervosa, agitada e contrasta tanto com a autoconfiança de Viraf que Bhima olha para ele espantada. Viraf morde o lábio superior, e seus compridos e finos dedos mexem na barba por fazer em seu rosto. O rapaz parece estar doente... Não, assustado... Não, culpado, pensa Bhima, e repara que Viraf está na verdade tentando esconder-se atrás da esposa e da sogra. Sua mente dispara em direção a um incidente no *basti* alguns meses antes, quando uma das moradoras acusara o filho adolescente de um vizinho de ter roubado dinheiro de sua barraca. O menino balançara a cabeça negando veementemente a acusação, mas a expressão quente e culpada em seu rosto — a maneira como engolia em seco, como passava a língua sobre os lábios secos — contava uma história diferente. É assim que está a aparência de Viraf, pensa Bhima, abismada, como se ele fosse um ladrão, como se fosse culpado de alguma coisa. Mas do quê?

Dinaz também deve ter sentido alguma coisa, porque olha por sobre o ombro e segura a mão do marido.

— Ae, amorzinho — diz ela. — Você nem disse “oi” a Maya e a Bhima.

Viraf faz que sim com a cabeça.

— Oi — diz ele em voz baixa, deixando que seus olhos pousassem sobre a cabeça baixa de Maya antes de se virarem para Bhima. Viraf fica ligeiramente sobressaltado ao perceber o modo atento como ela olha para ele.

Dinaz ri alegremente.

— Está começando a ficar tarde pra esse aqui — diz ela, cutucando Viraf nas costelas. — Ele nem queria sair essa noite. Mas eu senti uma vontade louca de comer *bhelpuri*. Nós estamos indo.

— Vou na frente pra pegar o carro — diz Viraf imediatamente. — Vocês duas, fiquem esperando no sinal de trânsito.

Dinaz vira-se para Maya.

— Foi muito legal ver você, Maya — diz ela. — Sinto a sua falta na casa da mamãe Banu. — Ela se aproxima para dar um rápido abraço na menina. — Sei que você vai recomeçar a faculdade quando estiver pronta — sussurra ela. — E eu sinto muito pela sua perda.

À medida que as duas mulheres se afastavam, Bhima sentiu-se enraizada onde estava, como se fosse uma daquelas esculturas de areia em Chowpatty

representando deuses hindus para as quais os passantes jogam moedas. De fato, Bhima tem a sensação de que ela própria é feita de areia e que um balde de água a desmancharia. O mundo ao redor também parece construído de areia — trêmulo, ambíguo e impermanente. Um mundo no qual nenhuma das regras antigas, dos velhos tabus, se aplicava. Um mundo no qual uma menina favelada de família pobre pode seduzir um rapaz limpo e bonito de classe alta cuja mulher está prestes a lhe dar seu primeiro filho. Um mundo no qual Maya e Viraf...

Era estranho o modo como ela descobrira. Num momento ela não sabia; no momento seguinte ela sabia. Num momento sua mente estava vazia como o deserto; no momento seguinte a cobra da desconfiança deslizara sorrateiramente em direção a seus pensamentos e erguera sua cabeça venenosa. E agora ela precisava viver com a catastrófica ideia de que Viraf Davar era o pai da criança morta de Maya. Enquanto ela, Bhima, olhara com desconfiança para todo jovem e todo homem de meia-idade na favela, enquanto se humilhara diante daqueles rapazes debochados na faculdade de Maya, enquanto imaginara tolamente a neta numa cozinha com panelas e frigideiras brilhantes, em momento algum lhe ocorrera procurar a cobra debaixo de seu próprio nariz.

Quem sabe eu esteja errada, pensa ela. Quem sabe suas próprias desconfianças sejam feitas de areia e uma boa onda as desmanchará. Se assim for, ela anseia que as águas do oblívio venham levar de volta ao mar os receios que estão despedaçando seu coração. Mas, mesmo enquanto reza por isso, a certeza endurece como cimento.

Ao seu lado, Maya fica agitada.

— Vamos embora, *Ma-ma* — diz ela — Quero voltar pra casa.

— Não há casa no nosso futuro — diz Bhima enigmaticamente. — Não há lugar de descanso pros pecadores malignos deste mundo. Pelos seus pecados, eu darei voltas eternas neste mundo miserável. Portanto, é melhor que eu comece já a praticar. Não, venha, estou precisando andar um pouco mais.

O rosto de Maya fica enrubescido, e seus olhos arregalam-se quando ela fita o rosto ossudo da avó. Ela abre a boca como que para protestar, mas Bhima já começara a caminhar na direção da orla, e, depois de um segundo, a menina a segue.

Elas caminham em total silêncio. Mas esse silêncio é gritante, é berrante, repleto de sons — as batidas do coração de Bhima; o medo aterrador, devastador,

que sufoca a garganta de Maya; o som que os pés de Bhima fazem ao enterrarem-se raivosamente na areia. No interior desse silêncio as duas mulheres caminham, temerosas de tocar suas bordas, porque quebrar o silêncio da represa significaria permitir que as águas da raiva, do ódio, da fúria entrassem correndo, permitiria que as ondas do passado recente — o passado que elas ignoraram, abortaram, mataram — chegassem bramindo para destruir o frágil presente das duas.

No entanto a quietude, a exemplo do amor, não dura para sempre.

Portanto, Bhima fala. Se é que aquele som engasgado, animalesco que ela emite pode ser chamado de fala.

— Por quê? — grunhe ela. — Por que ele?

Maya olha para a avó sem ter certeza de como reagir, como se não soubesse ao certo se sua avó se dirigia a ela ou a alguma deidade invisível que flutua acima das águas do mar da Arábia, rindo delas. Ela mira o vasto, interminável mar.

A falta de resposta da neta enfurece Bhima. A mulher lhe dá um forte tapa nas costas, de modo que Maya inclina-se para a frente momentaneamente.

— Eu lhe fiz uma pergunta, sua sem-vergonha! — clama ela, mas mesmo assim Maya não diz nada. — Ashok Malhotra, hein? — escarnece Bhima. — Primeiro, você seduziu um homem casado, depois mentiu pra mim, pra que eu não sentisse o cheiro da sua vergonha. Cuspindo no prato em que come. Traindo a confiança que a família Dubash inteira tinha em você. A mulher daquele rapaz, a Dinaz, é como se fosse uma filha pra mim. Como é que vou poder olhar pra cara deles novamente? *Namak-haram*, cada letra que você sabe ler, cada ponto de roupa que você veste, cada grão de sal que você põe na boca, tudo isso vem da generosidade de Serabai.

O rosto de Maya é um campo de batalha no qual emoções conflitantes digladiam-se furiosamente. Bhima prepara-se para ouvir a menina negar a identidade do pai do bebê morto, fingir que não sabe do que a avó está falando. Mas o tempo do fingimento está encerrado, e a exausta resignação no rosto de Maya é a confirmação final de que Bhima necessita.

Antes que Bhima possa falar, porém, Maya o faz:

— Não é isso, não, *Ma-ma*! — grita ela. — Eu estava aprendendo a ler e escrever antes de vir pra Bombaim. Meus pais tinham me colocado na escola em

Délhi. Serabai só queria acreditar que eu era uma idiotazinha que ela podia salvar. E as minhas roupas e a minha comida, isso devo agradecer a você, não a ela. São o seu suor e o seu trabalho duro que produzem isso, não a generosidade de Serabai. Se você parar de trabalhar por um mês, vamos ver se ela vai mandar pra você o seu salário pelo correio.

Bhima olha boquiaberta para a neta.

— Olhe só pra ela — diz suavemente, como se estivesse falando consigo mesma. — Escute só as palavras pecaminosas que saem da boca dessa desgraçada ingrata — acrescenta. — Mijando na cabeça da mulher que construiu uma vida pra ela. E tudo isso porque foi lá fazer as safadezas dela com o genro da Serabai e agora precisa cobrir a mancha da própria culpa. A minha Pooja, que Deus a abençoe, deve estar vertendo lágrimas amargas de vergonha dessa monstruosidade que ela pariu.

Elas pararam de andar e estão a centímetros de distância uma da outra, ignorando as águas cálidas batendo em seus pés, indiferentes aos olhares explicitamente curiosos dos inquisitivos passantes.

— Por que você me culpa com tanta rapidez pelo que aconteceu, *Ma-ma*? — pergunta Maya, o peito inflando de emoção. — Por que essa pressa toda em transformar a sua neta na única pecadora nesse caso? E o que ele fez? Ou será que todo membro da família dele precisa permanecer um santo aos seus olhos? É só a sua família que você tem de culpar por cada ato maligno e vergonhoso?

Agora Bhima ouve o ódio na voz de Maya e se recorda de como a menina havia ficado tensa quando elas ouviram a bebê Dinaz chamando-as. Naquele momento, ela imaginara que o motivo pelo qual a neta ficara rígida e se recusara a cumprimentar Dinaz era vergonha. Afinal de contas, Maya agira de maneira estranha na companhia de Serabai mesmo no dia do aborto e se recusara a visitar a residência dos Dubash desde então.

— Ele... *Baba* Viraf machucou você? — Ela reprime a raiva assassina que acompanha o pensamento.

Maya sacode a cabeça com impaciência, como se a pergunta de Bhima fosse uma mosca voando ao redor de seus ouvidos.

— Você acabou de afirmar que eu fui a única pessoa que fez a coisa errada. Por quê, *Ma-ma*? Por que você ama aquela família mais do que a sua própria?

Bhima engole a culpa que queima como lava derretida à medida que desce

por sua garganta.

— Nunca diga uma coisa dessas — sussurra ela. — Como é que você pode dizer isso, quando todo o meu mundo é você? Olhe, por você eu... — Ela está trêmula de emoção, incapaz de completar seu pensamento. Volta ao local onde a areia é seca e procura um ponto distante das outras pessoas que estão sentadas na praia. Bhima senta-se na areia, puxando Maya para baixo com ela.

Por alguns minutos elas ouvem as ondas batendo em silêncio. Em seguida, Bhima vira-se para Maya, e seu rosto está delicado e sem mais nenhum traço de julgamento e de raiva.

— Conte pra mim o que aconteceu, *beti* — diz ela com delicadeza. — Conte pra mim toda a história.

E Maya conta.

Maya estava na cozinha de Banubai, fazendo chá para a idosa quando a campainha soou. Levantou os olhos, sobressaltada. Eram quatro e meia da tarde, e ela não estava esperando ninguém. A enfermeira da noite, Gera, só chegaria às oito.

Ela abriu a porta para Viraf.

— Ah, *baba* Viraf! — exclamou ela. — Aqui, tão cedo!

Viraf, ela sabia, normalmente dava uma passada por lá quando voltava do trabalho a caminho de casa para verificar com estava a velha. Então, observando o olhar no rosto dele, ela sentiu um aperto no estômago.

— Tudo bem em casa? A bebê Dinaz não está doente ou qualquer coisa assim?

— Tudo bem, tudo bem, está tudo bem — disse ele, como quem dispensa o comentário, enquanto roçava o corpo nela ao passar para a sala de jantar. Então, vendo o olhar apreensivo ainda visível no rosto de Maya, ele disse: — Não, não precisa se preocupar. Dinaz está bem. A única coisa errada com ela é esse maldito temperamento que ela tem. Criança mimada. Olhando pra Dinaz, você é capaz de pensar que ela é a primeira pessoa no mundo a dar à luz um bebê.

Maya empalideceu. Ela não podia suportar que alguém, nem mesmo Viraf, falasse de Dinaz daquela maneira. Vendo o olhar aturdido no rosto dela, ele deu um risinho malicioso.

— Ah, me desculpe por criticar a sua preciosa bebê Dinaz — disse ele. — Eu me esqueci quanto vocês duas são dedicadas uma à outra. Você sabe, eu devia ter solicitado a sua ajuda pra tentar levá-la ao cinema esta noite. Tirei metade do dia de folga e voltei cedo pra casa por esse motivo. Mas, é claro, Dinaz está num daqueles estados de espírito de Durga que ela tem às vezes. Fica me dando lição de moral sobre como ela ficou em casa o dia inteiro fazendo serviços domésticos e quanto sou irresponsável pelo simples fato de vir pra casa e esperar que a minha mulher passe algumas horas comigo. Aí, é claro, eu sou o *chootia* da história.

Maya estremeceu diante da gíria grosseira. Ela jamais ouvira Viraf falar palavrão daquele jeito, como se fosse um daqueles palermas que zanzavam pela

favela em que ela morava. Um pouco da decepção e do choque que Maya estava sentindo deve ter ficado evidente em seu rosto, porque o comportamento de Viraf ficou mais suave e ele pareceu ter adquirido um semblante de quem está sendo castigado.

— Desculpe — sussurrou ele. — Acho que estou ficando entusiasmado demais. — Ele puxou Maya despreocupadamente na sua direção e lhe deu um tapinha de leve nas costas. — Minha querida Maya — murmurou ele. — Me esqueci quanto você é leal, do mesmo jeito que um filhotinho de cachorro.

Maya estava impressionada, lisonjeada, confusa. Depois da bebê Dinaz, *baba* Viraf sempre lhe fora o membro favorito da família de Serabai. *Seth* Feroz a deixava aterrorizada, e, apesar de Serabai ser infalivelmente gentil com ela, alguma coisa naquela mulher alta e digna a intimidava. Desde que conhecera Viraf, ele a tratava de maneira brincalhona e provocante, sem a distância que Serabai sempre cultivava. E ele também era capaz de rompantes de generosidade para com Maya e a avó. Semana passada mesmo *Ma-ma* chegara em casa com uma caixa de doces tão grande que elas tiveram de distribuir um pouco para os outros moradores da favela.

— *Baba* Viraf deu isso aqui pra gente — dissera uma radiante Bhima. — Um cliente lhe deu três caixas como essa de *mithai*. Uma delas, ele deu pra gente.

Mesmo assim, Viraf jamais a tocara ou lhe falara tão informalmente e com tamanha afeição. Na realidade, ela jamais o vira daquele jeito, tão errático, tão agitado. Tão exposto e tão obviamente necessitado de conforto. Alguma coisa amoleceu e se agitou dentro dela, uma sensação úmida, tenra, em seu peito. Ela ficou tímida e sentiu a língua presa enquanto lutava contra a vontade de encarar seus pés descalços. Em vez disso, forçou-se a olhar para o rosto afogueado de Viraf, tentando imaginar um modo de acalmá-lo, de trazê-lo de volta a seu costumeiro bom humor.

— *Chai* — disse ela. — Estou fazendo um chá muito gostoso pra Banubai. Vou fazer um pra você também, *baba* Viraf.

Ele sorriu, de modo que voltou a ser novamente o velho Viraf.

— Tudo bem. Vou dar os meus *salaams* pra velha e depois ficarei lá no outro quarto trabalhando na contabilidade dela. Foi isso que vim fazer aqui, afinal. — Seu rosto adquiriu de novo um tom sombrio. — Por mais deprimente

que esta casa seja, pelo menos existe alguma paz e tranquilidade pra um homem fazer seu trabalho. Nada de mulher chata com hormônios enraivecidos dando ordens em nós, pobres homens. — Ele olhou subitamente para Maya, com um risinho sarcástico estampado no rosto. — Nada de mulher chata. Em vez disso, apenas uma velha má presa a uma cama que dá ordens a você.

Ela jamais o vira daquele jeito, tão temperamental. O antigo Viraf, o Viraf ao qual ela estava acostumada, surgia de vez em quando, como o sol por trás das nuvens. Ela mirou-o boquiaberta, sem conhecê-lo bem o bastante para saber se ele estava brincando ou falando sério, ou como reagir às blasfêmias que ele proferia sobre sua família. Maya sentiu-se jovem e pequena e excruciantemente ciente de sua estranha condição no seio daquela família: como ela estava condenada a escutar, mas não falar; como não podia fisgar a isca dele e dizer o que realmente pensava sobre Banubai — que ela concordava com a descrição que ele acabara de fazer de Banu, que era uma velha má que tornava a vida de todos um inferno.

Como que aproveitando a deixa, os sons gorgolejantes de Banu os alcançaram.

— Urghhhh, urghhhh, urghhhh — engrolava ela.

Viraf afastou-se de Maya com uma piscadela.

— Não perde uma aquela ali, hein? — disse ele. — Bom, já está na hora de pagar meu *darshaan* a *devi* Kali.

Dessa vez, Maya não conseguiu resistir e emitiu um escandaloso arquejo diante da flagrante blasfêmia que ouvira da boca dele.

— *Baba* Viraf! — protestou ela, mas ele já havia ido.

— *Kem*, Banubai? — Ela o ouviu dizer. — Como está se sentindo hoje? Você está com uma aparência ótima, suas bochechas estão tão vermelhas quanto as maçãs da Caxemira. Continua mantendo todas as serviçais de joelhos, eu espero.

Na cozinha, Maya ouviu Banu emitir um som engasgado, que ela reconheceu como um riso. Aquele *baba* Viraf era o máximo. Maya sorriu para si. Quando ele exibia seus charmes, conseguia fazer até os mortos rirem.

Quando ela levou a xícara de chá para ele, Viraf estava debruçado sobre uma pilha de contas e talões de cheques. Ele tirara a gravata, ajeitando-a com esmero em cima da cama. As mangas de sua camisa estavam arregaçadas.

— Obrigado — disse ele com um sorriso, e então voltou ao trabalho. — Uma boa xícara de chá é exatamente o que eu preciso.

A lembrança do sorriso dele aqueceu-a enquanto ela servia o chá a Banubai, segurando um pedaço de pano sob o queixo da mulher para apanhar a trilha de líquido que escorria de sua boca flácida e desamparada. Como de costume, ela também mergulhou dois biscoitos de glicose no chá leitoso e, em seguida, colocou esses fantasmas encharcados na boca da velha. Às vezes, quando estava zangada com Maya, Banu cuspi o chá e os pedacinhos moles do biscoito, de modo que a menina tinha de usar o guardanapo para limpar seu rosto e suas roupas. Mas Banu estava de bom humor naquele dia, entusiasmada com a atenção e as palavras galantes de Viraf.

— Tudo bem, mamãe — disse Maya animadamente depois que Banu terminara o chá. — Agora vá dormir um pouco, como uma boa menina. O jantar será servido daqui a algumas horas. Dá pra tirar uma bela soneca.

Enquanto Maya ocupava-se arrumando o quarto, os olhos cinzentos e leitosos de Banu a seguiam. Quando a menina olhou de relance para ela, a velha estava adormecida, com a boca aberta.

Quando entrou no quarto onde Viraf estava trabalhando, Maya o encontrou esparramado na cama. Ele espreguiçou-se quando a viu.

— Aquele chá estava tão bom que me deixou sonolento — disse ele preguiçosamente. — Pensei em tirar uma sonequinha. Dinaz anda tão inquieta à noite por causa da gravidez que mal consigo ter uma noite decente de sono.

Estava prestes a sair do quarto com a xícara vazia quando ele falou:

— Ei, Maya. Olhe no armário de remédios e veja se encontra um frasco de Iodex, por favor? Estou com um torcicolo daqueles. Muito tempo na escrivaninha.

Ela retornou com o frasquinho escuro e o estendeu a ele, mas Viraf sorriu para ela com ares de súplica.

— É difícil pra mim alcançar o ponto — disse ele. — Dá pra você aplicar?

Ela hesitou por um segundo e então mergulhou dois dedos na pomada preta. Viraf afrouxou os dois primeiros botões da camisa e pôs-se de bruços. Quando os dedos dela tocaram sua pele, ele deixou escapar um pequeno grito.

— As suas mãos estão frias! — repreendeu ele, mas ela pôde ouvir o sorriso em sua voz.

Os dedos dela encontraram os nós do músculo e trabalharam habilidosamente para desfazê-los.

— Vá mais fundo! — grunhiu Viraf. Ele virou-se ligeiramente de lado e abriu mais alguns botões, a fim de lhe dar mais espaço para trabalhar. — Oh, Deus a abençoe. — Ele suspirou enquanto o músculo se soltava sob a pressão da mão dela. — Eu mal conseguia mexer o pescoço hoje cedo. Provavelmente outro motivo pelo qual estava tão mal-humorado.

Alguma coisa agitou-se nela.

— A minha *Ma-ma* também fica com o pescoço duro às vezes. Mas eu sempre consigo dar um jeito — disse ela, orgulhosa. — *Ma-ma* diz que faço a melhor *champi-malish*.

Ela pôde ouvir o risinho de Viraf.

— Aposto que você nem chega aos pés daquelas *wallas* massagistas da praia de Chowpatty — provocou ele.

— Isso não é justo. — Ela riu. — Aquelas *bhaiyas* usam óleo de amêndoas com *masalas*, e sei lá mais o que misturado.

— Então vá pegar um pouco de óleo Johnson — respondeu ele, o sorriso ainda em sua voz. — Aí a gente vai ver se você é boa mesmo nisso. — Maya fez uma pausa, sem saber ao certo se ele estava brincando ou não. Sentindo a hesitação dela, Viraf ergueu-se sobre um braço e deu-lhe um empurrãozinho com o outro. — Vamos lá! — instigou ele. — Uma massagenzinha nas costas até que cairia muito bem.

Quando voltou, ele já estava sem camisa. Ela ficou muito impressionada ao ver como as costas dele eram lisas e desprovidas de pelos. E brancas. Muito brancas. A cor e a textura do *atta* de trigo que *Ma-ma* amassava para preparar *chappatis*. Em comparação às dos palermas que zanzavam pela favela em seus *lungis* bordados, com as costas que pareciam peludas como as dos ursos dos circos, as de Viraf pareciam tão pouco ameaçadoras quanto um pedaço de pão.

Ela despejou o óleo, tentando focar um ponto na parede em vez de mirar as costas lisas de Viraf. Maya jamais tocara as costas de um homem e sentia-se tímida e sem fala. Mas seus olhos continuavam vagando para as impressões deixadas por suas mãos escuras na pele amanteigada dele.

— Hum, hum, hum — gemia Viraf. — Nossa, você não estava brincando. Se aquelas *wallas* massagistas em Chowpatty vissem como você faz uma

massagem, elas seriam obrigadas a entrar pro comércio de *narial pani*.

Era boa, a sensação de lhe dar tanto prazer. À medida que suas mãos amassavam e acariciavam as costas de Viraf, à medida que esfregava a pele dele para retirar a tensão de seus músculos fibrosos, Maya sentia-se importante e forte — e poderosa. O Viraf anterior, o mal-humorado, cheio de provocações, o Viraf blasfemador não estava mais lá. Fora vencido por suas mãos velozes, capazes e peritas. Ela podia movê-lo, moldá-lo e renová-lo com as suas mãos. Talvez ficar tão relaxado assim lhe permitisse ser mais simpático com a bebê Dinaz quando voltasse para casa. Maya suspeitara que as coisas não andavam tão pacíficas entre os dois; entreouvira vez ou outra os enfurecidos murmúrios que fluíam do quarto deles quando passava por lá para pegar a avó, mas até aquele minuto ela não sabia que houvesse algo que pudesse fazer a respeito. Agora, observando os gratos músculos de Viraf se desenroscar como cobras na cesta do encantador, sabia que podia fazer muito. Maya sentiu algo semelhante a admiração quando olhou para suas mãos escuras movendo-se como sombras pelas águas plácidas das costas dele.

— Mais pra baixo — sussurrou ele. — A minha lombar está doendo pra caramba.

Ela trabalhou na lombar de Viraf, certificando-se de que mantinha as mãos acima da comissura de suas nádegas, mas permitindo que seus olhos vagassem por ali. Maya sentia-se hipnotizada pelos movimentos ritmados e circulares de suas próprias mãos, e Viraf ficou tão quieto por alguns minutos que ela se perguntou se não caíra no sono.

Então ele girou o corpo de tal modo que, por um confuso momento, as mãos dela dedilharam o ar, e em seguida elas estavam massageando os cachinhos escuros em seu peito, sentindo a pungente delicadeza de sua clavícula, o triste vazio de suas costelas, a tensão nos músculos de seu peito e, de algum modo, reconhecendo, com uma sabedoria primeva, ancestral, que ela era a causa daquela tensão, que era a razão pela qual a respiração dele estava tão irregular. E a sua admiração transformou-se em orgulho, e o orgulho transformou-se em pânico quando Viraf levantou-se parcialmente da cama e delicadamente, porém com firmeza, empurrou-a para trás, prendendo seus ombros de modo que, por um absurdo momento, a parte superior de seu corpo estava no firme colchão enquanto suas pernas ainda estavam penduradas acima do chão. Ela sentiu um

nó no estômago, e então, quando Viraf baixou os lábios na direção do seu seio, veio-lhe uma torrente de outras sensações, uma torrente que correu para o meio de suas coxas, rompendo a barragem da resistência, fazendo com que suas pernas ficassem pesadas e fracas ao mesmo tempo.

Ela protestou; ela não protestou. Pouco importava, porque era inevitável o que estava prestes a acontecer, o que estava acontecendo, e os dois sabiam disso; eles eram como nadadores presos na mesma correnteza; olhavam-se, sérios, mudos. O quarto, o mundo, ficaram em silêncio ao seu redor; eles eram as únicas duas pessoas nele, as últimas duas pessoas mantidas de pé, e não havia mais ninguém, nenhum pensamento em mais ninguém, não havia nenhuma mulher presa à cama no quarto ao lado; não havia nenhuma enfermeira que logo estaria chegando para render Maya; não havia nenhuma Bhima para desaprovar o que estava acontecendo naquele quarto; acima de tudo, não havia nenhuma Dinaz com um bebê crescendo em seu ventre.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus! — dizia Viraf enquanto se movia sobre ela.

Ela mordida o lábio inferior para não ceder à dor aguda que transpassava seu corpo quando ele a penetrava; ela tentava agarrar-lhe as costas enquanto arqueava o corpo em sua direção, mas suas mãos escorregavam por causa do óleo. E então era tudo fricção e movimento, era tudo pegajoso e úmido — o óleo das costas de Viraf, o sangue de seus lábios mordidos, e um sangue diferente, mais cerimonial, escorrendo em outra parte, as lágrimas inundando seus olhos bem fechados pelo prazer e pela dor, o suor fundindo seus corpos como se fosse cola e, finalmente, a explosão do membro intumescido e quente de Viraf dentro do corpo dela.

Ela recobrou os sentidos antes dele. Enquanto se mantinha deitada, congelada, rígida de terror e vergonha, ele ainda estava cintilando, ainda mole com a calidez e o gozo.

— Fazia tanto tempo... — ela mais ou menos o ouviu dizer. — A gravidez da Dinaz... Aquela frigidez toda... Nunca me deixa chegar perto dela...

Mas ela mal conseguia ouvir o que ele dizia, devido ao badalar dos sinos de seu próprio medo.

O telefone tocou. Por um segundo eles se olharam, olhos arregalados de incerteza. Então ele disse:

— Vá lá atender esse telefone! — num tom de ordem.

Ela deu um salto para sair da cama e entrar em seu *salwar kameez*, mortificada pelo fato de que ele estava olhando para seu corpo nu. Mas não havia lascívia em seus olhos, somente uma expressão vazia que ela não conseguia decifrar. O som do telefone pusera um fim àquele desvario, trouxera-o de volta à realidade.

Era Dinaz, perguntando por ele.

— Oi, minha Maya — disse Dinaz. — Por que você demorou tanto a atender? — Maya poderia ter chorado naquele instante, pelo afeto e pela inocência contidos na voz de Dinaz. — O Viraf está aí?

Ele estava parado atrás dela, pronto para pegar o telefone.

— Caí no sono durante alguns minutos, minha querida, só isso — ela o ouviu dizer a Dinaz. — Você sabe o tédio que é fazer a contabilidade da sua avó. Não, eu estou bem. Não precisa se desculpar. É sério, não fiquei chateado. A gente pode ver esse filminho idiota qualquer hora dessas. Assim que eu terminar essa contabilidade, chego em casa. Tchau, querida.

Maya estava na cozinha quando ele colocou o telefone no gancho, e ela teve de se forçar a olhar para ele. Estava sem palavras, aturdida, mortificada. Queria dizer alguma coisa, explicar que não era uma menina má, que não fazia as coisas que acabara de fazer com ele com nenhum homem. Na realidade, ela jamais fizera essas coisas antes. Mas o Viraf que assomou sobre ela parecia tão remoto quanto uma montanha.

— Tem uma toalha limpa? — perguntou ele. — Gostaria de tomar um banho antes de ir embora. — Se ele reparou no olhar magoado, envergonhado, no rosto de Maya, não demonstrou. — E também seria melhor lavar os lençóis antes que a enfermeira da noite chegue — continuou ele. — Tem... Sangue nos lençóis. Alguém pode desconfiar.

Maya ficou de cócoras num canto, chorando baixinho enquanto ele tomava banho. Ela se sentia suja, seu corpo carregando um aroma que não reconhecia. Rezou para que ele ficasse no chuveiro para sempre, que ela jamais tivesse de encará-lo novamente. Mas, depois de certo tempo, ela ouviu a água parando de cair e então lá estava ele diante dela, cheirando ligeiramente a sabonete Yardley de lavanda.

— Escute, Maya — disse ele suavemente. — Eu estava pensando agora no

chuveiro. Pensando no que... Acabou de acontecer, no que você fez. Sim, o que você fez não foi uma coisa boa, me seduzindo daquele jeito, se aproveitando de mim quando eu estava meio desanimado.

Ela começou a protestar, mas ele a silenciou.

— Shhh. Deixe-me terminar. O que quero dizer é o seguinte: vou perdoá-la pelo que aconteceu. Contanto que isso nunca mais volte a acontecer. E contanto que você nunca diga a ninguém o que fez. Porque veja bem, coitada da Dinaz se ela vier a descobrir uma coisa dessas. Meu Deus, isso a mataria. Ela jamais a perdoaria. Está entendendo? Ela veria a coisa como a maior traição que você poderia fazer à confiança dela. E ainda com a gravidez e tudo o mais, não posso correr o risco de que alguma coisa aconteça com ela. Lembre-se, a família Dubash sempre foi muito boa com você e com a sua avó. Eles sempre as trataram como se fossem da família, mandaram você pra uma boa faculdade. Você tem um futuro brilhante pela frente. Agora, não deixe esse incidente estragar a sua vida. Você entende o que estou dizendo?

A raiva conferiu uma dureza em sua voz.

— Mas eu não fiz nada! — disse ela em voz alta. — Quer dizer... Foi você que pulou em cima de mim como se fosse um cão raivoso.

Ela esperou que ele fosse lhe dar uma bronca, mas Viraf apenas estudou-a com tristeza, balançando a cabeça ligeiramente.

— Maya, Maya. — Ele suspirou. — Não se comporte assim, Maya. Se você contar pra alguém o que aconteceu, em quem você pensa que eles vão acreditar? Em você ou em mim? Em primeiro lugar, vou negar tudo. Seja sensata e não faça nada que possa pôr em xeque os seus estudos ou o emprego de Bhima. Por favor, me prometa que vai esquecer tudo isso que aconteceu aqui hoje.

Maya assentiu com a cabeça. Seu corpo doía, e tudo o que ela queria era que ele fosse embora. Antes ela sentira remorso, sentira que havia agido de modo devasso, mas sentira-se como ela própria, Maya. Mas agora as palavras dele faziam com que se sentisse uma prostituta. Ela esperou em silêncio, como um animal acuado, enquanto ele recolhia os papéis e os trancava no aparador Godrej no quarto de Banu. Ele postou-se ao lado da cama de Banu por um momento, como se estivesse em dúvida se a acordava para se despedir, mas nesse exato instante a velha deixou escapar um ronco particularmente gutural, e

ele recuou e saiu do quarto na pontinha dos pés.

Na porta da frente, ele parou para olhar para Maya, e ela notou que os seus olhos estavam úmidos e pesados de emoção. Contra a sua própria vontade, o coração dela deu saltos de esperança, na expectativa de uma palavra delicada, de um pequeno gesto da parte dele que retirasse aquela sensação suja que lhe percorria os membros. Viraf parou diante dela, mordendo o lábio inferior, os olhos examinando o seu rosto.

— Está tudo bem com você? — perguntou ele, e, como ela não respondeu, um olhar de irritação atravessou-lhe o rosto. — Vamos lá, Maya, controle-se — disse ele. — O que aconteceu foi que... Bom, o que aconteceu, aconteceu e pronto. Não foi culpa de ninguém, certo? Certo. De qualquer maneira, a enfermeira da noite vai estar logo, logo aqui. Então se você precisa, você sabe, se você precisa se limpar ou qualquer coisa assim, é melhor fazer isso antes que Banu acorde. E lembre-se: nem uma palavra com ninguém. É melhor que você tire tudo isso da sua cabeça.

Ele já havia passado pela porta quando se virou.

— Ah, mais uma coisinha — disse Viraf. — Não se esqueça de lavar os lençóis, certo?

Bhima jamais soubera que o ódio podia ter uma extremidade tão pontiaguda. Que podia ser uma coisa tão desconfortável, tão constante e tão premente, semelhante a uma pedrinha num sapato ou uma roupa dois números menor. Tampouco sabia ela acerca do poder redutivo do ódio — como ele reunia todo insulto antigo, toda traição antiga e instalava tudo no estômago de uma pessoa num único ponto incandescente. Como ele azedava tudo, como se fosse uma lima espremida sobre o mundo inteiro.

O jovem médico no hospital para tratamento da aids que murmurara um desdenhoso “gente como você”. O contador que praticamente se congratulou por tirar vantagem de uma mulher analfabeta. O velho médico que ignorara o enfermo Gopal no hospital até sentir a baforada de dinheiro e o poder em seu rosto. Gopal, que a abandonara e levava consigo Amit, como se o menino fosse uma trouxa de roupas velhas que pudesse ser movida de um lugar para o outro. Gopal, que lhe escrevera uma carta que era um beijo e um assassinato ao mesmo tempo.

E então havia Viraf. Mas aqui o rugido nos ouvidos de Bhima torna-se ensurdecedor, como o barulho daqueles aviões que ela uma vez ouviu no aeroporto Sahara quando acompanhava Serabai. Há um sabor amargo em sua boca que nem mesmo o fumo que ela masca consegue anular. O ódio lhe dá uma sensação de alfinetadas, como se diminutas agulhas estivessem sendo enfiadas em várias partes de seu corpo. Seu ódio por Viraf é novo em folha, e tão agudo e afiado que suas pontas mantiveram Bhima desperta a noite inteira, deixaram-na se sentindo em carne viva, ensanguentada e contundida naquela manhã. As coisas que antes adorava em Viraf — sua beleza, seu rosto bem talhado e bonito —, ela agora despreza porque as vê como uma máscara que esconde sua natureza cínica e corrupta.

Como ele se sente, ela se pergunta ao se levantar do colchão, sabendo que um filho seu foi destruído, enquanto sua mulher está pronta a dar à luz outra criança? Será que considera isso um sinal de má sorte, a sombra de seu filho morto caindo sobre a barriga e a felicidade de sua mulher? Ou será que ele se importa tão pouco com seu filho bastardo que dorme à noite sem se perturbar,

vendo em seus sonhos apenas a criança, o filho que herdará a aparência do pai, seu charme, sua riqueza, seu poder? Ao lhe ocorrer esse último pensamento, o rosto de Bhima escurece de fúria. E então, das cinzas desse pensamento, ergue-se uma lembrança: uma viagem de carro ao mercado, quando Viraf lhe dizia calmamente quanto era importante não desperdiçar mais tempo, que Maya deveria fazer um aborto quanto antes. Infanticida, reconhece agora Bhima, furiosa. Que espécie de pai planeja a morte do próprio filho?

Certamente é esse o motivo pelo qual Maya insistira para que Sera a acompanhasse ao aborteiro. Serabai, sem saber, supervisionara o assassinato da criança que era a sombra escura, o rebento que poderia algum dia desafiar a felicidade da família Dubash, sua posição na sociedade, suas reivindicações de respeitabilidade. E Maya cuidara de tudo de tal forma que Sera estava lá naquele momento de destruição, quando o desafiante foi silenciado para sempre. Bhima olha para o local onde Maya está dormindo e, apesar da náusea, sente uma momentânea admiração pela menina. Maya fizera com que a família Dubash fosse implicada na morte da criança, que um pouco daquele sangue escuro manchasse suas mãos para sempre. Certamente Serabai voltara para casa naquele dia e descrevera os horrores da clínica; com certeza, Viraf escutara com fria fascinação a história da morte de seu filho. Talvez ele tenha acordado no meio da noite com a culpa cobrindo-o como uma mortalha; talvez, na calada da noite, ele tenha reconhecido o execrável negrume do seu próprio coração.

Mas talvez não. Subitamente, Bhima sente-se velha e cansada. Aquela familiar lentidão cai sobre ela. Há tantas coisas que ela não sabe e não entende. *Baba* Viraf é um homem bem-apessoado, instruído, rico e bem viajado. Ele é tudo o que ela, Bhima, não é. Como ela poderia saber o que ele pensa? Será que não reparou que, quando se dirige a ela, Viraf fala devagar, como se esperasse que ela não entendesse as coisas que diz? E se ela não pudera decifrar seu próprio marido, se não pudera adivinhar a traição no seu coração, como poderia saber que ervas daninhas cresciam no fundo do coração negro de Viraf?

Ela vai lhe contar que sabe. O pensamento lhe vem tão límpida e abruptamente quanto um fósforo aceso no escuro. Ela vai lhe contar que, apesar de ser pobre, apesar de ser mulher, não é uma pessoa a quem se deva falar lentamente; que não é mais uma pessoa que possa ser enganada por contadores e maridos e protegida por médicos e homens que estupram sua neta. Em vez disso,

ela é uma pessoa que o conhece melhor do que a sua própria mãe porque, por mais que seja analfabeta, por acaso ela não consegue ler a corrupção do seu coração? Ela vai lhe contar que sabe e que agora ele precisa ter medo dela, pois ela tem o poder para destruir sua atual felicidade com a mesma rapidez com que o vento pode derrubar uma casa. Vai lhe contar que sabe e que agora ele precisa ficar com as mãos atadas, que ela não vai permitir que suas mãos sujas e obscenas poluam a vida de nenhuma outra menina. Vai lembrar a ele que aquele impensado prazer descarrilou a vida de Maya, obstaculizou a trilha que teria tirado a menina da favela. O que ela e Serabai haviam construído juntas, Viraf destruíra. Mulheres criam, homens destroem. Assim é o mundo.

Hoje é sábado, seu dia de ir ao mercado com Viraf. No carro, ela vai lhe contar que sabe. Que Maya não carrega mais consigo esse segredo, da mesma maneira que não carrega mais consigo o símbolo da vergonha dele. Ele vai ficar trêmulo e implorar pelo seu perdão, mas ela não vai ceder. Alguns pecados são sombrios demais para merecer perdão. Até ela sabe disso.

A nova resolução de Bhima lhe dá energia. Ela levanta-se do colchão, ouvindo o familiar estalar de seu quadril, mas hoje ela não espera para ver se a onda de dor virá depois do estalo. Ela não tem tempo de prestar atenção nos rangidos e grunhidos de seu próprio corpo; está pronta para infligir dor a Viraf.

— Vamos lá, *beti*, acorde — diz ela a Maya, cutucando a menina adormecida com os dedos do pé. — Vai encher as panelas de água enquanto eu preparo o chá. Vai, tenho de estar no trabalho cedo hoje.

Será sua imaginação, ou Viraf lhe lançou um olhar tenteador quando ela entrou na casa? Ela não tem tempo para pensar, porque Sera está lhe estendendo a mão.

— Ah, graças a Deus você chegou, Bhima — diz ela. — Você se esqueceu do jantar de hoje à noite? Vamos lá, tenho de repassar a lista de coisas que eu preciso do mercado.

— Hum, pra ser sincero, vou precisar ir pro *maidan* um pouquinho mais cedo hoje — diz Viraf, parado no batente da porta da cozinha. — Então talvez seja melhor a Bhima pegar um táxi até o mercado quando estiver pronta.

Antes que Sera pudesse responder, Bhima fala:

— É difícil achar táxi sábado de manhã. Posso sair agora, se você quiser.

— Isso! Afinal de contas, vocês dois estão indo na mesma direção — diz

Sera. — Não há por que gastar dinheiro com táxi desnecessariamente, certo? — Ela sorri. — Estou sempre dizendo a vocês, crianças: dinheiro não cresce em árvore.

O rosto de Viraf não demonstra nenhuma emoção.

— Tudo bem. Que assim seja. — Ele se dirige a Sera, embora Bhima esteja parada bem ali. — Mas veja se ela fica pronta daqui a alguns minutos.

Sera vira-se para Bhima, que está juntando as sacolas de pano que leva para o mercado.

— Ae, Bhima, Maya está se sentindo bem? Ela não estava com uma cara muito boa ontem. A comida em Chowpatty a deixou doente?

Bhima mantém-se de costas para Serabai.

— Não é isso, *bai*. Depois de tudo o que lhe aconteceu ultimamente, ela ainda está bem...

— Eu compreendo — diz Sera, suspirando. — Coitadinha. A coisa toda é de uma infelicidade só. Bom, contanto que ela aprenda com o erro, algo de bom pode vir disso. Nessa idade as meninas são tão... Eu me lembro, Feroz e eu ficávamos muito em cima de Dinaz quando ela era adolescente. Afinal de contas, a maior dádiva de uma menina é sua virtude. E você sabe como são as coisas aqui na nossa Índia, Bhima. Todo homem quer se casar com uma menina virgem. Não importa se são hindus, cristãos ou parses, só sei que todos os homens são iguais, não são?

Bhima morde o lábio inferior até sentir o gosto do sangue.

Sera repara nas costas tensas de sua serviçal.

— Quer dizer, eu não tive intenção de sugerir que... Maya é uma menina tão boazinha, tenho certeza de que não teremos nenhum problema pra encontrar um pretendente adequado pra ela. E, na verdade, ninguém na sua comunidade precisa saber sobre esse incidente. Tem um ditado que diz o seguinte: “O que os olhos não veem, o coração não sente”. Mas nenhum casamento pra Maya por enquanto, eu espero. *Bas*, a melhor coisa pra ela é terminar primeiro a faculdade. Depois podemos pensar em lhe arrumar um marido.

Mesmo assim, Bhima não consegue confiar em si mesma para falar. Se abrir a boca, suas palavras deslizarão, ela sabe muito bem. Palavras venenosas, que poderiam deixar Serabai com uma ferida da qual ela poderia não se curar jamais.

Sera se aproxima por atrás dela.

— *Chal ne*, Bhima — diz ela com uma falsa impaciência. — Quanto tempo você leva pra decidir quais sacolas levar pro mercado? Nesse ritmo, vou virar uma velha antes que você volte das compras.

Viraf estica a cabeça na entrada da cozinha.

— Pronta? — diz ele.

Bhima balança a cabeça em concordância, certificando-se de que seus olhos estejam fixos num ponto acima da orelha direita de Viraf. Ela não confia em si para olhar diretamente aquele rosto bonito sem sentir vontade de atacá-lo com suas unhas.

Eles esperam pelo elevador e descem sem dizer uma palavra. Em vez disso, Viraf bate papo com o ascensorista, que timidamente estica a mão para tocar o caro e reluzente bastão de críquete de Viraf.

— O que você acha desse novo time das Antilhas, *seth*? — pergunta o ascensorista, seus olhos ainda fixos no bastão. Ele é um rapaz alto e desengonçado, com dentes protuberantes que fazem com que pareça estar sempre sorrindo de alguma piada secreta.

Viraf dá de ombros.

— Os times das Antilhas são sempre ótimos.

A boca do rapaz se abre enquanto ele sorri e balança a cabeça.

— Ah, mas a equipe da Índia atualmente não fica atrás — diz ele rapidamente, como se tivesse esperado a resposta de Viraf. — Tenho a impressão de que a gente vai dar uma lição naqueles macacos pretos durante a partida de Bombaim. — Ele curva-se para a frente e assume um tom confidencial. — Eles estão dizendo pra gente aparecer no estádio com um monte de casca de banana. Aqueles macacos africanos gostam de banana. A gente vai jogar pra eles no campo, quando chegar o momento de eles darem as tacadas.

Os lábios de Viraf ficam franzidos de desagrado.

— Isso é muita falta de espírito esportivo, você não acha? — diz ele. — Coisas desse tipo fazem com que o nosso país seja malvisto.

O elevador alcança o térreo, e o rapaz levanta-se num salto de seu banquinho para abrir as portas.

— É verdade, é verdade, senhor — diz ele. — Péssima ideia mesmo. — Seus olhos piscam rapidamente na expectativa de uma gorjeta, mas Viraf o

ignora e segue em direção ao carro, com Bhima alguns passos atrás. Rapaz idiota, pensa Bhima consigo. Ele mesmo é igual a um rato sem pelo, com dentes que mais parecem tesouras, e ainda fica chamando as outras pessoas de macaco.

Viraf liga o ar-condicionado imediatamente após entrar no carro, mas hoje, apesar do calor do lado de fora, Bhima está sentindo frio. Ela se afasta de Viraf, tentando impedir que seus dentes rilhem visivelmente. Suas mãos estão pegajosas e frias, e há uma sensação gélida em seu estômago que ela identifica como sendo nervosismo. Bhima tenta se lembrar da ousada sensação do nada-a-perder que tivera naquela manhã, tenta evocar o ódio e a agressividade que sentira por Viraf poucas horas antes, mas não consegue. E tudo o que é capaz de fazer é suprimir o humilhante tremor de seu corpo, para que Viraf não o perceba; é necessária toda a sua força de vontade para controlar seus intestinos, que subitamente lhe dão a sensação de que talvez possam traí-la.

Em contraste com sua usual solicitude, Viraf a ignora, sintonizando uma estação de rádio atrás da outra. Ao encontrar uma de seu agrado, começa a assobiar desafinadamente com a canção. Bhima olha para ele de soslaio. Ao contrário dela, Viraf parece estar completamente relaxado e confortável em sua posição. Mesmo sabendo que aquela postura relaxada é uma pose, uma capa que ele jogou sobre si em sua presença, ela o admira e força sua voz a não tremer enquanto diz:

— *Seth* Viraf, tem uma coisa que eu preciso lhe dizer.

Viraf está com os olhos fixos à frente, concentrado na pista. Depois do que parece a Bhima um longo intervalo, ele diz desinteressadamente:

— O que é?

Ela abre a boca para lhe dizer que sabe, que jamais encontrará um jeito em seu coração de perdoá-lo pelo que fizera, que ele roubou a juventude e a inocência de Maya e que ela não tem certeza se repetirá a Sera e Dinaz a história de seu ato pusilânime.

Bhima abre a boca, e nada acontece. Sua boca está seca pelo medo. Seu corpo está visivelmente trêmulo agora, como se ela fosse uma folha de papel descartada levada pelo vento numa rua. E, apesar do frio lhe gelando os ossos, sente o suor escorrendo-lhe pelo rosto. Ela abre a boca para ameaçá-lo, para amaldiçoá-lo, para fazê-lo compreender sua monumental indignação, e, em vez disso, o que sai de sua boca é:

— *Baba Viraf*, poooooor quêêêêê, poooooor quêêêêê, oh, poooooor quêêêêê,
poooooooooooooooooo quêêêêêêêêêêêêêêêêêêêêê?

Portanto, não são suas palavras mas o som delas que faz Viraf pisar no freio; é o ganido, o choro ferido de sua dor que soa curioso e animalesco até mesmo para os seus próprios ouvidos, de modo que, por uma fração de segundo, ela parece estar tão chocada quanto ele.

Viraf empalidece; ele freia devagar; suas mãos ficam brancas ao segurarem com força o volante; um músculo em seu queixo move-se compulsivamente para cima e para baixo por alguns segundos. Fora isso, não há nada. Ele continua dirigindo, mantendo os olhos na pista. Ele nem tem a decência de olhar de relance em sua direção. Após alguns segundos, os dedos dele batucam silenciosamente o volante, e, com esse gesto, Bhima percebe que ele está esperando que ela continue, que quer saber o que sucederá ao rompanete.

Bhima não tem mais nada a dizer. Ela está desgastada, exausta, alquebrada. O ganido animal soou cheio de pena e fraqueza até mesmo para seus próprios ouvidos, e ela se sente como um passarinho que deu de cara com uma montanha. Viraf está sentado no carro, tão insensível e impenetrável quanto uma montanha. Ela não consegue tocá-lo, percebe. Até mesmo o ódio que sentira naquela manhã lhe dá a sensação de ser agora uma coisa insignificante e risível, o equivalente de uma criança batendo os pés para um dos pais ou um suicida cortando os próprios pulsos. Fazendo o que as mulheres têm feito há séculos — dirigindo contra si próprias a raiva que sentem.

Porque a única arma que tem contra ele, ela não usará. Bhima agora está ciente disso. A única maneira de ferir Viraf é compartilhar a sua desgraça com Serabai e Dinaz, observar a mancha da vergonha dele espalhar-se pelo rosto delas. E isso, ela não pode fazer. Fazer isso significaria destruir as únicas pessoas que já a trataram como um ser humano, que foram firmes e verdadeiras com ela, que jamais a desprezaram por ser ignorante ou analfabeta ou fraca. Ela se lembra de Dinaz com cinco anos, com seis, com doze, com catorze, e cada lembrança é salpicada de água de rosas, cada lembrança é doce como açúcar e pura como cristal: Dinaz recusando-se a comer chocolate, a menos que pudesse dividi-lo com Bhima; Dinaz implorando para que Bhima se sentasse com ela no mobiliário da casa quando as duas estavam sozinhas; Dinaz deslizando dinheiro de sua mesada para as mãos constrangidas de Bhima. Antes de haver Maya,

havia Dinaz, e Dinaz a amara com uma espontaneidade que talvez somente uma criança pudesse ter. Ela se lembra de *seth* Feroz lhe dizendo uma vez, rindo:

— *Arre*, Bhima, você por acaso é um *jadoogar* ou alguma coisa assim, cacete? Como é que conseguiu enfeitiçar tão completamente a minha menininha? *Saala*, nesse ritmo você vai ter que supervisionar as aulas dela na escola e se encontrar com as professoras durante as reuniões de pais e professores.

E Serabai, alta, justa, uma sentinela postada nos portões do inferno que tentava impedir que Bhima fosse tragada pelas labaredas infernais. Sera, que salvara a vida de Gopal, que tentara dar a Maya uma vida diferente, mandando-a para a faculdade, e que fora a responsável pela interrupção de uma vida não formada porque acreditava ser essa a opção que mais convinha aos interesses de Maya.

E agora o destino delas estava nas mãos de Bhima. Essas mãos calosas e cheias de cicatrizes que pentearam os cabelos de Pooja, que lavaram centenas de pratos, picaram milhares de cebolas, essas mãos agora seguravam as rédeas da felicidade de Sera e Dinaz. Um puxão, e a felicidade poderia galopar para longe delas, para sempre.

E agora, por fim, Viraf olha para ela com cuidado, com cautela.

— Bhima — diz ele. — Todos nós temos de encontrar força pra seguir em frente.

Ela não tem muita certeza do que ele quer dizer com aquilo, mas sabe que não perguntará. É assim que a coisa vai ficar entre eles, pensa ela, irresoluta, insatisfatória, um silêncio longo, fino e estéril que substituirá o jeito jocoso, provocador, do velho e imaculado Viraf. Ela tem um súbito lampejo de presciência no qual vê Viraf como um homem cheio de papadas, de cabelos brancos, gordo e velho antes de seu tempo, uma antiga culpa fazendo suas pálpebras pender e a carne sob seu queixo ficar mais espessa. Ele não envelhecerá bem, esse aí, pensa ela. Ficará mais parecido com o sogro do que ele agora imagina.

Como se pudesse ler os seus pensamentos, as mãos de Viraf apertam com firmeza o volante, e ele pisa no acelerador. Uma jovem com duas crianças pequenas começa a atravessar a rua e desvia do carro por uma questão de centímetros, da mesma maneira despreocupada e irrefletida de todos os

moradores de Bombaim.

— Idiota! — berra ele, baixando o vidro. — Como é que você vai criar essas crianças se não consegue nem cuidar de si mesma? — Ele murmura enquanto levanta o vidro: — Está ficando impossível viver nesta cidade, simplesmente impossível. Essas porras desses imbecis aparecem em todos os lados. Dirigir aqui é uma chatice, não um prazer.

Instintivamente, Bhima afasta-se da raiva dele. Ela já viu Viraf zangado antes, já ouviu suas discussões com Dinaz, mas essas desavenças eram cobertas pelo prazeroso amor que ele sentia pela mulher. Agora há um tom vingativo em sua raiva que a torna perigosa. Ela desmascarou Viraf, forçou-o a encarar sua própria sombra, tirou a casca daquele rosto bonito e gentil para revelar a bagunça sangrenta e carcomida de contradições e corrupções que existem por baixo dele. Bhima tenta imaginar o medo viscoso que Viraf deve estar sentindo do que ela poderia vir a falar em seguida, da possibilidade de ela expô-lo e de fazê-lo ficar nu diante da esposa e da sogra. Deve estar se sentindo como um homem sentado sobre uma pilha de pólvora, pensa ela. E a aterradora verdade é que a mulher que poderia acender essa pilha, que poderia detonar a explosão que espatifaria a vida dele e a de sua família, essa mulher é uma mera serviçal, uma mulher velha e analfabeta, magra como um graveto, feia como um osso mastigado de galinha. Subitamente, Bhima sente uma vontade irracional porém irreprimível de rir, mas, antes que possa fazê-lo, Viraf está perguntando numa voz engasgada, numa voz que soa como se a sua garganta tivesse ingerido um litro da fumaça de óleo diesel ao seu redor:

— Como a Maya está?

Como responder a uma pergunta como essa? Para responder corretamente, ela teria de voltar pelo menos à época de sua bisavó; teria de explicar como cada membro feminino de sua família trabalhou como empregada doméstica na casa de outra família; teria de lhe dizer como ela ficava magoada quando sua própria mãe saía de casa doente para ir cuidar da casa e dos filhos de outras pessoas. Como fazê-lo entender que, quando Maya saía para a faculdade todas as manhãs, ela sentia que tudo a que sempre se submetera na vida — todas as privações, todos os insultos, todas as traições — valia a pena, já que podia proporcionar à neta uma vida melhor do que a que ela e sua mãe e a mãe de sua mãe haviam tido? Acima de tudo, como lhe dizer que o simples ato do aborto não apagava o

passado, não fazia o relógio andar para trás, não permitia que Maya recolhesse meramente os fios de sua vida e retornasse à faculdade? Sim, aquilo era culpa sua; ela bloqueara a estrada para Maya, na pressa de confrontar e persuadir Ashok Malhotra a se casar com sua neta, mas o que ela poderia ter feito? Ela fora enfeitiçada pela visão de uma cozinha com panelas e frigideiras brilhantes e um menininho arrumadinho e bem-comportado correndo pela casa.

Portanto, ela não diz nada e olha para o carpete do carro sob seus pés, e, depois de um segundo, Viraf estala a língua, frustrado. Eles agora estão quase no mercado, e ele diminui a velocidade para procurar um lugar onde possa deixá-la.

— Quase lá — diz ele, e ela ouve o alívio em sua voz.

Ela está mexendo na tranca da porta quando ouve Viraf dizer:

— Escute, quer dizer... O que quero dizer é o seguinte... Vocês duas estão precisando de alguma coisa?

Ela sente o rosto endurecer como pedra.

— Nós estamos bem — diz ela rigidamente. — Somos pobres, mas cada grão de arroz que comemos foi ganho com o suor do nosso corpo.

Viraf respira em alto e bom som.

— Tudo bem, tudo bem. Meu Deus, por que todo mundo nesta cidade é tão dramático e nobre, cacete? Eu só estava dizendo que...

Ela agora está fora do carro e adentrando a abençoada confusão e o calor da rua. É aqui o meu lugar, pensa ela. Em meio aos vendedores e aos carregadores de compras e aos peixeiros e aos trapeiros. Não em carros com ar-condicionado.

— Obrigada pela carona, *seth* Viraf — diz ela.

Ela vê a mágoa no rosto dele. Viraf reparou que ela dirigiu-se a ele como “senhor” em vez de utilizar o usual e afetuoso “*baba*”, que, da maneira que usa com ele, significa “menino”. Bhima sente uma pontinha de satisfação diante da decepção dele.

— Não tem de quê — diz ele secamente. — E escute. Fale pra Dinaz e pra mamãe Sera almoçarem sem mim. Hoje vou chegar um pouco tarde em casa.

Foi um longo dia, e a casa está quieta porque Viraf e Dinaz estão fora. Bhima está quase pronta para ir embora, mas Serabai pede uma xícara de chá, e ela se sente compelida a prepará-la. Serabai fica diferente quando as crianças estão ausentes à noite, percebe Bhima, mais pensativa e solitária. Ela precisa da filha e do genro aqui para deixar a casa animada, pensa ela, e sente uma pontinha de pena da mulher mais nova. Ela se lembra dos meses posteriores ao falecimento de *seth* Feroz, como Serabai às vezes se esquecia de almoçar até que ela, Bhima, a cutucava para que comesse algo, e como, uma ou duas vezes, ela também se esqueceu de tomar banho durante o dia. Uma vez Bhima tinha ido até a sala de estar e encontrara Serabai sentada no escuro, murmurando e esfregando o braço furiosamente. Bhima não tinha certeza de qual das duas ficara mais assustada, embora Serabai tivesse, evidentemente, lhe dado uma bronca e reclamado da falta de privacidade e de como as pessoas não deveriam ficar espionando os outros. Mas a visão da sempre elegante e digna Sera sentada no escuro como uma espécie de animal enjaulado, parecendo uma dessas velhas parses — como Banubai, por exemplo —, deixara Bhima chocada e consternada. Da próxima vez que a bebê Dinaz e *baba* Viraf apareceram para almoçar num sábado, ela falou sobre isso com Dinaz.

— A mamãe está solitária — sussurrara Bhima quando Dinaz levou os pratos sujos para a cozinha. — Ela se esquece de comer e de beber às vezes, e fica sentada sozinha dentro de casa com as luzes apagadas.

Depois de anos protegendo Serabai, guardando seus segredos e respeitando seus silêncios, era uma sensação estranha falar dela. Mas o olhar preocupado no rosto de Dinaz era a confirmação de que ela precisava.

— Eu estive pensando sobre isso — disse Dinaz suavemente. — Obrigada por me dizer, Bhima.

Foi uma boa coisa a bebê Dinaz ter sugerido se mudar para a casa da mãe, pensa Bhima. Ter os dois jovens aqui tem sido bom para Serabai. Bhima sabe de muitas mulheres parses que envelheceram antes do tempo, que ficaram presas em uma cama por nenhum motivo aparente e usavam uma cadeira com penico em vez de ir até o banheiro e se recusavam a sair de casa, exceto para um ou

outro enterro. A sra. Motorcyclewalla, que morava no quinto andar a três prédios de lá, era uma pessoa assim. Mas, também, a mulher tinha três parafusos a menos havia vários anos. Depois do acidente de Gopal, Bhima assumira um segundo emprego, lavando pratos para a sra. Motorcyclewalla. Todas as tardes ela ficava parada observando atentamente Bhima trabalhar na pia, sem dizer uma palavra, mas às vezes imitando o som dos pombos que ficavam no peitoril da janela. O som fazia os pelinhos das mãos de Bhima eriçar. Por que ela mesma não lava os pratos se tem tempo para ficar parada me observando com aquela cara de coruja?, pensava Bhima, resmungando consigo. Ainda assim ela precisava do dinheiro, e a senhora Motorcyclewalla sempre pagava em dia. Mas, depois de alguns meses, Bhima reparou que a mulher arrulhava para os pombos, mesmo quando nenhum deles estava no peitoril. E um belo dia, quando Bhima estava pronta para ir embora, a mulher virou-se para ela com olhos ferozes e disse:

— Você *pege paro bati* antes de sair da cozinha?

Bhima mirou-a, muda.

— Não estou entendendo, *bai* — disse ela por fim.

A voz da senhora Motorcyclewalla ficou estridente.

— Estou perguntando se você fez sua reverência à lamparina a óleo que está queimando na cozinha, debaixo do retrato do Senhor Zoroastro. Ninguém deve sair da cozinha sem tocar na luz.

— Mas eu não sou parse, *bai* — disse Bhima com cautela. — Sou hindu *jaat*. Nem brâmane eu sou.

Na maior parte das residências parses na qual estivera, as regras eram o oposto. Banubai, por exemplo, ficava possessa se a sombra de Bhima caísse sobre a *bati* que queimava dia e noite na cozinha.

Seja lá por qual motivo, aquela era a coisa errada a ser dita. A mulher deu início a uma longa diatribe.

— Ninguém tem permissão pra sair desta casa sem fazer reverência — disse ela, agarrando com firmeza os punhos de Bhima. — Senão cem anos de escuridão cairão nesta casa. — Ela a arrastou de volta à cozinha, onde Bhima seguiu maquinalmente os movimentos que a mulher fazia, encostando a ponta dos dedos na lamparina a óleo e em seguida tocando a testa num sinal de reverência.

— Tudo bem, *bai*, agora eu preciso ir — disse ela. — Serabai deve estar me esperando.

Bhima viu uma nova chama de insanidade saltar nos olhos da mulher ao som do nome de Sera.

— Você diga pra essa Sera vir aqui com você amanhã com alguns incensos de sândalo. Precisamos purificar esta casa. Os pombos têm me dito há semanas que alguma coisa está errada, e agora eu percebo que a responsável por isso é você. De agora em diante, você precisa beijar o retrato de nosso Senhor Zoroastro antes de ir embora, entendeu?

— *Achcha, bai* — disse Bhima, saindo pela porta da frente. — Vou dizer pra Serabai.

Fora a lembrança da senhora Motorcyclewalla, que vários anos antes prostara-se em sua cama e se recusara a sair dela, embora os médicos não encontrassem nenhum problema com ela, que convencera Bhima a contar a Dinaz o que estava ocorrendo com sua mãe.

E agora, pela primeira vez, Bhima gostaria muito de não haver interferido. Se as crianças ainda estivessem morando no subúrbio, Viraf provavelmente não estaria na casa de Banubai no dia em que Maya estava lá. Sim, Sera teria passado muitas outras noites como aquela, andando pela casa como se estivesse vendo fantasmas, mas pelo menos Maya teria sido salva, pelo menos sua neta teria sido...

Sera entra na cozinha.

— Não se esqueça de acrescentar as folhas de menta — diz ela. — E faça um chá pra você também.

Bhima vai para o canto onde guarda suas coisas e apanha seu copo, enquanto Sera pega uma caneca no armário. O vapor do chá cria uma barreira ondulada entre as duas mulheres quando Bhima começa a servir. Cada qual pega seu copo e se dirige à sala de jantar para assumir suas tradicionais posições — Sera empoleirada numa cadeira da mesa de jantar, Bhima de cócoras no chão. Elas tomam o chá em silêncio. Então Sera suspira.

— Bom, esse chá — diz ela. — Juro que você faz o melhor chá de Bombaim.

— A casa parece quieta esta noite sem as crianças por aqui — diz Bhima. Ela ainda não consegue dizer o nome de Viraf em voz alta.

— Eu sei — diz Sera. — Mas é bom Dinaz ter saído com as amigas. A coitadinha está sofrendo tanto com a gravidez nesses últimos dias que quase cancelou o encontro hoje de manhã. Ela disse que mal conseguiu dormir na noite passada. Mas Viraf a convenceu a ir. Só Deus sabe, assim que esse bebê nascer ela não vai ter tempo nenhum pra sair com as amigas. E as meninas do escritório estavam tremendamente ansiosas pra sair com ela.

— Ele não foi com ela? — pergunta Bhima casualmente, esperando que Sera não note sua relutância em dizer o nome de Viraf.

— Não, é uma festinha só de meninas. Melhor assim, sabe, esse menino está trabalhando demais e precisa descansar um pouco. — Ela fez uma careta. — Não que ficar na casa da mamãe Banu seja descanso pra alguém. Mas já, já ele deve chegar em casa. Ele só foi acertar a pagamento mensal das enfermeiras e devolver os documentos de Banu. Ficou acordado até as onze na noite passada fazendo as contas dela. Quantos genros você conhece que fariam uma coisa dessas? E, mesmo que ela estivesse ciente disso, aquela... A minha sogra não seria grata.

Bhima sente um momentâneo pânico ao imaginar Viraf a sós com a enfermeira Edna. E se ele tentasse uma de suas vilezas com a coitada da mulher? Ela balança a cabeça para se livrar das desagradáveis imagens que se formam. Edna é uma mulher adulta, casada e com filhos. Saberria como lidar com Viraf se ele tentasse uma de suas pilantragens com ela. E, além do mais, homens como ele provavelmente escolhiam como presa carne jovem e nova como Maya. Que interesse teria ele numa mulher de aspecto cansado com marido e filhos? Não, Viraf e tipos como ele precisavam macular algo puro, como uma gota de tinta num copo de leite.

— Bhima, tire essa carranca do rosto — diz Sera, rindo. — Meu Deus, você parece que viu um espírito ou algo assim. Que pensamentos obscuros são esses que você está tendo?

Se ao menos eu pudesse contar a você, Serabai, pensa Bhima. Mas seria mais misericordioso golpeá-la com uma faca do que matá-la com o veneno de meus pensamentos. Em voz alta, ela diz:

— A minha vida toda é um pensamento obscuro.

Sera suspira.

— Sei o que você quer dizer com isso — diz ela. Ela luta visivelmente com

suas emoções e então força a si mesma a sentar-se com as costas retas na cadeira. — Mas, Bhima, nós não podemos desistir. Nós, mulheres, vivemos por muito mais do que apenas nós mesmas. Você por Maya, eu por Dinaz e, agora, pelo bebê. Você sabe, sempre pensei que os homens pudessem se dar ao luxo de assumir mais riscos, voar mais alto e bater com mais força, porque sempre têm o suicídio como uma saída. Se as coisas simplesmente não funcionam pra eles, *bas*, pelo menos eles têm essa opção final. Quando mais nova, eu tinha muita inveja dos homens por causa disso. Você sabe, eu tive dois primos que se mataram. Ambos homens, é claro. Mas as mulheres não vivem por elas mesmas. E uma vez que você tem filhos, esqueça. Não sei por que ainda temos corpo pra andar por aí depois de termos filhos. Depois que os filhos nascem, você passa a viver inteiramente para outra pessoa. *Arre*, nem precisa ser criança. Eu me preocupo até com mamãe Banu, dá pra acreditar numa coisa dessas? Agora, com Feroz morto, sempre imagino o que acontecerá com ela se sobreviver a mim.

— Por que ela sobreviveria a você? — pergunta Bhima impetuosamente. — Não é a sua hora, Serabai, e rezo pra que não seja por muito tempo ainda.

Sera sorri.

— Eu também rezo pra que não seja — diz ela timidamente. — Com o bebê prestes a nascer... Dá pra imaginar, Bhima? Pela primeira vez em minha vida eu realmente quero estar viva. Antes, eu podia honestamente dizer que não me importava se estava viva ou não. Mesmo quando jovem, eu não sei o que havia de errado comigo, mas simplesmente não dava muita importância à vida. Todas as coisas que tinha de fazer só pra continuar viva me pareciam tão complicadas que eu sentia que dificilmente o esforço valeria a pena. Mas, agora, estou muito ansiosa pra ver como o bebê da minha Dinu vai crescer. E quero estar aqui pra...

A campainha soou, e Bhima faz menção de que vai se levantar do chão, mas Serabai a interrompe.

— Eu vou — diz ela. — Deve ser o Viraf. Eu quase acabei o meu chá.

Ela dá um longo gole antes de deixar a caneca em cima da mesa para Bhima lavá-la mais tarde.

Bhima fica acorada bebericando seu chá, imaginando o que fazer com Maya aquela noite. Desde que cruzara com Viraf em Chowpatty, Maya recusava-se a ir passear na orla. As noites em casa agora pareciam longas e opressoras.

Bhima sente falta do suave ar noturno, do cheiro da água e da proximidade entre ela e a neta ao percorrermos a extensão da praia. Ela sente falta da pompa da orla — os homens em trajes vistosos e as mulheres em carros grandes, os mendigos sem pernas rodando em seus skates, os corpulentos *sikhs* com seus turbantes vermelhos, as mulheres muçulmanas com suas burcas, os casais de idosos parses sentados de braços dados nos banquinhos de pedra, as garotas de programa de salto alto procurando ser escolhidas por hóspedes dos hotéis próximos, os grandes grupos de adolescentes das faculdades próximas. Bhima amava deixar para trás o soturno isolamento de seu barraco no *basti* e se misturar àquela multidão amorfa e fluida. Às vezes, tinha a sensação de que não precisava mexer um músculo, que não precisava colocar uma perna na frente da outra; que, se simplesmente se mantivesse imóvel, o movimento da multidão a impulsionaria à frente, como o vento, como as ondas...

Ela percebe, com um sobressalto, que Viraf está dizendo o seu nome, e sua testa começa a enrugar de raiva. Hora de ela ir para casa; provavelmente aquele rapaz estúpido quer que ela faça mais alguma tarefa. Bhima está prestes a imaginar o que ele quer dela quando sua mente para de seguir essa trilha, assaltada pelo peculiar tom de voz de Serabai.

— Impossível — está dizendo Sera. — Você deve estar equivocado, *deekra*. — A voz dela soa enfática, preocupada, magoada e defensiva, tudo ao mesmo tempo.

Há um silêncio, e então a voz de Viraf, baixa e profunda, preenche o silêncio, como o som de camundongos correndo em seu barraco à noite.

— Estou dizendo, eu vi com meus próprios olhos — diz ele, sua voz mais alta e mais forte do que antes.

— Bhima. — A voz de Sera, ainda carregando aquela peculiar qualidade, a chama, e ela se levanta do chão com um grunhido e espera um momento até que seus ossos rangentes se encaixem perfeitamente.

Viraf e Sera estão na sala de estar, sentados próximos um do outro no sofá. O rosto de Sera está vermelho, e ela exhibe um olhar de urgência, um contraste gritante com a expressão pensativa e reflexiva de poucos minutos antes. O que quer que o rapaz tenha dito ou feito deixou-a tremendamente aturdida. Por um átimo de segundo, Bhima imagina se Viraf lhe contou sobre Maya, mas rapidamente afasta esse pensamento da cabeça.

— Ah, Bhima, que bom. Você está aqui — gagueja Sera. — Parece que *baba* Viraf tem um problema. Houve um... Bem... Ao que tudo indica, algum dinheiro sumiu do aparador de Banubai.

Bhima olha fixamente para Sera, sem compreender, sem saber ao certo por que aquilo a envolve.

— É uma quantia grande? — pergunta ela por fim. E como ninguém se dispusesse a responder de imediato: — Sumiu há muito tempo?

— Bom, veja bem, é exatamente isso. De acordo com o nosso Viraf aqui, quer dizer...

— O dinheiro estava lá anteontem — interrompe Viraf. Seu rosto está molhado de suor, e um músculo se mexe em seu queixo. — Eu mesmo coloquei ele lá. Aí ontem eu falei pra você ir até lá e pegar os talões de cheque pra mim. Falei pra você pegar pra mim um envelope e deixar o outro lá, lembra?

— Ele estava lá naquele momento — diz Bhima triunfantemente, contente por ser capaz de ajudar. — Eu vi com meus próprios olhos.

— Você abriu o envelope?

— Isso eu não fiz, não. Não havia necessidade. Dava pra ver qual deles tinha os talões, só pelo toque já dava pra ver. — Bhima imagina se fez alguma coisa errada ao não verificar cada envelope.

Há um desconfortável silêncio, e Sera olha de relance para Viraf, impotente e esperançosa.

— Bem, esse caso é um mistério — diz ela suavemente. — E graças a Deus que não era uma grande *rakam*. Apenas setecentas rupias.

— Não é essa a questão. — As palavras de Viraf são penetrantes como dardos. Ele fixa seus olhos escuros em Bhima. — Você disse que me devolveu as chaves do aparador imediatamente, certo? Você não deu as chaves pra Edna ou pra nenhuma outra pessoa?

Será que esse rapaz imagina que sou uma perda total?, pensa Bhima. Ela frequenta a casa de Banubai há anos, mesmo antes de esse Viraf começar a cuidar do dinheiro dela com seus talões de cheque e seus livros de depósito e isso e aquilo. Ela já levou grandes somas de dinheiro de uma casa para outra, já depositou cheques ao portador de Feroz na conta bancária dele, já manuseou pencaas de chaves de ambas as casas.

— Ninguém ficou com as chaves a não ser eu, *seth* — diz ela, taciturna.

— Bom, nesse caso, só existe uma explicação lógica. Entre o momento em que eu coloquei o dinheiro lá anteontem e o que eu fui lá hoje, você foi a única pessoa que mexeu no aparador. Então foi você que pegou o dinheiro.

Sera deixa escapar um grito de... Indignação? Raiva? Refutação? Ao ouvir o grito, Bhima olha para ela, muda. Ela quer que Sera dê um tapa no homem sentado ao seu lado, que ponha a mão sobre a boca de Viraf e force suas palavras blasfemas a voltarem para sua garganta. Sera capta o olhar de Bhima, e parece que a visão a sacode por inteiro, tirando-a de seu estupor.

— Viraf, isso é uma besteira — diz ela com a voz fraca.

— Besteira? Por que é besteira? Com todo o respeito, mamãe Sera, você vai deixar a Bhima negar isso ou vai você mesma negar por ela? Enfim, ela está aí parada, parecendo culpada como um ladrão enquanto você sai correndo em defesa dela.

O mundo escurece por um minuto e então torna-se surpreendentemente branco, ofuscante. Bhima ri dentro desse vácuo branco. Do branco — que agora possui uma borda vermelha, vermelha como sangue, vermelha como a fúria —; ela vê o rosto virado para cima, questionador, de Sera, vê o semblante conivente, trapaceiro de Viraf. O rapaz montou uma armadilha para ela, percebe Bhima. Ele deve estar planejando tudo isso há semanas. Mesmo enquanto ele se recusava a olhar no olho dela sempre que Bhima o encarava com ódio, mesmo enquanto agia de maneira humilde sempre que ela era grosseira com ele, mesmo enquanto comia aquele ovo frito, no qual ela uma vez cuspira antes de lhe servir, ele estava bolando sua armadilha. Durante esse tempo todo, a mente dele estava trabalhando, planejando sua vingança, dispondo as peças, colocando os tijolos nas paredes que iriam aprisioná-la.

Bhima ri novamente. Ela ri de sua tola inocência, que acabou transformando-se em algo mais perigoso do que a inocência de Maya. Ri de sua arrogância, que a levou a acreditar que conseguiria maltratar um homem poderoso e instruído como Viraf sem ser obrigada a pagar um preço por isso. Acima de tudo, ri de sua tola noção de que Viraf lamentava o que fizera a Maya, que ele verdadeiramente envergonhava-se de seu momento de fraqueza. Apesar de esse rapaz agir como uma besta selvagem, ela nunca o vira dessa forma. Ela sempre preferira acreditar que ele jamais atacaria sua família de novo, que o conhecimento de que ela sabia da sua culpa era o suficiente para derrotá-lo.

E agora ele a levava até aquela situação. Mesmo *seth* Feroz, com seu temperamento explosivo e suas maneiras arrogantes, jamais teria duvidado de sua honestidade; da fidelidade canina com a qual ela servira aquela família. Ela se lembra das amargas palavras de Maya de como ela tratava a família Dubash com maior consideração do que a dela própria. A menina tinha razão — ela se escravizara, trabalhara, protegera e defendera essa família como se fosse sua. E agora aquela serpente, aquele demônio com rosto bonito, a acusa de ter roubado o dinheiro de Serabai.

— Está vendo só que *naffat* ela é? — está dizendo Viraf. — Dá pra acreditar nisso, rindo desse jeito quando alguém a acusa de ter cometido um crime sério como esse? Daqui a pouco eu chamo a polícia, hein? Eu juro!

A palavra “polícia” faz com que Bhima recobre os sentidos. Ela sente o sangue latejando em sua cabeça, e as palavras lhe escapam da boca, espessas e salgadas como sangue.

— Vá chamar a polícia! — clama ela. — Conte a eles a sua história e depois eu conto a história da sua perversidade. Como você arruinou a reputação da minha família, como você manchou a honra da minha família. Abra a sua boca pra polícia, e eu vou mostrar a você do que sou feita, seu cão sarnento...

— Bhima! — sibila Sera, seu rosto branco de fúria. — Controle-se. Você enlouqueceu ou o quê? Falando com esse linguajar de ralé! Não esqueça com quem você está falando.

Bhima vira-se para Sera, seu rosto feio de raiva. Ela sabe que precisa falar rápido agora, antes que as lágrimas comecem a jorrar e sotерrem suas palavras.

— Sei exatamente com quem estou falando, *bai*. É você que não sabe quem é esse homem. Por meses e meses tenho mantido a minha boca calada por respeito a você. Mas agora eu preciso revelar quem é esse homem de verdade, preciso mostrar a você o negrume do seu coração...

— Está vendo o que foi que você criou, mamãe Sera? — berra Viraf. — Essa é a sua recompensa por tratar uma serviçal como se fosse um membro da família. Essa sem-vergonha não vai fazer por menos pra esconder o fato de que é uma ladra. Só Deus sabe há quanto tempo ela deve estar roubando e você nem...

— Que Deus me mate agora mesmo se eu alguma vez roubei uma *paisa* dessa família — diz Bhima, sua voz trêmula devido às lágrimas não vertidas. — E que Deus o mate agora mesmo se você estiver acusando injustamente uma

mulher pobre como eu só pra poder encobrir a sua safadeza com a minha desonra.

— Sua ingrata! — exclama Viraf. — Você come a comida dessa família todos esses anos e agora joga praga em nós. — Ele se vira para Sera. — O que todo mundo tem lhe dito, você deveria ter escutado, mamãe. A culpa é minha por ter deixado que essa mulher se sentasse na sua cabeça. Isso é o que acontece quando você tenta transformar um vira-lata num cachorro de família. Mais cedo ou mais tarde, esse cachorro vai lhe dar uma mordida.

Sera senta-se no sofá, um olhar aturdido no rosto. Bhima sente Sera afastando-se dela, como uma lua que sobe bem alto, bem alto no céu noturno.

— Serabai, *maaf karo*. Perdoe as minhas palavras duras, *bai*. Mas você não sabe o mal que esse homem está escondendo. Ele é o cão danado, *bai*, não eu. Eu lhe imploro...

Viraf ergue a mão de um jeito ameaçador acima da cabeça de Bhima.

— Escute aqui, sua filha da puta. Se você disser mais uma coisa contra essa família, vou arrastar você pelada até a *chowki* de polícia, entendeu bem? Agora pegue as suas coisas e suma daqui!

Enquanto Viraf golpeia o ar com a mão, Sera estremece.

— Nós todos precisamos nos controlar — diz ela em alto e bom som. — Tudo está fugindo do nosso controle com muita rapidez. — Ela olha para Bhima com lágrimas nos olhos. — Bhima, diga a verdade. Se você precisava do dinheiro, vou entender. Mas diga a verdade.

A súplica permanece no ar por um momento, como uma gota d'água vazando de um telhado. Então Bhima, louca de indignação e de fúria, decide derrubar o telhado por inteiro.

— A verdade? Pergunte a ele o que fez com a Maya se você quer a verdade — diz ela amargamente. — Pergunte a ele qual é a culpa que está tentando esconder. Ele pensa que pode comprar o meu silêncio com essas setecentas rupias? Mesmo que ele construa pra mim uma casa de ouro, não vou perdoar o que ele fez com a minha...

Sera deixa escapar um grito estrangulado. Por um momento doloroso ela se volta na direção de Viraf com um gesto questionador, seus olhos arregalados e apreensivos sondando o rosto pétreo do genro. No segundo seguinte a negação cai sobre seu rosto como um véu branco.

— Já chega! — berra Sera, cobrindo os ouvidos com as mãos, do jeito que Pooja costumava fazer sempre que Bhima e Gopal estavam brigando. — Já ouvi o suficiente dessa sua conversa louca, Bhima. Graças a Deus a minha filha Dinu não está em casa pra ouvir essa sujeira saindo da sua boca. É melhor você sair daqui antes que eu diga alguma coisa da qual me arrependerei mais tarde. Eu posso perdoá-la por ter me roubado, mas desafiar a honra do meu genro dessa maneira! Disso, eu nunca vou poder perdoá-la.

— Me escute, Serabai! — grita Bhima. — Estou tentando lhe dizer...

— O que a sua Maya fez é problema dela — diz Sera. — Ela pode ser uma puta com cinquenta homens, que pouco me importa. Só não envolva a minha família na sua imundície. Eu fiz tudo o que pude por essa menina. Agora eu lavo as minhas mãos de toda a sua família. Saia daqui! — ordena ela de novo, seus dentes mordendo nervosamente o lábio superior. — Saia da minha frente agora mesmo.

Bhima ouve o clique do último tijolo sendo colocado na parede. Ela vê o fio de suor no rosto de Viraf e seu olhar de satisfação, tênue, quase invisível. Seus olhos estão brilhantes e penetrantes. Está vendo? Eles parecem provocá-la. Eu sabia que pegaria você no fim.

Soluços borbulham na garganta de Bhima e balançam seu frágil corpo.

— Serabai, não me mande embora! — implora ela. — Depois de todos esses anos, pra onde eu vou?

Mas o rosto de Sera está tão pétreo quanto uma parede. Ela olha para Bhima como se as duas estivessem se encontrando pela primeira vez.

— Pegue as suas coisas e vá — diz ela suavemente. — Por favor. Não diga mais nada. Vá e pronto. A quantia que eu porventura lhe estiver devendo, mandarei pra sua casa.

Bhima percorre o longo corredor que leva à cozinha com pernas que parecem incapazes de sustentá-la de pé. Viraf e Sera a seguem, de modo que Bhima tem a sensação de que eles são seus carcereiros, conduzindo a prisioneira a sua cela. Ela olha incoerentemente para os poucos pertences que guarda numa caixa de papelão num canto da cozinha — um prato de sopa, talco Pond's, uma escova azul sem algumas cerdas, seu copo de metal, sua lata de fumo. Ao levantar a caixa, as lágrimas caem rápidas e quentes. Ela olha ao redor da cozinha, cada centímetro da qual ela varreu e limpou inúmeras vezes. Tantas

noites ela entrou nesse local sem se importar em acender as luzes e ainda assim sabendo onde encontrar cada garfo, cada prato, cada frigideira. Bhima percebe a teia de aranha que está se formando no canto próximo à janela — ela quisera limpar essa teia ontem. Sente um segundo de orgulho ao reparar no brilho da panela de pressão, que ela lavou mais cedo. Suspira enquanto olha o teto alto, uma mudança tão bem-vinda em relação ao opressivo peso do teto baixo de seu barraco, que a faz se abaixar para poder entrar.

Bhima está saindo da cozinha quando um pensamento lhe ocorre e ela se vira na direção de Sera, que exhibe a aparência pálida e atordoada de uma sonâmbula.

— A bebê Dinaz — diz ela, sua voz rachando. — Não vou poder me despedir da bebê Dinaz.

Os olhos de Sera faíscam de candura por um segundo antes de se transformarem em pedras de gelo.

— Melhor — diz ela, sua voz endurecendo à medida que fala. — Depois das coisas horríveis que você disse, fico contente de nunca mais voltar a ver a minha filha.

O nó na garganta de Bhima tem sabor de sangue.

— Serabai, nunca foi meu desejo magoá-la ou magoar a bebê — diz ela. — A menina é como se fosse minha...

— *Achcha, bas*, já chega desse dramalhão! — grita Viraf. — Vamos lá, *chalo*, fora daqui.

Viraf abre a porta da frente e a segura para que Bhima possa passar. O diabo nos portões do inferno, pensa Bhima. Mas então outro pensamento a assalta: o inferno fica do outro lado da porta, pensa ela. Inferno é tentar arranjar outro emprego na minha idade, aprender as maneiras de outra família, varrer, limpar e cozinhar para estranhos. Inferno é trabalhar por menos dinheiro para uma família estranha e testemunhar Maya jogar seu futuro no lixo como se fosse uma fruta estragada. Inferno é saber que jamais haverá outra Serabai, ninguém que se interessará pelos estudos de Maya, ninguém que se importará se ela, Bhima, está viva ou morta.

A gratidão dilacera sua garganta e a faz pegar a mão rígida de Sera e levá-la até seus olhos.

— Serabai, se eu estiver condenada a nascer um milhão de vezes neste

mundo, nunca terei condições de pagar a você o que...

Mesmo à tênue luminosidade do entardecer, ela repara na gota de lágrima que cintila na pele clara do pulso de Sera.

Viraf bate a porta da frente em sua cara, antes que ela possa terminar sua sentença. Bhima encosta na parede por um minuto com os olhos fechados, e então anda lentamente na direção do elevador. Com vergonha de o ascensorista vê-la naquele estado exilado, ela decide descer de escada. Bhima começa sua lenta e torturante descida em direção aos níveis inferiores.

Está anoitecendo quando Bhima emerge do prédio de apartamentos. O céu está num anódino tom laranja, o tipo de céu que cai sobre o rosto das pessoas que caminham abaixo dele, de modo que cada rosto moreno e pálido resplandece como se estivesse sendo fortalecido pela luz de um milhão de sóis. As pessoas na rua estão com uma aparência dourada, como se beijadas por um deus gentil e benevolente. É uma noite de vento, e o ar lambe os cabelos de Bhima, desmanchando o seu coque. Carregando na mão direita a caixa de papelão, ela tenta empurrar os cabelos para trás com a esquerda, mas desiste depois de algumas inúteis tentativas. Em vez disso, usa a mão livre para segurar seu sári, que está ondulando ao vento. Normalmente teria ficado irritada com essa brisa incessante, mas hoje está grata por ela. O ar fresco da noite dança em seu rosto, congelando suas lágrimas nas trilhas que produziram em sua face. De algum modo, o vento a faz se sentir livre e anônima, como se a protegesse dos olhares inquisitoriais das centenas de outras pessoas que percorrem a mesma rua.

Seus pés se arrastam sobre a calçada de pedra, conhecendo o caminho tão bem quanto as patas de um cachorro cego. Bhima não tem de prestar atenção para onde está indo; seus pés a levarão para casa. Em vez disso, pode usar a mente para organizar os corpos, para identificar os restos chamuscados, para reunir os membros decepados no momento seguinte ao bombardeio que acabou de acontecer em sua vida. Porque o ocorrido afetou mais do que apenas sua vida e a de Maya. Ela tem certeza disso.

O olhar no rosto de Serabai quando ela lhe contou a verdade. Será que Serabai conseguirá algum dia esquecer aquelas palavras, enterrá-las sob as camadas protetoras do esquecimento e da negação? Ou será que aquelas palavras vão grasnar em seus ouvidos como corvos pretos, vão bicar sua pele clara como abutres, vão atormentá-la no meio de noites suadas e insones? Será que algum dia ela conseguirá olhar novamente para o rosto inocente e sorridente de Dinaz e não pensar na mentira do genro? Será que as palavras inoportunas de Bhima construirão uma redoma de vidro entre Serabai e Viraf, uma redoma que ninguém exceto os dois será capaz de ver, uma redoma que nenhum deles conseguirá escalar, que os manterá trancados em seu próprio mundo protegido e

congelado? E o bebê. O novo bebê que ela, Bhima, jamais poderá ver. O bebê será bonito, ela sabe, com os intensos olhos escuros de Viraf e a boca suave de Dinaz. Mas será que Serabai alguma vez conseguirá ver o rosto claro e imaculado do bebê sem se lembrar do meio-irmão mais escuro cuja morte Maya a fizera testemunhar?

Por acaso os ricos pensam dessa forma?, considera Bhima. Ou será que, junto de seu bê-á-bá e de seus um, dois, três, eles também aprendem a não ser perseguidos e atormentados pela verdade? Ela não sabe. Em alguns aspectos, Bhima conhece Serabai melhor do que a maior parte de seus parentes, mas, mesmo assim, quanto ela entende daquela orgulhosa e digna mulher que tem sido uma presença tão poderosa quanto Deus em sua vida durante todos esses anos? Ela conhece Serabai principalmente em suas ações e rotinas, percebe agora Bhima. Sabe que sua patroa gosta de seu chá leve e com leite, que não gosta de goma em suas roupas lavadas, que é generosa e acredita no valor dos estudos. Ela também conhece Serabai através de seus silêncios — o silêncio súbito e severo quando desaprova alguma coisa; o silêncio digno e pétreo quando não quer expor suas feridas ao mundo; o silêncio tímido e incômodo quando está em meio a um grupo de mulheres que conversam sem parar e ela não tem nada a dizer.

Depois de todos esses anos trabalhando na casa de Serabai, Bhima não tem a menor ideia do que ela pensa, percebe ela. E por que deveria?, castiga ela a si mesma. Você, mulher ignorante e desinformada. E Serabai, instruída e viajada. Uma mulher que lê os jornais todo dia enquanto você se humilha em busca de pedacinhos de informação que aparecem em seu caminho como migalhas de pão. O que, em sua consciência, ela conversaria com você? Bhima enrubesce ao se lembrar de quantas vezes Serabai teve de destravar sua mente sobre várias coisas. Como seu medo de muçulmanos, por exemplo. Ela crescera, como tantas outras pessoas, acreditando que os muçulmanos estavam prestes a invadir a Índia, que era intenção deles adquirir ouro e prata até tomarem posse do país e expulsar todos os hindus. Esse era o motivo pelo qual eles tinham tantos e tantos filhos, e o governo estava do seu lado, tendo apenas os hindus como alvo com suas mensagens de planejamento familiar. Serabai rira da primeira vez em que Bhima a informara sobre tudo isso. Mas então seu rosto ficara sério e seus olhos inquietos. Ela dirigira-se à outra sala e voltara com um livro grosso. A princípio

Bhima não conseguiu acreditar no que Serabai estava lendo — que a maioria dos muçulmanos na Índia era muito pobre e infinitamente inferior em quantidade aos hindus.

— Mesmo que alguns deles tenham quaisquer intenções de, como é que você colocou a coisa, invadir a Índia, no ritmo atual eles levariam mais de cem anos pra conseguir isso, Bhima — dissera Serabai.

Mesmo assim, Bhima não ficou convencida. Então Serabai deu-se a tarefa de traduzir partes do jornal para ela, e Bhima aprendeu sobre as aldeias de muçulmanos que foram incendiadas por vândalos hindus e como os políticos jogavam cada grupo contra o outro. Mais importante, Serabai lhe contou como ambas as comunidades tinham vivido lado a lado em paz por centenas de anos até que os *sahibs* brancos chegaram e fizeram suas *badmaashi* e levaram cada grupo a temer o outro. Então Bhima parou de odiar os muçulmanos e começou a odiar os políticos.

Agora Bhima gostaria que, em vez de compartilhar temas históricos com ela, Serabai tivesse compartilhado alguns de seus próprios pensamentos. Pensamentos que ela mantivera trancados em sua cabeça como remédios num armário, como dinheiro num aparador. Dinheiro num aparador. Setecentas rupias. Bhima sabia que, quando Viraf dava uma de suas festas a amigos, ele gastava mais do que essa soma apenas em cerveja e refrigerantes. A quantidade era pequena demais para ele se preocupar com ela em qualquer outro momento de sua vida.

Mas quem está dizendo que o dinheiro sumiu?, pensa ela, encolerizada. O dinheiro está provavelmente no bolso da calça dele nesse exato momento. O envelope pardo era aquele tijolo final, entende, com o qual ele a prendeu. Você pensou que aquele contador do trabalho de Gopal a tivesse enganado. Mas ele apenas a considerava uma tola ignorante, o que não era mentira nenhuma. No entanto esse rapaz, esse rapaz a chamou de ladra na sua cara, e não havia nada que você pudesse fazer. Como um caçador montando uma armadilha para um animal selvagem, ele preparou uma armadilha para você. Provavelmente escolheu um dia em que a bebê Dinaz não estivesse em casa. Por dias, semanas, ele deve ter planejado isso. Sempre que você olhava com cara feia para ele, sempre que você não ia assim que ele chamava, sempre que você o humilhava na frente de sua esposa, ele estava pensando, calculando, planejando. E quanto

planejamento foi necessário, afinal de contas? Quanto ele pode ter ficado assustado, sabendo que uma velha analfabeta era sua oponente? Ele possivelmente não estava nem perdendo o tempo dele. Estava provavelmente apenas se divertindo com você, apenas controlando-a, esperando que você pensasse que era mais poderosa do que ele. E então, com um movimento de seu dedo indicador, fez você tombar de seu trono. Essa é a quantia que pagou por você e pela qual a vendeu — setecentas rupias. Esse é o seu valor — menos do que o suprimento de cerveja de uma festa.

A garganta de Bhima queima com o sal da injustiça. Ela engole o nó na garganta, mas ele queima, passando pelo seu peito até finalmente se assentar como um fogo sem chama em seu estômago. Será que eu deveria tentar entrar em contato com Serabai quando Viraf estiver no trabalho?, pensa. E ela grita em alto e bom som à medida que a resposta se forma em sua cabeça: eu não posso. Se tivesse sido apenas a questão do dinheiro roubado, ela poderia ter se aproximado de Serabai, poderia tê-la convencido do equívoco embutido na acusação. Na realidade, não teria tido necessidade de dizer uma palavra sequer — a própria Serabai a defendera, não defendera? Nesse quesito, Viraf calculara mal o senso de justiça da sogra. Se aquele rapaz imaginou que Serabai iria expulsá-la daquele jeito baseando-se em seu dedo apontado e em suas acusações vis, ele estava errado. Mas se Viraf fora incapaz de acender a pira de seu funeral, ela fizera isso por ele. Ela subira até o topo de uma pilha de madeira muito bem-arrumada e se deitara, e acendera o fósforo que dera vida às chamas que a devoraram. Com suas palavras, dera à luz um fogo que incendiara todos eles. O fogo a consumira, transformando seu futuro e seus sonhos em cinzas; ela jamais saberia com qual gravidade o fogo queimara os outros dois — se as chamas haviam meramente lambido seu corpo e em seguida sido extintas pelo vento de suas negações, ou se as chamas os havia queimado e os deixado com cicatrizes permanentes.

E, apesar de seu sofrimento e de sua indignação, Bhima reza pela hipótese da negação para Serabai. Ela não tem nenhum desejo de ferir essa mulher que já passou por tantas coisas.

— Ae, Bhagwan, me perdoe — reza ela. — Você devia ter cortado a minha língua antes de permitir que eu dissesse aquelas palavras terríveis. — Ela fecha os olhos por um segundo para bloquear a visão do rosto desnorteado e aturdido

de Sera e dá um encontrão de leve num jovem andando de bicicleta no lado errado da rua.

— *Ae, mausi*, olhe onde anda! — berra ele sobre o ombro enquanto faz um zigue-zague em meio à multidão. — Quase me fez cair da bicicleta, *yaar*.

Constrangida, Bhima murmura um pedido de desculpa e aperta o passo. Subitamente ela se lembra da noite em que *seth* Feroz morreu. Alguma coisa nesse céu, inflamado de laranja e púrpura, a faz lembrar daquela noite. Ela se lembra de estar parada na porta, olhando seu corpo rígido e imóvel e pensando como era estranho que, assim que o pessoal da ambulância o levasse, ela jamais voltaria a ver *seth* Feroz. Somente parses têm permissão para entrar na Torre do Silêncio, ela sabia disso. Parada na porta, ela tentava estudar as feições do rosto de Feroz, tentava evocar o som de sua voz, seu riso curto e abrupto. E descobriu que não conseguia. Morto há poucos minutos e já havia partido.

É essa a sensação que tem com a separação de Serabai, pensa ela. Uma ruptura tão súbita quanto a morte. Mas pior, porque terá de viver com o conhecimento de que Serabai está viva na cidade, como ela; que dentro de algumas semanas Sera vai estar se curvando sobre o berço do bebê e cantando para ele, enquanto alguma outra mulher estará lavando suas roupas, suas panelas e suas frigideiras.

A ideia de outra mulher trabalhando na casa de Sera faz com que um acesso de raiva percorra o corpo de Bhima, e, como eletricidade, a raiva muda de rota e vira-se para dentro dela. Ah, que mulher mais estúpida você é, repreende a si mesma. Por que se importar com quem vai trabalhar na casa deles? Nem quando o seu marido a abandonou você sentiu tanta tristeza quanto agora. O que essas pessoas significam para você, afinal de contas? Quando chegou a hora, descartaram você como uma fatia de pão velho e mofado, não foi mesmo? Por acaso Serabai não escolheu a óbvia mentira do genro em vez da sua óbvia verdade? Por acaso ela não se escondeu no seio da família quando teve de fazer sua escolha? E ela deu um tapa na cara dele quando ele a chamou de ladra? Ela pediu para ele sair da casa dela quando você lhe contou o que ele havia feito? Não, ao contrário, ela pediu para que *você* saísse. O que *Ma* sempre dizia é verdade — sangue é mais espesso do que água. E daí se Serabai não pariu de fato Viraf? Ele é seu filho da mesma maneira — a mesma pele clara, a mesma confiança ao conversar com estranhos, a mesma maneira instruída de falar.

Bhima não fica surpresa ao descobrir que, nesse dia de mentiras e trapaças, até seus pés a enganaram. Em vez de conduzirem-na a sua casa, como ela imaginara que aconteceria, dobraram uma esquina, de modo que ela está numa rua em frente ao mar. O céu acima da água está ainda mais violento e machucado, retalhado pela lâmina de um cidadão insano, proporcionando uma tonalidade vermelha e púrpura. De repente ela deseja se aproximar da água, para escutar no bater selvagem porém controlado das águas o violento tumulto em sua própria alma. O vento a impele à frente, através das seis pistas de tráfego que precisa cruzar para chegar do outro lado. Bhima sente uma momentânea pontada no peito ao imaginar Maya preocupada, esperando por ela em casa, mas o vento dá um safanão em sua culpa e a leva para longe.

Ela deposita a caixa de papelão no muro de cimento que percorre a orla e senta-se ao seu lado. Não vai levá-la para casa quando sair de lá, decide. A caixa não passa de uma lembrança zombeteira de dias que não voltarão. Alguma outra pessoa pode mexer em seu conteúdo. Ela imagina o deleite de um menino ao encontrar sua escova azul; uma pobre mendiga indo embora com seu prato de sopa; uma adolescente usando seu talco Pond's depois do banho na manhã seguinte. Senta-se no muro de cimento junto a centenas de outras pessoas que lá estão para apreciar o mar e observar a água cinzenta bater seus punhos de encontro aos rochedos que separam o mar do muro. Ela deseja que o mar mande uma onda grande na direção dela, uma onda que se erguerá majestosamente acima do muro protetor e lavará tudo — as ricas mulheres que estão passeando com seus cachorrinhos, os estrangeiros de cabelos amarelos com suas passadas longas e mochilas grandes, os casais que se sentam de frente para o mar com as mãos no colo um do outro, o *channawalla* com seu choramingo anasalado que está tentando fazer com que ela compre um pouco de amendoim. Acima de tudo, Bhima quer que a onda erga-se e lave seu corpo magro e cansado e o carregue para o mar como se fosse um graveto; ela quer boiar na água como se fosse um coco seco jogado ao mar para apaziguar os deuses; ela reza para que a água purifique seus pecados, lave cada pensamento queimando em sua cabeça e apague o fogo em sua garganta.

— *Bai, bai.* — O *channawalla* ainda está a seu lado, cutucando-a para que compre um pouco de suas mercadorias. Ela balança a cabeça em negativa, mas esse sinal de reconhecimento parece apenas estimular ainda mais o vendedor. —

Por favor, *bai* — diz ele com um sorriso insinuante. — As vendas hoje estão muito, muito fracas. Eu tenho mulher e cinco filhos em casa.

Ela olha para ele com desprezo, lembrando-se do velho patane *walla* de balões e de sua quieta dignidade. O *walla* de balões jamais teria implorado a um cliente que comprasse suas mercadorias, pensa ela. Ele teria ficado com fome, teria retornado de mãos vazias para seu solitário canto de mundo no fim do dia, mas não teria se rebaixado à mendicância. O *channawalla* observa o desprezo se formando em seu rosto como a espuma do mar e recua. Ele se afasta apressadamente, murmurando consigo sobre como os moradores da cidade são sem coração.

Lembrar-se do rosto bonito e silenciosamente pensativo do afegão acalma Bhima de tal forma que, por um momento, ela acredita que o mar de fato escutou sua solicitação. É estranho, pensa, como mal consegue se lembrar de como era a aparência de *seth* Feroz. E, que Deus a perdoe, ela também está começando a esquecer de como era o rosto de Amit. Quer dizer, ela consegue evocá-lo em partes — os pontos brancos em suas unhas, o catarro verde que frequentemente escorria de seu nariz, a textura de seus espessos cabelos escuros, o buraquinho em seu queixo. Mas, ultimamente, tem tido dificuldades para ver o rosto do filho em sua totalidade. Sua mais clara lembrança é de mais ou menos dois anos antes de ele deixá-la. E isso somente por causa de sua fotografia daquela época, uma fotografia que está amarela devido à idade e manchada pelas inúmeras vezes que ela a segurou, beijou e acariciou.

E, no entanto, ela consegue visualizar o rosto do patane como se tivesse esbarrado nele ontem mesmo. Consegue ver o cinza leitoso de seus olhos tristes, que ela sempre imaginou refletirem os céus da terra natal dele. Consegue recordar a pele morena e crestada do rosto tão rugoso quanto o país de onde ele viera. Consegue ver o longo nariz, reto como a altura de uma montanha, e os lábios finos que se contorciam como um rio quando ele estava concentrado em seu trabalho. Acima de tudo, ela se lembra das belas mãos morenas, mãos que criavam poesia do nada, que transformavam estéreis pedaços de borracha em objetos mágicos que traziam alegria aos olhos das crianças.

Bhima sente alguma coisa iluminar-se em seu coração. O céu está ficando mais escuro agora, perdendo seu deslumbrante show de luz, mas o vento e o reconfortante barulho do mar continua a sossegá-la. Em meio aos gritos, berros e

à interminável tagarelice das pessoas ao seu redor, ela imagina ouvir a voz baixa e profunda do patane, reconfortando-a, encorajando-a, instando-a a seguir adiante. A voz dele veio a ela, por sobre as montanhas e por sobre os anos, usando o vento como mensageiro. O arrependimento que ela sempre sentiu por não falar com ele, por não lhe perguntar sobre sua vida, agora a abandona. Porque, de algum modo, mesmo sem as perguntas de Bhima, o patane falou com ela. Ela lembra-se como suas bochechas encovadas costumavam inflar com o ar que ele soprava nos tubos de borracha dos balões vazios, como seus dedos longos e morenos costumavam percorrer levemente o corpo liso dos balões inflados, como os fluidos dedos de Krishna tocando sua flauta. Bhima fica maravilhada diante do paradoxo: um homem solitário, um exilado, um homem sem país ou família, ainda assim fora bem-sucedido em criar mundos de sonho para centenas de crianças, entrara no lar de estranhos com suas criações de cor, fantasia e magia. Um homem que nunca mais tocaria ou beijaria as doces faces de seus próprios filhos proporcionava sorrisos às faces dos filhos das outras pessoas. Como um músico, o patane aprendera a fazer uma música a partir de sua solidão. Como um mágico, aprendera a usar pura e simplesmente o ar para contorcer molengos pedaços de borracha e transformá-los em objetos de felicidade. De mãos vazias, ele construía um mundo.

Tudo ao redor de Bhima fica em silêncio. Os poodles brancos cessam de latir; as buzinas dos carros param de soar; os vendedores não apregoam mais a superioridade dos itens que oferecem. Tudo o que Bhima pode ouvir é o som ritmado do bater das ondas e as delicadas palavras do patane, murmurando para ela, tecendo uma melodia que é, em partes iguais, solidão e a receita para superar a solidão; uma melodia que fala não só da amargura do exílio, como também da doçura de estar sozinho, do medo de estar sozinho no mundo e da liberdade que bate suas asas logo abaixo desse medo. Bhima fica sentada, imóvel, escutando a música. E logo o *shenai* para seu lamento agudo e trágico, e depois de alguns minutos a cítara cessa seu bordão entorpecedor, e então tudo o que resta é a batida de uma tabla — incessante, envolvente, poderosa. Logo a solidão interrompe seu lamento, e então o medo cessa seu bordão entorpecedor, e tudo o que resta é a liberdade — incessante, envolvente e poderosa.

Bhima ri alto e em bom som. O casal sentado perto dela recua diante da visão de uma velha sentada de pernas cruzadas no muro de cimento rindo

sozinha.

— Provavelmente ela acha que é o Buda sorridente — sussurra o homem para sua namorada.

— Magra demais — responde a moça.

Bhima não os ouve. Ela agora está recebendo ordens de uma autoridade diferente, seguindo o som adejante em seus ouvidos, o som de asas batendo, o som de aprender a voar. Liberdade.

Agora está quase grata a *baba* Viraf por sua atitude traiçoeira ter sido a faca que cortou o fio que a mantinha amarrada havia tanto tempo.

Ela cambaleia para longe do muro, ciente do que deve fazer. Em sua pressa, não espera que o quadril trêmulo encontre seu lugar e começa logo a andar, e sua punição é uma dor aguda que percorre o galho escuro de sua perna esquerda. Mas nessa noite ela não se importa, e mesmo antes que o fogo da dor arrefeça, ela está remexendo o sári em busca das vinte rupias que sabe possuir. Por um rápido segundo, Bhima pensa em Maya na frente do fogão, esperando que a avó chegue em casa, e sente uma pontada de culpa por privar a menina da comida que as vinte rupias compraria. Mas então pensa: o que ainda vale essa merreca hoje em dia em Bombaim? O que ela pode comprar para mim, alguns torrões de açúcar? Vou simplesmente tomar o meu chá sem açúcar nas próximas semanas. Pois antes que ela possa continuar, antes que possa decidir que desculpa dar a Maya quando chegar em casa e a qual família se dirigir em busca de outro emprego, antes que seja obrigada a confrontar a terrível realidade do desemprego e de ter de encontrar trabalho e todas as humilhações oriundas dessa situação, antes que possa decidir aproveitar ou ignorar os sons adejantes da liberdade, ela precisa fazer essa única coisa. Precisa honrar a memória do *babu* patane.

Em sua ânsia, ela quase passa pelo jovem que está agachado na calçada, seu rosto obscurecido pelos balões que está segurando. Dá meia-volta e para diante dele, olhando os balões atados a finos pauzinhos que fazem com que se assemelhem a pirulitos gigantes.

— Você só tem esses balões aí? — perguntou ela.

O homem levanta-se num salto, um risinho ansioso no rosto.

— *Arre, mausi*, são taaaantos balões que tenho hoje — diz ele. — Todos de cores beeeem diferentes: amarelo, vermelho, laranja. O que mais você queria?

Ela balança a cabeça com impaciência.

— Eu queria de outro tipo. Tem mais algum *walla* de balões por aqui?

Ele olha para ela de maneira ressentida, dividido entre a vontade de realizar uma venda e um ligeiro senso de lealdade para com seus companheiros vendedores de balão.

— Tem — diz ele finalmente. — Mais pra baixo na rua, se você continuar andando, tem outro vendedor com balões a gás. Mas ele está bem lá pra baixo — acrescenta ele como um alerta.

— Eu agradeço — diz Bhima.

Ela agora caminha rapidamente, evitando com habilidade as pessoas que vêm na direção dela, no sentido contrário. Em determinado ponto, Bhima fica impressionada ao perceber quanto consegue caminhar mais velozmente quando está sozinha em comparação às vezes em que caminha com Maya. E de novo ela ouve o som das asas batendo. Liberdade. Faz tantos anos desde a última vez que esteve sozinha desse jeito...

Bhima está quase sem fôlego quando finalmente alcança o segundo *walla* de balões. As multidões estão menores ali, e passa-lhe pela cabeça brevemente o motivo pelo qual o homem trabalha naquele ponto específico. Mas então ela se lembra do que Serabai costumava lhe dizer a respeito de como a polícia e os chefões das gangues das redondezas trabalhavam de mãos dadas para cobrar dos vendedores uma taxa para lhes permitir utilizar o local. Provavelmente ele paga menos para trabalhar naquele ponto, pensa ela.

Seu coração dá saltos de regozijo quando avista o cilindro de gás. Então ele tem o tipo de balão que ela deseja. Bhima espera pacientemente ele encher um balão para uma criança que está agarrando a mão do pai enquanto observa, maravilhada, o balão inflar.

— E se ele estourar? — pergunta ele, com lágrimas nos olhos.

O homem dos balões sorri.

— Ah, não estoura nada, trabalho de perito, querido — diz ele.

Quando chega a vez dela, o homem olha ao redor em busca de uma criança e, em seguida, a encara com uma expressão confusa.

— Quanto custa um balão? — pergunta, mas, antes que ele possa responder, ela lança as vinte rupias na direção dele. — Quero todos os balões que eu puder comprar com esta quantia — diz ela.

O homem olha para ela como se estivesse com medo de confiar em sua boa

sorte.

— Está comprando pra uma festa na casa da sua patroa? — diz ele com simpatia enquanto começa a encher um balão.

— Eu não tenho patroa — diz Bhima abruptamente. E em vez de terem um sabor tão amargo quanto aspirina, em vez de furarem sua boca como pedaços pontudos de vidro, as palavras têm um sabor tão doce quanto uma bomba de chocolate Cadbury em sua boca. — Ah. Nada de patroa — repete ela.

Quando ele termina, ela junta os balões como um buquê de flores, segurando-os pelos longos fios, enquanto eles balançam e oscilam acima de sua cabeça. O céu agora está preto, sem nenhum indício do fogo anterior, e os balões dançam ao vento como cabeças púrpuras, roxas e azuis em contraste com a escuridão do céu. Sob o fulgor das luzes da rua, ela consegue ver os olhares curiosos das pessoas que passam por ela. Ocasionalmente uma criança, tomada de inveja, solta-se dos braços da mãe e tenta pegar um dos balões. Bhima finge não notar. Ao longo de toda a extensão da água escura, ela vê o cintilante Colar da Rainha, o afetuoso nome dado à resplandecente curva de luzes dos postes da rua ao longo da orla, desde Malabar Hill até Nariman Point.

O vento tenta puxar os fios de sua mão, mas ela aperta com mais força para proteger-se de seu poder. Bhima olha ao redor, sem saber ao certo o que fazer em seguida, quando seus olhos pousam em um ponto onde o muro de cimento desabou, criando uma passagem por onde se pode descer até as rochas açoitadas pelo mar. Ela se agacha perto do muro caído e retira as *chappals*. Sentada, ela se arrasta até ficar na beira do precipício, depois, com cautela, deixa pender um pé até tocar as pedras. Equilibrando-se nesse pé e ainda agarrando com firmeza os fios dos balões, que dançam como fantasmas alegres acima de sua cabeça, ela apoia o outro pé na pedra e, num átimo, encosta a mão no muro para se firmar, antes de se soltar completamente. Ela fica imóvel por um segundo, avaliando a água ao seu redor, confiando mais em sua audição do que em sua visão.

Bhima tem vontade de se aproximar mais da água, para sentir nos pés sua fria umidade. Agachando-se parcialmente, usando a ponta dos dedos como apoio, ela se aproxima mais da água, pisando de pedra em pedra. À medida que avança, os rochedos ficam molhados e escorregadios. O vento a chicoteia como se fosse um mestre cruel, tentando tirar os balões de sua mão. Apesar de as pedras estarem escorregadias, ela se move agora com maior destreza, seus pés

enroscando-se e flexionando-se nos contornos das pedras. Sente a água gorgolejando ao redor de seus pés, e os sons da água e do vento afogam os sussurros das palavras do patane, afogam os sons da cidade. Bombaim agora parece estar bem distante, e ela pensa que não ficaria surpresa se olhasse para trás e descobrisse que a cidade afundara — que os táxis haviam desaparecido, que os arranha-céus haviam desabado, que as pessoas tinham sumido. Na presença da imortalidade — o mar eternamente agitado, os campos arados do céu, o desprendido vento cigano —, o resto de sua vida lhe parece absurda e ridiculamente mortal e transitório. Transitório como o dinheiro, frágil como o amor. Tão etéreo e pronto para estourar quanto esses balões que dançam ao vento.

E agora ela finalmente compreende o que sempre observou no rosto das outras pessoas quando estão à beira-mar. Anos antes, quando ela e Gopal costumavam vir aqui, ela notava como o rosto das pessoas voltava-se ligeiramente para cima quando elas olhavam para o mar, como se estivessem se esforçando para ver um traço de Deus ou estivessem ouvindo o silencioso zumbido do universo; ela notava como, na praia, o rosto das pessoas tornava-se suave e melancólico, lembrando a ela as expressões na cara dos ternos cães velhos que vagavam pelas ruas de Bombaim. Como se todos eles estivessem farejando o ar marinho em busca de transcendência, em busca de algo que lhes permitisse escapar das prisões familiares de sua própria pele. Nos templos e nos santuários, as cabeças ficavam curvadas e os rostos tornavam-se pequenos, temerosos e respeitosos, encolhidos até quase a insignificância pelo ritualizado cântico dos sacerdotes. Mas, quando miravam o mar, as pessoas mantinham a cabeça voltada para cima, e seu rosto tornava-se curioso e aberto, como se estivessem procurando alguma coisa que as ligasse ao sol e às estrelas, como se estivessem procurando aquele algo que sabiam que permaneceria muito tempo depois que o vento apagasse suas pegadas na areia. Terras podiam ser compradas, vendidas, possuídas, divididas, reivindicadas, pisoteadas e disputadas. A terra estava sempre manchada com poças de sangue; ela inchava e se avolumava sob os contornos dos inúmeros milhões enterrados sob ela. Mas o mar era impoluto e eterno e, aparentemente, além das pretensões humanas. Suas águas erguiam-se e engoliam a vergonha escarlata do sangue derramado.

Os balões ainda estão nas mãos de Bhima, e subitamente ela imagina que

seus fios são tudo o que a mantém amarrada a esta terra triste e arruinada; que, se parasse de segurar os fios com tanta força, ela ascenderia e flutuaria para longe dessas rochas, para um lugar estreito onde o mar encontra-se com o céu. E no instante mesmo em que o pensamento entra em sua cabeça, seu controle sobre os fios dos balões se afrouxa e o vento livre os embala e os carrega para longe. Um retrato do rosto do velho patane — triste e pensativo mas também digno e corajoso — flutua diante dos olhos de Bhima por um rápido segundo, e então a imagem some, levada para longe pelo vento, e tudo o que Bhima consegue ver são os balões, ascendendo e flutuando sobre a água escura como cabeças cortadas, pairando cada vez mais alto, cada vez mais alto, ascendendo ao céu como a carruagem de Arjun e encaminhando-se para as estrelas. Bhima estreita os olhos e observa o voo deles, observa por um longo tempo, até que o último balão desaparece de sua visão. Ela fica parada em cima das pedras, de vez em quando escorrega, mas consegue se equilibrar e fita o mar, como se à espera de uma resposta. Um caranguejo rasteja sob uma pedra perto de seus pés, mas ela não nota. Bhima está muito concentrada em conversar com o mar, em entregá-lhe seus fardos, como uma menininha voltando para casa da escola pode entregar os livros pesados a seu irmão mais velho.

Eu poderia ficar aqui parada para sempre, pensa ela. Poderia ocupar esse ponto que não é nem terra nem água, esperar aqui até que o céu e o mar desacoplassem seus membros entrelaçados e se separassem novamente à luz de um novo dia.

Um novo dia. Ela o encarará amanhã, pelo bem de Maya. Junto do mar que desperta, junto do resto de Bombaim — os moleques de rua e os vira-latas, os empobrecidos vendedores de nozes e a mulher que vende seis couves-flores por dia, os favelados de olhos ocos e os rechonchudos moradores dos arranha-céus próximos, os trabalhadores dos escritórios saindo aos borbotões dos trens em Churchgate e as crianças embarcando nos barulhentos ônibus escolares, os velhos resmungando em seu leito de morte e os bebês se mexendo no escuro útero de sua mãe —, com toda a gigantesca metrópole, com todos os seus moradores rastejando ao longo de seus destinos individuais como um exército de formigas fingindo ser um exército de gigantes —, junto de Banubai em sua cama molhada, e Serabai em seu mundo despedaçado, e *baba* Viraf com sua culpa engasgada, e Maya com seus sonhos provisórios e hesitantes, e sim, com Gopal e

Amit acordando em uma aldeia distante com cheiro de terra barrenta; como todos eles, os milhões de pessoas que não conheceu e as poucas que conheceu, ela também encarará um novo dia amanhã.

Amanhã. A palavra paira no ar por um momento, não só uma promessa, mas também uma ameaça. Então ela flutua para longe como um barquinho de papel, levada pela água que lhe lambe os tornozelos.

Está escuro, mas dentro do coração de Bhima está amanhecendo.

Agradecimentos

Como sempre, este livro só se tornou possível pelo amor, estímulo e apoio de todos os meus amigos e familiares. Embora sejam numerosos demais para serem nomeados, espero que vocês saibam quem são e o papel vital que desempenham em minha vida.

Como sempre, um agradecimento especial a Noshir e Homai Umrigar pelas preces constantes, pelos bons votos e pelas palavras delicadas. Agradeço a Eustathea Kavouras pelo apoio e pelo incentivo incansáveis.

Agradeço a Arkady Lerner por restaurar minhas mãos; agradeço a Sarah Willis por sua grande generosidade na leitura do manuscrito e pelas inestimáveis sugestões; agradeço a Mary Grimm por seu otimismo, que me deu guarida nos dias difíceis. Marly Rusoff, obrigada por confiar em mim. Este livro não teria sido possível sem toda a sua ajuda.